

Bibliothek

RELIGIONSGEMEINSCHAFTEN

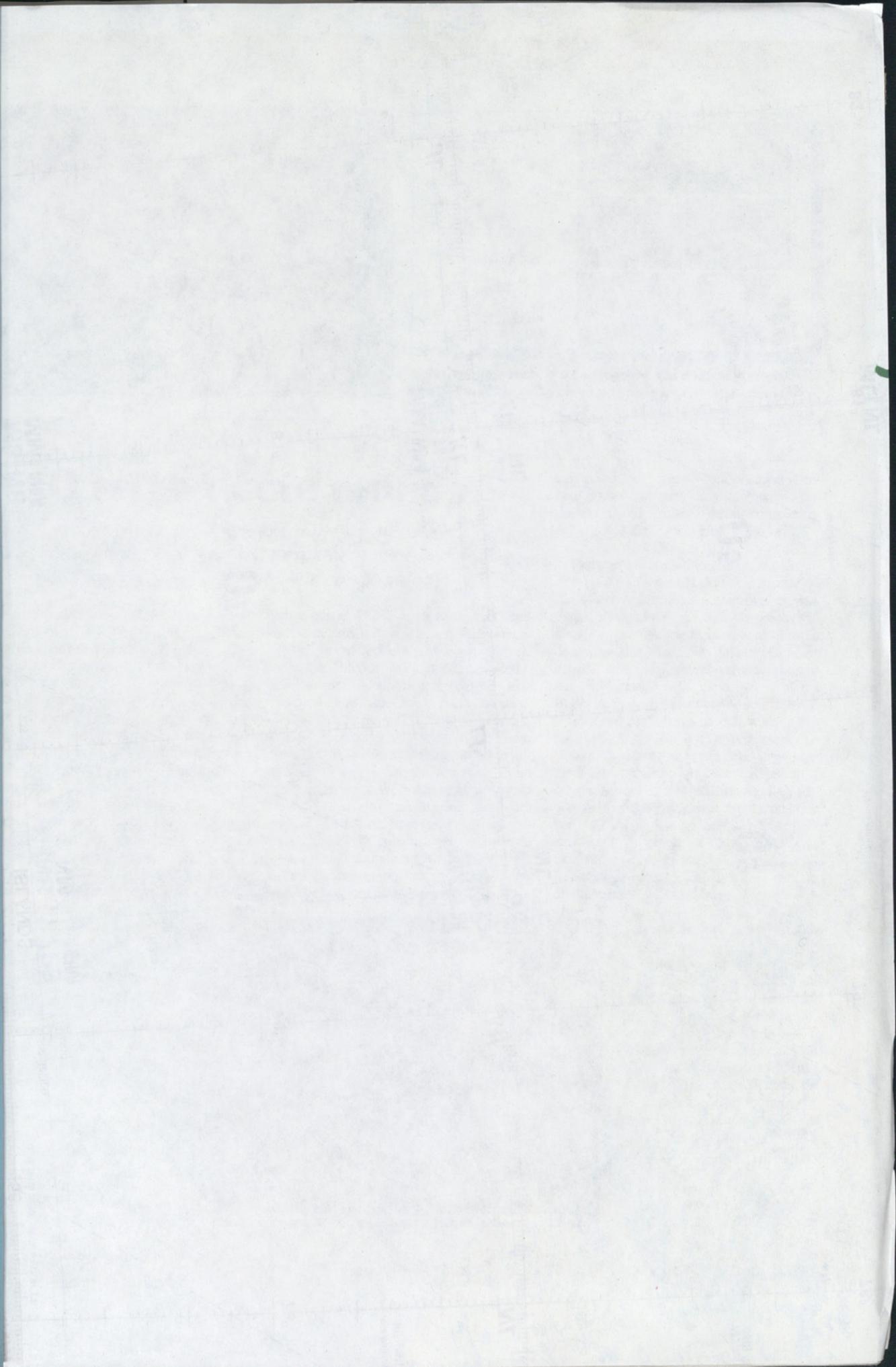
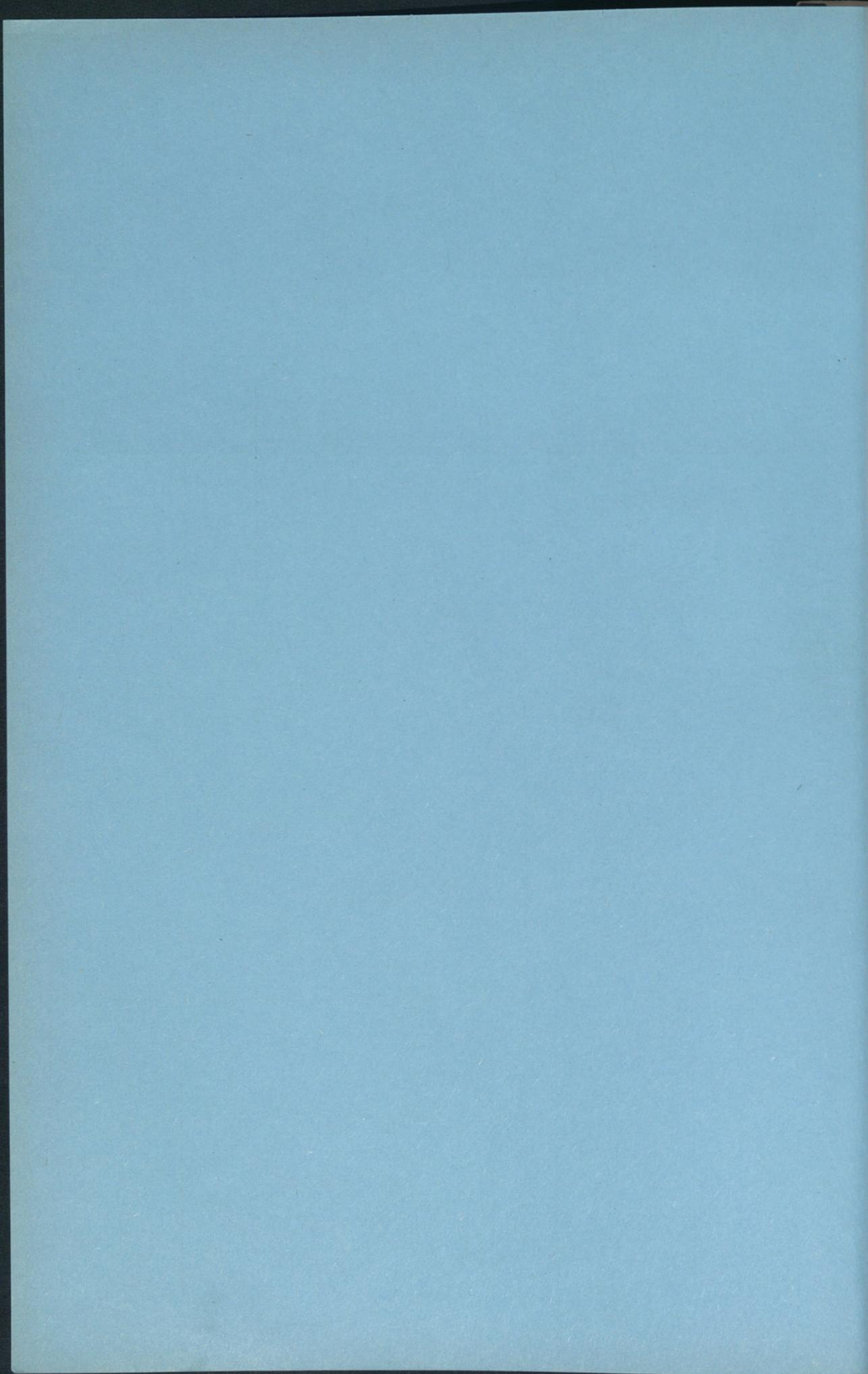
1990

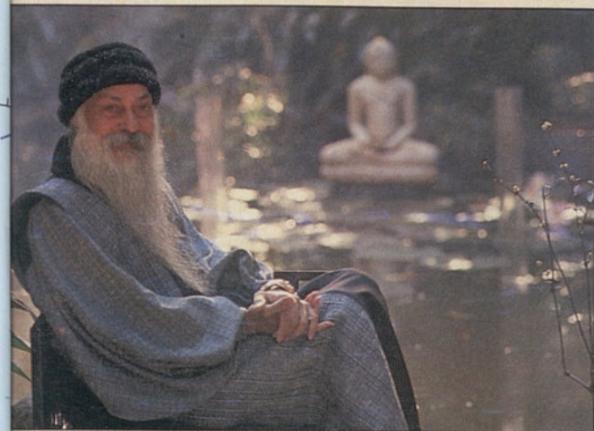
Institut für Brasilienkunde

RE 69.14

Bibliothek

16.06.11





"I want to create the biggest and most beautiful 'spiritual health club' in the world - a Club Meditation."

Osho, ex-Rajneesh, e o catálogo de seu centro: "Quería criar o maior e mais bonito clube de saúde espiritual do mundo"

RELIGIÃO

O reino deste mundo

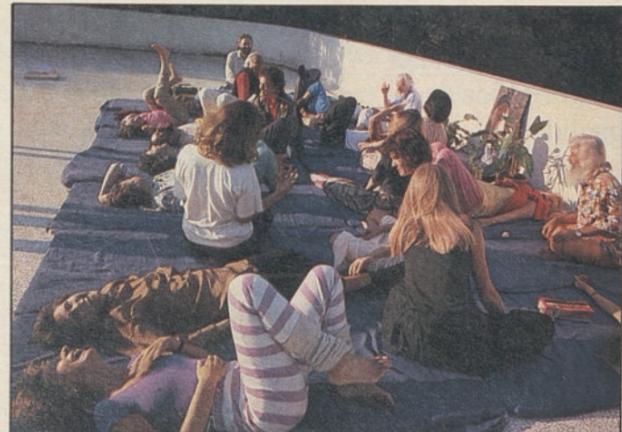
O velho guru Rajneesh, hoje conhecido como Osho, ressurge num espetacular centro de meditação controlado por computador

Em 1981, um senhor quarentão, de barbas longas, diabético e alérgico à fumaça de cigarros deixou a Índia rumo aos Estados Unidos e levou consigo um séquito de dez fiéis discípulos. Depois de alguns meses de peregrinação, o guru Bhagwan Rajneesh pousou num deserto do Oregon e ali fundou uma comunidade espiritual. Os primeiros anos foram de sucesso absoluto, e o rajneeshismo chegou a contar com 500 000 adeptos em todo o mundo. Mas logo veio o baixo-astral. O guru foi preso, sob a acusação de infringir leis de imigração americanas, e sua comunidade arrefeceu. Rajneesh, agora, voltou para casa na Índia, e a luz sob sua figura se apagou. Ele mudou de nome — tornou-se Osho, palavra zen-budista que significa "meu amado" — e fundou no ano passado a Comunidade Internacional Osho, dotada das mais modernas instalações. Comedores controlam a administração do recanto. Na Califórnia, e mesmo no litoral brasileiro, essa comunidade poderia se chamar "Spa do Rajneesh". Com razão.

Situado na cidade de Poona, a quinta maior da Índia, o centro de atividades espirituais recebe mensalmente cerca de 100 000 turistas, à procura de terapias alternativas, que chegam a custar 4 000 dólares por uma temporada de três meses. "É um lugar maravilhoso, quente e ideal para o encontro de nossa luz interior", diz Geraldo Vieira, jornalista brasileiro, que representa Osho no Brasil. Nas salas acarpetadas, espalhadas numa área de 100 000 metros quadrados, os monitores dão aulas de pintura, teatro e dança. Os visitantes vestem túnicas vermelhas. A arquitetura é de estilo confuso, como convém ao nosso tempo. O Budha Auditorium, um imenso salão para meditação coletiva, reservado para um público de 12 000 pessoas, tem o piso de mármore nobre, coberto por telas de seda abauladas, presas ao teto, imitando uma grande tenda oriental. Num outro recanto,

conhecido por Sanai, está instalado um bem equipado centro de conferências, onde são exibidos filmes de diretores europeus, como Truffaut, Fellini e Godard.

PINTURA A ÓLEO — No Centro de Transformação — sabe-se lá do que para que — são oferecidas dezenas de terapias alternativas à medicina tradicional. Os preços são altos. O curso de meditação, com duração de quinze dias, custa 500 dólares. Um curso mais complexo, de relaxamento muscular, ministrado pela especialista alemã Bodlwig SamVara, sai por 4 000 dólares. "Todos os professores da comunidade são profissionais de alto nível e, por serem discípulos de Osho, reverterem seus pagamentos à administração do centro Rajneesh", diz o artista plástico brasileiro Aguilar, frequentador contumaz do centro hindu, que vai ao Oriente nos tempos de férias para dar cursos de pintura a óleo. Sensível às exigências mercantilistas do século XX, Rajneesh — ou melhor, Osho — decidiu divulgar seu Spa através de vistosos folhetos, cuja qualidade gráfica se iguala à dos catálogos do Club Méditerranée. É inegável que as atrações que Osho oferece aos seus seguidores são de cinco estrelas. Para quem foi preso, o retorno à Índia foi uma vitória iluminada — e um alívio para os amantes da seita que dominou os alternativos no início da década de 80. "Quería criar o maior e mais bonito clube de saúde espiritual do mundo — um clube de meditação", diz Osho. Se depender dos prazeres que o centro oferece na Índia, o reino terrestre de Rajneesh já existe. ■



Os adeptos do guru: "Serenidade, silêncio, amor e êxtase"

17 DE JANEIRO, 1990

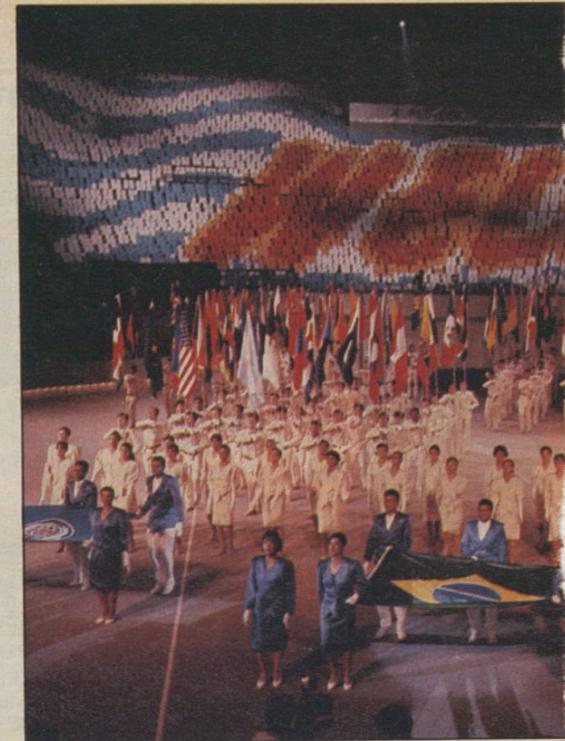
RELIGIÃO

Os deuses do sol

Crescem no país as religiões orientais que prometem o céu na terra e prosperidade aqui e agora

Os últimos anos, o planeta vem assistindo a uma gradual mas vigorosa influência japonesa em seu cotidiano seja através da moda dos sushis e dos monos, seja através do avanço das indústrias nipônicas. No Brasil, esse processo não é diferente — só que, além do lado econômico, os japoneses também avançam no terreno da fé. É cada vez maior o contingente de brasileiros que segue alguma religião de origem oriental — como a Igreja Messiânica Mundial e a Seicho-No-Iê, que juntas têm um rebanho de cerca de 3,5 milhões de fiéis no país. Há duas décadas, os adeptos brasileiros dessas seitas eram poucos milhares. A filosofia de boa parte dessas religiões mistura preceitos budistas com ensinamentos bíblicos. O resultado é uma pregação de paz e sucesso profissional a seus seguidores. Em vez de impor restrições aos costumes, essas seitas se caracterizam por disseminar um senso de bem-estar entre os fiéis. Em vez de fazer promessas de vida eterna, quando o preço alto das privações e das dificuldades, elas oferecem o paraíso aqui mesmo na terra.

“Buscamos formas de tornar mais ameno o dia-a-dia das pessoas”, afirma Roberto Saito, presidente da religião Nitiren Shoshu do Brasil, outra dessas seitas orientais cujo rebanho chega a 150 000 fiéis — cinco vezes maior que há uma década. “Essas religiões não podem mais ser chamadas de budistas. Além de descaracterizarem a filosofia oriental, elas prometem vantagens aos fiéis que em nada se assemelham à pregação de Buda, que visa unicamente à paz espiritual”, explica o professor de História das Religiões e monge budista Ricardo Gonçalves, da Universidade de São Paulo. Os líderes da Nitiren Shoshu prometem, por exemplo, a seus seguidores a paz e o sucesso profissional. “A maioria de nossos fiéis está na faixa de 13 a 25 anos”, diz Saito. Foi basicamente esse contingente juvenil que lotou o Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo, semanas atrás, para o 10.º Festival para a Paz Mundial, organizado pela Nitiren Shoshu. Em meio a cânticos religiosos



O congresso da Nitiren Shoshu, em São Paulo:...

entremeados com músicas de rock cantadas com sotaque japonês, os jovens presentes ao ginásio formaram um painel humano semelhante àqueles que marcaram as Olimpíadas de Moscou e de Seul — em menores proporções. No painel, podia-se ler a palavra welcome — a saudação de boas-vindas em inglês.

DÓLARES — Entre os fiéis, a promessa do equilíbrio e do sucesso é o que mais atrai nas religiões. “Minha carreira sem-

Os caminhos para a paz

As religiões orientais são um misto de budismo e cristianismo — mas a mistura não promete o paraíso celeste, e sim a paz na terra. A seguir, suas diferenças.

SEICHO-NO-IÊ — Não é considerada uma religião mas uma filosofia. Baseia-se em três princípios fundamentais do cristianismo: perdão, gratidão e amor ao próximo. Não prega a meditação como uma forma de se bus-

car a paz interior. A verdadeira paz só é conquistada se o indivíduo se livrar, na prática, das coisas que o atrapalham.



NITIREN SHOSHU — Foi criada no século XIII pelo buda Nitiren Daishonin.

Acredita na vida eterna e nos fundamentos do carma — aqueles que dizem que tudo o que se sofre hoje é decorrência das ações perversas cometidas em vidas passadas. Para conquistar a vida eterna e se livrar do carma,

no entanto, deve-se praticar boas ações todo o tempo, embora os desejos mundanos de melhoria salarial e de ascensão profissional, por exemplo, não sejam criticados — por vezes, são até incentivados.



PERFECT LIBERTY — Os seguidores da seita crêem que o homem é a expressão de Deus e

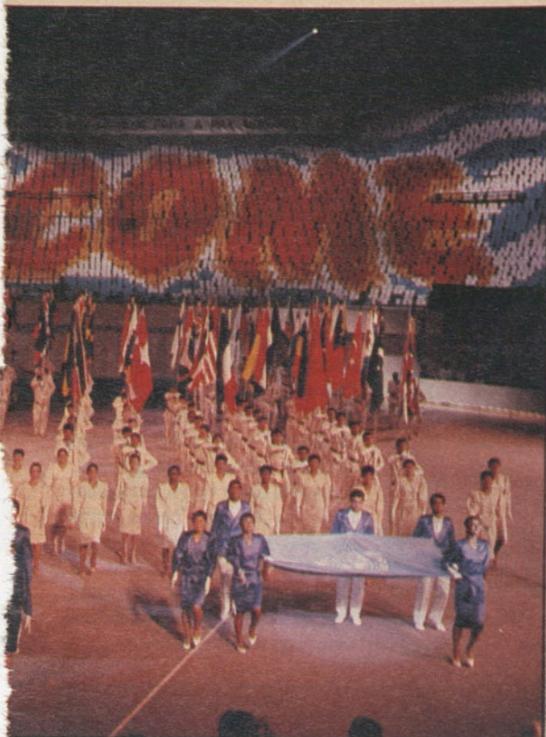
que Ele deve ser temido acima de tudo. Seu princípio número 1 é “vida é arte”, e para chegar a esse nível de entendimento deve-se pensar e tentar agir como Deus — que é o

melhor exemplo do talento criativo do mundo, em quem se deve espelhar na vida terrestre.



IGREJA MESSIÂNICA MUNDIAL — Promete a transformação do

mundo num “paraíso terrestre” e acredita que se o mundo não se converter haverá o Juízo Final. Tirou do budismo a crença no Nirvana — o paraíso — e do cristianismo o medo do inferno. Para chegar ao Nirvana na terra, o fiel não pode render-se às más ações.



EDITORA BRASILEIRO

...150 000 fiéis e sede de 11 milhões de dólares

pre foi cheia de altos e baixos, mas depois que me converti à Nitiren Shoshu cheguei ao equilíbrio profissional", afirma o médico paulista Sidney Tojer, um ex-católico que se converteu à Nitiren Shoshu junto com a mulher e os dois filhos — e trabalha num hospital de São Paulo. Nascida no Japão há 700 anos, mas só se popularizando depois da II Guerra Mundial — e trazida para o Brasil há trinta anos —, a seita exige de seus fiéis apenas obrigações espirituais — eles devem rezar e meditar ao longo de uma hora e meia por dia. Não existe nenhuma exigência financeira aos adeptos, como pagamento de dízimos, ainda que as contribuições voluntárias sejam comuns. Foi através de doações dos fiéis que os líderes da religião construíram uma portentosa sede campestre para retiro espiritual no condomínio exclusivo da Aldeia da Serra, a 40 quilômetros de São Paulo, com uma quadra poliesportiva e um campo de futebol. A obra custou 11 milhões de dólares.

A maior das religiões de inspiração oriental no Brasil, a Seicho-No-Iê, com 2,5 milhões de fiéis no país, se sustenta com a venda do informativo religioso *Acendedor*, cuja tiragem mensal passa de 1 milhão de exemplares. A Seicho-No-Iê, na verdade, não se denomina uma religião — mas, sim, uma filosofia de vida baseada na paz familiar. Assim, seus fiéis podem se batizar católicos e frequentar outros cultos, sem que sofram

qualquer sanção da Igreja. Esse ecumenismo vai mais longe. Os pilares da Seicho-No-Iê são os mesmos da fé cristã — o amor ao próximo, o perdão e a gratidão. "Não vemos nenhum problema nessa simbiose de filosofias", diz Maria Furakami, uma das diretoras da Seicho-No-Iê em São Paulo. Segundo os ensinamentos da Seicho-No-Iê, os preceitos da seita devem ser discutidos todos os dias pelas famílias, como forma de se chegar ao "progresso no lar" — ou Seicho-No-Iê em japonês.

"FRAQUEZAS" — O avanço oriental se evidencia mesmo em searas insuspeitadas. A Bahia, a pátria das religiões afro-brasileiras, já sente a chegada da Seicho-No-Iê. A ex-primeira-dama do Estado Yeda Barradas Carneiro, mulher do ex-governador João Durval, descobriu a seita há dez anos e abraçou sua filosofia — ainda que não tenha deixado de ir à missa todos os domingos. "Fiquei encantada com a filosofia oriental", diz Yeda, que propaga os ensinamentos da religião entre os alunos do colégio que dirige, em Salvador. "Quero que meus alunos também busquem o bem-estar no cotidiano", diz Yeda.



Mestre Pedro Paulo: conselhos

POLÍTICA E IDEOLOGIA — A harmonia também é um preceito fundamental da Igreja Messiânica Mundial — mas o dogma tem sido maculado pelos próprios líderes da religião. Nos últimos quatro anos, a cúpula da Igreja passou por uma cisma — cujos ingredientes são políticos e ideológicos. Nos últimos dois anos, 250 000 fiéis brasileiros da Igreja Messiânica Mundial têm testemunhado, através dos jornais, um tiroteio nada espiritual entre dois de seus líderes no país. Um deles, Tetsuo Watanabe, foi acusado de haver se aliado ao Partido Comunista japonês — e acabou sendo destituído da função de presidente da Igreja por Kaaki Nakano, apoiado pelo comando da religião no Japão. Desde então, os messiânicos devem obediência a dois senhores, numa situação semelhante à que viveu o rebanho dos católicos durante a Idade Média. Naquela época, havia dois chefes espirituais do catolicismo: o papa comandando os fiéis do Vaticano, e o antipapa, que dava ordens da cidade de Avignon, na França. De tempos a tempos, a harmonia dos messiânicos é ferida por mais um comunicado nos jornais em que um dos líderes se proclama presidente supremo da seita e conchama o rival a depor as armas.

250 000 fiéis no país. Criada no Japão em 1946, a Perfect Liberty possui doutrina bastante peculiar. São 21 mandamentos que pregam a meditação, fidelidade conjugal e o combate aos vícios — o materialismo e o sentimentalismo por exemplo. Isso não impede que os seguidores levem seus problemas pessoais para os cultos. "Os fiéis sempre procuram para receber conselhos sobre problemas conjugais", queixou o mestre Pedro Paulo, que comanda o templo da Perfect Liberty, em Brasília. "Eu recomendo a eles que tenham fé em Deus, e os casais acabam se reconciliando", diz ele.

A professora paranaense Maria Teresa Del Castilho, 52 anos, já foi protestante e católica. Há doze anos, ela e seu marido abraçaram os 21 mandamentos da Perfect Liberty para tentar sair de uma crise: o casal havia aberto uma escola material em Brasília, cidade onde moravam, e o negócio foi à falência. "Encontrei na religião um caminho para levar a vida em forma mais equilibrada e, assim, superar meus problemas", diz ela. Hoje, Maria Tereza desempenha a função de auxiliar de mestre no templo que frequenta em Curitiba. "Deixei a Igreja Católica quando me separei do meu marido e o padre recusou a me dar a comunhão", diz ela.

RELIGIÃO

A fé que move multidões avança no país

As seitas evangélicas multiplicam os fiéis e armam seu lance mais ousado: a conquista da televisão e do rádio

O crescimento explosivo das seitas evangélicas no Brasil durante os últimos dez anos foi um grito de vitória. Um dos fenômenos sociais mais visíveis deste final de século no Brasil, surgiu quase à sombra, subestimado pelos intelectuais e sem que os estudiosos da religião ou a hierarquia da Igreja Católica se dessem conta da real dimensão do avanço. Agora a cúpula da Igreja Católica consiente a inquieta, até um pouco assustada, que o poder de arregimentação das seitas é maior do que se imaginava. Cerca de 16 milhões de pessoas no país, especialmente a massa de descamisados colocados à frente da modernidade e do progresso, já se movem pela cartilha dessas igrejas barulhentas em seus cultos cheios de cânticos e promessas prometem curas, milagres e proselita instantâneos na Terra. Numa sanção sem precedentes, abandonam o catolicismo todos os anos.

O avanço dos novos missionários e as setas da televangelização no Brasil são o reflexo de um movimento que se alastra por toda a América Latina e tomou-se uma dor de cabeça para o próprio papa. "Coloco nas mãos da Virgem de Guadalupe o destino da evangelização na América Latina", disse João Paulo II ao desembarcar no México no domingo passado, dia 6, para uma visita de oito dias. "As seitas protestantes aumentaram 500% na América Latina nas últimas décadas, e o papa precisava fortalecer a Igreja Católica com essa visita", disse Joaquín Navarro-Valls, porta-voz do Vaticano.

VIDA MELHOR — Há muito pouco tempo, o papa ocupava sua imaginação com outros tipos de assunto. Empenhava-se muito mais, por exemplo, no fortalecimento dos bispos conservadores contra a ação do clero esquerdista e apenas reservava uma pequena

ruca na testa para o exame das seitas evangélicas. O que se viu, porém, foi uma reação inesperada: as massas empobrecidas preferiram ouvir os evangélicos em vez de prestar atenção à retórica dos teólogos da libertação. Afinal, os padres de esquerda exortavam os miseráveis a uma maior participação política, enquanto o bloco dos evangélicos



O pastor Edir Macedo, da Igreja...



...Universal do Reino de Deus, levou 150 000 pessoas ao Maracanã no mês passado: poder sobre as massas

tinha mensagem muito mais simples e melhor. Apela para conquistas que as pessoas podem realizar já neste mundo, no plano concreto, como maior disciplina, sucesso no combate aos vícios e até na aquisição de bens materiais. "A miséria é do diabo e a riqueza é um dom de Deus", reza a sua cartilha. Não deu outra: os templos evangélicos ficaram superlotados. Há nesses templos aquele aroma de guerra santa contra o mal que já se provou milagroso para multiplicar o alcance e a força de outras religiões.

Com essa reunião de fatores, as seitas evangélicas se nutrem de uma adrenalina

que hoje espanta até os padres mais familiarizados com os humores das massas de des-camisados. "Se a Igreja Católica não reagir, dentro de algum tempo as igrejas brasileiras estarão numa situação semelhante à da Europa. Só serão visitadas por turistas, com a desvantagem que as daqui não são monumentos artísticos", diz frei Betto, o dominicano militante da Teologia da Libertação. Missionários protestantes trabalham na América Latina há mais de um século. Em meados da década de 30, os membros de suas igrejas somavam 2 milhões num continente que tinha, então, 109 milhões de

Os novos missionários eletrônicos



EDIR MACEDO, funcionário público carioca, fundou uma igreja pentecostal em 1977, cuja sede eram as antigas dependências de uma funerária, no Rio de Janeiro. Hoje Edir comanda a Rede Record de São Paulo, que ele comprou por 45 milhões de dólares, no mês passado. Edir adquiriu a emissora com o dinheiro do conglomerado de catorze emissoras de rádio e uma construtora ligados à Igreja Universal do Reino de Deus — a seita evangélica que ele fundou há treze anos. Sua igreja possui 850 templos e 500 000 adeptos. "Em poucos anos, farei da Rede Record a principal emissora do país", diz ele, que está investindo 8 milhões de dólares na reformulação do jornalismo da emissora.



NILSON DO AMARAL FANINI, 58 anos, inaugurou a linhagem de pastores evangélicos brasileiros que compraram uma emissora. Em 1988, entrou no ar, no Estado do Rio de Janeiro, a TV Rio, emissora dirigida pelo pastor, graças a uma concessão dada pelo ex-presidente João Figueiredo, em 1983. Fanini suporta o ônus de seu pioneirismo. Hoje sua emissora custa 10 milhões de cruzeiros por mês e está atolada em dívidas. A TV Rio ficou fora do ar durante quatro dias, no mês passado, porque o pastor não tinha 5 milhões de cruzeiros para substituir válvulas queimadas. "Televisão só é bom negócio para quem possui uma rede de emissoras", diz Fanini, pastor desde 1955, que vive numa casa de três quartos cedida pela Igreja Batista.



O PASTOR SILAS MALAFAIA, 31 anos, comanda há sete anos um dos programas evangélicos de maior audiência na televisão, *Renascer*, na TV Corcovado, no Rio de Janeiro. Missionário da igreja Assembléia de Deus, ele usa uma estratégia agressiva para conquistar seguidores em seu horário na televisão e fustiga sobretudo os umbandistas e o clero de esquerda da Igreja Católica. Nem de longe, contudo, seus ataques são tão ferozes como os que os pentecostais promovem em Salvador, que por mais de uma vez terminaram em enfrentamento. Malafaia ganha cinco salários mínimos como pastor adjunto da matriz da Assembléia de Deus no subúrbio da Penha e é dono de uma produtora de comerciais cuja clientela é exclusivamente de evangélicos.

Igreja Universal do Reino de Deus

Grande Campanha de Cura Divina e Milagres

Tudo é possível ao que Crê

AS 7 UNÇÕES PODEROSAS COM O SANTO ÓLEO CONSAGRADO NA SEXTA-FEIRA DA PAIXÃO DENTRO DA SANTA GRUTA

Meio pedido: Minha Oferta de R\$ **CRS 500,00**

Nome: _____

Endereço: _____

ESTOU CONTRIBUINDO COM: DÍZIMO FOGUEIRA SANTA OFERTA ESPECIAL

ALUGUEIRO: _____

RÁDIO/TELEVISÃO: _____

AÇÃO SOCIAL: _____

OBS.: COLOQUE JUNTO COM A OFERTA, O SEU PEDIDO DE

O envelope de arrecadação da Igreja de Edir Macedo: seis opções de donativos para a seita

Campanha da Igreja do Reino dos Deus, de Belo Horizonte: venda orações e óleos aos incautos

habitantes. No alvorecer da década de 60, ainda eram pouco mais de 5 milhões de habitantes, cercados pelo mar de católicos. "Já existem 40 milhões de evangélicos no continente, quase a metade deles no Brasil", diz David Martin, pesquisador da Universidade de Princeton, que acaba de publicar nos Estados Unidos um livro sobre o assunto, *Línguas de Fogo: A Explosão do Protestantismo na América Latina*. Com o despertar desses cultos, o prestígio que a Teologia da Libertação, dada com a famosa Carta de Medellín em 1968, na qual se casavam os dogmas marxismo com os de Roma. De Medellín, hoje, o que se ouve falar é do Cartel

CONVERSA COM DEUS — Ao analisando o fenômeno das seitas evangélicas, os bispos, por enquanto, restrita aos horários da programação religiosa, que fica anunciada a contratação de alguns rostos conhecidos do telespectador brasileiro, que se assemelha com os pioneiros da evangelização missionária, como os luteranos, metodistas, presbiterianos, anglicanos e batistas, os chamados "protestantes históricos" que incomodam. Ele é um protestante por interpretar determinados textos da Bíblia ao pé da letra. Acredita no Espírito Santo como o grande benfeitor do mundo e garantem que se pode falar com Deus.

CURANDEIRISMO — Mais de 5 000 adeptos ele como se conversa com o colega de trabalho. São chamados pentecostais, numa referência ao Pentecostes, o dia em que, segundo a Bíblia, o Espírito Santo materializou-se sobre os apóstolos. No Brasil, as seitas pentecostais, que até assistiram a cenas de exorcismos, continuam a se multiplicar e a se subdividir rapidamente como as células de um bebê. A maneira como seitas como essas arrecadam dinheiro dos fiéis é vergonhosa", diz Wellington da Costa, 54 anos, presidente da Convenção Geral da Assembléia de Deus, que tem 8 milhões de adeptos e mais de 200 templos no país, uma rede capilar que gera de longe os Correios, o Bradesco e as empresas pernambucanas. A Assembléia de Deus, fundada no Brasil no início do século, teve várias décadas para evoluir de seita

missionária e milagreira até sua situação atual —

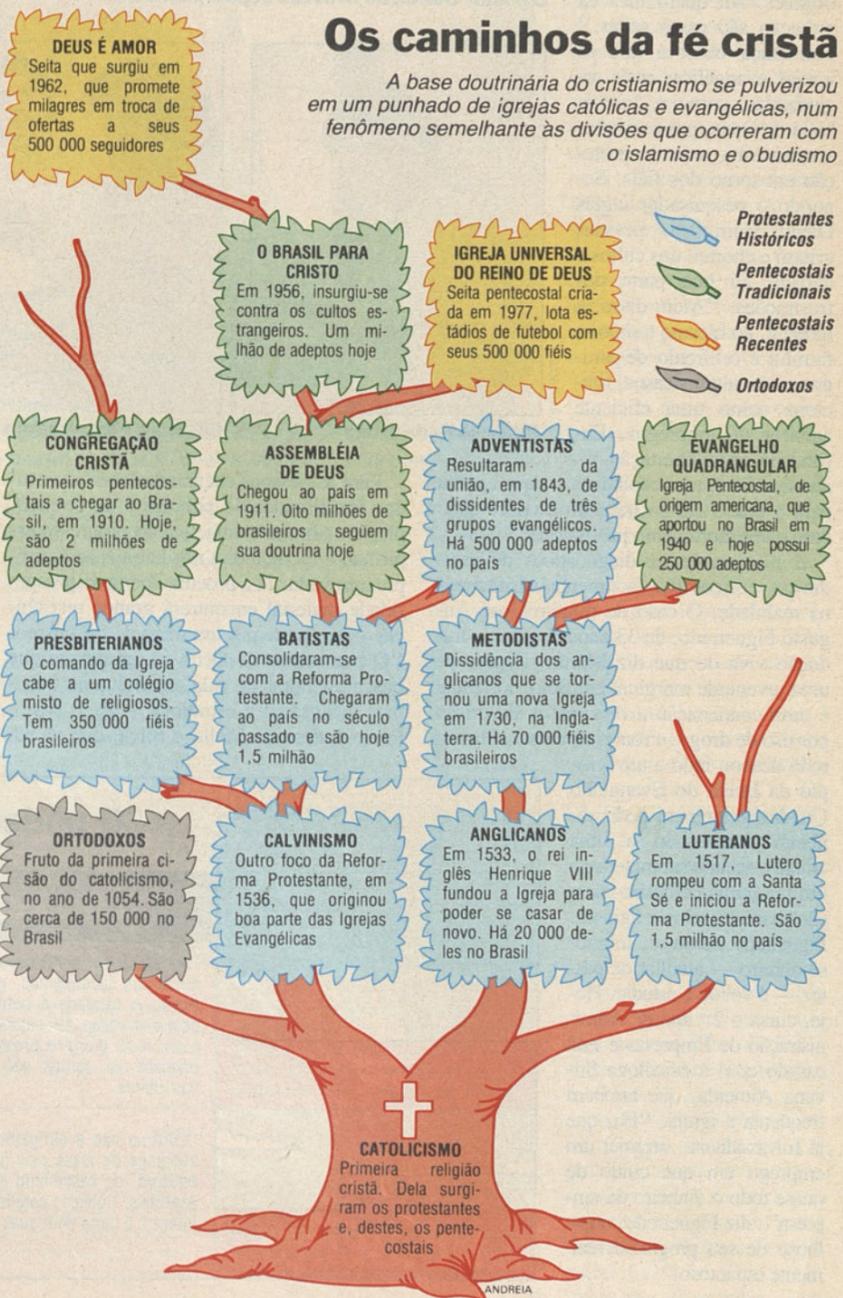
uma igreja que forma seus pastores em cursos regulares e chega a manter diálogo teológico com a Igreja Católica. Nas suas práticas, a Assembléia de Deus também se distingue, para melhor, de seitas como a do pastor Edir, cuja fúria é de fazer inveja ao Leão. Em cada templo, há uma lista em lugar visível com nome e endereço dos inadimplentes — os que não pagaram o dízimo, a décima parte do salário que a Bíblia manda recolher aos cofres da igreja. Durante os cultos, os fiéis recebem envelopes onde colocam contribuições que devem ser tanto maiores quanto mais difícil for a graça a ser alcançada.

No Recife, o pastor Carlos Alberto de Assis, da igreja de Edir Macedo, incitava os fiéis em altos brados, na semana passada, como se estivesse num leilão. "Quem tem 1 000 cruzeiros para Jesus, quem tem 500 cruzeiros para Jesus?", perguntava ele. O pastor desceu o valor das oferendas até 10 cruzeiros e arrematou: "Para Satanás, para bebida e para festa, sempre se tem dinheiro. Para Jesus, as pessoas amarram..."

AGÊNCIA DE EMPREGOS — Não se pode reduzir a atração exercida pelas seitas evangélicas à ação de pastores ladinos, dotados do

Os caminhos da fé cristã

A base doutrinária do cristianismo se pulverizou em um punhado de igrejas católicas e evangélicas, num fenômeno semelhante às divisões que ocorreram com o islamismo e o budismo



dom do ilusionismo coletivo — mesmo que em proporções variadas essas características estejam presentes em algumas seitas. “O ponto central da questão é a urbanização veloz”, explica Antonio Gouveia Mendonça, professor de Ciência da Religião do Instituto Metodista de São Bernardo. “Foi esse processo que deslocou as pessoas de suas pequenas cidades para as grandes metrópoles. Ali quem lhes dá proteção são essas seitas.” Mendonça observa que as igrejas evangélicas mais organizadas, como a Assembleia de Deus, por exemplo, armam uma rede de proteção em torno dos fiéis. Segundo o pesquisador inglês David Martin, as pessoas gritam e choram nos cultos e deixam ali boa parte das frustrações. “Além disso, a igreja é, ao mesmo tempo, a família e o círculo de amigos e, em alguns casos, funciona como uma eficiente agência de empregos. Enfim, há uma libertação —

não marxista, mas capitalista — que aponta para a eficiência no trabalho e no cuidado com o aprimoramento profissional.”

É raro encontrar diagnósticos de estudiosos teóricos tão facilmente verificáveis na realidade. O caso do mineiro José Augusto Figueiredo, de 33 anos, é quase a tradução viva do que diz Martin. Depois de uma juventude marginal em Belo Horizonte e uma condenação a oito meses de prisão por uso de drogas e roubo de carros, Figueiredo acabou indo a um templo da Igreja do Evangelho Quadrangular para pedir dinheiro emprestado a uma amiga e aceitou submeter-se a um programa de desintoxicação mantido pelos religiosos. Figueiredo curou-se, tomou-se obreiro — auxiliar de pastor — e voltou a estudar. Hoje, cursa o 2.º ano de Administração de Empresas e está casado com a psicóloga Silvana Almeida, que também frequenta a igreja. “Eu, que já fui assaltante, arranjei um emprego em que cuido de quase todo o dinheiro da empresa”, diz Figueiredo, orgulhoso de seu progresso realmente espantoso.



O pastor Doriel, de Brasília: sopa e plantão



Jutair: livre da droga



Silvana e Figueiredo: a fé une



...culto pentecostal no Rio de Janeiro: fé cega nas ordens do pastor

Para as pessoas encantadas com as virtudes franciscanas da pobreza e da contemplação, a busca evangélica do progresso espiritual e da melhoria nos hábitos será sempre aprovada. Já a procura aberta da prosperidade material encontrará grande resistência — em parte por um traço de farisaísmo. “O bom servo de Deus é uma pessoa que busca melhorar de vida, é assídua no trabalho, incansável e estudiosa”, diz o pastor Paulo Lutero de Mello e Silva, que na se-

mana passada sucedeu o pai, o missionário Manoel de Mello, líder da Igreja Pentecostal O Brasil para Cristo — que tem 500 templos e 1 milhão de fiéis no país —, processo criminal por charlatanismo, enriquecimento ilícito e atentado à economia familiar. Mas as ovelhas negras evangélicas, eles próprios prosperar financeiramente. Tem-se aí um caldo de cultura favorável ao surgimento de falsos líderes, prontos para aplicar as técnicas de pregação em benefi-

cio bolso. Exatamente por essa razão raras as capitais brasileiras onde pelo menos um pastor não esteja sendo alvo de processo criminal por charlatanismo, enriquecimento ilícito e atentado à economia familiar. Mas as ovelhas negras evangélicas, eles próprios prosperar financeiramente. Tem-se aí um caldo de cultura favorável ao surgimento de falsos líderes, prontos para aplicar as técnicas de pregação em benefi-

riamente para 150 pessoas, em sua sede em Brasília, e mantém um serviço de atendimento espiritual que funciona a qualquer hora do dia ou da noite.

NOVA CRIATURA — Segundo um estudo do Instituto de Estudos da Religião, Iser, sediada no Rio de Janeiro, mais de 80% dos crentes ganham entre um e dois salários mínimos e a maioria deles veio do campo para tentar a vida na cidade. O baiano Jutair

riana Unida do Brasil, da linha mais tradicional do protestantismo, co-autor do livro *Brasil — Nunca Mais*, o mais completo documento sobre a tortura no país. “Os cultos são participativos, alegres e prometem coisas bastante próximas à vida dos seus fiéis. É por isso que eles estão crescendo tanto”, diz Wright. O pastor ressalta que esses cultos invariavelmente conduzem o trabalhador a uma posição pacífica, cordata, diante da realidade. “Eles não incentivam a crítica e o protesto social”, diz Wright, cuja Igreja Presbiteriana foi, ao lado da Metodista, a única denominação protestante do país a assumir posições de protesto contra o regime militar.

CULTO DO ABSURDO — No oceano de igrejas pentecostais, deve-se fazer distinção entre o amadurecimento e a seriedade de algumas — e o culto do absurdo que se pode observar em muitas. Os grupos que estão mais preocupados com a formação de seu corpo religioso são a Assembleia de Deus, a Congregação Cristã no Brasil e a Igreja do Evangelho Qua-

O poder da fé e do dinheiro

	CATÓLICOS	PROTESTANTES	PENTECOSTAIS TRADICIONAIS	PENTECOSTAIS RECENTES	TESTEMUNHAS DE JEová
FÉ	Para salvar-se, o fiel precisa submeter-se aos sacramentos, como o batismo. A caridade é outro requisito para a salvação. Os cultos obedecem a um ritual litúrgico preestabelecido. Imagens de santos são veneradas nos altares	A salvação do homem depende exclusivamente da fé — e não de obras na Terra. A palavra de Deus encerra nos textos bíblicos — e não as reuniões são alegres e barulentas. As normas éticas de conduta não acreditam na participação do Espírito Santo nos cultos	O Espírito Santo participa dos cultos e se manifesta entre os fiéis e, por isso, as reuniões são alegres e barulentas. As normas éticas de conduta, entretanto, são rigorosas — e os cultos podem ser expulsos da Igreja caso não as sigam	O Espírito Santo também é invocado, mas para operar curas instantâneas e expulsar o demônio dos atormentados. Há dias certos da semana para sessões de exorcismo e curandeirismo	A alma morre junto com o corpo. Portanto, não existe a salvação depois da morte. No fim dos tempos, contudo, Deus voltará à Terra e as almas dos justos ressuscitarão. O verdadeiro Deus é Jeová, do Antigo Testamento. Cristo é seu filho
DINHEIRO	O dízimo não é obrigatório. Mas há cobrança de taxas pela sagração do batismo, do casamento e de missas especiais. Colégios católicos também buscam o lucro com suas atividades	O dízimo é um preceito bíblico para todos os fiéis para manter a obra de fé da Igreja. Entretanto, eles não preconizam que as igrejas possam determinar curas e milagres ou a prosperidade dos fiéis	Para-se o dízimo — 10% do salário — para cada fiel — para manter a estrutura da Igreja e garantir o sustento dos pastores. Mas não se troca dinheiro por milagres e curas, que resultam exclusivamente da fé	Além do dízimo, pedem-se contribuições voluntárias na forma de ofertas durante os cultos. Os fiéis são bombardeados com a ideia de que a prosperidade só virá se suas contribuições para a Igreja forem generosas	Discordam da cobrança do dízimo. Cada fiel entrega à Igreja a quantia que pode. As contribuições são secretas. As ofertas públicas são condenadas porque podem levar à disputa de generosidade entre os fiéis

Como a questão material das ofertas e das doações em dinheiro convive com dogmas espirituais nos principais ramos das religiões cristãs

drangular. A Assembléia, por exemplo, possui um grupo de pessoas dedicado ao aprimoramento religioso.

No confronto com essas religiões que se infiltram de maneira crescente na vida brasileira, a Igreja Católica apresentou uma forma cansada e outra de pouca sensibilidade epidérmica. De um lado, vêem-se muitos padres apegados aos rituais externos sem o interesse de ir verificar quais são as necessidades do dia-a-dia de seu rebanho — inclusive e talvez, principalmente, quais são as causas de sua angústia, de seu desajustamento social, de sua infelicidade conjugal e de sua incapacidade para subir na vida. De outro lado, estão muitos religiosos católicos que se livraram do ritual, tiraram os paramentos, dessacralizaram-se e passaram a pregar a religião como se ela fosse o programa de um partido político. Entre esses dois equívocos, estão os padres católicos que se preocupam com a fuga do seu rebanho para os templos pentecostais.

“Não adianta simplesmente dizer que algumas seitas são puro charlatanismo, que só aparecem onde tem igreja progressista,



O papa no México na semana passada: apelo à Virgem de Guadalupe

que é imperialismo americano. Temos mesmo é que revisar o trabalho da Igreja Católica”, diz dom Sinésio Bohn, bispo de Santa Cruz do Sul, no Rio Grande do Sul, religioso responsável pela área de ecumenismo da CNBB — Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. “Elas fizeram a Igreja se mexer. Há trinta anos que deveríamos ter reagido”, diz dom Sinésio.

CARISMÁTICOS — A arquidiocese do Rio de Janeiro já começou a se mexer. Vai colocar no ar, dentro de alguns meses, sua emissora FM que transmitirá na frequência

pírito Santo e em alguns existe até o título de Edir — que atraem multidões de “Esse movimento vai fortalecer a Igreja com pregações emocionadas, promessas contra os avanços das seitas”, diz de curas instantâneas, milagres e prosperidade na Terra — também promovem Renovação Carismática em São Paulo. Mas nenhum outro Como a religião é justamente a atinsegue lotar sistematicamente estádios de humana que melhor acusa as tensões: foi a sexta concentração da Igreja centes numa sociedade, o crescimento universal no Maracanã, em quatro anos, e a ginosa da fé pentecostal pode ser tomaceira no Pacaembu, em dois anos, todas mo alerta. Um sinal de que válvulas de audiência monumental. Há outra co-sociais e espirituais mais serenas e comita monumentais nas concentrações regi-vas estão emperradas e empurrando ps por Edir — dinheiro que ele arranca dos seitas uma multidão de pessoas que nas com uma facilidade impressionante.

Na concentração do Maracanã, oficiais da polícia Militar, que testemunharam a assem-bleia, calcularam uma arrecadação de 60 milhões de cruzeiros, embora a Igreja Universal afirme ter reco-rido apenas 6 milhões. Nas assembléias de segunda-ra, promovida no Rio e a de Paulo, o pastor arrecadou na soma impossível de preci-mas que chegou a ser calcula pelo *Jornal da Tarde* em 1 milhão de dólares. O dinheiro, contrário das concentrações teriores, em que era transpor-lo nos ombros de uma fila de regadores, foi recolhido distamente. Três mil “obreiros” (voluntários) passavam sacos de m azul entre a multidão e, pois de enchê-los, sumiam s túneis do estádio.

DEUS RECOMPENSA — Foi um forde de público e de fatura-ento. No Maracanã, na partida

RELIGIÃO

A fé nos milhões

Com um estilo de animador de auditório, Edir Macedo lota estádios e se torna o mais popular dos pastores

de 106,7 MHz. O bispo dom Eugê-les não admite co-cilidade que ten-locado para an-FM motivado seitas. “Não per-nhuma noite de-por causa dos eva-cos”, diz dom-nio. O pentecosta-também provocou surgimento, na Brasil comemoravam a festa anual de sua Católica, do dreira, Nossa Senhora Aparecida, o pamento de Ren-carioca Edir Macedo, 45 anos, fundador Carismática, chefe supremo da Igreja Universal do no Brasil há sete-ino de Deus, mostrava que é hoje, no que já conta com, o líder religioso da moda. Pela manhã, de 600 000 ad-gundo cálculos da Polícia Militar, ele Seus cultos, nem-niu 150 000 fiéis no Estádio do Maraca-pre incentivados, no Rio de Janeiro. À tarde, em São hierarquia catulo, juntou aproximadamente 50 000 no também invocam-ádio do Pacaembu. Outros pastores do

mais concorrida do atual cam-peonato brasileiro, o jogo entre Flamengo e Botafogo, do dia 30 de setembro, havia pouco mais de 71 000 espectadores, que deixaram nas bilheterias do estádio menos de 21 milhões de cruzeiros. Edir levou duas vezes mais público ao estádio e três vezes mais di-nheiro. Não há dúvida — ele bate todos os concorrentes. Na última grande concentração realizada pelo pastor Nilson Fanini, 58 anos, presidente da Convenção Batista Brasileira e líder espiritual de cerca de 1,5 milhão de brasileiros que se-guem sua igreja, 21 000 pessoas apareceram no Estádio Caio Martins, de Niterói.

Nas suas concentrações, Edir costuma dirigir-se aos fiéis com um slogan, repeti-do com ligeiras variações. “No pedido, o maior; na oferta, a melhor; Deus recom-pensa quem dá com alegria”, convida ele. Não é à toa que o líder da Igreja Univer-sal constrói um império. Ex-funcionário da Loterj, a Loteria do Rio de Janeiro, ele fundou sua seita há apenas treze anos,



Edir Macedo rezando: domínio de cena

nos fundos de uma funerária carioca, e hoje controla 850 templos espalhados pelo país e sete no exterior. No final deste mês, abrirá suas portas em Moscou a primeira igreja de Edir na União Soviética. “Construímos templos quase todos os dias”, festeja o pastor.

BOM COMUNICADOR — Com o dinheiro do dízimo — a contribuição equivalente a um décimo do salário ou rendimento que

Cristo versus Cristo

As igrejas pentecostais sofrem um processo de multiplicação de nomes comparável ao milagre bíblico da multiplicação dos pães. Em quase todas, os pastores líderes são dissidentes de outras igrejas das quais se tornam inimigos.

Para fundar sua própria igreja, a Deus é Amor, o ex-vendedor David Miranda, hoje guindado à condição de líder de uma seita com 500 000 fiéis e renda mensal de 10 milhões de cruzeiros, passou pela Assembléia de Deus, foi pastor na seita Maravilhas de

Jesus até decidir reunir seu próprio rebanho, em 1962. Há casos ainda mais curiosos. Há uma década convivem praticamente lado a lado, na Rua Carlos Gomes, no centro de São Paulo, duas seitas que têm nome parecido e boa parte da sua história em comum, a Igreja Deus Vivo, do missionário Sinésio Cagliari, e a Igreja do

Deus Vivo Primitiva, da ex-mulher Elza de Oliveira. Depois que o casamento acabou decidiu continuar a vida pelo caminho da fé. Separados, os dois muito bem. Sinésio já com 28 templos nos Estados de São Paulo e Paraná, e mantém sua igreja lotada.



Dois igrejas concorrentes numa mesma rua...



...em São Paulo: briga de marido e mulher

Paróquias informatizadas

Para compensar o atraso com que começou a pedir de seus fiéis a contribuição mensal do dízimo, a Igreja Católica se socorre da informática. Abastecidas de um programa especial de computador, que permite reunir informações detalhadas sobre cada um de seus fiéis, 55 paróquias brasileiras já conseguem controlar as pessoas que pagam regularmente o dízimo e aquelas que deixam de fazer isso. “Nossa coleta dupli-

cou desde que instalamos na paróquia um computador para cadastrar e acompanhar os fiéis”, diz o padre Antônio de Pádua Pereira da Silva, vigário de Carolina, no Maranhão, informatizada há seis meses. “É impressionante como a informática pode ajudar no trabalho pastoral.” O programa não serve apenas para rastrear o dízimo. “Com ele, o vigário pode controlar desde os salários e rendimentos dos fiéis até a frequência às missas ou comunhões que eles fazem”, afirma

o padre Irineu Leopoldino de Souza, de São Paulo, o religioso que colocou a pastoral católica na era da informática.

Padre Leopoldino, um apaixonado pela computação, criou o seu programa juntamente com a Lexistemas, uma empresa de informática paulista. Para adquiri-lo, cada paróquia precisa desembolsar 50 000 cruzeiros. Os vigários acham que vale a pena. “Graças ao computador, conseguimos cadastrar 12 000 novos paroquianos, algo que dificilmente aconteceria sem o seu auxílio”, diz Lázaro Pereira dos Santos, ad-



A multidão de fiéis durante o culto no Maracanã: preces e oferendas



Fiel recolhe os donativos: riqueza

o fiel entrega mensalmente a sua igreja — e dos donativos dos campos de futebol, ele controla atualmente catorze emissoras de rádio, uma construtora no Rio de Janeiro e a TV Record de São Paulo, que



O padre Leopoldino (à esq.) e Lázaro: fé no dízimo

comprou em abril deste ano por 45 milhões de dólares. "Edir está aparecendo porque é um bom comunicador", diz o pastor batista Fanini. Dono de uma grande fluência verbal, usando imagens acessíveis às massas, o líder da Igreja Universal tem um completo domínio de cena: durante as assembleias, não raro ele se ajoelha ou se joga no chão.

O fenômeno Edir começa a ser objeto de estudos acadêmicos. Na Universidade de São Paulo, o pós-graduando Ricardo Mariano, do departamento de Sociologia, prepara sua tese de mestrado sobre a Igreja Universal. "Edir é um espetáculo de auditório", teoriza ele. "É mais fácil relacioná-lo com um Silvio Santos ou um Gugu Liberato." Em tese, Edir é um pentecostal — ramo do protestantismo que deve seu nome ao dia de Pentecostes, quando o Espírito Santo teria aparecido aos apóstolos na forma

ministrador da Paróquia de Nossa Senhora das Almas, em São Paulo, informatizada este mês. Além do programa para o controle do dízimo, há um outro — a Bíblia Eletrônica —, no qual os padres têm à sua disposição todos os textos do Antigo e do Novo Testamento. O programa é capaz de ler os 24 capítulos e os 1 151 versículos do Evangelho de São Lucas em apenas um minuto. Na Bíblia em papel, a mesma operação levaria no mínimo cinco horas.

de línguas de fogo. Os seguidores dessa corrente religiosa não dem dançar, não frequentam salas de cinema, as mulheres devem se pintar nem cortar cabelos. Edir fez uma reforma na moda no pentecostalismo talvez esteja aí outra explicação para seu sucesso. "Na Igreja Universal, não se enfatiza o moralismo", explica Mariano. "Nós proibimos nada, nossos fiéis são livres", avaliza Edir.

GUERRA SANTA — Se dentro de sua igreja Edir veste a camisa liberal, ele não revela a mesma abertura no trato com outras religiões. A Igreja Católica e as seitas afro-brasileiras são os alvos pri-

letos de suas críticas. Há pelo menos dois anos Edir, que se auto-intitula "bispo" da Igreja Universal, vem montando uma espécie de guerra santa nessas linhas religiosas. O pastor já processou um inúmeros processos, nos quais é acusado de crimes como estelionato, curandeirismo e charlatanismo. Além disso, Edir vislumbra a mão da Igreja Católica e a das seitas afro-brasileiras. Essa suposta perseguição teve um capítulo reaberto na semana passada, domingo dia 7, véspera de seu culto no Maracanã, Edir foi indiciado pela Polícia do Rio de Janeiro, por estelionato, curandeirismo e charlatanismo, no processo que lhe é movido desde 1997. Em São Paulo, o líder da Igreja Universal está sendo processado pelo mesmo motivo. No Rio, o protético Luiz Cláudio Leite testemunha contra Edir.

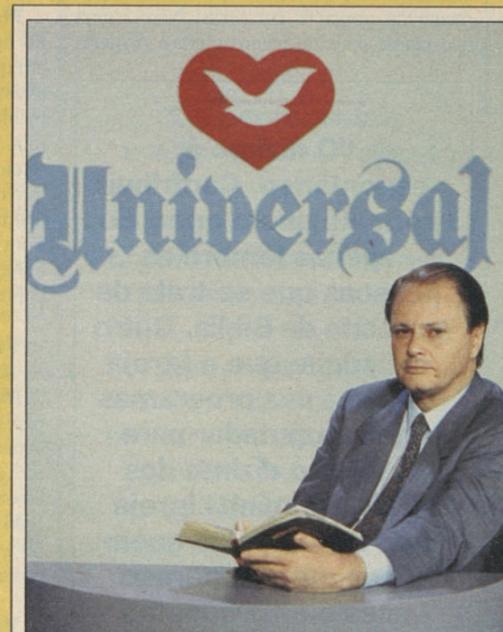
Em 1987, ele se filiou à Igreja Universal para se livrar da burocracia. Levou uma surra financeira. Traumatizado, desligou-se da Igreja Universal no ano passado dizendo ter ficado mago do que antes e acusando os obreiros de Edir de tentarem extorquir-lhe dinheiro. Como penetrado em seu sucesso, Edir parece ligar para esses detalhes de percurso — mesmo quando as críticas que recebem mencionam o fato de ele processar, na periferia de Nova York, uma mansão avaliada em 800 000 dólares. "A Igreja Universal é como um omelete — quanto mais se mexe nela, mais ela cresce", diz ele.

ENTREVISTA: EDIR MACEDO

O dinheiro é um bem

Com a força da fé e o dinheiro dos fiéis, Edir Macedo construiu um império e diz que a sua igreja é uma das que mais crescem no Brasil

Por J.A. Dias Lopes



"Jesus nunca foi pobre. Ele disse: 'Sou o senhor dos senhores, o rei dos reis'. Um rei nunca é pobre"

guiu se safar de todas as acusações. No momento, responde a três processos, dois no Rio de Janeiro e um em São Paulo. Casado há dezenove anos, pai de três filhos — duas meninas e um menino —, Macedo julga que cumpre uma missão espiritual.

VEJA — Sua igreja é acusada de mercenarismo e o senhor de usar Deus apenas como marketing para arrancar doações das pessoas que o procuram. Há alguma relação entre a fé e o dinheiro?

MACEDO — O dinheiro é uma necessidade do homem. Na Bíblia, ele aparece como

uma ferramenta, com a mesma função que o serrote tem para o carpinteiro e a enxada para o lavrador. Sem o dinheiro, é impossível viver. O próprio Jesus tinha o seu tesoureiro, Judas Iscariotes. Achar que o dinheiro é um mal não faz sentido.

VEJA — Todo mundo sabe que, justamente pelo dinheiro, Judas traiu Jesus.

MACEDO — O dinheiro pode ser usado para o bem e para o mal. Judas foi um traidor, era inclusive ladrão, pois vinha roubando a sacola de Jesus, como se ficou sabendo naquele último dia. Mas dizer que o dinheiro é sempre um mal não é verdade. Ele pode ajudar as pessoas. Eu, por exemplo, uso o dinheiro para o bem, coloco-o a serviço de Deus.

VEJA — O senhor, particularmente, gosta de dinheiro?

MACEDO — Quando usado pela pessoa que não se apega demais a ele, por alguém que tem Deus no coração, não há motivo para não gostar do dinheiro, pois ele é veículo de felicidade. Caso contrário, traz desgraça. Dou um exemplo. Não me lembro de nenhum dos ganhadores da Loteria Esportiva — pessoas pobres que ficaram

ricas da noite para o dia — que tenha terminado bem. Por que isso? Porque aquele dinheiro carecia de uma sustentação, não tinha base, não tinha respaldo espiritual.

VEJA — Mas Jesus era pobre.

MACEDO — Esse é um tremendo engano. Jesus nunca foi pobre. Ele disse: "Sou o senhor dos senhores, o rei dos reis". Um rei nunca é pobre, a menos que esteja destronado. Sendo rei dos reis, Jesus era rico. Ele veio ao mundo na pobreza, andou na pobreza para sentir na pele o que é ser pobre, o que é viver na condição mais insignificante do ser humano. Mas Jesus não era pobre.

VEJA — Numa concentração que o senhor promoveu no Maracanã, este ano, funcionários de sua igreja saíram do estádio carregando enormes sacos de dinheiro. O senhor não se sente constrangido em promover uma exibição de milhões, como aquela, diante de pessoas que, algumas vezes, têm pouco dinheiro para comer?

MACEDO — Não sou estúpido o suficiente para exibir diante de 200 000 pessoas sacos contendo as ofertas feitas numa concentração como aquela. Dinheiro é uma coisa reservada, que eu não posso deixar à vista das pessoas. Afirmo que aqueles sacos continham pedidos de oração. Nós sempre fizemos isso em nossas reuniões especiais. Sobre os pedidos, clamamos todos os pastores juntos. Ajoelhamo-nos ao pé da cruz e oramos por eles. Depois disso, eles são levados para um lugar especial e queimados na chamada "fogueira santa".

VEJA — Quais as principais fontes de renda da Igreja Universal?

MACEDO — São as ofertas e o dízimo — a décima parte do salário ou rendimento que cada fiel destina à sua igreja quando segue um preceito existente na Bíblia.

VEJA — O senhor nunca teve dó de receber 10% do salário de um trabalhador que com dinheiro apertado tem de sustentar a mulher e os filhos?

MACEDO — Não, isso não. O dinheiro do dízimo não lhe fará falta. Não sou eu quem diz isso. É a Bíblia. Sou apenas alguém que comunica aquilo que está escrito nela — e mais nada. Se é justo ou injusto, não me cabe julgar. Não fui eu que determinei aquilo. O dízimo é uma coisa de Deus.

VEJA — De que modo o senhor cobra o dízimo de seus fiéis?

MACEDO — O dízimo é espontâneo. Contribuí com ele quem quer. Eu apenas lembro as pessoas que se trata de um preceito da Bíblia. Mas a decisão de pagar ou não o dízimo compete a cada um. Outro dia fiquei sabendo que a Igreja Católica está usando programa de computador para controlar o dízimo de seus fiéis. Na minha igreja não é assim. Não fiscalizamos quem paga e quem não paga porque é uma coisa da consciência de cada um. O dízimo, para nós, também não é uma obrigação, como na umbanda e no candomblé, enfim, na macumba, em que a pessoa é obrigada a oferecer animais, casas e, em casos extremos, o próprio sangue, para obter certas coisas.

VEJA — Na Igreja Universal, como na maioria das seitas pentecostais, as pessoas são bombardeadas com a ideia de que a prosperidade só virá se suas ofertas forem

generosas. Isso não seria uma chantagem espiritual?

MACEDO — Não, porque é algo autorizado pela Bíblia. Está escrito no Livro de Malaquias (3,10) e no Evangelho de Lucas (6,38). Em toda a Bíblia, da primeira à última página, encontra-se a palavra oferta, direta ou indiretamente. À medida que as pessoas dão, recebem também, porque isso está escrito ali. A oferta dimensiona o coração das pessoas.

VEJA — O senhor está querendo dizer que a salvação de uma pessoa depende das ofertas que ela faz?

MACEDO — A Bíblia nos manda fazer ofertas. Mas a salvação depende exclusivamente da nossa fé em Jesus. Não é uma questão de mais ou menos ofertas. A oferta

"O dízimo é espontâneo. Contribuí com ele quem quer. Eu apenas lembro as pessoas que se trata de preceito da Bíblia. Outro dia soube que a Igreja Católica usa programas de computador para cobrar o dízimo dos fiéis. Na minha igreja não fiscalizamos quem paga ou não, porque essa é uma questão de consciência"

é um dever, mas sozinha não salva. Temos de crer, no sentido original da Bíblia, que significa nos entregarmos de corpo e alma e espírito. É essa fé que nos leva à salvação.

VEJA — Em pouco mais de treze anos, a Igreja Universal se tornou rica e poderosa. Outras seitas pentecostais também prosperaram muito nas últimas décadas. Abrir uma igreja é um bom negócio?

MACEDO — Isso não passa de uma lenda. Se é um bom negócio, eu convidado todo brasileiro a abrir uma igreja. Que se faça essa experiência. Vai ser uma decepção.

VEJA — Onde o senhor conseguiu os 45 milhões de dólares para comprar a TV Record?

MACEDO — Junto aos fiéis da Igreja Uni-

versal, que fizeram ofertas para sua ação. Mas não foi um dinheiro que veio para o mar, na Galiléia, e falou para milhares de pessoas. Por que subiu àquele monte e não a outro? Porque o vento soprava ali levava sua palavra até as pessoas que estavam lá embaixo, junto ao mar. Quer dizer: Jesus usou uma técnica de comunicação, e nossa igreja também utiliza técnicas de comunicação, além de procurar ser eficiente no seu trabalho, de qualquer lado do vento.

VEJA — A TV Record será transformada numa igreja eletrônica?

MACEDO — Sou contra a igreja eletrônica do tipo das existentes nos Estados Unidos. O pastor fica no vídeo e as pessoas assistem em casa, distraído-se com a televisão, que podemos comprar pelo preço de um pão. Na minha igreja, preferimos o contato direto com o povo. Divulgaremos o Evangelho na TV Record, mas em programas de abertura e no encerramento da programação. Fora disso, ela será uma emissora como qualquer outra, para disputar audiência com suas concorrentes.

VEJA — A emissora está em seu nome na Igreja Universal?

MACEDO — Pelas leis da comunicação não poderia estar em nome da Igreja Universal. Então, fizemos um condomínio, um grupo de pastores, que controla 70% da emissora. Tenho apenas uma parte do bolo e presido o condomínio. Os outros 30% ficarão nas mãos dos funcionários da emissora.

VEJA — Se o senhor morresse hoje, ficaria com a sua parte no bolo?

MACEDO — Deixarei uma procuração à igreja. Ela ficará com a minha parte.

VEJA — A que atribuir o grande crescimento de sua igreja?

MACEDO — À ação direta do Espírito Santo.

VEJA — Todas as seitas pentecostais têm ter a proteção direta do Espírito Santo. Mas a sua é a que mais tem crescido. Qual outro motivo?

MACEDO — Talvez porque, na Igreja Universal, exista realmente um canal de comunicação entre as pessoas e Deus, sem intermediários.

VEJA — A Igreja Universal é muito estruturada. Os pastores gostam de ela. São raras as queixas de falta de assistência material. Eles recebem salário e tratamento médico de graça também ajuda?

MACEDO — É evidente que sim. Acredito que Jesus, quando foi fazer o Sermão da Montanha, subiu ao monte de frente para o mar, na Galiléia, e falou para milhares de pessoas. Por que subiu àquele monte e não a outro? Porque o vento soprava ali levava sua palavra até as pessoas que estavam lá embaixo, junto ao mar. Quer dizer: Jesus usou uma técnica de comunicação, e nossa igreja também utiliza técnicas de comunicação, além de procurar ser eficiente no seu trabalho, de qualquer lado do vento.

VEJA — O senhor já acusou a Igreja Católica de perder fiéis para o pentecostismo, no Brasil, por estar mais preocupada com a política do que com a salvação da alma?

MACEDO — Já esgotei esse assunto. Para mim, a Igreja Católica é um corpo que tem um braço esquerdo e um direito. Por isso ela tem tantos adeptos. Jesus disse: nenhuma igreja dividida poderá permanecer.

VEJA — Qual a maior diferença entre o trabalho pastoral de sua igreja e o realizado pelos católicos?

MACEDO — No nosso trabalho, aproximamos muito do povo. Vamos além do culto. A maioria de nossos templos se transforma em creches, em muitos fundam escolas de alfabetização. Realizamos um tipo de trabalho que não vejo na Igreja Católica, onde o padre reza a missa pronto: cada um vai para sua casa. Na Igreja Universal, há a dificuldade, do tormento, da dor, da angústia, quando a criatura chega ao fundo do coração, a Igreja Católica — pelo menos aqui no Brasil — raramente atende à sua necessidade.

VEJA — Como são suas relações com os outros pentecostais?

MACEDO — Temos poucas relações porque os outros pentecostais se voltam demais para o fanatismo, misturam a fé com os costumes. Ora, uma coisa nada tem que ver com a outra. Os pentecostais tradicionais, por exemplo, fundamentam-se em doutrinas baseadas nos costumes da época de Jesus. Nós, ao contrário, não vetamos nada. Na Igreja Universal é proibido proibir. A pessoa é livre para fazer o que bem entende. Um homem pode ter dez mulheres ou uma mulher, dez maridos. A pessoa é livre para beber, fumar, para fazer o que bem entende. Nossa obrigação é ensinar a Bíblia e mostrar-lhe que tem de tomar, por conta própria, a decisão de não fazer isto ou aquilo.

VEJA — E com os católicos?

MACEDO — Somos mundos completamente diferentes. A Igreja Universal está

crescendo e a igreja deles está caindo. Há uma preocupação conosco, de parte dos católicos. E nós não temos nenhuma preocupação com eles.

VEJA — Sua igreja é contrária ao ecumenismo?

MACEDO — O ecumenismo nunca vai funcionar. Explico. Há quatro evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas e João. Todos dizem a mesma coisa, mas com pontos de vista diferentes. Essa pluralidade é obra de Deus. Com as religiões é a mesma coisa. Por que haveria de ser diferente?

VEJA — Quantos processos já foram movidos contra o senhor?

MACEDO — Não tenho a menor ideia. A única coisa que sei é que sou vítima de

"Os pentecostais tradicionais se voltam demais para o fanatismo, para doutrinas baseadas nos costumes da época de Jesus. Nós não vetamos nada. Na Igreja Universal é proibido proibir. A pessoa é livre para fazer o que bem entende. Um homem pode ter dez mulheres, ou uma mulher, dez maridos"

uma incoerência. A gente ajuda algumas pessoas, mas aquelas que têm o espírito de Caim, ou seja, da inveja, vendo-se prejudicadas com o nosso crescimento, movem-nos processos a esmo.

VEJA — Mas no Rio de Janeiro a Igreja Universal foi responsabilizada este ano pela morte de uma mulher, por suposta omissão de socorro. Numa assembléia realizada no Maracanã, Maria Pureza da Silva, de 65 anos, apresentou sintomas de enfarte e não teria sido socorrida porque alguns membros de sua igreja alegavam que aquele seria um desejo de Deus.

MACEDO — Não estava perto, naquele momento. Cheguei no Maracanã às 10 horas da manhã e ela havia falecido

entre 7 e 7h30. Acho que tinha chegado a sua hora. Deus quis levá-la e eu não sou Deus para explicar isso. Omissão de socorro certamente não houve. Quando alugamos o Maracanã, também contratamos serviços médicos, e os médicos são obrigados a prestar assistência às pessoas que eventualmente se sintam mal.

VEJA — Nas suas assembléias e cultos, o senhor promove sessões de cura. Como reage à acusação de que não passaria de um curandeiro ou um charlatão?

MACEDO — Desafio a quem quer que seja para provar que sou um curandeiro ou um charlatão. A boca fala o que quer. O papel aceita o que nele se imprime. Até hoje, nem a polícia nem a Justiça conseguiram provar nada contra mim. Simplesmente porque sou um homem limpo, fiel à palavra de Deus. A fé é que cura as pessoas. Não dou receita para ninguém. Apenas oro para que as pessoas sejam curadas. A Bíblia e a lei do Brasil não me proíbem de fazer isso.

VEJA — As pessoas realmente se curam na Igreja Universal?

MACEDO — Tenho uma infinidade de testemunhos mostrando que sim. Se alguém duvidar, mostro as provas. Possuo uma declaração de um médico judeu, atestando a cura de uma pessoa — hoje um de nossos pastores — que veio com Aids para a Igreja Universal. Curas prodigiosas são freqüentes na Igreja Universal. Pessoas que estavam com câncer, desenganadas pela medicina, também já ficaram boas. Claro que não posso dizer que todos aqueles doentes pelos quais oramos ficam curados. Depende da fé das pessoas. Se uma pessoa crê, recebe cura.

VEJA — Numa sessão de cura, também ocorrida este ano, o senhor fez centenas de pessoas jogarem fora os seus óculos de grau, porque estariam curadas de defeitos na vista. Não era verdade. Muitas delas tiveram de mandar fazer novos óculos de grau.

MACEDO — Não, não pode. Antes de jogar fora os seus óculos, mando as pessoas fazerem um teste. Sempre peço isso. Se elas colocam os óculos e enxergam embaçado, os óculos não servem mais. Só jogam fora os seus óculos aquelas que constatam a cura. A não ser, é claro que a pessoa esteja mentindo.

VEJA — O senhor realmente acredita em Deus?

MACEDO — É evidente que sim. Afinal, não sou nenhum hipócrita. Se não acreditasse em Deus, não seria um pastor. ■

2/199



fi e a mesquita: falta a paz



Templo Budista da Terra Pura: arquitetura vetada por Lúcio Costa

RELIGIÃO

A capital da fé

Uma nova mesquita e templos de todas as religiões mantêm acesa a chama do misticismo de Brasília

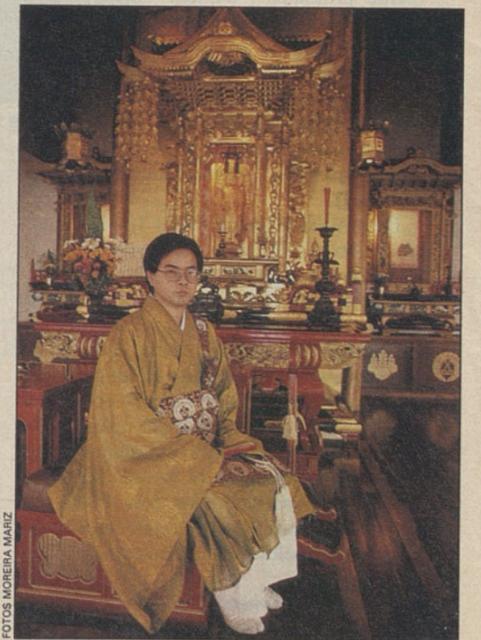
Brasília ganhará de presente em breve um templo que reforçará a sua fama de capital nacional da fé. No Plano Piloto, acaba de ser erguida a maior e mais imponente mesquita do país, cujo ponto alto — a torre do alto da qual o imã (sacerdote) chama os fiéis munidos para as cinco orações diárias — tem 30 metros de altura. A inauguração do templo foi acertada na semana passada e guarda uma ligação circunstancial com a guerra do Golfo. Somente depois que a paz voltar à região, a Arábia Saudita designará o seu novo embaixador no Brasil, preenchendo um posto que se encontra vago desde março do ano passado com a presença desse diplomata, a qual não poderá ser inaugurada. Foi o embaixador saudita que bancou o 1,5 milhão de dólares gasto na construção do templo, um complexo arquitetônico de 1 700 metros quadrados que o cerca, formado por cinco blocos projetados em legítima arquitetura árabe. Além da mesquita, há uma sala para ablução — a lavagem das mãos que o fiel faz antes das

orações —, uma escola islâmica e duas residências completas para os religiosos que trabalharem ali. “Nosso templo é um presente da cultura islâmica à capital do Brasil”, diz Mansour Salet Al-Safi, encarregado de negócios da Embaixada da Arábia Saudita.

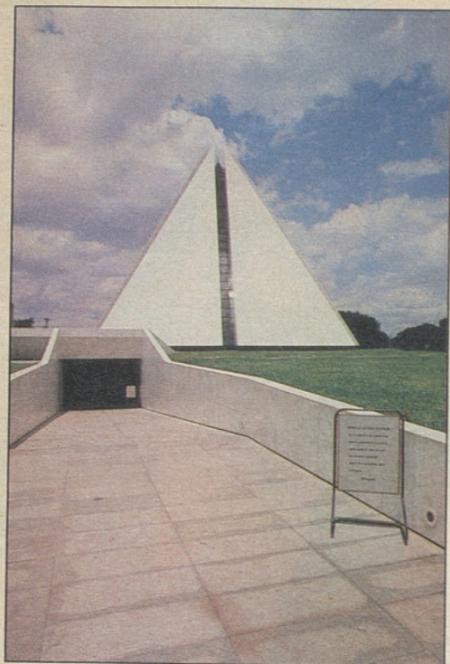
Com a mesquita, só no Plano Piloto de Brasília passam a existir 177 templos — 46 católicos, 46 protestantes, 31 de outras religiões e 54 centros espíritas, de umbanda e candomblé. “É uma das maiores concentrações de templos do Brasil”, diz Maria Eulália Franco, diretora do Departamento de Turismo do Distrito Federal, Detur. “Nesse ponto, acho que Brasília só perde para Salvador.” Na capital da Bahia existem 172 igrejas católicas, 800 templos protestantes e 2 000 terreiros de candomblé, umbanda e centros espíritas. A concentração e a variedade de templos da capital da República tornaram-se uma atração turística. O Detur organizou um “tour-místico” que já faz sucesso entre os visitantes da cidade. Por 5 000 cruzeiros, o forasteiro tem o direito de embarcar num

ônibus especial e percorrer durante três horas os principais templos de Brasília. “Os turistas sentem-se envolvidos por uma aura especial”, diz Maria Eulália.

CRISTAL PURO — A mesquita pode ser o templo mais belo, mas, até porque não está funcionando regularmente e ainda não recebeu todos os seus móveis e tape-



O monge Imai: roupas litúrgicas



A pirâmide da LBV: cristal puro no ápice

tes orientais, não é o que mais chama a atenção dos participantes do "tour-místico". Um dos campeões de preferência é a sede nacional da Legião da Boa Vontade. Suas sete faces são revestidas de fino mármore branco. Para favorecer a meditação das pessoas que a visitam e assegurar a sua "concentração de energia", no ápice da pirâmide foi colocado o maior cristal puro já encontrado no Brasil, com 40 centímetros de altura, 18 de diâmetro e 21 quilos de peso. "Vou muito ao templo da LBV", diz a relações-públicas da Varig, Lucila Fernandes. "Nele recupero energias e paz." Outro monumento místico que encanta os visitantes é o Templo Budista da Terra Pura. Lúcio Costa, o arquiteto que planejou Brasília, tentou vetar a sua construção. Achava que suas linhas tradicionais destoavam da fisionomia moderna de Brasília. O templo, com 800 metros quadrados de área, acabou sendo erguido assim mesmo. No seu interior, todo dourado, dominado por uma estátua de Buda, o monge Kyoya Imai, vestindo paramentos tradicionais, se encarrega de bater oito vezes o sino, para lembrar os fiéis das orações, e de explicar a sua religião aos visitantes mais curiosos. O grande número de templos de Brasília não estava previsto na planta original da cidade. Hoje, no entanto, embelezam a capital da República. "Todas as religiões querem ter uma sede em Brasília", explica o professor Cláudio Queiroz, chefe do Departamento de Urbanismo da Universidade de Brasília. "Ter um belo templo aqui é símbolo de que aquela fé está consolidada no país."

VEJA, 6 DE FEVEREIRO, 1991



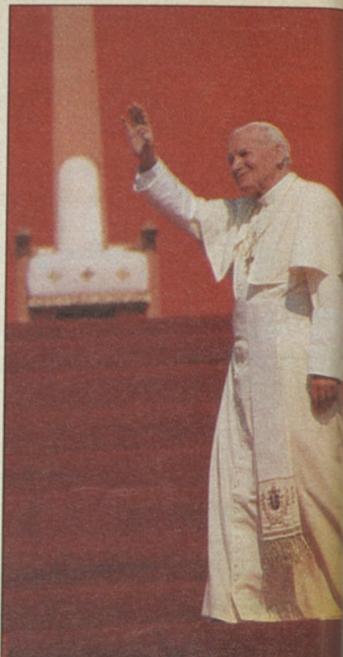
Reforço no time

O papa poderá dar novo cardeal ao Brasil

A Santa Sé admitiu na semana passada que João Paulo II pretende convocar um novo consistório — a assembléia em que o papa designa novos cardeais. O evento, de grande significação para a vida da Igreja, ainda não tem data marcada, mas deverá ocorrer em torno da Páscoa. Dezoito novos cardeais serão nomeados por João Paulo II, completando o colégio regimental de 120 purpurados, que atualmente se compõe de apenas 102 cardeais. É quase certo que a Igreja do Brasil receberá o seu oitavo barrete cardinalício, na figura de dom Serafim Fernandes de Araújo, arcebispo de Belo Horizonte. A cada novo consistório, João Paulo II redenha a mais alta hierarquia da Igreja.

Dom Serafim já esteve a um passo do cardinalato, mas acabou preterido. Em 1988, na véspera do consistório em que foram nomeados dois outros cardeais para o Brasil — dom Lucas Moreira Neves, de Salvador, e dom José Freire Falcão, de Brasília —, o seu nome foi cogitado. Houve especulações sobre o motivo da exclusão de dom Serafim. O mais provável é que o papa não quis dar três cardeais a um único país numa só formada. Sete cidades brasileiras possuem ou já tiveram cardeais — Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, São Paulo, Porto Alegre, Fortaleza e Aparecida do Norte — e Belo Horizonte está há anos à espera de se tornar a oitava. A capital mineira é a terceira metrópole do Brasil e centro de uma das regiões mais genuinamente católicas do país.

PAPA JUDEU — Com a distribuição de dezoito novos barretes cardinalícios, João Paulo II rearranjará funções e títulos tanto em importantes dioceses do mundo como na Cúria Romana. Há arcebispos, em países como Itália, Espanha, Irlanda e Canadá, com o cardinalato assegurado pela tradição local. No topo da Cúria Romana, prevê-se que serão feitos cardeais, no próximo consistório, o atual secretário de Estado da Santa Sé, Ângelo Sodano, e o responsável pela Congregação para a Educação Católica, Pio Laghi. Antes de indicar os próximos dezoito "príncipes da Igreja", João Paulo II já renovou, em doze anos de pontificado, 67% do colégio cardinalício. Depois das nomeações prometidas, a mudança será de 70%. Quanto maior a identificação de um



João Paulo II: novo consistório

papa com o colégio cardinalício, mais doura será a influência de sua linha teológica, filosófica e pastoral nos destinos da Igreja.

A primeira consequência das nomeações de João Paulo II foi o desequilíbrio das forças que seriam convocadas para o seu sucessor, caso ele renunciasse antes de morrer. Se o italiano Paulo VI, pontífice que começou a internacionalização do colégio cardinalício, o polonês João Paulo II reduziu de forma inequívoca o peso dos italianos nesse plenário. Chegaram a constituir 60% do colégio de cardeais durante o papado de Pio XII. Nas vésperas do novo consistório, os italianos são apenas dezesseis dos 102 cardeais convocados. Em termos geográficos, a Europa tem hoje o maior número de eleitores — 45 —, seguido de dezoito da América Latina, quinze da África, onze da Ásia, dez dos Estados Unidos e três da Oceania. O peso numérico, claro, nem sempre corresponde ao político. Mas o contingente europeu que se faça uma cogitação histórica. Reduzido hoje, um conclave teria entre "papáveis" — os candidatos a papa — o cardeal de Paris, Jean-Marie Lustiger. Um papa judeu. Lustiger nasceu judeu e converteu ao cristianismo na juventude, influenciado pela família católica a quem sua mãe, para livrá-lo da perseguição nazista, entregou-o em adoção.



Dom Serafim: favorito

dezoito novos cardeais para o Brasil — dom Lucas Moreira Neves, de Salvador, e dom José Freire Falcão, de Brasília —, o seu nome foi cogitado. Houve especulações sobre o motivo da exclusão de dom Serafim. O mais provável é que o papa não quis dar três cardeais a um único país numa só formada. Sete cidades brasileiras possuem ou já tiveram cardeais — Rio de Janeiro, Brasília, Salvador, São Paulo, Porto Alegre, Fortaleza e Aparecida do Norte — e Belo Horizonte está há anos à espera de se tornar a oitava. A capital mineira é a terceira metrópole do Brasil e centro de uma das regiões mais genuinamente católicas do país.

RELIGIÃO

O Brasil põe fé nos espíritos

Com 6,9 milhões de adeptos, o kardecismo converte o país na maior nação espírita do mundo



ANTÔNIO MILENA

O crescimento das seitas evangélicas não é o único fenômeno de multiplicação de fiéis que vem ocorrendo no país, à margem do progressivo vazamento da Igreja Católica. Um outro movimento religioso se expande silenciosamente nos 5 500 centros espíritas espalhados pelo território nacional. Em apenas dez anos, o número de adeptos do kardecismo, doutrina que se define como religião, filosofia e ciência, saltou de 1,5 milhão para 6,9 milhões de pessoas. Somados os que não freqüentam regularmente esses centros, mas aceitam os seus princípios, baseados na reencarnação, na possibilidade de comunicação com os mortos e na caridade, os espíritas brasileiros chegam a 20 milhões de pessoas.

Os kardecistas compram 2,8 milhões de livros sobre a doutrina a cada ano. "O Brasil é hoje o maior país espírita do mundo", afirma a antropóloga francesa Magda Aubrée, autora do estudo *Mesa, o Livro e os Espíritos*, um levantamento da abrangência do espiritismo que acaba de ser concluído na França, onde a doutrina nasceu há mais de 100 anos.

A expansão do espiritismo, mesmo que numericamente se expressa, chama mais a atenção por arrebatar boa parte de seus adeptos em redutos inesperados da classe média alta, entre políticos e empresários tradicionalmente ligados, pelo menos publicamente, ao catolicismo. Frequentam centros

espíritas — e não faz nenhum segredo disso — gente como o senador Mário Covas, de São Paulo, que toma passes e assiste a palestras sobre a doutrina, e a atriz Beth Goulart, que aos 12 anos leu um livro espírita e passou a se interessar pela doutrina. O ex-bicampeão mundial de boxe Eder Jofre acredita comunicar-se com o pai, Kid Jofre, morto em 1974. O empresário Antonio Ermírio de Moraes, dono do grupo Votorantim, e o senador Eduardo Matarazzo Suplicy, do PT de São Paulo, embora não sejam freqüentadores, admitem vez ou outra recorrer aos serviços espirituais de uma médium paulista. "Não acho que a vida seja apenas uma reação química que a morte interrompe", diz Er-

mírio, que se define como católico, mas recebeu ajuda quando sua mulher enfrentou um grave problema de saúde. Também Suplicy acredita ter sido favorecido. Seu filho André foi atropelado por um carro e precisou ser operado. Perdeu o baço, um

terço de um rim e, depois de quinze dias de UTI, teria que ser submetido a outra cirurgia para estancar uma hemorragia. "Uma espiritualista interveio e a operação não foi mais necessária", diz Suplicy.

PRINCÍPIOS ESSENCIAIS — Sistematizada pelo pedagogo francês Allan Kardec, na obra *O Livro dos Espíritos*, de 1857, no auge do movimento positivista do século passado, a doutrina espírita praticamente desapareceu no seu país de origem. Não há mais de 1 000 kardecistas na França. Eles já foram 500 000 no final do século passado. Quando chegou ao Brasil em 1869, trazido pelo jornalista baiano Olimpio Telles de Menezes, o espiritismo

O avanço do kardecismo

Há quarenta anos, apenas 1,6% dos brasileiros se declaravam espíritas. Hoje, eles já são 4,6% da população, ou seja, existem no país 6,9 milhões de adeptos da doutrina que Allan Kardec codificou na França, no século passado



VEJA, 10 DE ABRIL, 1991

Lições do além

Dos dez cursos oferecidos pela Federação Espírita de São Paulo, o mais procurado é o de médium. Em trinta anos, já passaram por ali 80 000 alunos, dos quais 48 000 se formaram médiuns. A frequência funciona como um termômetro para medir o crescente interesse pelo kardecismo no Brasil. Há 7 000 alunos estudando espiritismo, 70% dos quais pertencem à classe média, com instrução superior. Vinte anos atrás, estudavam ali apenas 400 pessoas. Para dar conta da crescente procura, a Federação Espírita de São Paulo está construindo um novo prédio, com dezesseis andares



o provocou maiores reações. Seu crescimento foi lento até meados deste século e a multiplicação só se acelerou há duas décadas. "O que torna a difusão ainda mais nível é o fato de ela ocorrer na classe média e, cada vez mais, na classe média alta", constata a antropóloga Aubrée. Sendo a pesquisadora francesa, a doutrina cresce porque seus pilares essenciais oferecem aos adeptos uma enorme margem de consolo para toda a sorte de dissabores. Especialmente atraente para os novos seguidores, segundo anotou a estudiosa, é a reencarnação, a crença de que o ser humano é habitado por um espírito que em vidas anteriores já esteve em outros corpos e que voltará ao mundo depois da morte para lutar novamente em algum homem ou mulher.

A idéia da reencarnação, que ameniza o medo da morte, ganha um poder de atração maior ainda quando chega às mãos de uma pessoa desesperada. Nesse caso, fica mais fácil aceitar a perda de um ente querido ou mesmo enfrentar uma doença considerada incurável pela medicina. Afinal, se os espíritos deixam um corpo para depois voltar a outro, a morte torna-se uma viagem com passagem de ida

e volta — e não um mergulho num abismo escuro e desconhecido. Outro poderoso estímulo da doutrina são as "curas espirituais" para males físicos e psíquicos. Para quem acredita nos ensinamentos de Kardec, as maiores tragédias são não apenas explicáveis como assimiláveis emocionalmente. A lógica do espírito é simples: a própria pessoa que sofre pediu a Deus a chance de reencarnar na Terra e passar por aquela provação para, assim, se livrar de um "débito cármico" — ou seja, algum mal feito em vidas passadas que precisa ser expiado para que o espírito volte a ter paz.

As teses espíritas — algumas muito próximas de outras manifestações de orientação metafísica, como a umbanda, o candomblé e as religiões orientais — estão de tal forma disseminadas que uma delas, a psicografia, a escrita dos espíritos através dos médiuns, já foi aceita como prova num julgamento. Em 1985, o bancário João Francisco Marcondes de Deus, de Mato Grosso do Sul, acusado de ter matado intencionalmente a mulher, Gleide Maria, ex-Miss Campo Grande, foi absolvido pelo júri popular, depois de apresentar cartas do além que o inocentavam. O juiz permitiu

que o advogado de defesa entregasse aos jurados cópias de cartas psicografadas, atribuídas ao espírito de Gleide Maria, nas quais ela garantia a inocência do bancário. As mensagens foram psicografadas por Chico Xavier, de Uberaba, o mais famoso médium do Brasil. A defesa apresentou três mensagens atribuídas à ex-miss em que ela dizia que o marido a matara acidentalmente, ao manusear a arma do crime, um revólver calibre 38. Os espíritas referem-se também com naturalidade a orientações e mensagens enviadas por pessoas que já morreram. O poeta e crítico paulista Décio Pignatari, um intelectual respeitado que nem espírito é, diz ter recebido, em 1981, dezessete poemas ditados a ele pelo escritor Oswald de Andrade. Oswald morreu em 1954.

DIREITOS AUTORAIS — A crença na reencarnação e na comunicação com os mortos, aceita e defendida pela umbanda e pelo candomblé, tem no espiritismo kardecista uma abordagem diferente. Nas sessões espíritas não baixam espíritos de índios e pretos velhos, que fumam charutos de má qualidade e bebem cachaça barata. "Não é que eles não apareçam", explica

A fé do senador

O senador Mário Covas, do PSDB de São Paulo, freqüenta a Igreja Católica e um centro espírita de Santos, onde toma passes e assiste a palestras doutrinárias. Ele não quer ser chamado de espírita, mas de espiritualista. "Não vejo incompatibilidade entre as duas fés", diz Covas. "A busca do bem é a mesma." Covas também já consultou médiuns para problemas de saúde, e garante que obteve melhoras. "Se acredito que a vida continua, por que não admitir a existência de vidas passadas?", indaga ele



um teórico do espiritismo, o procurador aposentado Djalma Lúcio Gabriel Barreto, conhecido por ter ajudado, apenas com suas habilidades de mortal, a desbaratar o esquadrão da morte de São Paulo, na década de 70. "Nós é que não deixamos que eles se manifestem nas sessões." Um médium kardecista que se preze só recebe espíritos bem-comportados. Os registros do espiritismo dizem que Chico Xavier, por exemplo, já incorporou 605 autores falecidos, 328 dos quais poetas, que vão do português Antero de Quental aos brasileiros Olavo Bilac e Castro Alves. A família do escritor Humberto de Campos, que o médium de Uberaba psicografou com o pseudônimo de "Irmão X", chegou a mover-lhe um processo no qual exigia o pagamento de direitos autorais pela obra póstuma do parente. A Justiça decidiu que a lei não podia ser aplicada ao caso, pois se desse ganho de causa à família estaria oficialmente aceitando que Humberto de Campos poderia continuar escrevendo mesmo depois de morto. Houve enorme repercussão, e o mais famoso crítico literário da época, o temido Agripino Grieco, foi chamado

a dar sua opinião a respeito da autenticidade de obras psicografadas por Chico Xavier e atribuídas a autores famosos. Grieco teve uma saída antológica. "Não tenho opinião sobre o processo em si, mas está claro que a morte faz muito mal ao estilo das pessoas", disse o crítico. Os espíritos não se abalaram. Segundo eles, as flutuações de estilo observadas entre textos do autor em vida e outros produzidos depois da morte deveriam ser atribuídas não a uma fraude do médium, mas

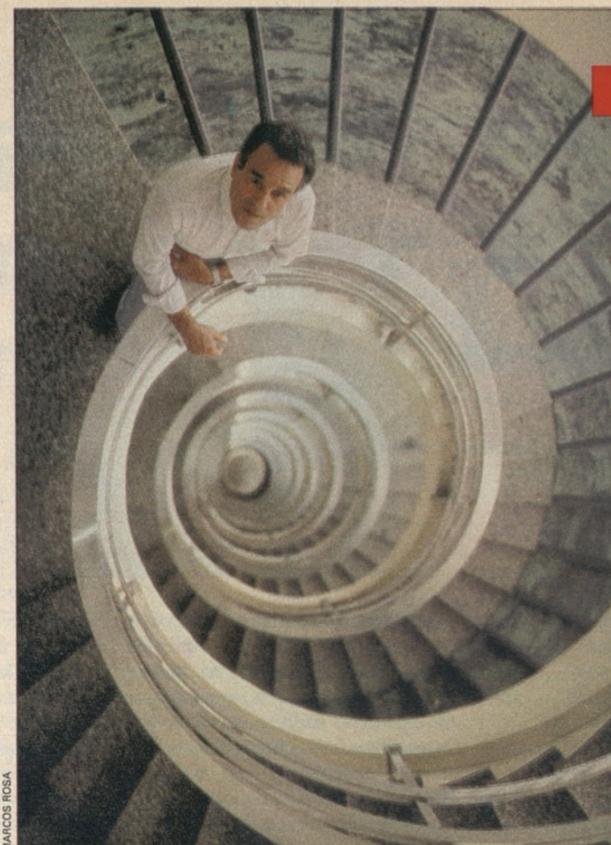
mento desse aperfeiçoamento.

FASCÍNIO CONSOLADOR — Como já acontecendo com os novos adeptos, seitas evangélicas, a quase totalidade dos brasileiros que se convertem ao espiritismo são pessoas que nasceram católicas e não, vindo da terra de Tiradentes". Os tal foram batizadas e criadas. Em números absolutos, essa migração impressionante — o equivalente à população de Maceió — trocaram de percurso. A mensagem de

exatamente ao choque do espiritismo. cesso de "desencarnação" a das razões que costumam apontadas para explicar essa morte modifica mesmo a migração é o aspecto consolo do kardecismo. Uma mãe perde um filho não precisa erar a própria morte para doblé por recusar o sincero, como acreditaria se católica ou protestante — pior ainda, não teria esperança alguma, caso fosse desiste. No espiritismo, basta ir quem abre os trabalhos — uma sessão num centro de médium ou médiuns que o pontos e tentar falar com o que desencarnou. Quem dam a organizar as sessões ontrou esse consolo vai sessão geralmente com ter manter para sempre a com a leitura de um te que o proporciona. "Perdi doutrinação, seguida de Iré, meu único filho, procu- menos um transe mediúnico uma igreja católica, mas termina logo depois de o fiquei satisfeita com o meno cessar. O espírita, ndimento que recebi", conta disso, tem de fazer caridade Lidia Gugliome, de Cada centro sustenta pelo mpinas. "Só encontrei conosco uma entidade benéfica num centro espírita. Um — um asilo, um lar de médium recebeu o espírito do ças, uma casa de mães sdré e eu falei com ele. Anras. "Sem a caridade não está bem."

salvação", afirmou Kardec. Os espíritos têm também in- espírito, segundo ele, ve- pretações próprias de gran- mundo para se purifica- episódios — e milhões de caridade é um poderoso in- soas acreditam na sua vera-

NELLIE SOUTRECK



MAÍRCOS ROSA

Conselho de pai

O ex-bicampeão mundial de box Eder Jofre afirma já ter sido ajudado por um espírito dentro do ringue. Em 1975, um ano depois da morte de seu pai e treinador, Kid Jofre, ele estava no vestiário se preparando para uma luta importante e não sabia que tática deveria usar. Eder conta que pediu mentalmente o socorro do pai e, segundo diz, o espírito do velho Kid lhe enviou por telepatia a seguinte mensagem: "Caminhe, não se afobe, mantenha a guarda alta". Eder afirma que seguiu o conselho e ganhou a luta

Chico Xavier não falava em posse, mas apenas em eleição. Além disso, Tancredo era para eles a reencarnação de Joaquim Silvério dos Reis, inconfidente e traidor de Tiradentes. O calvário do presidente e a sucessão de cirurgias a que ele foi submetido teriam sido uma espécie de "purificação do seu espírito".

VONTADE DE CHORAR — Os espíritos se beneficiaram muito da onda mística que tomou autores exóticos como o bruxo

Paulo Coelho e a atriz Shirley MacLaine leituras obrigatórias em certos círculos. Embora vejam com desconfiança esses neo-espiritualistas e estejam sempre se cobrando um maior apego aos escritos originais de Kardec, os espíritos acabam sendo vistos por leitores de Coelho e MacLaine como integrantes da maré mística, o que os livra da discriminação que historicamente sofreram no país. A atriz Beth Goulart testemunhou essa discriminação. "No começo, tinha medo de dizer que era espírita", conta ela. "Sentia uma espécie de intimidação da parte das outras pessoas. Hoje não tenho mais medo, pois o preconceito acabou." Também a atriz Luiza Tomé, depois de esconder durante anos a sua intimidade com os espíritos, com receio de ser discriminada, não se constrange em abordar o assunto. "Descobri que era médium ao participar de uma sessão", diz Luíza. "Meu coração começou a bater forte e senti uma incontrolável vontade de chorar."

A Igreja Católica começa a ficar preocupada com tantas conversões. Todos os departamentos de cultura religiosa das doze universidades católicas

Os cinco pilares da doutrina elaborada por Allan Kardec

Ao ser lançado na França, no século XIX, o espiritismo se definiu como uma doutrina ao mesmo tempo religiosa, filosófica e científica. Allan Kardec, que se apresentou como seu codificador, afirmou que o mundo dos espíritos é tão real e passível de contatos quanto o mundo material. A seguir estão explicadas as cinco principais crenças do espiritismo.

■ **A TRINDADE HUMANA** — Conforme os espíritos, o homem é formado por um corpo, um espírito e um perispírito. A função do perispírito — o invólucro do espírito — é estabelecer um elo entre o espírito e o corpo. O que os médiuns enxergam, quando estão em transe, não é o espírito, que é energia pura e, portanto, invisível. É o perispírito.

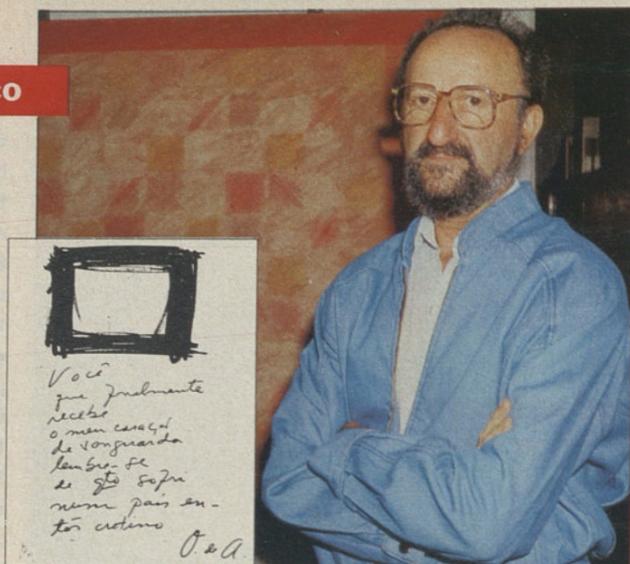
■ **REENCARNAÇÃO** — O kardecismo não acredita no Juízo Final e no inferno. Os demônios cristãos são apenas espíritos inferiores. Não há penas eternas. O espírito se purifica em diferentes vidas. À medida que se educa, vai se educando. A dor e o sofrimento são instrumentos de evolução do espírito.

■ **TEORIA DO CARMA** — É uma espécie de conta corrente, de vigência indeterminada, mas que pode ser alterada pelo livre-arbítrio humano. O espírito acumula dívidas ao longo de sua existência em virtude de atos malfeitos praticados ao longo de suas múltiplas reencarnações. Para zerar a conta, é preciso expiar esses atos a cada encarnação.

■ **SALVAÇÃO PELA CARIDADE** — O verdadeiro espírita não deixa de ajudar a quem precisa de ajuda. Seus centros e federações mantêm asilos, orfanatos e casas para mães solteiras. Segundo os kardecistas, caridade representa um fator fundamental no aperfeiçoamento e na evolução do espírito. Kardec afirmou que fora da caridade não existe salvação.

Verso mediúnico

Ao ver um pássaro-preto mergulhar na chaminé de sua casa de campo, próximo a São Paulo, o poeta, escritor e crítico Décio Pignatari entrou em transe, mesmo não sendo espírita. Com um pincel atômico, psicografou versos que atribuiu a Oswald de Andrade, morto em 1954



existentes no país têm hoje especialistas em espiritismo. "Nas aulas, sempre há alunos com dúvidas sobre o kardecismo", afirma a irmã Erinida Gheller, coordenadora do Departamento de Cultura Religiosa da PUC do Rio Grande do Sul. Na sua opinião, o espiritismo avança no Brasil por um refluxo da Igreja Católica. "Sua doutrina, de fácil compreensão, preenche o vazio espiritual que existe atualmente", diz a irmã Erinida. Outro fator para a propagação do espiritismo, segundo a irmã Erinida, é a politização dos padres. "A classe-média acha que a religião deve se ocupar apenas da alma das pessoas", diz ela.

CURAS ESPIRITUAIS — É surpreendente que, ao contrário dos pentecostais, o kardecismo se propague no Brasil sem proselitismo. Ninguém encontrará um evangelizador espírita, com *O Livro dos Espíritos* embaixo do braço, fazendo pregação numa rua ou praça pública. Os kardecistas tam-

bém não hostilizam as outras religiões nem exigem exclusividade de seus adeptos. Uma pessoa pode freqüentar ao mesmo tempo o centro espírita e a igreja de seu bairro ou cidade. O padre pode achar isso ruim. Os espíritas, não. Anos atrás, o frei Boaventura Kloppenburg, hoje bispo de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, fez conferências e escreveu livros contra o kardecismo. Pouco depois, uma campanha semelhante foi empreendida pelo padre Oscar González Quevedo, de São Paulo. Os dois fizeram acusações pesadas ao espiritismo. Disseram, entre outras coisas, que os fenômenos kardecistas eram coisas deste mundo, que não passavam de fenômenos provocados pela mente humana, que os médiuns eram, na sua maioria, farsantes.

Na sua organização, os espíritas também são flexíveis. Não há qualquer hierarquia rígida, centros de poder ou uma personalidade que empalme todo o comando do

nessa atividade. Alguns desses médiuns dedicam às "curas espirituais", mas o verdadeiro kardecista desconfia do médium que enfia um canivete no olho de alguém diante de platéia, para operá-lo com a tência espiritual. No centro espírita, ninguém toca sequer no doente que tenta livrá-lo de algum mal físico. O médico Gastone Righi, do PTB de São Paulo, já se socorreu de um desses serviços. A pessoa próxima a ele — cuja identidade o deputado prefere não revelar — ficou com um mioma (um tumor no útero) que precisava de qualquer cirurgia. "Foi uma coisa espantosa", diz o deputado. "O mioma desapareceu completamente um mês depois."

DEFINIÇÃO DE SAÚDE — Um dos sinais de vitalidade de uma doutrina é a sua sobrevivência com o tempo. No espiritismo brasileiro, isso se reflete no surgimento de grupos de pesquisas sobre a doutrina de Kardec em algumas universidades públicas, como a Unicamp, de Campinas, há um grande interesse pelos fenômenos espíritas, inclusive entre especialistas de áreas como Física, Quântica, Matemática e Medicina. Em 1986, por exemplo, realizou-se na Unicamp, com o apoio de sucesso, o congresso "Espiritismo: mente e matéria". Um dos organizadores foi o professor de psicologia Nubor Facure, então professor da Faculdade de Medicina. O fato de se encontrar um espírita na figura de pesquisador da área de saúde em uma universidade de primeira linha é uma demonstração clara de como o espiritismo saiu do âmbito de uma doutrina marginal para se tornar uma porção influente do país.



Desde criança

Filha de pais espíritas, a atriz Beth Goulart se iniciou nessa doutrina aos 12 anos ao ler um livro de Kardec. Hoje até dá passes em amigos. No cinema, Beth trabalhou em uma versão mediúnica do incêndio do edifício Joelma, em São Paulo: "O ator é por natureza meio espírita, pois vive várias vidas", compara

sistema, como em muitas outras religiões. O movimento kardecista é descentralizado. Há uma Federação Brasileira de Espiritismo, com sede no Rio de Janeiro, à qual estão filiadas as 26 federações estaduais do país, mas seu papel é apenas fornecer normas e suporte logístico. Algumas federações, como a de São Paulo, são preocupadas com a formação dos médiuns e mantêm cursos para formá-los. Nas últimas três décadas já passaram por eles 48 000 alunos. Não há nenhuma objeção, no entanto, a uma pessoa qualquer, matriculando-se para se comunicar ou receber ordens dos espíritos, exercite-se livre-

O bispo não é santo

Quem é Edir Macedo, que comprou a Record e vive cercado pelas línguas de fogo de Brasília

J.A. DIAS LOPES

Resolveram pegar o bispo para Cristo. Nos últimos dois meses Edir Macedo Bezerra, 46 anos, casado, três filhos, já foi acusado de contrabando, charlatanismo, curandeirismo e de lavar dinheiro para traficantes de droga da Colômbia. No Rio de Janeiro, como qualquer pai de família, Edir Macedo casou sua filha mais velha, Cristiane, de 17 anos. Os principais jornais do país não deixaram de doar. Macedo foi criticado por ter feito a cerimônia num dos hotéis mais caros de São Paulo, o Colonial. Também se falou mal do casamento porque os seguranças usavam smoking e porque não havia bebidas alcoólicas nem cinzeiros à disposição dos 400 convidados.

É o cúmulo", diz Edir Macedo. "O mínimo que se poderia esperar no casamento da filha de um pastor evangélico é que não fosse permitido fumar nem beber." Fundador e líder da Igreja Universal Reino de Deus, a instituição pentecostal que mais cresce no país, Edir Macedo tem modos de um menino bem-comportado, voz é de contratado e, longe dos estádios esportivos onde atua para seus fiéis, é capaz de argumentar com a serenidade de um pediatra. De uns tempos para cá, no entanto, o bispo está deixando seu próprio pentecostes — aquele dia registrado pela televisão em que o Espírito Santo teria baixado nos apóstolos de Jesus Cristo sob a forma de línguas de fogo. As labaredas consomem escritórios decorados com quatro tapetes persas — com selo de garantia no verso — e três lustres art nouveau, nas vizinhanças do Aeroporto de Congonhas, onde ficam os estúdios da TV Record, que ele comprou há um ano e meio. As línguas de fogo de Brasília dizem que depois de passar a vida multiplicando pães e orações o bispo será obrigado a comer o pão que o diabo amassou. É o mesmo caso de certo na capital federal que, cedo ou tarde, a Record vai sumir de suas mãos na mesma velocidade com que se dissipou a fortuna de Nabucodonosor, o rei da Babilônia.

Contra Edir Macedo se diz que não se deve dar uma emissora de rádio ao chefe supremo de uma igreja — ainda que nada se tenha a ver com o fato de só a Igreja Católica possuir cerca de 150 emissoras de rádio pelo país inteiro. A imprensa brasileira só o chama de bispo entre aspas, o que é uma forma de preconceito, mas não há dúvida de que Edir Macedo é uma criatura especial. Os bispos católicos são nomeados pelo papa (sem aspas), enquanto que Edir Macedo se autoneomeou para o posto em 1988, dois anos depois de fundar sua igreja. Terceiro entre os sete filhos de um pequeno comerciante de Rio das Flores, no Rio de Janeiro,

PERFIL

Edir Macedo é um cidadão que teve um começo de vida difícil. Durante mais de uma dezena de anos foi funcionário da Loterj, a loteria de seu Estado, num desses empregos que se arruma na base do favor político. Seu padrinho foi o ex-governador Carlos Lacerda. Com um gosto especial pela matemática, tentou um diploma universitário, mas acabou desistindo de cursar a Escola Nacional de Ciências Estatísticas, do Rio de Janeiro, quando já havia atingido o 2º ano. A vida do bispo era tão dura, nessa época, que ele e sua mulher, Ester Eunice, namoraram por três anos antes de juntar dinheiro para comprar os móveis para casar. Além do emprego na Loterj, Edir Macedo fazia bicos. Em 1970, por exemplo, reforçou seus ganhos trabalhando como pesquisador no censo do IBGE.

Com os poucos cabelos bem cortados e aparados, hoje em dia Edir Macedo é uma dessas pessoas que dá a impressão de que acabou de sair do banho. Os ternos são sempre em tons discretos, cinza ou azul. Só emprega palavras com as quais tem familiaridade e gosta muito de números. Cultiva o temor aos seqüestros comum à categoria dos empresários e é simples, direto e claro quando fala de negócios. Como boa parte dos executivos de empresas prósperas, Macedo pratica esportes. A diferença é que, em vez de sair de casa com uma raquete de tênis debaixo do braço, ele carrega um popular par de chuteiras para um campo de futebol que existe junto à Record. Em campo, Macedo usa a camisa número 9, de centroavante, e é daquele tipo que não joga para o time, mas para si próprio. Adora ficar plantado nas imediações da área adversária, esperando a bola chegar para fazer o gol. O bispo é um artilheiro competente, mas os companheiros de equipe reclamam que ele não gosta de dar passes para os outros e que prefere fazer tudo sozinho. Edir Macedo não é uma pessoa que gosta de externar suas opiniões pessoais a respeito de assuntos terrenos. Uma das poucas exceções é sua convicção de que um dos mais graves problemas nacionais é o crescimento demográfico. O bispo estimula seus pastores a adotar filhos em vez de gerá-los e ele próprio dá o exemplo. De seus três filhos, o mais novo, Moisés, 6 anos, é adotivo. Para o controle da natalidade, recomenda a vasectomia. Dos 2 700 pastores de sua igreja, trinta já se submeteram a essa cirurgia.

Edir Macedo tem uma vida confortável. Reside num apartamento de 1 200 metros quadrados na Chácara Flora, situada no filé mignon imobiliário de São Paulo, e mantém duas Mercedes na garagem. Ali também estaria a BMW que comprou por 26 milhões de cruzeiros de uma concessionária carioca, não tivesse o automóvel sido apreendido pela Polícia Federal sob a suspeita, sem fundamento, de ter sido contrabandeada, num episódio que o levou a prestar depoimento numa delegacia. "Nunca pensei que fosse passar por tamanha humilhação", diz. O bispo não é de ir a festas, mas já foi visto em restaurantes caros. Adora as churrascarias da moda, aquelas que vez por outra garantem a seus clientes um retrato numa coluna social e onde não se janta por menos de 7 000 cruzeiros. Edir Macedo

Como boa parte dos executivos prósperos, Macedo pratica esportes. A diferença é que, em vez de sair de casa com uma raquete de tênis debaixo do braço, ele carrega um par de chuteiras

VEJA, 17 DE JULHO, 1991



..., pintado como homem na Capela Sistina, por Michelangelo: sexo em xeque

INST. GEOGRÁFICO DE AGOSTINI/PIRONTI

Obra polêmica

Processo rápido beatifica criador da Opus Dei

Cada época tem seus santos e o papa João Paulo II é pródigo em fazê-los (125 canonizações e 660 beatificações em catorze anos de pontificado, mais do que todos seus predecessores neste século). Mas poucas vezes se verão tanta celebração, por um lado, e tanta controvérsia, por outro, quanto no próximo domingo, dia 17, quando o papa anunciar solenemente que um novo beato, o padre espanhol Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás (1902-1975), sobe à honra dos altares, podendo ser objeto de culto público. Fundador da Opus Dei, a mais poderosa associação católica leiga dos tempos modernos, Escrivá criou uma organização regida por princípios empresariais de eficiência, tão reservada quanto controversa.

O processo de beatificação começou seis anos após a morte do monsenhor Escrivá e teve um andamento em tempo recorde. No livro *A Fábrica de Santos*, o jornalista americano Kenneth Woodward sustenta que a Opus Dei, com 75 000 membros em todo o mundo, recrutados majoritariamente no topo da pirâmide social, se tornou tão poderosa na hierarquia católica que teria pressionado o papa a apressar a beatificação. A idéia de que João Paulo II se curve a esse tipo de pressão parece absurda, embora seja notória sua simpatia pela Opus Dei. Mas Woodward enumera outras peculiaridades. A principal testemunha foi dom Alvaro del Portillo, confessor de Escrivá e seu sucessor no comando da Opus Dei. Praticamente não houve testemunhas em contrário e não se levaram em conta as relações de Escrivá com a ditadura do

general Franco nem suas simpatias pelo nazismo, descritas no livro por ex-colaboradores do padre espanhol. "A beatificação de Escrivá era um objetivo estratégico da Opus Dei para legitimar e consolidar sua ação de poder paralelo na Igreja", afirma o autor americano. "Todas essas acusações foram desmentidas no processo de beatificação", responde o porta-voz da Opus Dei em Roma, Giuseppe Corigliano.



OPUS DEI

O beato Escrivá: recorde

RELIGIÃO

sexo de Deus angélicos dos EUA dizem o Criador era mulher

sexo de Deus alimenta uma nova polêmica americana. Na Califórnia, irmãs da Igreja Evangélica Congregacional trocaram o pronome "Ele", com a Bíblia refere-se ao Criador, pelo nome "Ela". "Deus era uma mulher", Mary Ellen Kilsby, pastora da Igreja congregacional. "As virtudes do Criador características das mulheres, não dos homens", pontifica. Não é uma iniciativa isolada. A Igreja Metodista Unida Americana também parou de dar tratamento masculino ao Todo-Poderoso. Ele agora é "Ele e Mãe" nos cultos metodistas.

A mudança começou a tomar corpo por influência de grupos feministas. A Bíblia escrita num tempo em que a sociedade era patriarcal e foi traduzida para o idioma das sociedades também patriarcais. Nada é natural que a mulher esteja em segundo plano no texto bíblico. Há oito anos, igrejas evangélicas americanas atenderam ao apelo dos grupos de direitos das mulheres e lançaram uma versão da Bíblia em que a carga de preconceitos foi amenizada. Deus ganhou uma referência assexuada: "Ser soberano" em vez de "Pai". O termo deixou de ser "negro" para não ofender os católicos de etnia africana.

A discussão contaminou os teólogos. A Bíblia atribui a Deus a imagem de um homem já em seu primeiro capítulo. Segundo o livro do Gênesis, Deus criou o homem à sua imagem e semelhança. Depois criou a mulher, para fazer companhia ao homem. Se Adão foi criado à semelhança do Criador, então Ele, Deus, parece-se

com Adão. Isso era certo até algum tempo atrás. Hoje, ofende a sensibilidade de muita gente. A discussão é uma tolice porque muita coisa na Bíblia precisa ser tomada em sentido figurado e as pessoas sabem disso. O ser humano não nasceu de um punhado de barro, o mundo não foi criado em seis dias e a história da maçã... bem, nem as crianças acreditam nessa fábula. "O livro do Gênesis deve ser entendido como uma metáfora", diz Joseph Hough, da Escola de Divindade da Universidade de Vanderbilt, nos Estados Unidos.

BARBAS OU SEIOS — Para algumas religiões cristãs, como a luterana, Deus continua a ter a figura masculina que a Bíblia descreve. Tanto essa idéia como a tese de que Deus é mulher resultam da tradicional dificuldade dos seres humanos em pensar de forma abstrata. É mais fácil imaginar Deus como uma pessoa de carne e osso, homem ou mulher. Difícil é levar essa concepção aos seus limites lógicos. Se Deus tem barbas ou seios, por que motivo lógico não teria também bexiga e intestinos e por qual razão não seria suscetível à lei da gravidade, que o faria esborrachar-se na Terra, desabando de algum lugar no firmamento? Nesse campo, os católicos encontraram uma forma de não ofender a inteligência de seus fiéis. O Vaticano não se pronuncia oficialmente a respeito do tema. Cada católico que imagine Deus conforme sua sensibilidade indicar. ■

3.6.92 V

Bispo no xadrez

Edir Macedo é preso por curandeirismo

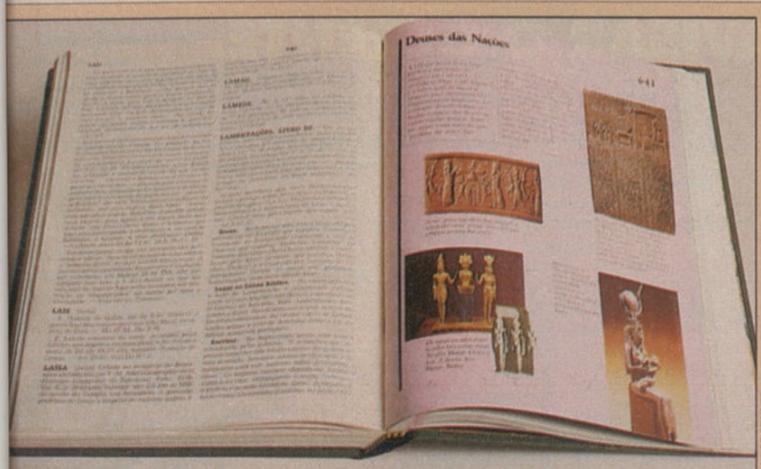
O bispo Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus e dono da Rede Record, é alvo de quase uma dezena de inquéritos policiais e ações na Justiça. No domingo 24, Macedo foi preso em São Paulo e passou a semana recolhido numa cela especial de uma delegacia de polícia. Mas não foi desta vez que os promotores conseguiram incriminá-lo por delito de colarinho branco, sonegação fiscal ou por manter ligações com traficantes de drogas, os três grandes pecados que os inquéritos lhe atribuem. Macedo teve sua prisão preventiva decretada pela prática de curandeirismo, charlatanismo e estelionato. Ele é acusado de iludir seus fiéis com curas milagrosas e de forçá-los a doar dinheiro para sua seita. "A igreja do bispo extorque dinheiro dos fiéis, que são obrigados a fazer doações compulsórias nos cultos", acusa o promotor Gabriel Cesar de Inellas, um dos autores da denúncia contra Macedo.

Todas as religiões dependem da contribuição financeira de seu rebanho. A igreja de Macedo está sendo no fundo acusada de fazer a mesma coisa, só que com um marketing mais agressivo. O destino que dá ao dinheiro arrecadado, a compra de emissoras de rádio e de uma rede de televisão que custou 45 milhões de dólares, merece ser investigado como qualquer negócio com dinheiro de origem pública que acaba nas mãos de meia dúzia de espertalhões. Na cadeia, o bispo conheceu primeiro o purgatório, depois o inferno. Preso no domingo, Macedo foi recolhido a uma cela especial no 91º Distrito Policial, bairro de Vila Leopoldina. Ganhava esse privilégio porque alegou ter concluído um curso superior em teologia. Recebia visitas a qualquer hora e despachava com seus assessores num escritório na delegacia, com telefone e máquina de escrever. Também podia gravar na prisão seu programa diário na rádio Record. Na quinta-feira, a polícia descobriu que o diploma do bispo pode não ser reconhecido pelo Ministério da Educação e as mordomias começaram a minguar. As visitas foram reduzidas e cogitava-se transferir o bispo para uma cela comum de distrito policial. ■



WILSON VAS MACHIAS / O GLOBO

RELIGIÃO



O Estudo Perspicaz das Escrituras: 2 500 páginas e mais de 4 000 verbetes num estudo minucioso e exaustivo sobre cada um dos personagens, cidades e acontecimentos citados na Bíblia

A fé organizada

As Testemunhas de Jeová lançam o mais completo dicionário das Escrituras, baseado numa rigorosa pesquisa histórica

As Testemunhas de Jeová, cristãos fundamentalistas que reúnem 330 000 membros no Brasil, acabam de lançar um dicionário em três volumes que se propõem a revelar a origem de cada um dos personagens, cidades e acontecimentos citados na Bíblia. O livro, intitulado *Estudo Perspicaz das Escrituras*, foi lançado na semana passada com uma tiragem inicial de 100 000 exemplares. É o mais completo dicionário bíblico publicado no Brasil. Em obras semelhantes assinadas por teólogos católicos e evangélicos, todas

as Testemunhas de Jeová se recusam a interpretar as *Escrituras* como fazem teólogos católicos e evangélicos. É isso que faz do dicionário uma rica obra de referência. Pode-se discordar de algumas conclusões dos verbetes, mas chama a atenção o levantamento exaustivo das diversas traduções bíblicas e a busca do sentido exato de cada palavra. Em 1988, o novo dicionário foi publicado nos Estados Unidos. A tradução para o português demorou quatro anos e ficou pronta há algumas semanas. Cada volume custa

dimensões modestas das 2 500 páginas e de 4 000 verbetes do dicionário das Testemunhas de Jeová. O livro é as raízes etimológicas das palavras citadas na Bíblia, numa leitura para qualquer leitor ou estudioso das Escrituras.

O dicionário foi escrito a partir de uma pesquisa histórica singular, em que os dogmas e dogmatismos são explicados de maneira estritamente a partir dos registros bíblicos.

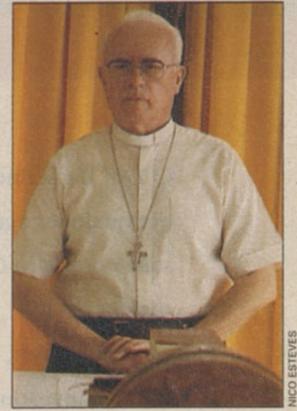


"O dicionário abusa da subjetividade. Não há passagem bíblica que acuse os judeus de desprezarem Cristo"

HENRY SOBEL, rabino

"As Testemunhas de Jeová negam a tradição cristã erguida a partir do Novo Testamento"

D. BOAVENTURA KLOPPENBURG, bispo de Novo Hamburgo



37 000 cruzeiros, mas a coleção não está à venda em livrarias, apenas em templos das Testemunhas de Jeová.

O dicionário chega a revelar curiosidades, como a origem da palavra aposentadoria. Nos tempos de Moisés, a nação dos levitas integrava uma federação de povos que dividia um mesmo território. Segundo o dicionário, Jeová, o nome próprio de Deus, determinou que os levitas ministrariam os serviços religiosos para as demais tribos e que deveriam se dedicar a esse trabalho entre os 25 e 50 anos de idade. Foram os primeiros aposentados da História.

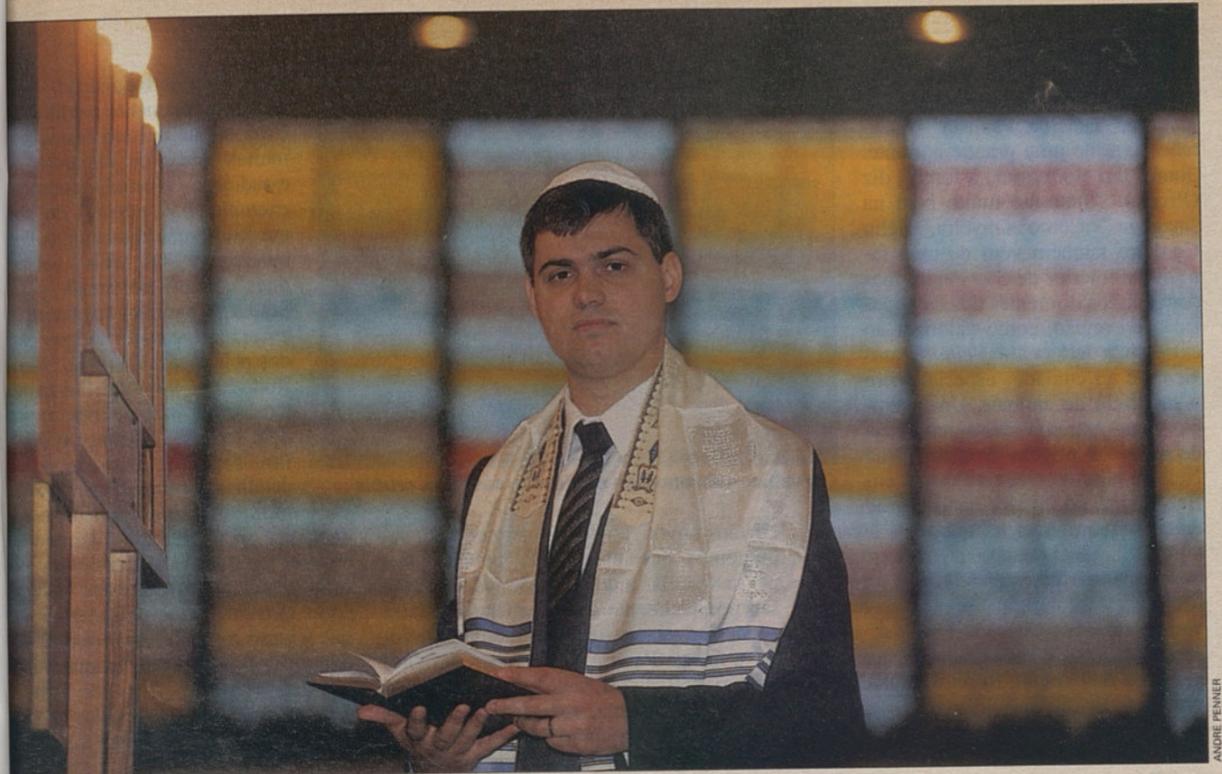
SEPULTURA — As Testemunhas de Jeová mapearam diversas traduções das escrituras e dizem que encontraram vários erros de interpretação. Chegaram à conclusão, por exemplo, de que o inferno não existe. Segundo eles, as palavras *seol*, do hebraico, e *hades*, do grego, foram traduzidas erroneamente como "inferno". Querem dizer, na verdade, "sepultura". A partir dessa descoberta, as Testemunhas de Jeová concluíram que a vida eterna propalada pelo catolicismo não existe. Para as Testemunhas de Jeová, os mortos não vão nem para o céu nem para o inferno. Vão simplesmente para a sepultura.

Tais interpretações atraem críticas de outras religiões que também se baseiam na Bíblia. "O dicionário abusa da subjetividade", diz o rabino Henry Sobel, que se queixa do verbe "Judas", segundo o qual todo o povo judeu desprezou Cristo no episódio de sua morte. "Não há nenhum trecho da Bíblia que informe isso", diz o rabino. O bispo católico de Novo Hamburgo, dom Boaventura Kloppenburg, concorda com a avaliação de Sobel: "Eles não levam em consideração toda a rica tradição cristã".

M. Lb.: Wer je am Meer den Untergang der Sonne beobachten konnte, - und Bruder Eberhard hat dies bei seinen Wanderungen nach Skandinavien oft getan, diesen letzten Augenblick, wenn die Sonne am Horizont ankommt, diesen unbeschreiblichen Glanz über der Meeresoberfläche, der ahnt, was es heißt: die lichterfüllte Seele des Menschen versinkt im ewigen Licht Gottes.

Wenn wir jetzt unseren Bruder zu Grabe tragen, dann ist Karfreitag konkret geworden in unserem Leben - Ostern aber auch: denn seit dem Karfreitag und der Osternacht wissen wir, dass das Leben nicht im Tode endet - mitten wir im Tod sind vom Leben umfungen: Seine Geschichte vom Tod und der Auferstehung ist der Grund unserer Hoffnung, der Dreh und Angelpunkt unseres Glaubens.

Der Herr segne und behüte dich Eberhard, er zeige Dir sein Angesicht und erbarme sich Deiner. Er wende dir sein Antlitz zu und schenke dir den Frieden. Der Herr segne dich und nehme Dich auf in seine ewiges Reich..



Paulista Hélio Daniel Cordeiro, convertido: curiosidades sobre o parentesco com os cristãos-novos

RELIGIÃO

Raízes à mostra

Descendentes de judeus convertidos à força buscam suas origens em pesquisas acadêmicas e na volta à sinagoga

Condenado à fogueira pela Inquisição portuguesa em 1640, o judeu Antônio Saraiva conseguiu escapar de Lisboa, atravessou o Atlântico provavelmente a bordo de um navio holandês e veio dar os primeiros passos no Nordeste brasileiro. Ele se estabeleceu no interior do Ceará, criou família e, para escapar à perseguição religiosa, afastou-se definitivamente do judaísmo, criando como católicos seus filhos e netos. Mais de 350 anos depois, o paulista Flávio Mendes Carvalho desenterrou a origem judaica de Saraiva e de 6 000 outros judeus brasileiros portugueses mortos, torturados e degredados pela intolerância eclesial entre o final do século XV e o século XVIII. Carvalho, que se descobriu descendente de Antônio Saraiva, celebra as festas tradicionais e escolheu para os filhos nomes hebraicos, Hannah, Itzhack e Raquel. O resultado de seu trabalho, uma lista siste-

mática de nomes e condenações, está no livro *Raízes Judaicas no Brasil — o Arquivo Secreto da Inquisição*, distribuído pela Federação Israelita do Estado de São Paulo.

Carvalho é um dos muitos casos de brasileiros descendentes de judeus convertidos à força ao catolicismo no passado que estão se reencontrando com o rito judaico. Passam a estudar a *Torah*, os escritos sagrados dos hebreus, e respeitam os feriados como o Yom Kippur, o Dia do Perdão, celebrado há duas semanas. Outro descendente de judeus conversos, Hélio Daniel Cordeiro coordena em São Paulo a Sociedade Hebraica para o Estudo do Marranismo. Na Espanha medieval católica os judeus eram chamados depreciativamente de "marra-

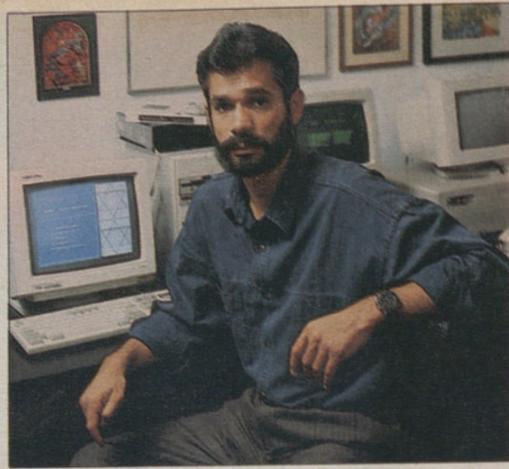
nos", ou porcos, mas o termo marranismo passou à história como um símbolo de resistência à perseguição religiosa. "Em dois anos de funcionamento já fomos consultados por pelo menos duas centenas de pessoas à procura de orientação sobre como pesquisar melhor seu passado judaico", diz Cordeiro. Ele calcula que pelo menos 15 milhões de brasileiros teriam algum parentesco com cristãos-novos, outro nome dado aos judeus convertidos à força. "O número de pessoas que têm alguma noção disso não deve ultrapassar 1 ou 2 milhões."

"CORRENTE" — Distribuídos por todo o país, os cristãos-novos costumam ter em comum vagas referências familiares dos ancestrais perseguidos e uma série de pequenas e vagas tradições, às vezes praticadas em sigilo. É o caso do engenheiro químico Walter Rubens de Oliveira, criado numa fazenda do Vale do Paraíba, em São Paulo. Desde pequeno, ele via a mãe acender lâmpadas a óleo na sexta-feira à noite — uma prática típica dos judeus ibéricos. Sua família também não comia carne de porco e o avô paterno chegou a contratar um açougueiro encarregado de respeitar as regras dietéticas judaicas, como sacrificar os animais sem dor. Há alguns



anos Oliveira decidiu submeter-se ao processo de conversão na Congregação Israelita Paulista. "Fazemos parte de uma grande corrente. Somos um elo retirado à força", diz Oliveira. "Sinto-me muito bem na sinagoga." Como Oliveira, Hélio Cordeiro também vem de uma família do interior de São Paulo, mas com hábitos diferentes dos da população da região, como valorizar ao extremo a leitura do *Velho Testamento* e ter cuidados especiais com o sacrifício de animais. Um exemplo mais extremo dessa tendência de volta às origens é o de Fisoa Nelson, nascido Nelson Pessoa, em Bebedouro, no interior paulista. Ele emigrou para Israel há sete anos levando toda a família, quando já tinha passado dos 60 anos. Investigando a origem de seus pais, descobriu que seus antepassados vieram do Marrocos, via Portugal, e que seu sobrenome é uma tradução literal do hebraico Ben Adam. Recém-separado, ele voltou ao Brasil, mas pretende voltar para Israel no próximo ano para rever os filhos e montar uma fábrica de sorvetes.

A lista de nomes e condenações copiada por Flávio Carvalho, um especialista em informática sem treino de historiador, nos arquivos portugueses mostra que muitos



Carvalho: sobrenomes comuns e castigos cruéis

cristãos-novos adotaram largamente sobrenomes que atualmente pouca gente pensa vincular a um passado judaico. Não são possivelmente de ascendência judaica apenas os sobrenomes inspirados em árvores e frutas (Pereira, Oliveira e Carvalho) ou em animais (Leão, Lobo), como se admite comumente, mas também outros mais tradicionais como Moreira, Fonseca e Alvarenga. "Ter um sobrenome desses não significa automaticamente uma ascendência judaica", diz Carvalho. A compilação mostra que não havia uma regra fixa na escolha do sobrenome quando se trata-

va de fugir da Inquisição. "Só me parece aparentemente católico Cruz ou até mesmo Jesus, e muitas vezes de disfarces", diz o estudioso. O estudo enumerou, por exemplo, 450 pessoas de sobrenomes Rodrigues perseguidas por inquisidores. Os dois sobrenomes mais comuns no Brasil — Souza — também aparecem em muitas listas dos judeus condenados pela Igreja Católica. Nos sobrenomes Rodrigues, Silva ou Souza, os judeus passaram, mas mudaram o primeiro nome. A listagem de nomes fornece informações detalhadas sobre datas, regiões e profissões dos condenados.

de nomes aporuguesados, de modo que os cultores de árvores genealógicas se quiserem, tentar encontrar eles (veja quadro abaixo). Carvalho diz que a partir de 1497, ano em que os judeus foram expulsos de Portugal ou obrigados a converter-se, cerca de 100 mil judeus tinham sido condenados — muitos deles, foragidos, receberam a pena de morte. Milhares, sem dúvida, vieram para o Brasil. Diz Carvalho: "Sinto-me culpado pela possibilidade de voltar à cultura. Tenho pena de quem a não conseguiu recuperar-la".

Rodrigues, Souza, Silva...

Com 6 000 casos, o livro *Raízes Judaicas no Brasil* contém a mais completa lista de nomes, sobrenomes, profissões e até endereços de judeus brasileiros e portugueses perseguidos pela Inquisição. Há histórias famosas como a do teatrólogo carioca Antônio José da Silva, o Judeu, queimado em Lisboa em 1739. Cem de seus parentes foram também perseguidos pelos juizes católicos. Pessoas que conseguem rastrear a origem de seus antepassados por vários séculos podem verificar nas fichas fornecidas pelo livro se têm eles com algum dos condenados. A seguir, alguns casos narrados no livro:

■ João Dique de Souza, senhor de engenho no Rio de

Janeiro, entregou suas três filhas a um convento, mas mesmo assim foi queimado em Lisboa em 1714. Seus outros três filhos foram condenados ao cárcere.

■ Também dono de engenho, Manoel de Paredes foi preso pela Inquisição em 1727 e condenado a degredo em Angola. Todas as suas terras, onde fica hoje o bairro de Jacarepaguá, no Rio de Janeiro, foram confiscadas pela Igreja.

■ Aos 4 anos, Miguel Telles da Costa foi separado de seus pais, torturado e condenado pela Inquisição. Criado por uma família católica no interior

de Portugal, conseguiu esconder sua condição de judeu e chegou ao posto de capitão-mor da Vila de Parati, no Rio de Janeiro. Denunciado, foi preso, torturado e acabou enlouquecendo.

■ Branca Rodrigues, 17 anos,

filha do plantador de cana do Rio de Janeiro Ayres Miranda foi condenada ao cárcere com seus sete irmãos.

■ Joanna Gomes da Silva, 55 anos, e Thereza Mendes de Jesus, 56, foram condenadas ao degredo e foram torturadas e mortas em 1739.

■ Belchior da Silva, 30 anos, filho do capitão Luiz Vieira Mendanha da Silva, plantador de cana no Rio de Janeiro, foi condenado ao cárcere por 10 anos em 1713. Sua mãe, Clara de Jesus, e seus três irmãos receberam a mesma condenação.



Inquisição: conversão ou morte na fogueira

tragmörder zu entwaffnen.³²⁶ Sie machte weit-
deuten solle. Schwester Dorothy war immer
ter darauf aufmerksam, dass das Gewehr
schlieÙlich eine Waffe sei, mit dem der Klein-
bauer zum Jagen geht und mit der er sich im
Notfall gegen Auftragskiller verteidigen könne,
was aber keine Rechtfertigung von Gewalt be-

3.4 Zur mangelnden Strafnutz in Landkonflikten – der Fall Stang

Der Mord an Schwester Dorothy Stang hat
nicht nur in Brasilien sondern auch in vielen an-
deren Ländern für Erschütterung gesorgt. Die-
in Porto de Moz im Bundesstaat Pará betand, als
kam es, dass Umweltschutzministerin Marina Silva sich
sich der Mord an Schwester Dorothy ereignete, da-
on und das Machtpotential der Oligarchie. Sie
sie als Ehrengast zur feierlichen Einweihung des
hatten eine ihrer ärgsten Gegenspielerinnen ge-
Naturschutzprojekts „Verde para sempre“, „Grün
für immer“, eingeladen war. Als ihr die Nachricht
von Stangs Ermordung übermittelte wurde, ließ
man ihr zudem von Großgrundbesitzern und
Holzfabrikanten ausrichten, dass dies ein „Denk-
zettel“ für sie als Ministerin und für die brasiliani-
sche Regierung sei. Mit diesem Gewaltverbrechen
ermordung mit einem Freudenfeuerwerk, das
wollten die Reichen und Mächtigen die Politiker
sie über der Stadt Anapu abschossen. Gewalt ist
ihre Antwort auf die Vorschläge einer nachhal-
tigen Entwicklung des Amazonasgebietes. Ihr
Ziel ist es, gemeinnützige Organisationen zu
schwächen und den Widerstand der Landarbeit-
ter niederzuschlagen. Die, die sich so wie die
mühtige Ordensfrau, stark machen für die Rechte
der Kleinbauern, für Gerechtigkeit auf dem
Land und für Umweltschutz, stehen ganz oben
auf ihren Todesslisten.

Schaut man sich die jüngste Geschichte des
Amazonasgebietes an, fällt auf, dass das Beside-
den. Die, die Dorothys Mord mit unterstütz-
Menschenwürde in Anapu Wirklichkeit wer-
den. Die, die Dorothys Mord mit unterstütz-
lungsmo- und Gewinnorientierung ausgerich-
tend, in welcher Weise auch immer, können
völlig unbeheilig weiteragieren, da sie wegen
fehlender konkreter Beweise mit keiner Strafe
Infrastruktur investiert und Großgrundbesitzer
zu rechnen haben. Die beiden Auftragsmörder
Rayfran das Neves Sales und Clodoaldo Batista,
stark subventioniert. Die Rechte der ursprüng-
lichen Bevölkerung und der Kleinbauern hinge-
gen wurden missachtet und zudem missbrauch-
te man sie noch als billige Arbeitskräfte.³²⁹ Umso-
erstau- dem Großgrundbesitzer und Sägewerkinhaber

326 Ebd., oder in Barbosa, S. 54. Zitat im Original: „Já fizemos isso várias vezes, mas elas, a Polícia de Anapu e da região são tam-
bém contra nós e do lado dos grileiros e madeiros. Quando a polícia aparece por lá, ao invés de desarmar os pistoleiros, ela
prende e toma as espingardas dos trabalhadores.“
327 Sobrinho, S. 39.
328 Vgl. Sach 13,7; Jer 23,1; Mt 26,31; Mk 14,27.
329 Vgl. Sauer, S. 15.
330 Ebd., S. 14-15.
331 Interview mit Bischof Erwin Kräutler, Altamira, 31.10.2006.

RELIGIÃO

Fé explosiva

Censo protestante revela:
fiéis abrem quase um templo evangélico
por dia no Rio de Janeiro

ELIANE AZEVEDO

Os evangélicos são o grupo religioso que
mais cresce no Brasil. O fenômeno é
hecho mas pouco estudado. Ninguém
hoje havia medido o ritmo do avanço
das seitas cristãs não católicas numa grande
área urbana do país. O Instituto de Estudos
de Religião, Iser, do Rio de Janeiro, acaba
de preencher esta lacuna. O instituto divul-
gou na próxima semana os resultados do
censo completo das igrejas evangélicas
instaladas nos treze municípios do Grande
Rio. O levantamento do Iser mostra que
a cada dia abre-se um novo
templo evangélico na área metropolitana do
Rio, onde a população quase chega aos 10
milhões de pessoas.
Nove em cada dez dos 673 novos templos
criados nessa região foram pentecostais, a
nominado mais recente do protestantismo,
cujos cultos são marcados por hinos,
orações de cura e misticismo. No mesmo
período, foram abertos 214 centros espíritas
e apenas uma paróquia católica. Na cidade
do Rio de Janeiro, onde, a exemplo da
média nacional, cerca de 70% de seus 5,4
milhões de habitantes se mantêm católicos,
quase 12% de sua população já é protestan-
te. “Mapeamos 80% do universo evangélico
no Rio de Janeiro”, diz o antropólogo
Rubem César Fernandes, diretor do Iser e
coordenador do censo.

O avanço dos evangélicos é
maior nos bairros pobres e en-
tra na população pouco instruí-
da. De cada sete protestantes
pariocios, seis moram no centro
ou na periferia da cidade e
apenas um na Zona Sul. Na
Baixada Fluminense, um bol-
so de miséria e criminalidade,
os crentes são 20% dos habi-
tantes. A Conferência Nacional
dos Bispos do Brasil calcula
que anualmente 600 000 cató-
licos estejam se afastando da
Igreja. Para o pesquisador in-

glês David Martin, autor do livro *Línguas
de Fogo: A Explosão do Protestantismo
na América Latina*, as seitas crescem no
continente porque restituem a individuali-
dade aos pobres, que se sentem valoriza-
dos nos cultos. “Quando o migrante pobre
chega à cidade a única instituição que
genuinamente se preocupa com ele é a
Igreja Evangélica”, diz Martin. “Ali ele
não é um número ou um problema. Ele é
bem-vindo como ser humano e, melhor,
sente que Deus gosta dele.” “Hoje me
sinto importante para Deus e isso me dá
uma paz e uma alegria que eu nunca tive”,
diz a secretária Regina Ferreira da Silva,
19 anos, uma ex-católica que hoje fre-
qüenta a Comunidade Evangélica da Zona
Sul, no bairro do Flamengo.

PLACAR DESFAVORÁVEL — A pesquisa do
Iser demorou um ano e meio para ficar
pronta e encontrou 3 935 instituições pro-
testantes no Rio, Niterói e Baixada Flu-
minense, das quais 3 498 eram templos.
Para fazer o censo, o instituto examinou
os cadastros de entidades e das próprias
igrejas e vasculhou o Diário Oficial do
Estado do Rio de Janeiro, no qual são
publicados os registros de fundação de
novas igrejas. O levantamento realizado
pelo Iser se deparou com um dado sinto-



A ex-católica Regina da
Silva: “Tenho a paz e a
alegria que nunca tive”



Culto pentecostal no Rio...

mático do avanço das seitas: a suprema-
cia dos pentecostais em relação aos pro-
testantes históricos. Das igrejas mapeadas
pela pesquisa, 61,1% eram de religiões
pentecostais contra 38,9% das históricas.

O Iser só conseguiu traçar uma compa-
ração rigorosa entre o número de igrejas
católicas e templos protestantes nos mu-
nicípios de Duque de Caxias e São João
de Meriti. Isso porque a maioria das
dioceses católicas dispõe de informação
apenas sobre o número de paróquias, que
não corresponde exatamente à
quantidade de capelas. Como
a diocese de Duque de Caxias
e São João de Meriti era a
única com um levantamento
sobre o número de igrejas em
sua área, o Iser limitou a com-
paração a esses dois municí-
pios — e o placar não foi nada
favorável aos católicos. Foram
identificados 515 templos pro-
testantes contra 237 católicos
— uma proporção de dois pa-
ra um. “O crescimento do
pentecostalismo está ligado à
migração do interior para a
grande cidade”, diz o cardeal-
arcebispo do Rio de Janeiro,
dom Eugênio Salles. “Esses



...de Janeiro: mais de 60% dos templos protestantes

migrantes encontram nos templos evangélicos uma prática mais parecida com a de sua igreja católica rural.”

PROMESSAS — Originário de um cisma dentro da Igreja Católica, o mundo protestante é dividido em várias religiões. Mas suas ordens podem ser agrupadas em duas grandes categorias. De um lado, há as religiões históricas, igrejas fundadas a partir da reforma luterana em 1517 até o século XIX. Nessa categoria, figuram os batistas, presbiterianos e metodistas. Do outro lado, aparecem as seitas pentecostais, movimentos religiosos mais recentes que se caracterizam pela crença na ação milagrosa do Espírito Santo, baseada na narrativa bíblica do Dia do Pentecostes. Esses movimentos acreditam no dom da cura e ministram cultos eletrizantes aos seus fiéis.

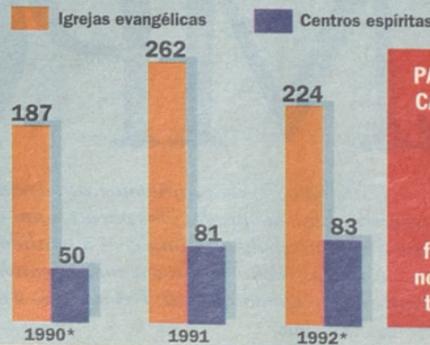
Entre os pentecostais, pode-se incluir desde a Assembléia de Deus, criada no Brasil em 1911, até denominações fundadas nos últimos vinte anos, como a Igreja Universal do Reino de Deus, do bispo Edir

VEJA, 16 DE DEZEMBRO, 1992

Macedo. “As promessas de rápida ascensão financeira são outro fator que leva as pessoas para essas igrejas”, afirma o pastor presbiteriano Jaime Wright, ligado à Teologia da Libertação. No próximo ano, o instituto vai utilizar a mesma metodologia da pesquisa entre os evangélicos para realizar o Censo Institucional dos Espíritas. Também para o ano que vem ficou o plano mais ambicioso: fazer um censo dos fiéis evangélicos e não apenas das igrejas.

O avanço das seitas

Número de novas instituições religiosas criadas a cada ano no Rio de Janeiro



Fonte: Iser

Onda de choque

Ordenação de mulheres gera protestos

Inspiradas na histórica decisão da Anglicana da Inglaterra em aceitar a ordenação de mulheres, as feministas da Finlândia lançaram uma reivindicação inédita na semana passada. Elas pedem que a figura do Papai Noel ganhe uma companheira do sexo feminino. A criação de uma Mãe Noel não é uma questão de igualdade entre os sexos”, diz o pastor tradicionalista — em geral migrante da Finlândia. O desejo das finlandesas é apenas uma reação folclórica diante de um novo posicionamento da Igreja Anglicana inglesa, que está provocando sérios protestos nas alas tradicionalistas do país.

Num recente artigo no jornal *Herald*, o ex-bispo de Londres Leonard aconselhou os fiéis anglicanos a mudar de Igreja. Em seu livro, ele aconselha os fiéis anglicanos a mudar de Igreja. Em seu livro, ele aconselha os fiéis anglicanos a mudar de Igreja. Em seu livro, ele aconselha os fiéis anglicanos a mudar de Igreja.

1300 sacerdotisas anglicanas no mundo, sobretudo nos Estados Unidos. O primeiro caso de uma mulher sacerdotisa ocorreu em 1978, na Nova Zelândia. Na Inglaterra, há atualmente 1300 sacerdotisas anglicanas esperando sua vez de serem ordenadas. Segundo o recém-editado *Catecismo* do Vaticano, só os homens podem ser os representantes de Deus num altar, visto que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.

Os crentes da pesada

Com muito rock religioso e uma pregação tolerante, uma igreja evangélica conquista fiéis na classe média

Está surgindo no país uma versão moderna, mais liberal e classe média do cristianismo tradicional — em geral migrante de países de língua inglesa. Atualmente perdido nas grandes cidades, o novo evangelismo é da pesada. Ele surgiu no país uma versão moderna, mais liberal e classe média do cristianismo tradicional — em geral migrante de países de língua inglesa. Atualmente perdido nas grandes cidades, o novo evangelismo é da pesada. Ele surgiu no país uma versão moderna, mais liberal e classe média do cristianismo tradicional — em geral migrante de países de língua inglesa.

Com um público que os evangélicos tradicionais não conseguem alcançar, os pastores da Renascer aconselham os fiéis a mudar de Igreja. Em seu livro, ele aconselha os fiéis anglicanos a mudar de Igreja. Em seu livro, ele aconselha os fiéis anglicanos a mudar de Igreja.

1300 sacerdotisas anglicanas no mundo, sobretudo nos Estados Unidos. O primeiro caso de uma mulher sacerdotisa ocorreu em 1978, na Nova Zelândia. Na Inglaterra, há atualmente 1300 sacerdotisas anglicanas esperando sua vez de serem ordenadas. Segundo o recém-editado *Catecismo* do Vaticano, só os homens podem ser os representantes de Deus num altar, visto que Deus criou o homem à sua imagem e semelhança.

Pastor Estevam, da Renascer, e a atriz Virgínia Nowicki: “Jesus não é careta”

RELIGIÃO

Cremonesi, 46 anos, professor da Universidade de São Paulo, um ex-católico não praticante que se tornou um ativo membro da Renascer há quatro anos. “Mas agora me sinto realmente perto de Deus.”

No mês passado, a Renascer foi notícia em São Paulo por ter comprado um dos



maiores cinemas da cidade, com 850 lugares. A igreja está transformando a gigantesca sala de projeção de filmes num centro de recuperação de drogados, outro público-alvo em que investe para conquistar novos fiéis. Ainda no filão assistencialista, a igreja distribui cestas básicas para favelados. Os alimentos são doados pelos fiéis mais abastados que freqüentam seus shows de música. A sala de cinema paulista não foi a primeira aquisição da Renascer. Antes de comprar esse imóvel, a igreja já possuía sede própria e mais dois antigos cinemas em São Paulo, que foram convertidos em palco de shows religiosos e cultos. No Rio de Janeiro, onde está associada com a Comunidade Evangélica da Zona Sul, a Renascer chacoalha sua fé nos antigos cines Lido I e II, na Praia do Flamengo. “Parei de ouvir MPB e hoje só gosto de rock religioso”, diz o carioca Judson Paiva Santos, um administrador de empresas que freqüenta há três anos e meio a Comunidade Evangélica.

CURAS E DÍZIMO — Em comum com as igrejas evangélicas mais conhecidas como a Universal do Reino de Deus do bispo Edir Macedo, dono da Rede Record, a Renascer tem a adoração pelos meios de comunicação, especialmente os eletrônicos. Em São Paulo, ela controla a programação de uma rádio, a Imprensa FM, que só toca músicas religiosas. Para fazer sua mensagem chegar a todo o país, o pastor Estevam comanda desde outubro do ano passado um programa de uma hora nas manhãs de sábado pela Rede Manchete, o *Espaço Renascer*. Outras coincidências com as demais igrejas evangélicas são as suspeitas sessões de curas físicas e a cobrança disciplinada do dízimo. Os métodos de atuação pouco ortodoxos da Renascer são alvo de críticas não só no mundo católico, mas também nas igrejas protestantes. “A Renascer só possui uma embalagem moderna, mas o seu conteúdo teológico é bem tradicional e gera alienação e um individualismo exacerbado”, afirma José Bittencourt Filho, pesquisador do Centro Ecumênico de Documentação e Informação. Cedi, e pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil.

VEJA, 21 DE ABRIL, 1993

ma sociedade mais justa e humana. Cremos que tudo sera cumprido pela mudança pol-



As mulheres no seminário: prédio principal ocupado e homens nos fundos

padre e duvidavam das cerimônias celebradas por mim”, lembra.

VONTADE DE DEUS — Depois que Carmem quebrou as barreiras, as mulheres literalmente invadiram o seminário. “Só pode ser a explosão de uma vontade que está reprimida há muito tempo”, diz o seminarista Walter Erwin Gress, acostumado a conviver com outras sete colegas. Elas são jovens de classe média baixa, idealistas e cheias de planos. “Depois que me ordenar, quero voltar para a minha cidade e ajudar a população carente”, diz a catarinense Marcia Mara Kerber, 23 anos, aluna do terceiro ano do seminário e ex-católica. Atualmente, dos 34 países que integram a Comu-

nhão Anglicana, apenas quinze, entre eles o Brasil, permitem que as mulheres celebrem uma missa. A Inglaterra, por exemplo, só terá uma reverenda em 1994. A decisão foi tomada neste ano no Sínodo: uma reunião em que o bispo, os reverendos e até os leigos têm direito a voto. “A Igreja Católica coloca uma série de empecilhos para a vida religiosa. Uma coisa essencial na Anglicana é a liberdade que ela nos dá”, diz Marinez Santos, 22 anos, seminarista e noiva do reverendo Eduardo Grillo, 28 anos.

A Igreja Católica abomina a idéia. “Não há como fazer democracia em teologia. A religião deve ser determinada pela vontade do Senhor”, rebate o bispo católico de Novo Hamburgo, dom Boaventura Kloppenburg. “Não é possível admitir mulheres para a doutrinação porque a Igreja Católica não pode mudar o que Jesus determinou. Nenhum dos apóstolos era mulher.” Enquanto a Igreja Católica resiste até hoje ao divórcio e à maior participação das mulheres nas atividades religiosas, a Igreja Anglicana já nasceu moderninha e democrática da insurgência de Henrique VIII contra a Santa Sé. O rei inglês rebelou-se porque Roma se recusou a anular um de seus casamentos. Em 1534, ele criou, então, a sua própria Igreja e de uma tacada só se livrou da pressão do papa e da mulher, Catarina de Aragão. A Igreja Anglicana difere da Católica também na organização. Sua hierarquia termina no episcopado. A figura do papa não existe. Cada bispo é responsável por algumas paróquias e individualmente pode decidir, por exemplo, se quer ou não ordenar reverendas. ■

RELIGIÃO

Saias no templo

No seminário anglicano de Porto Alegre já há duas mulheres para cada homem que estuda para ser reverendo

A Igreja Episcopal Anglicana tem um rebanho de 70 000 fiéis no Brasil. É muito pouco. Mas o sucesso dessa denominação cristã não deve ser medido apenas pelo número de seguidores. A Igreja Anglicana é um triunfo sem igual pela atração que exerce sobre as mulheres desde 1985, quando o episcopado anglicano brasileiro passou a permitir a ordenação de “reverendas”. Dos 121 clérigos anglicanos espalhados pelo país, 72 são mulheres. Se o ritmo de ordenação continuar, em breve elas serão maioria. No seminário anglicano nacional, em Porto Alegre, as sete seminaristas do curso ocuparam o prédio principal e relegaram a seus três colegas homens na casinha de madeira nos fundos do terreno. Parece uma reunião do clube da luzinha: elas são jovens, usam minissaias, decote e falam de seus namorados nas horas de folga.

Ou seja, são jovens normais que nas horas de estudo se submetem à dura rotina da formação de quem pretende vestir a alva e a estola para sempre — os dois paramentos que caracterizam o sa-

cerdote anglicano. “A mulher tem a religiosidade em sua índole e é natural o seu interesse pelo sacerdócio”, diz o reverendo Jubal Neves, secretário-geral da Igreja no Brasil. A Igreja Anglicana professa um cristianismo menos carola, o que dá a suas paróquias um ar mais descontraído, com muitas atividades esportivas e artísticas. Foi essa liberdade que atraiu para a Igreja a reverenda Anésia Nascimento de Jesus, 30 anos. “Com 10 anos eu fui à escola dominical anglicana e encontrei um monte de crianças brincando”, conta ela. “Fiquei muito à vontade. Nunca mais saí daqui.” Ela é uma das treze mulheres ordenadas no país e cuida da paróquia de Cachoeirinha, no Rio Grande do Sul. Recém-ordenada, Anésia escapou de enfrentar a mesma resistência encontrada pela colega de sacerdócio Carmem Ethel Gomes. Em 1985, ela era a primeira e única mulher com direito a rezar missa, fazer casamentos e realizar batizados. Seu pioneirismo custou-lhe alguns maus bocados. “Quando cheguei à paróquia as pessoas não sabiam se me chamavam de



O Banco Rural investe na mais alta tecnologia  Home Banki

total eficiência nos serviços e operações efetivas, por computador, telefo

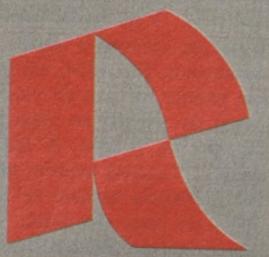
 fax e agora até na palma da mão, com o exclusivo Rural PalmBanki

o menor e mais avançado terminal de Banco. 

Cliente do Banco Rural ganha na hora certa, não precisa mesmo misturar

dia  com a  noite ou perder o fim-de-semana e tem tempo pa

investir no melhor dos negócios: Viver!



Banco
RURAL

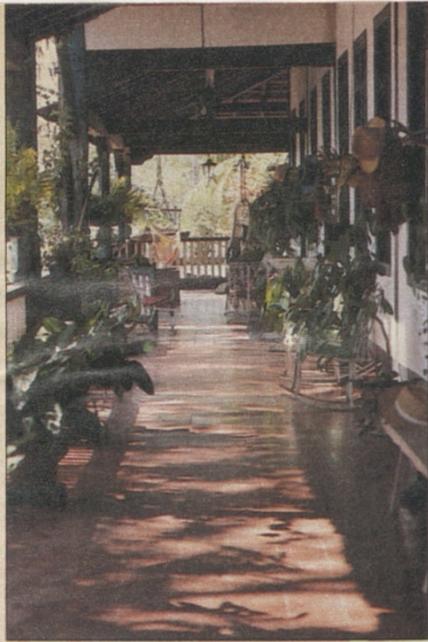
D O B A N C

GRIECHISCHE KOLONISATION

»Wie Frösche um einen Teich«

Der Handel florierte, die Gemeinwesen wuchsen, kurz: Griechenland boomte im 8. Jahrhundert v. Chr. Und dennoch brachen Kolonisten zu neuen Gestaden auf – waren sie die Verlierer des Aufschwungs?





LUIS GARRIDO

Se a intenção é fazer programa de mochileiro, é bom lembrar que, por mais bem-disposto que seja, o visitante não irá longe se não houver quem o oriente sobre os códigos do território. Há histórias tão folclóricas como sinistras a respeito de turistas desavisados que acabam vítimas da truculência de coureiros da região. "O aventureiro fatalmente se perderá", avisa o agente de turismo Toni Cotrin, que inaugura neste mês um tour de nove dias para jovens, com os mesmos passeios, a preços convidativos.

DIRETO DO JAPÃO — No norte do Estado estão os hotéis mais procurados pelos turistas estrangeiros. Acessíveis apenas por barco ou avião, oferecem cenário exclusivo e um estilo totalmente preservado de turismo. "Estamos esperando um grupo que vem direto do Japão para o hotel", adianta Jorge Cunha, operador do Hotel Porto Cercado. Em seus trinta apartamentos, o Cercado tem uma estrutura surpreendente para quem pensa que vai acampar no meio do mato: suítes, sala de jogos e quadras esportivas.

Para quem gosta muito de jacaré mas prefere manter uma distância segura dos imprevistos da natureza, a opção urbana de pacotes desemboca no Hotel Eldorado Cuiabá. Até o fim do mês o braço mato-

grossense da cadeia tem uma programação com a TAM que dá a quem viaja companhia três dias de hospedagem gratuita, nos finais de semana. O programa inclui um tour de oito horas no Pantanal ou na Chapada dos Guimarães. O pacote tem todos os luxos de um cinco estrelas de grande cidade. "Eu tive mais ainda, porque na época em que eles incluíam no pacote um passe helicóptero", vangloria-se o publicitário José Carlos Stabel, 58 anos, turista assíduo e ginecologista ocasional. "Ter um apartamento esportiva", avalia.

O Pantanal de Mato Grosso é um dos mais inóspitos cercados de superproduções de acesso rápido. Os meios de acesso vão desde o ônibus-leito com TV e vídeo até o helicóptero especialmente para a ocasião "chegar ao paraíso". A Fazenda Rio Negro, por exemplo, que acolheu a novela *Malhação*, recebe seus curiosos hóspedes em um campo de 50 quilômetros de Campo Grande, com campos preparados para os pousos de helicópteros mono ou bimotores, ao preço de 700 dólares por viagem. "Já fui muitas vezes, mas nessa excursão fiz um passeio diferente, com passeios de chalana grande, de 5 metros, que comporta oito passageiros) e longas caminhadas", relata o veterano Luiz Fernando Gelpi, 50 anos, que é também alpinista e praticante de trekking. Ele, como muitos ecovisitas da região, voltam sempre os viciados em "pegar um jacaré".

A fauna preservada

A degradação ambiental do Pantanal, um dos ecossistemas mais ricos do planeta, sempre foi bandeira dos ecologistas de carteirinha. Alardeava-se que a caça predatória estava dizimando os animais da região. Um estudo conduzido por seis cientistas do Centro de Pesquisa Agropecuária do Pantanal, da Embrapa, revelou que a situação não é tão feia quanto se imaginava. Através de um método inédito no país, o levantamento aéreo da fauna, os pesquisadores descobriram, por exemplo, que o cervo do Pantanal, espécie considerada em extinção, vai muito bem de saúde. Estimada em cerca



ROSA GAUDIANO

VEJA, 14 DE JULHO, 1993

de 7 000 em 1978, a família dos cervos cresceu. Na verdade, segundo os cientistas da Embrapa, eles são 36 000.

O método é simples, mas eficaz. Um avião sobrevoa o Pantanal em ziguezague, a 60 metros do solo, enquanto três cientistas contam visualmente

os grupos de animais num espaço de até 200 metros de distância do avião. O levantamento só serve para identificar animais de grande porte. Além do cervo do Pantanal, ele já mapeou as populações de veado-campeiro (cerca de 20 000), capivara (685 000) e tuiuiú, a ave consagrada na novela (20 000). O jacaré é um dos

poucos animais que fazem a conta dos ecologistas: ele, de fato, está desaparecendo da região. Pesquisa, no entanto, mostra boas notícias em relação à flora. O ritmo de desmatamento na região diminuiu de 1991 para 1992. No Pantanal, 4,5% de área já havia sido desmatada. Em 1991, se a taxa de desmatamento continuasse igual, demoraria dois anos para que essa área dobrasse. No ano passado, a taxa de desmatamento mostrou que serão necessários dois anos para que essa área duplique.

Ninhal: cientistas da Embrapa refazem as contas dos ecologistas

RELIGIÃO

Sexo e apocalipse

Polícia argentina lança blitz contra membros da seita dos Meninos de Deus e prende brasileiros

Na terça-feira passada, a polícia de Buenos Aires mobilizou 180 homens para uma de suas maiores operações nos últimos meses. Não se tratava de uma caçada a traficantes de drogas ou a assaltantes de bancos. O alvo da operação era o complexo de sete casas onde estava instalada a sucursal argentina dos Meninos de Deus, uma seita egressa da agitação hippie nos Estados Unidos dos anos 60 e notória pelas histórias de prática indiscriminada de sexo entre seus integrantes, inclusive crianças. A batida policial, provocada pela denúncia de uma americana que acusou a seita de seqüestrar seus quatro filhos, ocorreu justamente num momento em que os Meninos de Deus estão empenhados numa campanha de relações públicas para desfazer sua fama de pervertidos. Agora, a barra sujou outra vez. A polícia argentina prendeu trinta adultos e recolheu 268 menores ao todo. Todos foram submetidos a exames médicos, inclusive de Aids. Onze dos detidos — oito menores e três adultos — são brasileiros. Os adultos responderão pelo crime de "associação ilícita, seqüestro e violação dos direitos humanos da criança".

Ex-integrantes asseguram que abusos sexuais de crianças e incestos são rotina entre os Meninos de Deus — que, agora, atendem pelo nome de A Família. Segundo o promotor argentino Carlos Villafuerte, uma fita de vídeo apreendida em Buenos Aires mostra cenas de uma relação sexual entre pai e filha e de garotos se masturbando diante de adultos. A imprensa não teve acesso a essas fitas e especula-se que possa haver exagero na versão do promotor. Também está sendo investigada a suspeita de que os missionários dos Meninos de Deus comandariam uma rede multinacional de prostituição infantil.

Essas acusações são repelidas com veemência pelos dirigentes do movimento, espalhado por mais de cinquenta países, incluindo o Brasil, onde aportou

Casa do grupo em Buenos Aires: denúncias de abuso sexual de crianças

VEJA, 8 DE SETEMBRO, 1993



Membros da seita, em São Paulo: "Somos conservadores"



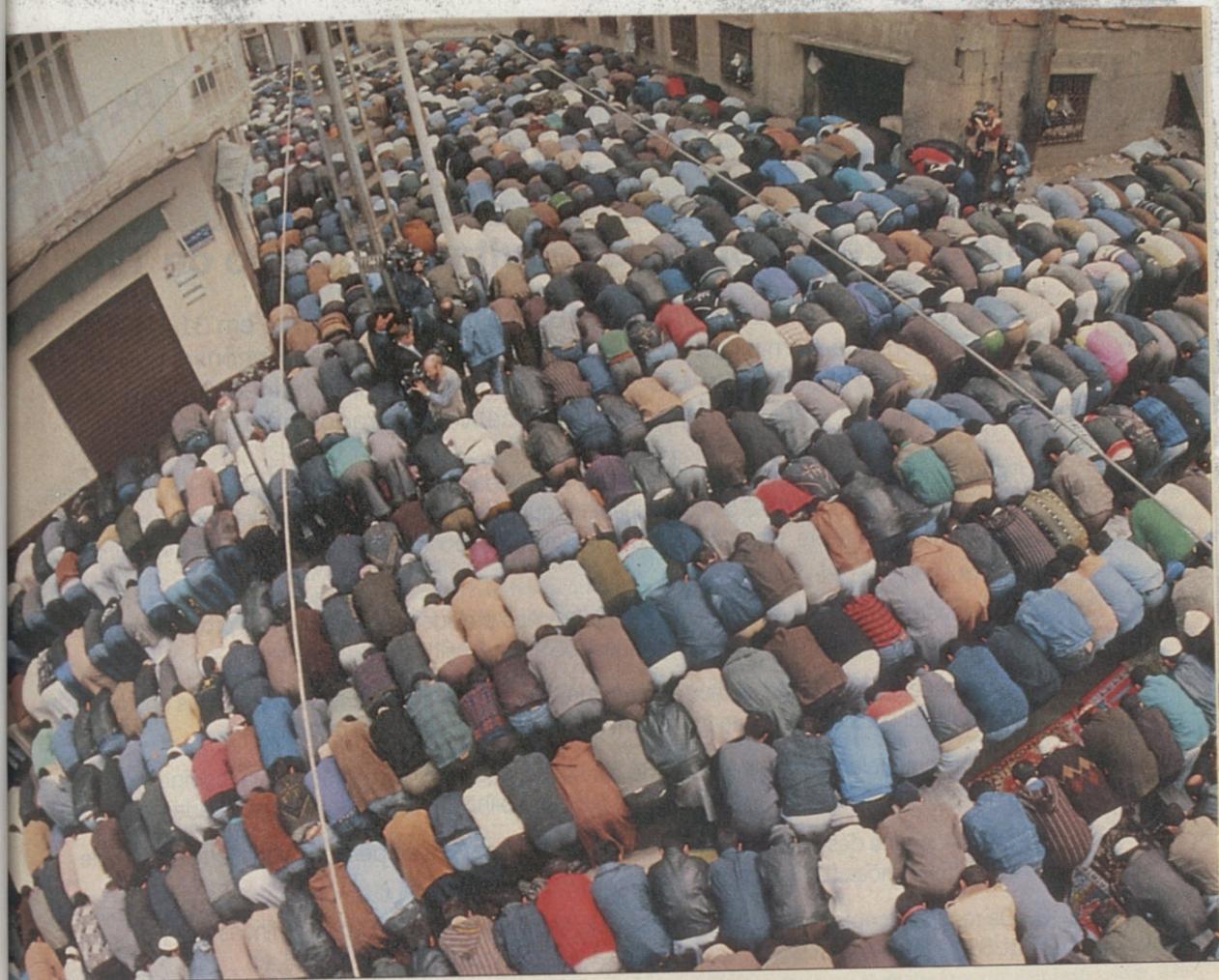
As crianças: segunda geração dos Meninos de Deus

em 1973. Eles lembram que denúncias semelhantes também foram feitas na Austrália, na Espanha e na Venezuela, sem jamais ter sido comprovadas. Para o grupo só há uma explicação para tantos problemas com a lei: perseguição religiosa. Não é o primeiro nem o último a alegar isso. David Koresh, um alopado que se dizia profeta e em abril deste ano foi incinerado no rancho Apocalipse, em Waco, Texas, com mais de oitenta seguidores, também se considerava vítima de discriminação.

"PESCA COQUETE" — "Sempre saímos limpos dos processos", garante o americano Paul Brian Connolly, de 40 anos, um hippie que chegou ao Brasil nos anos 70 e atua como porta-voz do movimento. No Brasil, há 400 seguidores da seita, espalhados por quinze comunidades, mantidas à base de donativos. Connolly está convencido de que a pregação evangélica do grupo — na essência, o manjado bordão de que o apocalipse vem aí — incomoda muita gente. "Chamamos a atenção porque encaramos o sexo com naturalidade", argumen-

ta. Connolly admite, porém, que até meados dos anos 80 os Meninos de Deus usavam o sexo como isca para arrebanhar seguidores. A prática, batizada de "pesca coquete", foi abolida em 1987 — pelo menos é o que dizem.

"Nosso comportamento diante do sexo tornou-se conservador", insiste Connolly. Segundo ele, os quatro casais de adultos instalados numa espaçosa casa no bairro paulistano do Alto de Pinheiros vivem em rigorosa monogamia — nada de sexo grupal, como nos tempos heróicos da contracultura. Muito menos práticas sexuais envolvendo as dez crianças que moram na casa, filhos dos próprios integrantes da seita, ou os quatro adolescentes, estrangeiros em visita à comunidade. "Somos contra o homossexualismo, o aborto, as drogas e as bebidas", garante um dos moradores, o médico fluminense Jefferson Louback, de Nova Friburgo, que diz ter "descoberto Jesus" há cinco anos. Sua mulher, Sylvia, responsável pela educação das crianças, que não frequentam a escola, completa: "Nunca concordamos com essa história de amor livre".



ESPECIAL

A escalada do Islã

Fundamentalistas conquistam multidões nos países muçulmanos, bagunçam a nova ordem mundial e desenharam um dos confrontos de fim de século com o Ocidente

FÁBIO ALTMAN



Adeus foice-e-martelo, chegou a vez da cimitarra. Com o fim do comunismo, uma nova assombração veio perturbar o sono do Ocidente: o fundamentalismo islâmico. Poucos meses, um editorial do *The New York Times*, o porta-voz mais autorizado da imprensa ocidental, qualificava a ascensão do islamismo militante como a "ameaça à paz e segurança do mundo semelhante à do nazismo e do fascis-

mo nos anos 30 e à do comunismo nos anos 50". O fundamentalismo prega um Estado regido única e exclusivamente pelas leis do *Corão*, o livro transmitido há 1 400 anos, segundo a tradição, ao profeta Maomé. Em uma república islâmica, não há distinção entre Estado e mesquita, religião e política. O Irã dos aiatolás, o paupérrimo Sudão e a monárquica Arábia Saudita são os três países mais próximos desse tipo de regime. Violentos ou pacíficos, os métodos dos

fundamentalistas variam de país para país. Eles podem ser sunitas ou xiitas — os dois ramos da religião muçulmana. Só estão de acordo num ponto: a necessidade de romper com a influência do Ocidente (o "Grande Satã") e substituir a lei dos homens pela lei de Deus, ou Sharia, um conjunto de regras que abarca tópicos distintos como o vestuário, o casamento, a política, a alimentação, a justiça, os juros bancários, as relações sexuais e a educação das crianças.

VEJA, 9 DE FEVEREIRO, 1994



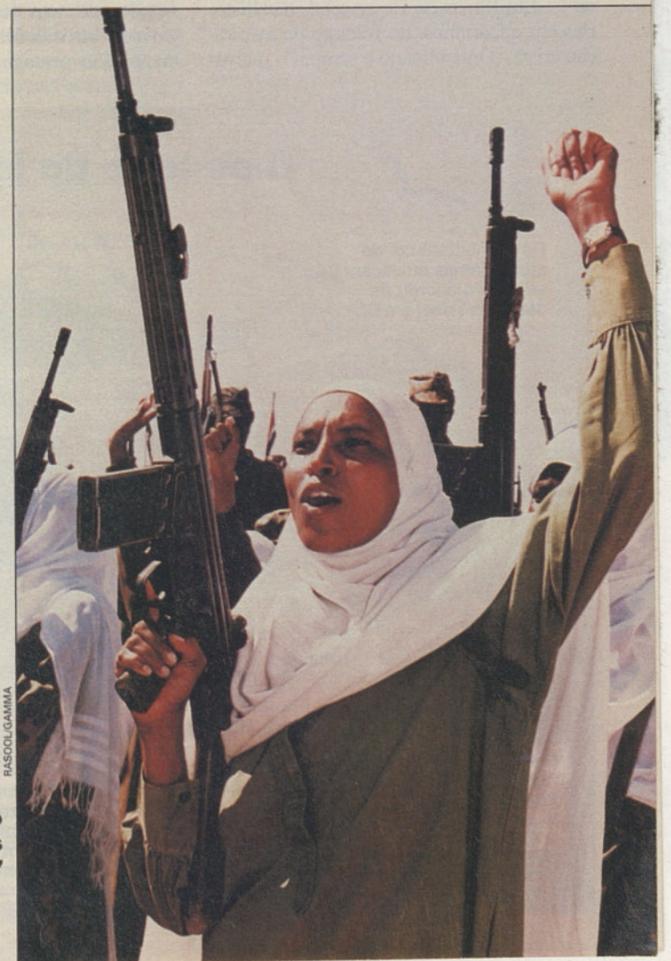
Em Argel, a hora da reza proibida: fracasso dos regimes laicos leva descamisados de volta para o Islã

asiáticas da extinta União Soviética, mesquitas nascem da noite para o dia, como cogumelos, erguidas com dinheiro do Irã e da Arábia Saudita.

DESCAMISADOS — O integrismo muçulmano ganha terreno em toda uma faixa do planeta que vai do norte da África ao Sudeste Asiático, modificando a vida cotidiana de milhões de pessoas, assustando governos instituídos e dando calafrios de medo em países ocidentais, onde a vitória fundamentalista no Irã, exatamente há quinze anos, mudou o panorama político de todo um naco do planeta. "As forças islâmicas já venceram", diz o acadêmico francês Gilles Kepel, um especialista no assunto. "Estamos assistindo à reislamização de uma região inteira." Mesmo em países de costumes mais liberais, os governos fazem concessões aos rigores da lei islâmica na esperança de reduzir o ímpeto dos radicais. A Jordânia, por exemplo, fechou as piscinas mistas e deixou de servir bebidas alcoólicas nos vôos da companhia aérea nacional. No Egito, o livro *As Mil e Uma Noites*, o maior clássico da literatura árabe, foi banido em 1985 como pornográfico. Há casos de regimes autoritários que manipulam o Islã para conter a oposição. Na Indonésia, a maior concentração de muçulmanos do planeta, a ditadura de Suharto atendeu prontamente à exigência de manifestantes que, com o *Corão* aberto na página em que se condena a jogatina, pediam o fim da loteria — algo bem mais fácil de fazer do que promover eleições livres.

O renascimento de uma vertente islâmica virulenta e radical não é novidade. A Fraternidade Muçulmana, o mais antigo grupo in-

Milícia feminina no Sudão: "Os islâmicos já venceram"



Onde se instala, o integrismo muçulmano é sinônimo de turbulência. Na Argélia, uma vitória eleitoral dos fundamentalistas, há dois anos, provocou uma guerra civil que já matou 2 000 pessoas e colocou o país num impasse em que é difícil saber qual das duas opções é a pior: uma ditadura à la Pinochet ou um Estado teocrático à la Khomeini (veja reportagem à pág. 46). No Egito, o mais importante e populoso dos países árabes, o confronto entre o terror islâmico e o governo já deixou mais de 200 mortos e espantou os turistas que lá iam andar a camelo e apreciar as pirâmides (veja reportagem à pág. 50). Nos territórios palestinos ocupados, os integristas do Hamas se transformaram no grande obstáculo ao acordo de paz entre a OLP e Israel. A influência dos guerreiros de Deus se estende a lugares tão distantes como a França, onde a presença do fundamentalismo entre os milhões de imigrantes árabes alimenta a retórica apocalíptica da extrema direita racista, e os Estados Unidos, onde o terrorismo islâmico desembarcou, há um ano, na forma do espantoso atentado ao World Trade Center, em Nova York. Nas repúblicas

tegrista em atividade, foi fundada no Egito na década de 20. O que catapultou o fundamentalismo ao primeiro plano foi o fracasso dos dirigentes laicos em atender às demandas de justiça e dignidade nos países onde agora viceja a semente radical. Os movimentos que inspiraram as massas árabes no pós-guerra, como o nacionalismo de Nasser, naufragaram num oceano de incompetência, autoritarismo e corrupção. O marxismo — ateu — nunca deu muito ibope e o capitalismo só trouxe benefícios para uma pequena elite que passa as férias na Europa e capta a televisão ocidental em suas antenas parabólicas. Para os descamisados, a esmagadora maioria, a modernidade significou miséria e desemprego na periferia das metrópoles superpovoadas. É natural que, à falta de alternativas, as multidões se voltem para os imãs barbudos que lhes prometem restaurar a vida simples, porém decente, de seus antepassados, acabar com a roubalheira e as injustiças sociais e, de quebra, garantir o passaporte para uma existência melhor depois da morte. "O Islã deu uma razão, um significado ao fato de que ser pobre não é uma falha do indivíduo e sim da sociedade corrupta", analisa o ex-diplomata egípcio Tahseen Bashir. Aonde o Estado não chega,

o clero muçulmano finca sua rede de assistência social, com escolas, hospitais, creches e escritórios de advocacia. É lá que os fundamentalistas recrutam seus militantes e seus profissionais, que matam em nome de Deus e condenam ao fogo de Satã tudo o que tenha a marca do Ocidente.

HEREGES NA FOGUEIRA — O confronto com o Ocidente é de longa data. Na verdade, já dura catorze séculos, pois começou com o próprio advento do Islã, seguido de uma extraordinária expansão, que implantou a palavra — e a espada — do profeta até na Sicília, na Espanha, em Portugal e numa parte da França. Do ponto de vista histórico, a calmaria dos últimos três séculos é que foi excepcional. “Desde o fracasso do segundo cerco turco a Viena, em 1683, e a ascensão dos impérios coloniais europeus na Ásia e na África, o Islã passou para a defensiva, enquanto a civilização cristã e pós-cristã colocou todo o mundo sob sua órbita”, observa o historiador Bernard Lewis.

Com seu comportamento ensandecido, os terroristas de Deus ajudam a alimentar antigos preconceitos do Ocidente — como o que atribui aos árabes uma inclinação natural para praticar a violência em nome da fé. Em filmes de Hollywood, nas histórias em quadrinhos, no folclore de inspiração cristã, o muçulmano é sempre o malva-

Passeata do Hamas na Faixa de Gaza e o modelito radical numa rua do Cairo: com fé, rumo ao século VII

do, o agressor, um sujeito de faca na mão ou bomba na mala, pronto para matar pela glória de Alá. Os muçulmanos não possuem, de forma alguma, esse monopólio da agressão de inspiração divina. Durante muitos séculos, a civilização árabe foi um modelo de tolerância religiosa, comparada a uma Europa onde se queimavam hereges na fogueira, se expulsavam judeus e se matavam os pagãos que recusassem o batismo. Mesmo hoje, é injusto atribuir aos muçulmanos, indiscriminadamente, a pecha de fanáticos ou de briguentos. Nas ruínas da ex-Iugoslávia, são os sérvios — cristãos ortodoxos — que iniciaram a carnificina com sua “limpeza étnica” contra os muçulmanos bósnios, entoados de suas terras em meio às mais terríveis atrocidades. Na Índia, os muçulmanos são perseguidos por fanáticos hin-

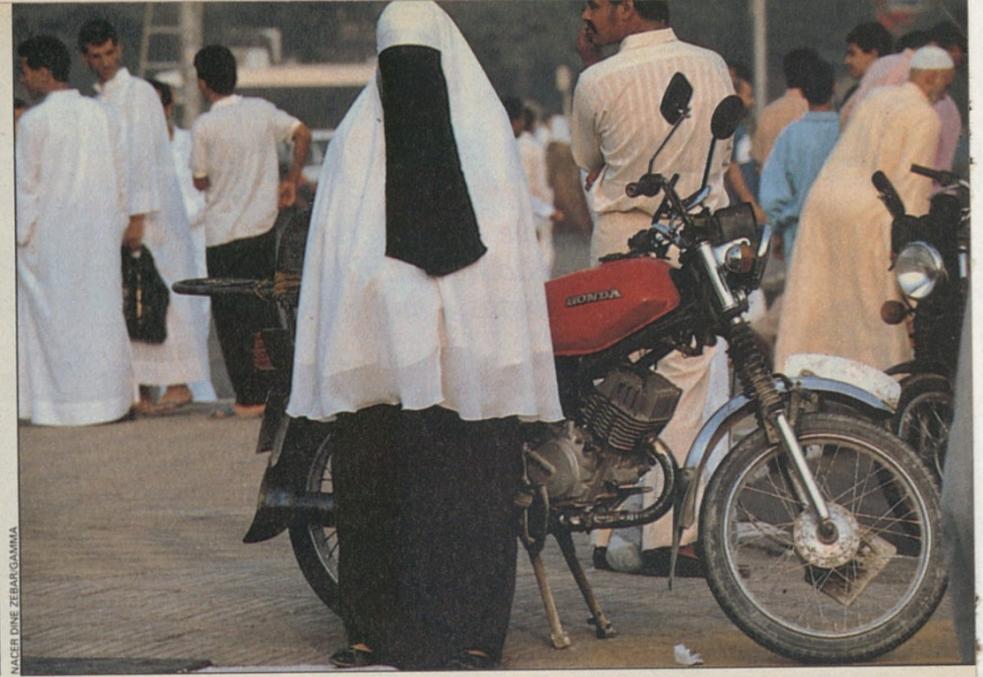
duístas que utilizam a rivalidade religiosa de Deus de forma diversa. Não se trata, como uma arma suja na disputa pelo domínio do passado, mas uma tendência fadada a dominar o panorama mundial no pós-Guerra Fria. Samuel Huntington, da Universidade Harvard, um dos mais renomados cientistas políticos americanos, acredita que o mundo está entrando numa nova fase, na qual a fonte essencial de conflito não será

ideológica nem econômica. O choque das civilizações vai dominar”. Pelo figurino de Huntington, a humanidade se divide em sete ou oito grandes civilizações — a ocidental, a confuciana, a hinduísta, a islâmica e assim por diante —, cada qual com opiniões diferentes sobre as relações entre Deus e o homem, o cidadão e o Estado, pais e filhos, liberdade e autoridade, igualdade e hierarquia. “Mudanças econômicas e sociais estão afastando as pessoas de identidades locais há muito existentes”, argumenta Huntington. “Em boa parte do mundo, a religião está preenchendo o vazio, frequentemente sob a forma de movimentos rotulados de fundamentalistas.”

AVERSÃO AO NOVO — A teoria do “choque das civilizações” — que profetiza, como cenário mais provável, um conflito entre “o Ocidente e o resto” — é contestada por outros analistas e pode até não passar de uma provocação intelectual, como o “fim da História” do filósofo americano Francis Fukuyama. É descabido, sem dúvida, comparar o desafio do fundamentalismo à queda-de-braço nuclear dos tempos da Guerra Fria. Os imãs não têm bombas atômicas nem, muito menos, os meios de usá-las de modo eficaz contra o Ocidente. Mas é também verdade que há traços no islamismo militante que justificam os calafrios no resto do planeta. Remando contra a História, os fundamentalistas sonham transplantar para o mundo de hoje as normas e os costumes de uma sociedade arcaica, forjada na luta de vida ou morte contra o deserto, tal como a que descreveu Maomé no século VII, antes, muito antes da Idade Média. Não há lugar, na legislação

islâmica, para direitos individuais tão elementares, hoje em dia, quanto o de escolher a própria religião, o de se opor à autoridade, o de manifestar livremente o pensamento — sem falar na emancipação da mulher, considerada inferior.

O medo do novo é uma marca registrada do islamismo ortodoxo. A palavra inovação (*bid'a*, em árabe) é o que existe de mais próximo da noção ocidental de heresia. Uma das falas atribuídas a Maomé traça a seguinte idéia: “A verdadeira comunicação é o livro de Deus, a melhor orientação é a de Maomé e a pior de todas as coisas é a inovação. Toda inovação é herética, toda heresia é um erro e todo erro leva ao inferno”. Não há mesmo como existir democracia num quadro cultural de tamanha aversão à mudança, de intolerância perante as vozes discordantes. O escritor americano Gore Vidal publicou recentemente o livro *Ao Vivo do Calvário*, recheado de provocações ao cristianismo, baixarias sobre os santos católicos e blasfêmias em torno do nome de Jesus. Talvez o papa João Paulo II tenha até sentido a tentação de condenar Vidal à fogueira. Mas não pode. O escritor continua a viver em absoluta tranquilidade na cidade italiana de Ravello, num dos países mais católicos do mundo, que abriga o Vaticano. O anglo-indiano Salman Rushdie fez algo muitíssimo menos agressivo, mas similar, com o profeta Maomé e vive escondido, cercado de guarda-costas, porque o Irã dos aiatolás e da justiça corânica o condenou à morte. Na definição, bem apropriada, de outro escritor, Albert Camus, um francês nascido na Argélia: quando a política se mistura com a fé, o resultado é a Inquisição.



A batalha de Argel

A Argélia vive dilema cruel com a guerra não declarada entre fundamentalistas e militares



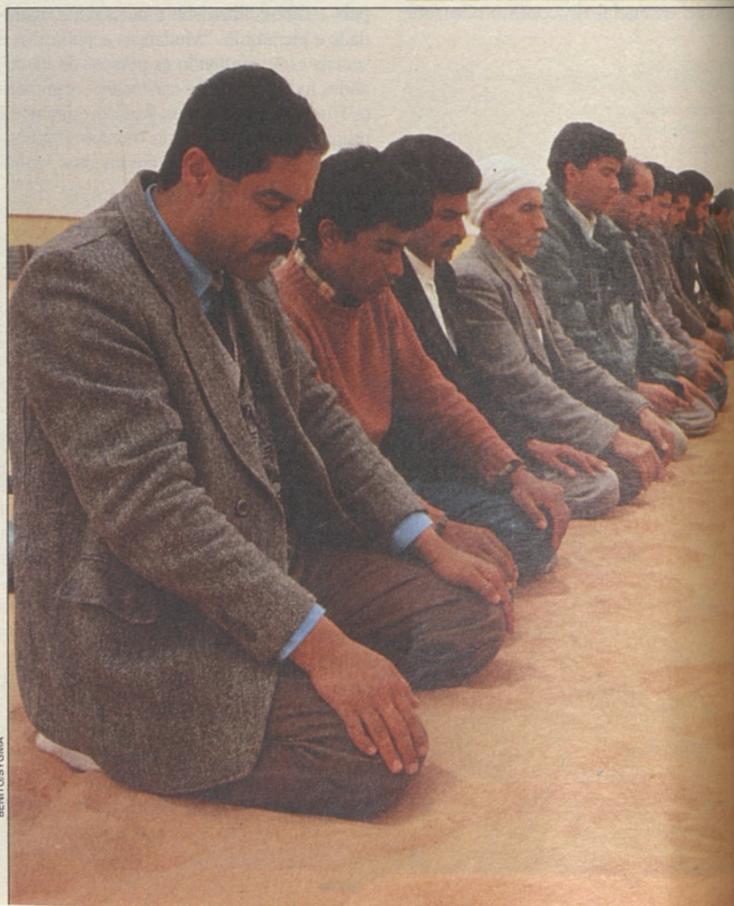
Ele colocou a chave na fechadura/Bateu com violência/Empurrou a porta com violência/Ele entrou (Yussef Sebti, autor do livro *O Inferno e a Loucura*, assassinado por um grupo fundamentalista no dia 28 de dezembro passado.)

Omar Belhuchet, diretor do jornal *El Watan*, abre uma pasta rosa, carcomida nas bordas, e saca uma centena de cartas com ameaças de morte de grupos islâmicos radicais. Em maio do ano passado, quando levava seus dois filhos à escola, de carro, ele sofreu um atentado a bala. Escapou por pouco. Belhuchet já não dorme em casa, alterna os caminhos para o trabalho e trocou os filhos de colégio. Alguns meses antes, ele havia sido detido pelo governo argelino, e sua publicação, a mais conhecida do país, saiu de circulação por quinze dias. O drama pessoal do jornalista Omar Belhuchet é o da própria Argélia: sua vida oscila entre o risco do fundamentalismo muçulmano e a ditadura militar. Entre as ameaças de morte porque suas idéias não agradam aos radicais de turbante e as de prisão porque incomodam os homens de quepe. "Na verdade, já tive mais problemas com a junta que manda no país do que com os integristas", diz Belhuchet. "Mas, com o fundamentalismo no poder, estaríamos vivendo um terror mil vezes pior do que o atual."

A Argélia mergulhou nesse dilema amargo desde que, em 1991, a Frente Islâmica de Salvação, FIS, venceu o primeiro turno das eleições legislativas, mas não levou. Depois de reunir 44% dos sufrágios no primeiro turno, ela caminhava para ocupar a maioria das cadeiras no Parlamento — o que lhe permitiria escolher o primeiro-ministro e instaurar, no país, uma República Islâmica regida pelo Corão. O governo colocou os tanques na rua, banuiu a FIS e impôs no poder uma junta de cinco patetas. Chamada Alto Comitê de Estado, é ela quem comanda o país — ou imagina comandar. Na última semana de janeiro realizou-se uma certa Conferência Nacional do Consenso, da qual deveria sair o nome de um presidente para o país. Não foi uma conferência (as principais forças políticas boicotaram o encontro)

tro) e muito menos de consenso. Única novidade: acabaram os intermediários. O Alto Conselho de Segurança da Argélia nomeou para a Presidência o general reformado Liamine Zerual, 53 anos, que antes de ser presidente era ministro da Defesa. O Exército definitivamente tomou conta do que resta do poder.

Vive-se na Argélia uma guerra civil que tem vergonha de dizer o seu nome. De um lado, estão os grupos armados islâmicos, e do outro, as forças de repressão do governo. É uma guerra ímpia, com brutalidades horrendas de ambas as partes. Já são 2 000 os mortos nos dois últimos anos, vítimas do terrorismo fundamentalista e do contra-ataque do Exército. Há 2 000 presos políticos detidos em campos de internação no Deserto do Saara. Já houve mais de 350 condenações à morte e pelo menos trinta execuções.



O fervor integrista durante a prece (acima) e presos políticos num campo no Saara: 2 000 mortos em dois anos, repressão brutal do governo e a opção entre os radicais de turbante e os tanques dos generais

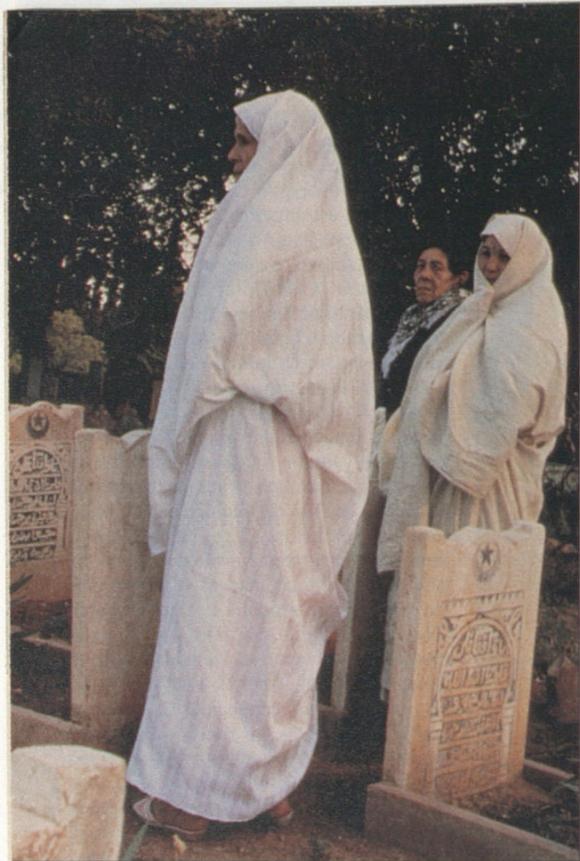
Entre 11 horas da noite e 5 da manhã do dia seguinte impera o toque de recolher. Policiais percorrem os bairros onde a FIS teve apoio maciço nas eleições — entram nas casas, vasculham os becos, invadem mesquitas. Realizam operações com helicópteros — os mesmos utilizados pelos membros da junta, que têm medo de andar de carro (em junho de 1992, o então chefe do Alto Comitê, Mohammed Boudiaf, líder histórico da Frente de Libertação Nacional, foi assassinado numa emboscada). Os policiais são conhecidos como "ninjas", por levar na cabeça um capuz negro, o que evita que sejam identificados. Com medo, muitas mulheres chegaram a tirar os véus islâmicos, para se proteger atrás do visual ocidentalizado.

"MORTE SÚBITA" — No início de novembro de 1993, um dos braços dos fundamentalistas na clandestinidade — o Grupo Armado Islâmico — seqüestrou três agentes consulares franceses e através deles divulgou uma carta ameaçadora a todos os estrangeiros. "Deixem o país.

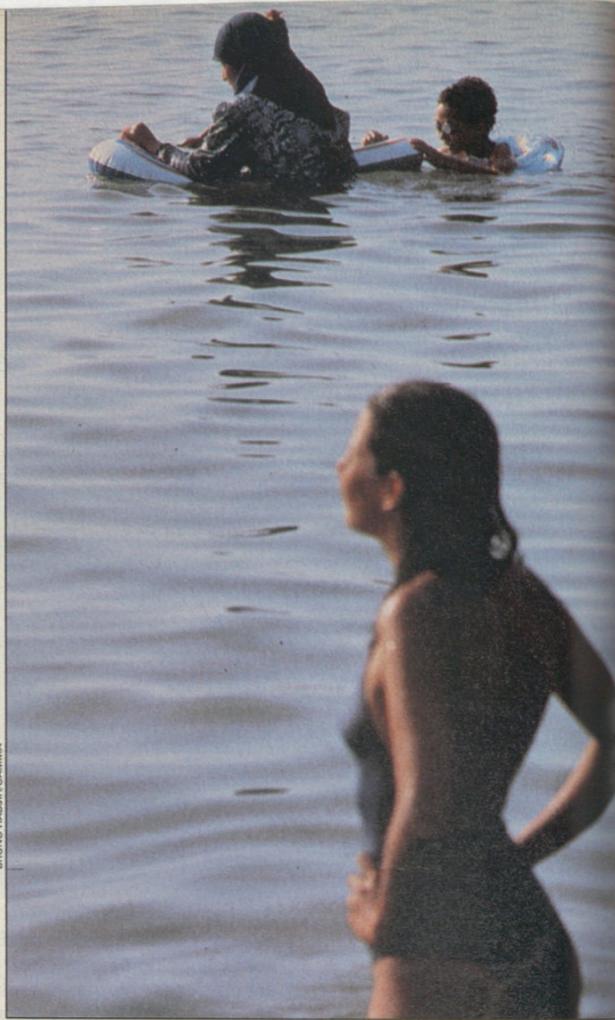
Quem ficar será responsável por sua morte súbita. Não haverá seqüestros e será pior do que no Egito." Não estavam blefando. Desde que expirou o prazo de um mês, 24 estrangeiros já foram assassinados — doze de uma só vez, estrangulados. "Já estamos diante do irreparável", diz Hachemi Cherif, secretário-geral de um dos partidos de oposição, o Ettahaddi, antigo Partido Comunista Argelino. "Eles não abandonarão a luta armada."

A Argélia vive um crucial momento de decisão. No Exército, que reprime brutalmente os fundamentalistas, crescem as deserções — foram 8 000 só nos últimos meses. Os intelectuais, força de vanguarda no país e esteio da secularização, estão sendo exterminados. Em 1993, dezoito jornalistas, escritores e professores universitários foram assassinados. A última vítima foi o poeta surrealista Youssef Sebti. "Há mais Salman Rushdies no mundo muçulmano do que se imagina", afirma Omar Belhuchet. Já para o escritor Rachid Mimuni, o mais conhecido da Argélia, também ameaçado de morte, "não existe fundamentalista moderado — os que são moderados são laicos". Vozes como a de Mimuni tentam achar outra porta de saída para a crise argelina, além das duas já entreabertas: a da ditadura militar e a do fundamentalismo islâmico.

GLAUBER ROCHA — Os intelectuais formam um grupo impotente cujas opções se resumem a viver com medo, expressar-se apenas na imprensa estrangeira ou simplesmente emigrar em massa. Um dos últimos redutos da atividade cultural em Argel é a cinemateca, dirigida por Budjema Kareche, fanático pelos filmes de Glauber Rocha. À entrada da cinemateca há um pôster gigante do filme *A Batalha de Argel*, de Gillo Pontecorvo, um dos clássicos do cinema político dos anos 60. No mesmo dia em que os integristas mataram nove policiais num dos bairros da periferia da capital e o escritor Rachid Mimuni anunciava a mudança de sua família para o Marrocos, Kareche reuniu um pequeno grupo de pessoas para exibir um curta-metragem de vinte minutos, de 1967, chamado *Elas*. São depoimentos de jovens mulheres argelinas, sem véu, ocidentalizadas, que contavam, naquela época, como entendiam esse confronto entre um país moderno e republicano e o outro, de tradições islâmicas. O filme mostra meninas sozinhas andando nas ruas da cidade, naqueles anos de euforia depois da guerra de independência que rompeu o domínio colonial francês. A luz da pequena sala da cinemateca se acende e a cineasta Hafsa Zinai-Kudil (veja quadro à pág. 49) diz emocionada: "Fico imaginando em que se



Contrastes da sociedade argelina: acima, cobertas dos pés à cabeça, mulheres fundamentalistas rezam num cemitério muçulmano. Ao lado, banhista em Jijel, na costa mediterrânea. Na outra página, a violência contra militantes da FIS



ANTONIE

transformaram essas meninas hoje. Devem estar em suas casas, atrás de véus, subjogadas pelos maridos”.

Compreende-se a Argélia às sextas-feiras, o dia de descanso para os muçulmanos, o equivalente ao domingo no Ocidente cristão. As mesquitas estão lotadas — embora já não se veja o tapete de homens nas ruas, à porta dos templos, sentados no asfalto e com as palmas das mãos viradas para cima, porque a polícia atualmente proíbe as aglomerações. Até a entrada em vigor do estado de emergência e do toque de recolher, as multidões rezando ao ar livre eram cenas comuns. Para cada mesquita (existem 11 000 no país) há um carro da polícia estacionado à entrada e um censor do Ministério de Assuntos Religiosos em seu interior. O censor acompanha a reza dos imãs, à procura de menções a favor do Estado islâmico. “Falo com a população através de metáforas para escapar da censura”, reconhece o pregador Nuredinne, da mesquita de Sidi-Mohammed. “Mas os fiéis entendem que, quando cito trechos do *Corão* falando do Faraó, me refiro à junta que está no poder.”

PÉS NOS MUROS — O que se diz nas mesquitas, em meias palavras, é um retrato do que os líderes fundamentalistas pretendem para a Argélia. Na mesquita Larbi-Tebessi, outro imã aproveita a excepcional ausência do censor, numa sexta-feira chuvosa, para recitar os trechos do *Corão* que falam de economia, uma das preocupações centrais num país com 25% de desemprego e uma dívida externa que mina as finanças já mal-ajambradas, apesar da mágica exportação de petróleo. O trecho eleito do *Corão*, mais do que de economia, retrata o papel da mulher, exatamente como era há catorze séculos, quando se expandiu a fé entre as rudes tribos do deserto, e que o integrismo quer ver aplicado hoje: “Fiéis, quando vocês contraírem uma dívida, coloquem-na por escrito e que um escriba a notifique e faça apelo a duas testemunhas entre os homens e, à falta de homens, escolha um homem e duas mulheres. Se uma delas se enganar, a outra suprirá essa carência de memória”.

Ande-se nas ruas de Argel e do interior do país e o que se vê é uma nação rachada ao meio — em sua grande maio-

ria indiferente, no cotidiano, à escadaria *tchi-tchi* e os *hittis* se encontram, ou melhor, se esbarram, num enorme shopping center de concreto, erguido nos últimos anos do reinado do socialismo no topo da colina que domina a cidade. É um centro comercial curioso: quase não há lojas, as que existem não têm produtos para vender e os cinemas estão vazios ou só atraem homens (uma bomba explodiu em um deles no início de 1993). Um eleférico faz a ligação entre a colina onde está o shopping e a parte inferior da cidade — na prática, liga os dois mundos da Argélia. Um é só aparência, o enorme edifício, feio e milionário, com suas lojas fantasmagóricas. O outro está lá embaixo, já quase no mar, onde o bondinho atraca. É



DOTÉ DE CASAMENTO — Em Argel, os *tchi-tchi* e os *hittis* se encontram, ou melhor, se esbarram, num enorme shopping center de concreto, erguido nos últimos anos do reinado do socialismo no topo da colina que domina a cidade. É um centro comercial curioso: quase não há lojas, as que existem não têm produtos para vender e os cinemas estão vazios ou só atraem homens (uma bomba explodiu em um deles no início de 1993). Um eleférico faz a ligação entre a colina onde está o shopping e a parte inferior da cidade — na prática, liga os dois mundos da Argélia. Um é só aparência, o enorme edifício, feio e milionário, com suas lojas fantasmagóricas. O outro está lá embaixo, já quase no mar, onde o bondinho atraca. É

o bairro de Belcourt. São 65 000 pessoas que vivem em condições precárias. Nas eleições de 1991, deram 80% de votos à Frente Islâmica de Salvação. Rachid Omar tem 44 anos, dois filhos e é funcionário de um banco em Argel. Elegeu-se deputado pela FIS, foi cassado e esteve dois meses na prisão. Entra no carro, um Passat fabricado no Brasil, olha para trás, certifica-se de que ninguém o vigia e desata a falar. “Ou a junta revê sua posição e convoca outras eleições, ou então haverá um confronto entre o povo e o poder”, ele diz. “Nossos irmãos foram presos e estão sendo torturados. Se alguns de nós estão pegando em armas, é para corrigir essa injustiça.”

Omar frequenta em Belcourt a Asso-

ciação Islâmica de Benemerência — há entidades do gênero em todo o país. Dirigida pelo xeque Chemseddine Boroubi, de apenas 28 anos, ela foi criada em 1989, quando a FIS ainda era legal e controlava 38 das 48 *wilayas*, as regiões municipais da Argélia. A associação oferece aos jovens e adultos do bairro aulas de *Corão*, caratê e costura para mulheres. Tornou-se querida entre a população, que a sustenta com doações, graças às vastas campanhas que organiza. A atual é um grande projeto para facilitar o casamento dos muçulmanos. “O casamento é a metade do Islã”, afirma Boroubi. “Ele é a prevenção contra a Aids e contra a prostituição.” O xeque diz que há 400 000 mulheres solteiras, já em idade

para casar, que não o fazem porque não têm condições financeiras. A campanha da associação, então, trata de oferecer-lhes geladeira, fogão, enxoval e até o dote que o marido deve entregar à esposa. Não é o primeiro grande projeto da Associação de Benemerência. É o nono. O mais célebre chamou-se “O carneiro do pobre” e promoveu a distribuição de um carneiro para cada fiel por ocasião do tradicional sacrifício anual que faz parte da religião muçulmana. É nessas associações, no cotidiano da sociedade, à margem do terror, que o fundamentalismo cego conquistou a Argélia. Ele já colocou a chave na fechadura, bateu na porta com violência, foi reprimido com violência. Mas entrou.

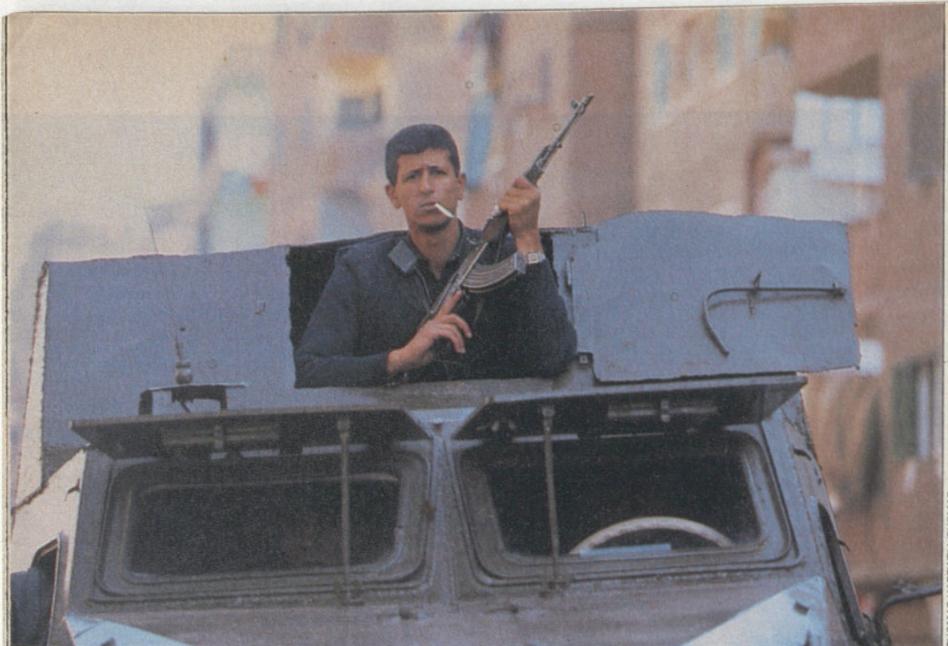
F.A., de Argel

Demônio em forma de mulher

Os grandes brincos dourados a fazem maior do que seu 1,60 metro de altura. Com 40 anos de idade e quatro filhos, a escritora e cineasta argelina Hafsa Zinai-Kudil prepara-se para dar à luz um quinto rebento, este artístico: é o filme *Demônio Feminino*, que a transformou em *persona non grata* nos meios fundamentalistas da Argélia. A fita conta uma história real. Há três anos, um deputado recém-eleito pela Frente Islâmica de Salvação da cidade de Staoueli convocou três companheiros de militância religiosa para examinar sua esposa, que reclamava de dores pelo corpo. A “visita médica” converteu-se em sessão de tortura. Conhecidos de que um demônio possuía a mulher (ela insistia em usar batom), os homens a espancaram durante duas horas. A agressão foi parar na Justiça, que há um ano arquivou o caso. Ao contar a história, Hafsa tocou num assunto tabu, recebeu ameaças de morte e virou símbolo da resistência. “Seja como for, estrearé meu filme na Argélia”, assegura.



A cineasta Hafsa Kudil: história real e ameaças



Tanques patrulham bairros pobres: o Estado não funciona, o Islã se instala

bro de 1992, um terremoto sacudiu o Cairo e arredores, deixando milhares de desabrigados. Os grupos fundamentalistas foram mais rápidos do que o governo e em poucos minutos haviam formado uma rede de atendimento e enfermagem. Os sindicatos de engenheiros, médicos e advogados são controlados pelo Islã duro. O médico Mohamed Nur Shokry é dono de uma clínica particular em Imbaba. De onde vem o dinheiro? "De Deus", diz ele. E mais não explica. As autoridades egípcias acreditam que as verbas para o funcionamento da máquina integrista venham da Arábia Saudita e do Irã. A clínica atende 75 pessoas por dia, a preços módicos e sem burocracia. "Os médicos aqui tratam melhor dos meus filhos", diz Atiat, 29 anos, véu na cabeça e um bebê de 7 meses no colo.

As mesquitas são a caixa de ressonância das idéias fundamentalistas. Apenas em 1993, foram erguidas 1 600 mesquitas no Cairo e outras 9 500 em todo o Egito. Pelo menos 7 000 delas são controladas diretamente pelas agremiações fanáticas. No dia-a-dia do país, há sinais evidentes de islamização da sociedade. Na lista de livros mais vendidos numa das principais livrarias do Cairo, a Madbuli, um dos campeões é *A Guerra do Véu*, uma coleção de relatos de mulheres que abandonaram a vida profana para abraçar o Islã. Shams el-Barwadi, cujo relato é o central do

Atentado no Cairo: 200 mortos por não seguirem o Corão ao pé da letra

livro, era uma espécie de Vera Fischer do Egito aos 20 anos. Fazia filmes em que aparecia de biquíni e rebolava com a dança do ventre. Hoje, aos 40 anos, ela pôs a indumentária islâmica e fechou-se em casa.

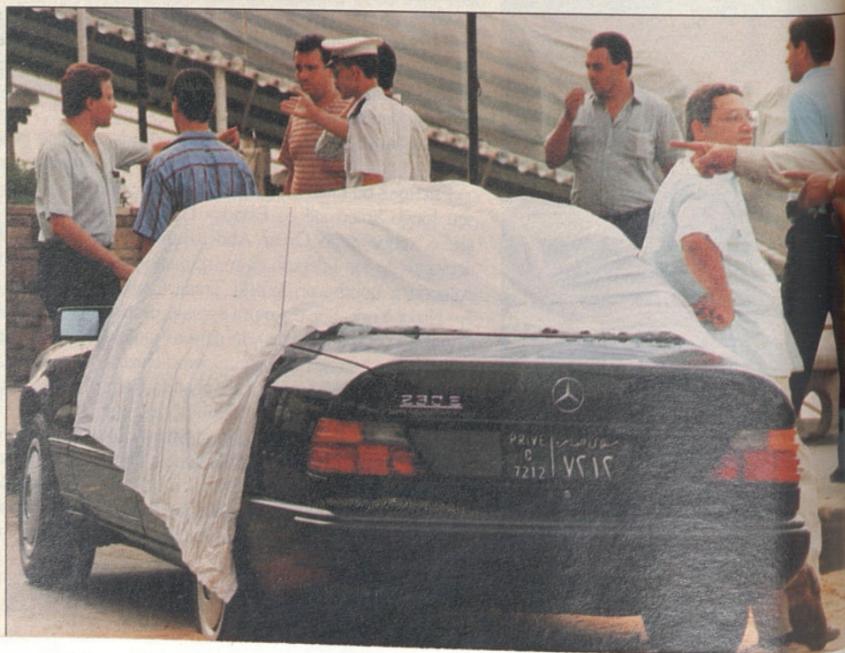
BARBUDINHOS RADICAIS — Essas transformações são violentas quando se imagina que elas ocorrem num país que, ao longo do século XX, se ocidentalizou pelo contato com os colonizadores ingleses e os turistas. O Egito sempre foi o patinho feio das nações onde o Islã é a religião do Estado — e o parque de diversões dos árabes ricos, que ali encontravam as mulheres e outras tentações proibidas. Pergunte a um xiita iraniano o que ele pensa do Egito, e ele dirá que é pouco melhor do que o inferno do satanás. A guinada para o

as apostilas fotocopiadas dos cursos trocadas, para as mulheres, pelo uso véu islâmico.

Na entrada da década de 80, o radicalismo já ditava sua lei. Sadat ensaiou uma virada política, assinou a paz com Israel, foi assassinado. Deixou como herança a institucionalização do fundamentalismo em quase todos os setores da sociedade. Somente a atual crise social e econômica do caldeirão está pronto para ferver. A Constituição civil abriram-se brechas para o fanatismo religioso. O artigo 2, anexo à época de Sadat, estabelece genericamente que "os princípios da lei islâmica são a fonte principal da lei do Egito". Foi uma barretada política aos barbudos, que ag

cobram a fatura.

F.A., do Ca



RELIGIÃO

Em busca do nirvana

O budismo vira mania na Europa, conquista astros americanos e ganha adeptos até no Brasil

O cineasta italiano Bernardo Bertolucci fez com o budismo o mesmo que seu colega americano Steven Spielberg fez com os dinossauros: transformou história em mania. *O Pequeno Buda*, o último filme da trilogia de Bertolucci sobre o Oriente, pode ser um fracasso de crítica, mas a Europa, onde o filme estreou, entoa mantras e mantras. O filme apenas aguçou um fenômeno misterioso: o budismo está conquistando adeptos no Ocidente, especialmente entre aquele grupo de pessoas que gostam de aderir a novidades sempre que o vento muda de lado. Do tamanho do protestantismo, o budismo leva mais de 30 milhões de pessoas aos seus templos, principalmente em países orientais. Fica em quarto lugar na lista das religiões com mais adeptos no mundo, atrás do catolicismo e do islamismo, que, quase empatados, têm perto de 1 bilhão de fiéis cada um, e do hinduísmo, com 700 milhões.

Os Estados Unidos, que cederam o protagonista (o ator americano Keanu Reeves) para o papel de Buda mas ainda não fizeram o filme, também não ficam atrás. Os americanos já têm a cantora Tina Turner e o ator Richard Gere, com a

esposa modelo Cindy Crawford, como garotos-propaganda da religião. O budismo, uma das mais antigas religiões praticadas ainda hoje, mostra uma saúde que faz o Vaticano, que perde fiéis, se perguntar como é que pode. Pode. Mistura de filosofia, psicologia e religião, o budismo vive sua terceira onda no mundo.

REINO, MULHER E FILHO — A primeira, sobre a qual Bertolucci fez seu filme, é a própria fundação da religião. Cinco séculos antes do nascimento de Jesus Cristo, em algum lugar entre o Nepal e a Índia, o príncipe Sidarta, o Buda original, largou reino, mulher e filho para viver como um monge à procura da verdade e da compaixão. Impressionado com o destino do homem nesta vida, que o leva em sofrimento da doença e da velhice até a morte, Buda resolveu dedicar seu tempo à busca de um grau elevado de compreensão que apontasse saídas para essa condição miserável da existência. Concluiu que o sofrimento decorre dos desejos do ser humano, que quer ter prazer, poder e vida sem fim. Para parar de sofrer, o homem deve também parar de desejar. É por isso que se fala tanto em



O ator Keanu Reeves (budista):...

meditação ao se tratar do budismo. A religião de Buda nasceu na Índia, tomou conta do Sudeste Asiático, China e Japão e angaria simpatizantes entre os ocidentais desde a década de 60, quando as pesquisas dos pensadores Aldous Huxley, Herman Hesse e Carl Gustav Jung sobre a religião viraram moda entre os hippies. Foi a segunda onda.

A terceira onda é esta agora. Pode-se medir o crescimento da fé nos preceitos de

O budismo de A a Zen

No Brasil, as correntes mais populares do budismo hoje são a japonesa e a tibetana. A primeira, pela quantidade de templos. Somente na cidade de São Paulo existem mais de cinquenta, da corrente Verdadeira Escola da Terra Pura, movidos principalmente por descendentes de imigrantes vindos do Japão. A segunda, a tibetana, vem conquistando adeptos agora, alimentada pelo movimento budista dos Estados Unidos, essencialmente orientada por monges formados no Tibete. Entre essas duas linhas, no entanto, há co-

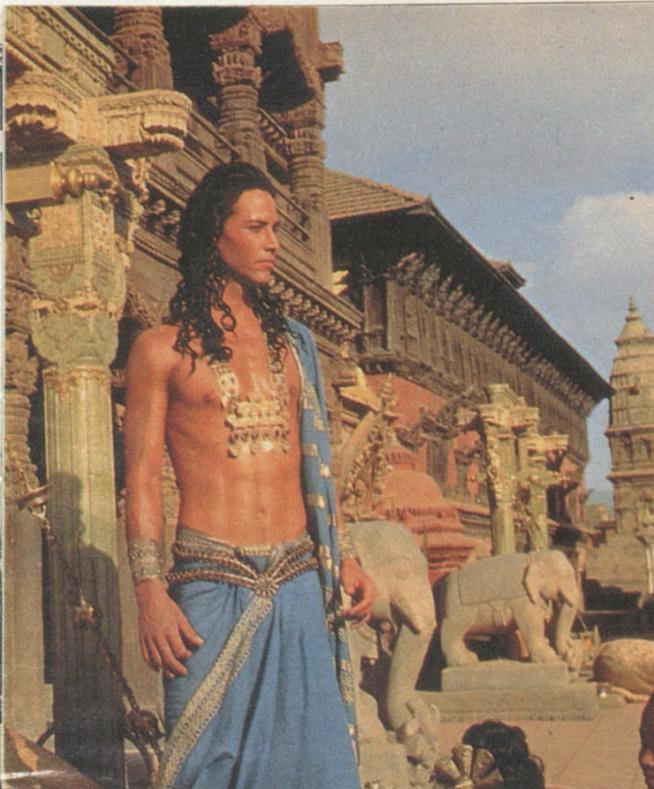
lorações budistas chinesas, coreanas e, fora do Brasil, vietnamitas e tailandesas. Em qualquer outro tipo de religião, daria brigas sérias. Não no budismo. As diversas correntes convivem cordialmente.

Como uma das leis dessa religião é a mutabilidade, ninguém se preocupa com o que a vizinha está fazendo. A escola japonesa, por exemplo, não reconhece os dalai-lamas, emendados pela ala tibetana. Também não exige que seus monges façam voto de castidade. A Escola da Terra Pura adota apenas três textos de

Buda. A tibetana abocanha quase todo o conjunto da obra. As diferenças compõem um intrincado mapa que ora superpõe escolas, ora as afasta. A escola Zen, de origem chinesa mas levada ao Ocidente através do Japão, utiliza duas práticas para conduzir seus adeptos à tentativa de purificação: a meditação silenciosa e o enigma paradoxal (frases para quebrar o raciocínio lógico que são usadas na tentativa de "limpar" a mente). A Terra Pura prefere a recitação contínua do nome do Buda Amida para alcançar o mesmo objetivo.



Buda: diversas famílias



...a vida de Buda em um filme de 35 milhões de dólares

Buda sem sair de casa. Basta apontar para a tela da TV. O galã da novela das 8, Edson Celulari? É budista. Sua mulher, Cláudia Raia, Lucélia Santos, ex-Santo Daimé, e Diogo Villela? Idem. "Encontrei a paz através do budismo", conta a atriz da Globo Fernanda Lobo, convertida há oito anos à religião.

ATÍPICO — "Há sete anos, quando fui pesquisador do assunto, só encontrei dois livros sobre o tema nas livrarias", diz a psicóloga Isabel Villares, 37 anos, budista da linha tibetana (*ver quadro*) e fundadora do Centro de Dharma Shi De Choe Tsog, em São Paulo. "Agora existem dezenas de publicações." A febre não pode ser explicada apenas como um fenômeno de fé. O budismo é atípico na linhagem das religiões. Para começar, é ateu. "Nem Buda



Richard Gere e Cindy: adeptos

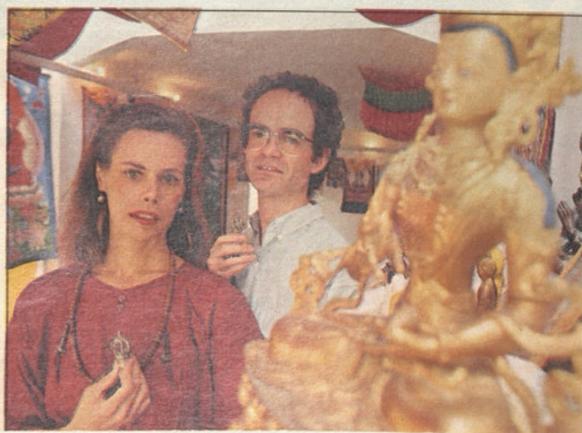


Tina Turner: recitando o Amida

é tido como Deus. Ele é apenas um homem que alcançou a iluminação, o estado de pureza de alma que é o objetivo de todo budista", explica o italiano Francesco Prevosti, que corre o mundo dando palestras sobre a religião.

Outro dos atrativos do budismo é que ele não é exclusivista nem dogmático. Tina Turner, por exemplo, apanhava do marido, Ike, cantava em boates e sabe Deus mais o que fazia. Depois disso, corria a recitar o nome do Buda Amida para alcançar a paz. Cláudia Raia caiu na tentação dos dois matrimônios. O primeiro, católico. O segundo, budista. "O budismo não impõe regras", ensina Patrícia Perrone, a Tina da novela *Olho no Olho*.

ED. VIGIARI



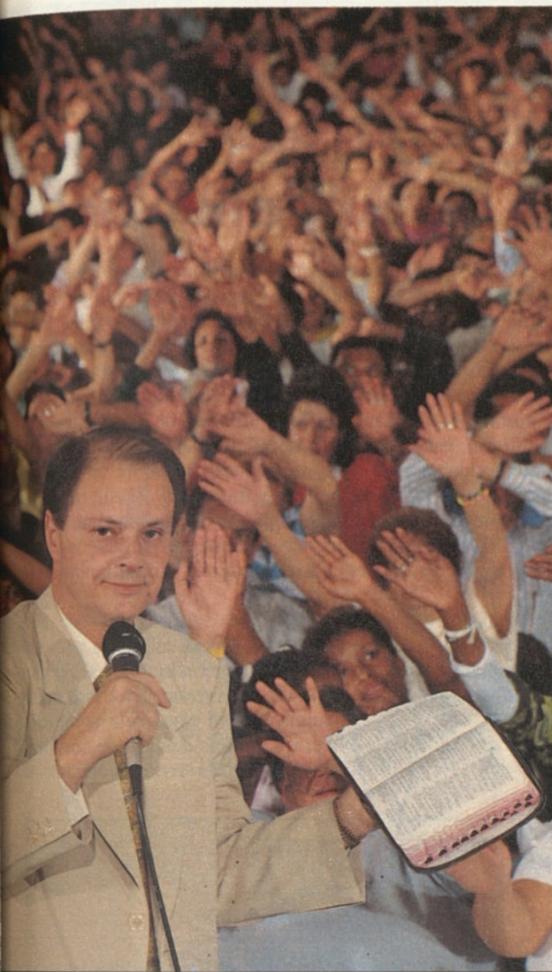
Francesco e Isabel: prática sem dogmas

justifica o não fazer dizendo que não capaz de tanto. Ponto.

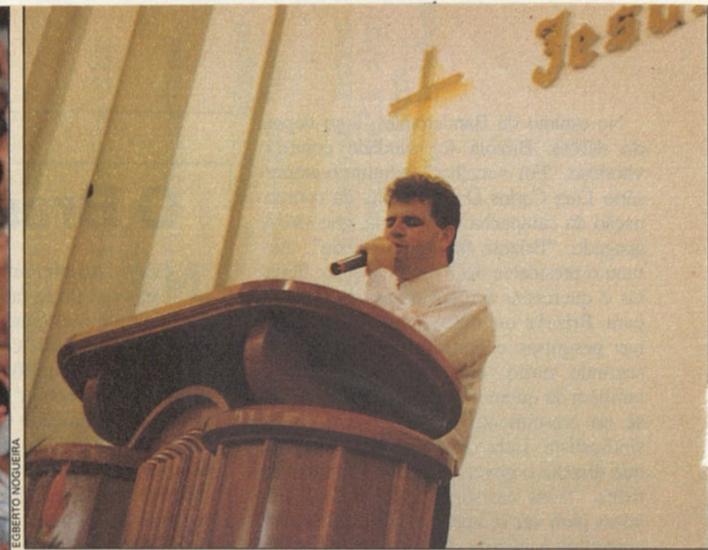
Generoso com seus adeptos, o budismo especialmente o da linhagem tibetana transformou-se também numa espécie de bandeira humanitária que ganhou a simpatia do mundo. Invadido pela China há mais de quarenta anos, o Tibete, país dos dalai-lamas (reencarnações de Buda), teve sua religião principal sufocada pela revolução cultural promovida nos anos 60 pelo regime comunista. "Os lamas foram banidos, mortos num genocídio comparável ao holocausto da II Guerra Mundial", diz Ricardo Mário Gonçalves, professor do departamento de História da Universidade de São Paulo e estudioso do budismo. "O entusiasmo dos lamas é que levou à expansão do budismo tibetano pelo mundo." O fascínio do Ocidente pelo exótico não acabou com as décadas de 60 e 70. Pelo contrário, parece ainda ter vida longa. "Aqui fico descobrindo a sabedoria", disse Buda, o príncipe, embaixo de uma figueira, quando decidiu que a vida merecia mais uma explicação. Ele não espera sozinho.

meditação pode ser feita em casa. A meditação deve. Além disso, o budismo, se pode ser considerado uma religião porque segue princípios básicos e tem mitos historicamente comprovados por milênios, não se limita às divagações teológicas. "É um complexo e ao mesmo tempo prático", afirma Isabel Villares. "Tudo o que você ouve dos ensinamentos distas tem de ter pé no seu cotidiano."

BANDEIRA — Exemplo: a preguiça é o pecado para a maioria das religiões. No budismo é uma armadilha psíquica. Nas palavras do lama (mesmo budista Guelek Rinpoché, a preguiça é um misto de graça com filosofia. Ela acontece em três situações. Na primeira, quando a pessoa faz adiando o que precisa fazer. Na segunda, quando faz milhares de coisas para não fazer aquilo que precisa, e, na terceira, quando



MARCOS ROSA



CLAUDIO VERSIANI

EVANGÉLICOS

- 35 milhões de fiéis
 - 200 000 pastores
 - 100 000 templos
 - 2 emissoras de televisão
 - 54 emissoras de rádio
- No Congresso, os evangélicos têm 23 parlamentares, que atuam como uma bancada. Em votações importantes sobre aborto, educação ou liberdade religiosa, chegam a reunir noventa parlamentares



CLAUDIO VERSIANI

CAMPANHA

Cruzada eleitoral

Enquanto os católicos atuam na cúpula, os evangélicos vão à luta pelos votos

ANGÉLICA SANTA CRUZ

A religião e a política estão de braços dados na sucessão presidencial. Com uma força estabelecida, que a faz ouvida em qualquer aliança de poder, a Igreja Católica entrou na campanha sem um candidato fechado. Uma parcela de padres e bispos, ligados à Teologia da Libertação e às comunidades eclesiais de base, apoiou Lula. Uma fatia maior, no entanto, já se integrou à caravana tucana de Fernando Henrique. Com 15 000 padres, a Igreja fez a opção preferencial por atuar nas cúpulas dos partidos e na clausura dos gabinetes, pressionando pela socialização de seus dog-

mas. Deu certo. Tanto que Lula tirou o aborto de seu programa de governo e Fernando Henrique diz não ter opinião sobre o assunto. Como nenhum candidato quer cair na antipatia do bispado, eles atenderam a seu convite para participar do debate promovido pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB. O debate da CUT de batina foi um dos mais chatos da história da televisão mundial, com os prelados e sua corte fazendo perguntas intermináveis, que já continham as respostas que queriam dos candidatos. Em caso de necessidade, como nas votações da

Constituinte, em 1988, a CNBB foi capaz de aglutinar 200 parlamentares para debater e encaminhar suas propostas.

Enquanto os católicos atuam nas cúpulas, os evangélicos vão à base. Sem uma linha direta com o poder, os evangélicos são mais militantes e barulhentos que seus rivais católicos e esperam abrir espaço com a força dos votos. Seu cacife é uma platéia estimada em 35 milhões de fiéis, dos quais 70% são eleitores. No Congresso, têm 23 parlamentares, bancada que inclui políticos de uma meia dúzia de igrejas diferentes e se faz presente tanto no PPR como no PT. "Nunca houve tanta movimentação eleitoral entre os evangélicos como na atual campanha", avalia o pastor Caio Fábio D'Araújo Filho, presidente da Associação Evangélica Brasileira, AEBV. Na campanha, os evangélicos estão divididos entre duas correntes principais. A AEBV, criada por 400 líderes de 69 igrejas diferentes, tem uma postura neutra e desaconselha aos fiéis seguir orientações eleitorais dos pastores.

"O CAPETÁ USA BARBA" — Outra entidade, a Conferência Nacional dos Pastores do Brasil, CNPB, tem como chefe o bispo Edir Macedo, fundador e dono da Igreja Univer-

Macedo, Sérgio Von Helder e o deputado Laprovita Vieira: campanha Lula no púlpito e no Congresso

do Reino de Deus. Em seu estatuto, a CNPB assume com todas as letras a vocação eleitoral. "A instituição foi criada para reunir pastores interessados em arregimentar candidatos evangélicos", reza o artigo 1º. Em 1990, o bispo elegeu três deputados federais. Em 1994, planeja eleger doze. Dona de uma emissora de TV, a Record, e de outra, a TV Rio, além de uma rede de 22 emissoras de rádio e de um jornal semanal cuja tiragem chega a 100 000 exemplares, a Igreja Universal foi fundada há dezessete anos. Tem mais pastores, mais templos e mais recursos que a tradicional Igreja Presbiteriana, instalada no país desde 1859. Em 1994, o bispo colocou uma pequena parte de suas fichas na campanha de Orestes Quércia, do PMDB, e sua vice, Iris Rezende, tem laços antigos com os evangélicos. Nos bastidores, Edir Macedo tem tentado estabelecer um namoro com Fernando Henrique. O bispo não tem candidato fixo, apenas um anticandidato permanente: Luís Inácio Lula da Silva e o PT.

Em nenhuma passagem da Bíblia é possível encontrar uma descrição física do demônio. Mas basta conversar com alguns entre os 3 milhões de fiéis da Universal do Reino de Deus espalhados pelos 976 templos do Brasil para ouvir seu retrato falado. "O capeta usa barba, tem a língua presa e um dedo a menos", descreve, sem malícia aparente, a estudante Denise de Almeida, 16 anos, filha de uma empregada doméstica. Aliado de Collor em 1989, há um mês Edir Macedo reuniu 25 líderes evangélicos no restaurante Terraço Itália, em São Paulo, para detalhar sua estratégia anti-Lula. "Agora que as eleições esquentaram, o diabo tem nome. Chama-se Lula", explicou.

Dali por diante, seus 2 700 pastores se transformaram em anticabos eleitorais. Na semana passada, num culto para 1 500 fiéis no bairro do Brás, em São Paulo, o bispo Sérgio Von Helder fez uma convocação: "Existe um candidato, vo-

cês sabem quem é, aquele barbudo, que é o próprio capeta! Não podemos deixar que ele chegue ao poder. É uma briga entre Deus e o diabo!" A pregação fez efeito. À saída, a costureira Eunice Bitelli dizia: "Não posso votar num homem das trevas". Embora apoiados na ignorância e na superstição, há argumentos de cunho místico, cujo valor depende da crença de qualquer um, e os que envolvem a calúnia política pura e simples. No comando do programa 25ª Hora, exibido todas as noites pela TV Record, o pastor Ronaldo Didini acusou o PT de "promover o terrorismo urbano". A Justiça Eleitoral resolveu puni-lo, tirando o programa do ar por uma hora. Num artigo publicado na *Folha Universal*, o bispo Macedo escreveu que, se Lula vencer, "vai legalizar o aborto, promover o casamento entre homossexuais e perseguir os evangélicos". É uma falsidade, pois tanto a questão do aborto como a dos homossexuais foram retiradas do programa do PT. A acusação

de que Lula irá perseguir evangélicos também é caluniosa. Mas aponta para um problema inevitável, toda vez que política e religião se misturam.

CHÁ-DE-CADEIRA — No Brasil, o simples esforço de qualquer religioso para aumentar seu rebanho o leva a bater às portas do Estado, seja para receber, de graça, um terreno para construir seu templo, arrematar uma concessão de TV ou receber subsídios às suas escolas. Os políticos, por sua vez, gostam de cortejar padres e pastores à espera de votos. O grau de confusão varia conforme o peso de uma religião e o comportamento de seus líderes. Os espíritas costumam apoiar seus candidatos, mas sempre foram muito discretos. Seu político de maior expressão recente foi o falecido deputado Freitas Nobre, de São Paulo. Os pais-de-santo da Bahia abençoam todos os candidatos que os procuram. Disputando um rebanho antes monopolizado pela Igreja Católica, os evangélicos são mais agressivos.

O governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, é um velho aliado. Em agosto do ano passado, doou um terreno de mais de 100 000 metros quadrados, no setor de mansões de Brasília, para Edir Macedo. Dois assessores de Roriz e o presidente regional de seu partido, o PP, Benedito Domingos, são evangélicos. Em São Paulo, os aliados do bispo têm um pacote de reclamações contra a gestão de Luiza Erundina na prefeitura de São Paulo. "O PT no poder discrimina os evangélicos: tudo com eles é enroscado, desde ganhar um terreno para construir uma igreja até conseguir um ginásio para fazer cultos", diz o deputado estadual Daniel Marins (PTB-SP), pastor da Igreja do Evangelho Quadrangular. "Na época da Erundina, a gente só levava chá-de-cadeira, mas agora com o Maluf está mais fácil." A ex-prefeita rebate dizendo que "os evangélicos, em sua maioria, são moderados, mas a igreja do Edir Macedo é tão clientelista que queria até que eu desrespeitasse leis municipais para



CLAUDIO ROSSI

CATÓLICOS

- 100 milhões de fiéis
- 15 000 padres
- 45 000 templos
- 2 emissoras de televisão (a segunda será inaugurada em 1995)
- 170 emissoras de rádio

• No Congresso, não há uma bancada católica. A cada votação de interesse da Igreja, a CNBB convida parlamentares para reuniões, às quais comparecem, no mínimo, oitenta. Na Constituinte, em 1988, as reuniões chegaram a ter 200 parlamentares



WASHINGTON ALVES

Chico Whitaker e Osmânio Pereira: católicos na campanha

O Banco Central dos Boatos

Franco diz que PT pode confiscar poupança

Na semana passada, o diretor da área externa do Banco Central, Gustavo Franco, foi pilhado fazendo campanha da pior espécie em favor de Fernando Henrique. Na sexta-feira, o comitê tucano enviou às redações dos jornais uma entrevista de Franco, dada ao jornalista Eli Teixeira, que, além de funcionário do Senado, trabalha no comitê de FHC. Na entrevista, Franco diz suspeitar de que o PT de Lula, quando critica o acordo da dívida externa, está na verdade pensando em mexer na dívida interna. "Temo que estejam planejando alguma coisa à la Collor", diz. O jornalista do Senado pergunta-lhe então se, na sua opinião, o PT estaria pensando num confisco de poupança. Franco diz: "Se eles reclamam dos custos da dívida externa, muito baixos, fico imaginando o que eles pensam, mas não dizem, sobre o que podem fazer com a dívida interna".

A entrevista chegou às redações sob o título "Franco: PT pode dar calote na dívida interna". Depois que o deputado Aloizio Mercadante, vice de Lula, disse no horário eleitoral que o último acordo da dívida externa fora prejudicial ao país, o PSDB resolveu escalar Eli Teixeira para garimpar municião para uma resposta a ser enviada discretamente aos jornais. O jornalista procurou Gustavo Franco, que o atendeu com a condição de que a entrevista só fosse publicada depois de submetida a uma leitura prévia e aprovada. Como o combinado não foi respeitado, deu tudo errado. Para o candidato, que vive negando que a máquina do governo trabalhe para elegê-lo. E para Franco, que colocou suas digitais num boato que Collor gostava de repetir sobre Lula na campanha de 1989 antes de ele próprio promover o confisco.

"Zero" — "O Banco Central virou um comitê eleitoral de Fernando Henrique?", ironiza Mercadante. "O que tenho a dizer sobre isso é zero", diz Franco. "Foi um erro de interpretação da nossa parte", reconhece Augusto

Fonseca, chefe da equipe de jornalistas do comitê tucano. Com o episódio, Franco tornou-se o mais ilustre personagem de uma nuvem de boatos que tem acompanhado Lula, com a mesma insistência com que os números mostram sua queda nas pesquisas. Há quinze dias, Lula foi a um encontro com 300 líderes evangélicos, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro, para pedir-lhes que desmintam o rumor, espalhado pelos seguidores do bispo Edir Macedo, de que, se chegar ao Planalto, irá fechar as igrejas evangélicas.



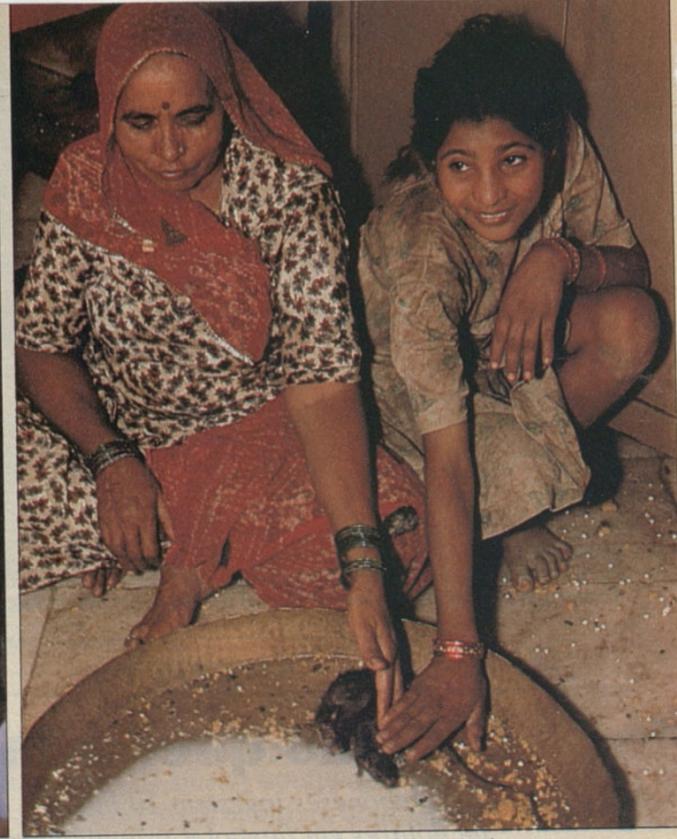
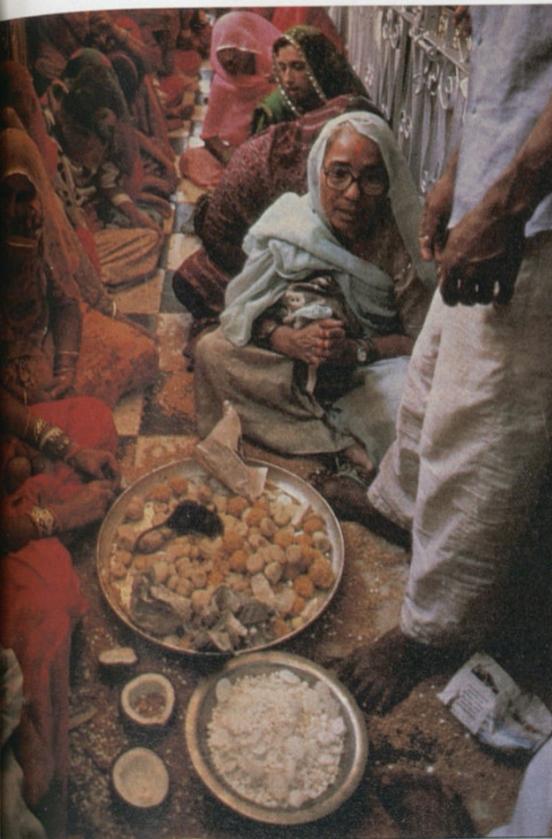
Lula com evangélicos: pedido de ajuda

Há vinte dias, no Piauí, circulou um panfleto forjado afirmando que Nazareno Fonteles, candidato do PT ao governo do Estado, planejava obrigar os moradores de bairros pobres a dividir suas casas com famílias desabrigadas. Rumores e esquisitices também envolveram a Secretaria de Assuntos Estratégicos, SAE. No fim de julho, uma das agências da SAE recebeu uma ordem cifrada de Brasília pedindo aos agentes que ficassem atentos para as ligações do PT com o Comando Vermelho, organização criminosa que controla a droga nos morros do Rio. "Estão planejando evitar a realização das eleições mediante ações terroristas", dizia a ordem. "Não há documento oficial da SAE com esse conteúdo", diz o almirante Mario Flores, chefe do órgão. O fato é que pelo menos um agente da SAE recebeu essa ordem de Brasília.

atendê-la". O bispo Macedo pede favores. Sua Igreja é a expressão local de evangélicos americanos, que, no país, se tornaram a maior fonte de votos do Partido Republicano e de campanhas ultraconservadoras. É natural que seja sária do PT. O errado é cometer o pecado da mentira em suas pregações e o cliente em suas relações com o governo.

CAMPANHA ENVERGONHADA — "A União tem o rebanho mais fiel, pois criou um curral eleitoral fechado que vota contra a ordem do pastor", analisa o sociólogo Paul Freston, autor de uma tese sobre o tema. Em 1990, Edir Macedo decidiu os aliados Aldir Cabral e Laprovita para o Congresso. Com a ajuda de um computador, a Universal demarcou as eleições do Rio de Janeiro onde a Igreja tem mais influência, para cada um. Aldir Cabral elegeu-se com 41 mil votos, obtidos nas áreas marcadas. Diretor da campanha, Laprovita Vieira não havia dois anos em São Paulo e, apesar da campanha, raramente ia ao trabalho. Mesmo assim, foi eleito com 35 062 votos.

A Igreja Católica não tem candidatos oficiais, mas tem concorrentes apóiam-se nos Centros de Renovação Carismática, que também abrem espaço para os católicos vale a pena numa eleição", diz um dos beneficiários vereador Chico Whitaker (PT-SP), assessor do cardeal-arcebispo Evaristo Cardinal, candidato a deputado federal. As campanhas da Igreja Católica são envergonhadas. Pelo menos cinco vezes por semana, Whitaker vai a encontros em universidades, escolas e centros sociais. Sem panfletos, sem carros de som. Uma semana passada, foi a um debate com centena de seminaristas, falou de generosidades e não pediu voto. A tarefa ficou para o político ligado à cúpula da Igreja e PT, Plínio de Arruda Sampaio. "Se alguém me perguntar quem é o melhor candidato eu digo: é Whitaker", garantia, num telefonema à espera de aplausos. Já o deputado Osmânio Pereira (PSDB-MG), fundador do primeiro grupo de Renovação Carismática no Brasil, tenta a reeleição. "É preciso ter homens da Igreja na política", defende. "A Igreja pode e deve dar boas opções para o eleitor", defende.



No santuário de Deshnok, os ratos são cultuados como divindades: fiéis oferecem doces e leite aos animais

RELIGIÃO

Os roedores divinos

Na Índia, culto religioso que venera ratos se transforma em perigo para a saúde pública

A pavorada com a epidemia de peste pneumônica, uma variante da Peste Negra que devastou a Europa durante a Idade Média, a Índia decretou guerra aos ratos, animais causadores da disseminação da doença que matou 57 pessoas até o fim da semana passada e espalhou uma trilha de pânico. A campanha mobilizou o país inteiro, ou quase — na cidade de Deshnok, no norte da Índia, a população prefere morrer a se livrar dos roedores. É um caso extremo em que a tradição religiosa vira inimiga da saúde pública. Em Deshnok, os ratos são reverenciados como divindades e, como tal, venerados num santuário hindu de 600 anos, o templo da deusa Karni Mata. Mais de 100 000 roedores perambulam pelo templo e seus arredores. Para os fiéis, as ratazanas são a reencarnação dos descendentes da deusa. "Quando um parente nosso morre, transforma-se em rato, e quando um rato morre, reencarna como membro de nossa comunidade", explica

Ballu Dan Barth, um dos guardiões do santuário.

A adoração de animais, por sua identificação com divindades, não é incomum no hinduísmo. Há templos para macacos e serpentes, e os ratos ocupam um lugar de honra na mitologia da Índia — são companheiros de Ganesh, o popularíssimo deus-elefante que ajuda os fiéis a vencer obstáculos. O caso dos adoradores da deusa Karni Mata, uma congregação formada por 500 famílias, é bem mais específico. Eles costumam atrair os roedores depositando doces e leite sobre bandejas de cobre na principal sala do templo. Os bichos se aproximam e são acariciados pelos fiéis enquanto saboreiam as oferendas. Os fiéis chegam a beber com veneração, na palma de suas mãos, o leite e a água que foram tocados pelos ratos.

Em Surat, cidade da costa oeste da Índia onde começou a epidemia de peste pneumônica, 400 000 pessoas já fugiram para



FOTOS: BALDEUS/VIGNA

outras partes do país. Para os seguidores de Karni Mata, não há razão para pânico. "Se alguém aqui tiver a doença, deve vir ao templo para se curar", afirma Dan Barth. Por sorte, a doença ainda não fez vítimas em Deshnok — se fizesse, a atitude menos recomendada seria uma visita ao templo. Transmitida originalmente por picadas de pulgas provenientes de ratos infectados, a peste pneumônica torna-se extremamente contagiosa entre as pessoas. Mata em poucas horas se não for combatida com antibióticos. O dilema atual da Índia é o de conciliar as tradições religiosas, que levam a população a proteger animais repelentes e perigosos como os ratos, e a necessidade de tomar medidas sanitárias para conter a epidemia. Em Bombaim, a metrópole mais próxima aos focos da peste, o governo lançou uma campanha de erradicação dos roedores. Não é uma tarefa fácil, mesmo quando se oferece dinheiro para cada rato morto. Até a semana passada, a guerra tinha produzido só 7 000 baixas entre os 50 milhões de ratos da cidade. ■

VEJA, 19 DE OUTUBRO, 1994

K

Corrida papal

Sucessão de João Paulo II agita o Vaticano

Se dependesse de João Paulo II, o tema da sucessão papal só seria invocado nos gabinetes do Vaticano a partir do próximo milênio. Místico ardoroso, ainda entusiasmado pela queda do comunismo na qual teve uma participação especial por seu apoio aos compatriotas rebeldes do sindicato Solidariedade, o papa polonês está convencido de que tem como missão conduzir a Igreja até além do limiar do ano 2000. Mas Karol Wojtyła, praticante de esqui, não tem como esconder o seu processo de debilitação física — e o inevitável clima de campanha entre os *papabili*. As razões para a corrida se acumulam. Em abril, o papa enfrentou a quinta cirurgia dos seus dezesesseis anos de pontificado. Ao cair no banheiro, fraturou o fêmur e teve de receber uma prótese no quadril. Em setembro, foi obrigado a cancelar a viagem que faria a Sarajevo, alegando problemas de segurança. Este mês, adiou uma visita à sede da ONU, em Nova York, por razões de saúde. Fala-se em mal de Parkinson, em câncer ósseo e até mesmo que passaria por períodos de certa confusão psicológica.

Nos corredores do Vaticano, não se fala em outra coisa. Com toda discrição, é claro. "A escolha de um papa é um processo estranho", diz o inglês Peter Hebblethwaite, um dos mais assíduos observadores do Vaticano. Enquanto em qualquer processo eleitoral os candidatos alardeiam programas e ostentam alianças, entre cardeais as campanhas são tão silenciosas que somem no farfalhar das batinas. Mas elas existem e já são muitas. O candidato mais insistentemente cotado é o cardeal Carlo Maria Martini, de Milão. De perfil moderado, ele conta com a simpatia da ala liberal e da imprensa italiana, especialmente quando aborda temas como a

contracepção e o celibato dos padres. É pouco, porém. Hoje, 70% dos cardeais que participariam de um conclave para a escolha do novo papa seriam fiéis à linha dura de João Paulo II em matérias doutrinárias.

"PIZZA COM COCA-COLA" — Insatisfeitos com a "invasão polonesa", que pretendem varrer do Vaticano assim que João Paulo II partir para o encontro com o Chefe Supremo, os italianos são pródigos em candidatos. Além de Martini, os mais citados são os cardeais Pio Laghi e Giacomo Biffi, com estilos completamente distintos. Ex-núncio papal nos Estados Unidos, Laghi prima pela diplomacia e elegância. Em contrapartida, Biffi, o mais xiita dentre os conservadores, adora acender polêmicas. Sobre a possibilidade de as religiosas terem as mesmas atribuições dos padres, ele dispara: "Já imagino a comunhão sendo celebrada com Coca-Cola e pizza". A restauração da hegemonia italiana não é coisa garantida. Enquanto a religiosidade se esvai nas sociedades mais desenvolvidas, corroída pelo

consumismo capitalista que João Paulo II tanto condena, a esperança da Igreja hoje se volta para o Terceiro Mundo, onde se encontram mais da metade dos 945 milhões de católicos.

Com base nesse critério, os vaticanistas apontam o cardeal Francis Arinze, da Nigéria, como o mais forte candidato do continente africano, onde seria um bastião para enfrentar o avanço do islamismo. Sua vantagem — e sua desvantagem — é que é negro, comentam os mais realistas. Se a geopolítica da sucessão pender para a América Latina, o Brasil promete dominar a cena. Dom Lucas Moreira Neves, arcebispo de Salvador e primaz do Brasil, contaria com o total apoio dos conservadores, vencendo, com folga, a indicação de dom Aloísio Lorscheider, arcebispo de Fortaleza. Contra dom Aloísio pesa a simpatia pela Teologia da Libertação, sistematicamente sabotada por João Paulo II e os conservadores que semeou no Colégio dos Cardeais.



Cardeal Martini: nome favorito dos liberais



Dom Lucas: o mais cotado na opção latino-americana

VEJA, 19 DE OUTUBRO, 1994

73

A IGREJA QUE ASSUSTA

O bispo Edir Macedo já tem mais de 3 milhões de seguidores

Centro de
Estatística Religiosa
e Investigações Sociais

CERIS

Anuário 2
Página Inicial
A Instituição
Atuação Social
Acompanhamento

17.06.02.20:54

17.06.02.20:54 2 von 3

1 von 3

O gueto cristão

Isolados em suas colônias e tradições, os imigrantes menonitas prosperam no sertão paraguaio

JAIME KLINTOWITZ, de Luz y Esperanza

A menos de 100 quilômetros do burburinho de Ciudad del Este, o paraíso paraguaio dos sacoleiros e das bugigangas eletrônicas, banuiu-se o rádio e abominam-se os perfumes. Ali, à beira da Ruta 2, a caótica faixa de asfalto que leva à fronteira brasileira, uns poucos milhares de cristãos fundamentalistas, da seita menonita, estão empenhados numa tarefa digna daqueles que acreditam que a fé remove montanhas: manter a balbúrdia do mundo moderno do lado de fora da porteira.

Com suas roupas e seu puritanismo, ambos igualmente fora de moda, as pequenas comunidades montadas junto à Ruta 2 pelos amish — o ramo menonita que inclui aquela gente avessa às máquinas modernas que dá guarida a Harrison Ford no filme *A Testemunha* — são o capítulo mais recente e menos conhecido de uma saga que começou há setenta anos, com a imigração de religiosos para o Chaco, a vasta terra inóspita que os paraguaios apelidaram de "inferno verde". A primeira leva de imigrantes (alemães étnicos que viviam na Ucrânia e fugiram do comunismo) chegou em 1926, atraída por uma lei negociada sob medida para suas peculiaridades religiosas. A Lei nº 514, de 1921, dispensou-os do serviço militar, de prestar juramento na Justiça e deu-lhes o direito de educar seus filhos na língua e do jeito que achassem melhor.

PRAGAS BÍBLICAS — O lugar que os menonitas escolheram para se fixar é uma reedição de pragas bíblicas: nuvens de gafanhotos, cobras venenosas, temperaturas de 43 graus e tempestades de areia. O sítio ideal para uma existência rural e despojada, do jeito que consideram próxima do modo de vida bíblico, que desejam imitar. A seita surgiu entre os protestantes suíços do século XVI e propagou-se pelo norte da Europa. Muitos fiéis des-

denham a tecnologia moderna, incluindo automóveis e telefones. O nome deve-se ao holandês Menno Simons, que organizou os fiéis. Os pilares da fé são a oposição ao batismo de crianças e ao uso de armas de qualquer tipo e a defesa intransigente da separação entre Igreja e Estado — idéias que evidentemente lhes valeram cruéis perseguições. Dispersa pelo mundo, a corrente menonita proliferou em várias vertentes, como a amish. Há atualmente 1 milhão de menonitas, metade nos Estados Unidos e Canadá. Com 27 000 fiéis em dezenove colônias agrícolas, o Paraguai hospeda a maior e mais influente comunidade da América do Sul.

Do tamanho do Estado de São Paulo, o Chaco abriga menos de 3% dos 4,5 milhões de paraguaios — quase que só menonitas e indígenas. As colônias do Chaco



FOTOS ANTONIO MILENA



VEJA, 1 DE MARÇO, 1995

was getan hat, dann antwortet das Evangelium: damit jeder, der an den Sohn glaubt, das ewige Leben hat und nicht verloren geht. Und für Ewiges Leben können Sie genau so sagen: Heiliger Geist: damit jeder den Heiligen Geist hat, aus dem er heraus lebt und Leben hat für immer.. In diesem Geist, in den hinein Jesus auferstanden ist, beginnt auch für...

für uns eine hellere Welt am Horizont menschlichen Denkens aufzusteigen, eine Welt die nicht mehr so absurd und sinnlos erscheint, eine Welt, die eine befreiende Aussicht auf ein vollendetes Leben gibt.

[Karte eingebunden]



prosperaram no solo ruim e hoje respondem por quase 50% da produção de leite do país. Em Filadelfia, a principal cidade menonita, com 3 000 habitantes, a 500 quilômetros de Assunção, os computadores da cooperativa atestam a adesão ao mundo moderno. A língua da colônia é o plattdeutsch, um dialeto alemão, mas ninguém ignora o espanhol. As escolas foram integradas ao sistema nacional de ensino, e uma geração inteira cruzou as portas da universidade. Na maré democrática pós-Stroessner, até elegeram um deputado e um governador.

A VOZ DO CHACO — A área ocupada pelas colônias no Chaco é grande o suficiente para figurar no Atlas — são 10 000 quilômetros quadrados, o equivalente a um Líbano. Vivem ali 12 500 colonos e 20 000 indígenas. Só há uma rádio para sintonizar: a Voz del Chaco Paraguayo, a emissora de Filadelfia. Seu orgulho são as transmissões em nove idiomas — alemão, plattdeutsch, espanhol, línguas indígenas e até meia hora diária em português.

O zelo religioso e apego às tradições definem os menonitas paraguaios em três fatias. A maior, as seis colônias ricas formadas pelos refugiados russos, veste-se como todo mundo e se diz "aberta" à sociedade paraguaia. O segundo grupo em tamanho é do tipo que não quer saber de estranhos. São os 10 000 imigrantes ultraconservadores vindos do México e do Canadá. Estão agrupados em sete prósperas colônias, verdadeiros guetos cristãos nos

Fé, isolamento e roupas estranhas: em Luz y Esperanza, onde o pastor Philip Eichorn (à direita) prega uma vida bíblica, as moças não saem de casa sem cobrir os cabelos. À esquerda, Jakob Klassen com a mulher e a penca de filhos: "Vivemos para nossa fé"



für uns eine hellere Welt am Horizont menschlichen Denkens aufzusteigen eine

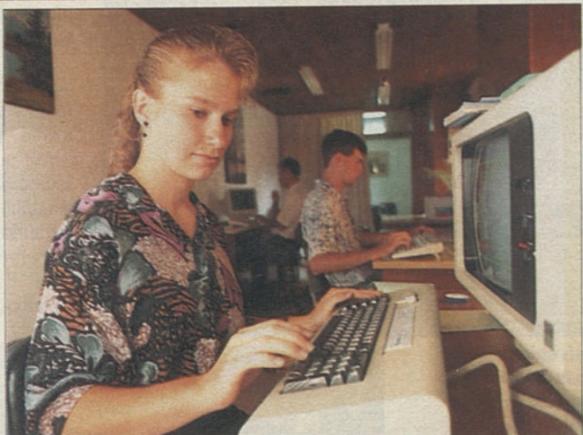


Os amish de Florida adotam máquinas agrícolas, mas não dispensam as carroças e as roupas tradicionais: computadores em Filadélfia, a capital do Chaco, onde os colonos preferem ser "paraguaios de fé menonita"

quais é proibido o uso do automóvel. A terceira parcela são os amish, que deixaram os Estados Unidos para converter os nativos. São rígidos em doutrina, roupas e costumes tradicionais — mas dão boas-vindas às máquinas modernas.

Na pequena comunidade de Florida, entre casarões brancos de madeira e tecnologia rural de primeira linha, os amish aferram-se ao figurino tradicional: calças pretas e suspensórios para os homens, vestidos longos e toucas para as mulheres. "A roupa indica nossa atitude não-conformista em relação aos estilos efêmeros do mundo", ensina o bispo John "Juan" Myers. "A touca é um modo de conhecer seu lugar no mundo. No plano da criação, a mulher está abaixo do homem, como o homem está abaixo de Deus."

COLHEITA DE ALMAS — Florida e Luz y Esperanza são parte de um grupo de seis colônias missionárias formadas nos últimos vinte anos. Na escolinha de Luz y Esperanza, onde o ensino é ministrado em inglês, alunos de várias séries compartilham a mesma sala de aula e o mesmo professor. A educação amish resume-se a doze anos de ensino elementar, com ênfase na doutrina religiosa. "Queremos uma vida



FOTOS ANTONIO MILENA

bíblica. Ou seja, simples", prega o pastor Philip Eichorn, líder espiritual de Luz y Esperanza. "As coisas que parecem grandes e importantes para o homem não são nada perante Deus. A TV, por exemplo, é a ruína da moral." As colônias amish são pobres, mas a colheita de almas é farta — um terço dos 130 colonos de Florida é de convertidos paraguaios.

Os supercarólas da colônia Rio Verde, a 300 quilômetros de Assunção, colocaram o automóvel entre as abominações modernas. Durango, a 150 quilômetros de distância, implicou com os pneus — lá, tratores e carroças usam rodas de ferro. Descontentes com a introdução de certos modernismos em suas comunidades originais, eles chegaram ao Paraguai nos anos 70 trazendo na bagagem tradições reverenciadas como sagradas. A educação é precária — sete anos para meninos, seis para meninas. Os homens vestem-se com macacões, as mulheres com vestidos es-

tampados em padrões florais, saias, chapéus e chapéus. Com quase 3 000 habitantes, Rio Verde é pragmática o suficiente para adaptar a suspensão da Kombi em suas carroças. Mas emprega em manias. Não dispõe de médico nem mesmo de ambulância. Em caso de necessidade, recorre-se a um massagista que também sabe engessar braços quebrados. "Vivemos por nossa fé e conforme nossa tradição", explica Jakob Klassen, plantador de soja e pai de dois filhos, a maior com 21 anos e o menorzinho com 1 mês. Como é natural, Klassen não sabe

dirigir, mas já se sentou ao volante numa visita aos primos mexicanos. "Era um carro com câmbio automático", ri. "Quer um dirige."

Habitantes de um país violento e proibido de usar armas, os menonitas tornaram-se presa fácil da bandidagem local. Apavoradas com a criminalidade crescente, as 100 famílias da colônia amish de Corrientes estão voltando para os Estados Unidos. Luz y Esperanza penou para livrar duma invasão de sem-terra. Os índios reivindicam 100 000 hectares, parte deles dentro das colônias no Chaco. Políticos de oposição querem revogar a Lei nº 514, que livra os menonitas do serviço militar. Nem Rio Verde escapa aos sinais dos tempos. "Há muitos jovens que escutam rádio às escondidas", confidencia Klassen, com olhar maroto. No Paraguai está difícil manter o burburinho do mundo moderno do lado de fora da porteira.

RELIGIÃO

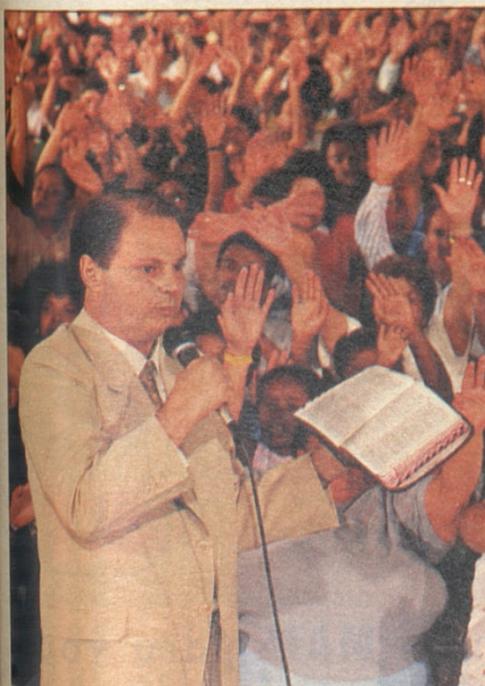
Multinacional da fé

A igreja do bispo Edir Macedo está instalada em quatro continentes e ganha uma aura de grande empresa

O bispo Edir Macedo, dono da Igreja Universal do Reino de Deus, está construindo um paraíso na terra. Sua igreja, fundada em 1977 numa antiga funerária num subúrbio carioca, está como o diabo gosta. Já tem 3 milhões de fiéis no Brasil, que se reúnem em mais de 2 000 templos, e está virando uma multinacional. A exportação começou em 1985, pelo Paraguai. Na época, o bispo fez uma campanha para arrecadar fundos e instalar um templo em Assunção. Três meses depois, com a ajuda financeira dos fiéis, já havia três templos na capital paraguaia. Desde então, a expansão de fronteiras vai de vento em popa. Em sua casa em Nova York, onde passa seis meses por ano, o bispo Macedo tem um mapa-múndi enorme para fincar alfinetes em cada país onde abre uma nova filial. Já espetou 32 alfinetes. A igreja tem 221 templos em quinze países das Américas, em cinco da Europa, onze na África e atualmente força sua entrada na Ásia. Tem sete templos

nas Filipinas e, em maio, pretende inaugurar a primeira sucursal do reino no Japão, de olhos voltados para arrebatar dekasseguis.

Com esses números, a Universal é mais internacional que a empreiteira Norberto Odebrecht, que mantém obras em dezoito países. Com 37 bispos e mais de 7 000 pastores no Brasil e no mundo, a igreja tem mais funcionários do que a Brahma, que emprega 5 600 pessoas. Seu patrimônio, avaliado em 400 milhões de dólares, é quase o dobro do da filial brasileira da Esso. Em São Paulo, a igreja tem até uma holding, a LM Consultoria, que administra todos os negócios, além de uma pequena instituição financeira, o Banco de Crédito Metropolitano. Mesmo assim, a igreja ainda não é um estrondo na matemática religiosa. Tem menos fiéis no Brasil do que a Assembléia de Deus, cujo rebanho é de 8 milhões. A igreja Deus é Amor também alarga fronteiras e tem templos em 29 países. A diferença é que a Universal cresce com velocidade impressionante. A Assembléia de Deus existe desde 1911. A Deus é Amor tem 33 anos. Nenhuma teve tamanha expansão em dezessete anos, como a Universal. "Por causa da sua visão empresarial, a Universal queima etapas do percurso de outras igrejas evangélicas", diz o cientista social Paul Freston, um dos primeiros a estudar o boom evangélico no Brasil. "Ela é uma multinacional prodígio."



MARCOS ROSA

O bispo Macedo: colocando alfinetes no mapa-múndi

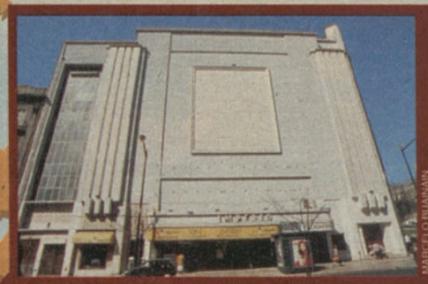
[Karte umblinzt]



Madeira, numa cidade do interior da Argentina ou num templo na Califórnia, consomem metade do tempo falando em Jesus e a outra metade pedindo dinheiro, dinheiro e dinheiro. Na igreja de Newark, em Nova Jersey, o pastor que prega para uma platéia de luso-brasileiros está sempre lembrando: "O dízimo é sua obrigação. Neste país, você dá 30% do que ganha ao governo. E a Deus você só dá 10%". Na igreja de Paris, o pastor Ricardo Antunes faz pregação para uma platéia de imigrantes portugueses e pede o troco. Convida os fiéis a levantar as mãos com as ofertas de dinheiro que farão. "Olha, pessoal, aqui vocês não são obrigados a dar. Mas é uma forma de agradecer as bênçãos." O pastor Antunes vive bem. Para ir de casa ao trabalho, utiliza uma BMW. Na Argentina, o bispo Marcos Vinicius conta, num templo de Buenos Aires, a história de como o personagem bíblico Davi derrubou o gigante com uma pedra. Coloca um gigante de isopor num palco e vende pedras aos fiéis por 23



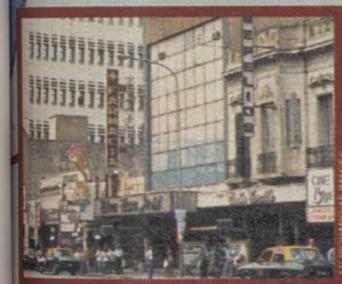
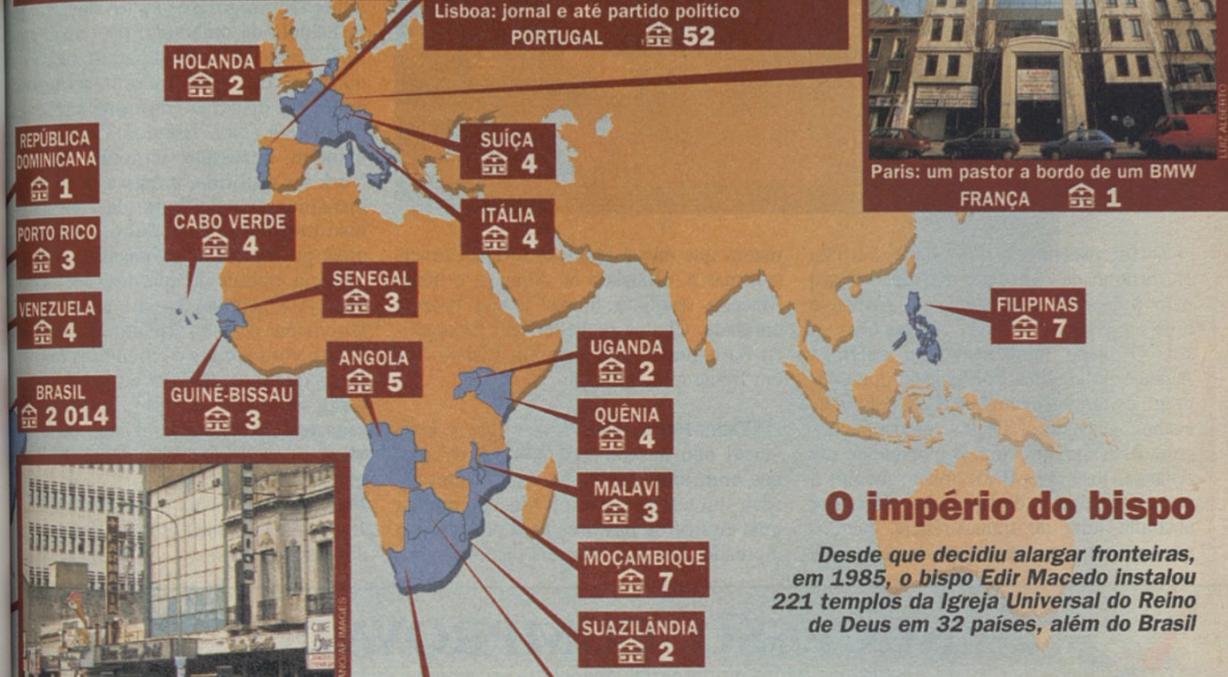
Nova York: 30% ao governo, 10% a Deus
ESTADOS UNIDOS 17



Lisboa: jornal e até partido político
PORTUGAL 52



Paris: um pastor a bordo de um BMW
FRANÇA 1



Buenos Aires: pedras a 23 reais
ARGENTINA 22

O império do bispo

Desde que decidiu alargar fronteiras, em 1985, o bispo Edir Macedo instalou 221 templos da Igreja Universal do Reino de Deus em 32 países, além do Brasil

Número de templos da Igreja Universal do Reino de Deus

dólares, para que derrubem os seus "gigantes interiores".

Num culto em Lisboa, há quinze dias, 800 pessoas aglomeradas no antigo cine império levantavam-se para garantir ao pastor que, sim, a partir daquele dia, iriam reservar parte do salário para dar à igreja, conforme pedia o pastor. De todos os fiéis, em qualquer parte do mundo, a Universal pede que doem 10% do salário bruto por mês. Em alguns casos, fazem questão de deixar bem claro o que é isso. Há um mês, um pastor pregava num templo de San Martín, um bairro pobre da região metropolitana de Buenos Aires. "Se eu recebo um salário de 800 dólares, quanto é o meu dízimo?", perguntava o pastor. A platéia respondia: "Oitenta dólares". "E se quiserem receber o dobro da bênção de Deus devem pagar o dízimo dobrado. E quanto se pagava?" A platéia: "Cento e sessenta dólares". Até nas grandes romarias de fiéis a

igreja fatura dinheiro. Nesta sexta-feira, a Universal pretende lotar o Maracanã. Os fiéis da Argentina que quiserem ir ao Rio de Janeiro devem pagar 400 dólares, o preço de mercado para uma passagem aérea. Qualquer agência de turismo em Buenos Aires faz um pacote para um grupo de turistas com desconto, cobrando até 250 dólares por passagem.

PARTIDO DA VASSOURA — A expansão da igreja no mundo segue um método cuidadoso há dez anos. Depois de pisar no Paraguai, o bispo Macedo apostou em outros países da América Latina. Deu certo, e então se arriscou no pedaço português da África, instalando-se em Moçambique e Angola. Também deu certo, e o bispo aventurou-se na Europa e, em seguida, nos Estados Unidos. Mas foi em Portugal, onde tem 52 templos, que colheu seu maior sucesso até agora. Em cinco anos no país, tem três emissoras de rádio e comprou por 1,5 milhão de dólares meia hora diária na TV SIC, da qual a

TV Globo tem 12%. O programa segue os moldes dos exibidos pela Rede Record no Brasil, em que os pastores entrevistam fiéis que contam como sua vida melhorou depois que entraram para a igreja. Também tem um jornal mensal, a *Tribuna Universal*, com tiragem de 80 000 exemplares. Com esse arsenal, a Universal é a igreja pentecostal que mais cresce no país. Em julho de 1993, pesquisa da empresa Marktest atribuía 40 000 fiéis à igreja — número igual ao rebanho das Testemunhas de Jeová, no país há mais de duas décadas.

O bispo Macedo chegou agressivo em terras portuguesas. Criou até um partido político, o Partido da Gente, cujo símbolo é uma vassoura, e está pronto para concorrer às eleições parlamentares de outubro próximo. "Já teremos uma pequena bancada", prevê o sociólogo José Branco, um dos membros da cúpula do partido. Oficialmente, o PG não tem vínculos com a Universal, mas até seu presidente, o jornalista aposentado Luís Farinha, não



A sede da holding: patrimônio calculado em 400 milhões de dólares

consegue esconder a intimidade. Farinha era o dono da rádio que a Universal usa para transmitir programas em Lisboa e hoje é o editor-chefe da *Tribuna Universal*. O bispo também tentou aderir à Aliança Evangélica Portuguesa, que congrega as igrejas evangélicas do país, mas acabou barrado. "Temos preocupações com essa igreja", diz o presidente da Aliança, José Dias Braz. "Não sabemos a que se destina o dinheiro dos fiéis, por absoluta falta de transparência, nem o que querem com esse partido, que eles

dizem que não é ligado à Igreja Universal, mas é." Barrado na Aliança, o bispo Macedo resolveu fundar a sua própria entidade. Chama-se Federação Evangélica Portuguesa, cuja sede em Lisboa fica em frente à da Aliança.

"TIENE PROBLEMAS?" — A Igreja Universal não desembarca nos países apenas com uma *Bíblia* na mão. Antes de abrir um templo, o bispo Macedo manda uma equipe de pastores para pesquisar o mercado. Em janeiro, seis pastores visi-

taram a República Dominicana. A equipe estudou as chances de sucesso: igreja no país, a linguagem mais adequada aos cultos e bons lugares para abrir um templo. Decidiram que o melhor era inaugurar um templo na capital, Santo Domingo, e os cultos deveriam ter influência da umbanda, para atrair os fiéis. Como promete o paraíso na terra não nos céus após a morte, a Igreja adota um discurso conforme a realidade da platéia. Nos Estados Unidos, ela mantém dezessete templos, de Nova York à Califórnia, a massa de fiéis é hispano-brasileira. Nos cultos, em português ou espanhol, os pastores com frequência tratam de questões de imigração. Aos sábados, pelo canal de Univision, o bispo Renato Maduro, brasileiro como todos os membros da igreja, prega um culto ao vivo no Long Island e sempre pergunta aos seus telespectadores: "Usted tiene problemas migratórios? Solamente yo puede salvarte!" O curioso é que Renato Maduro ainda não teve a salvação. Jesus. Está clandestino nos Estados Unidos há oito meses.

SUCESSO COMPROVADO

A sólida estrutura empresarial, associada ao sucesso mundial dos aprimorados equipamentos fabricados nos U.S.A., levaram a Toning Systems a liderar o mercado brasileiro de ginástica passiva em pouco mais de um ano. O suporte integral (implantação, treinamento, assistência técnica e divulgação) garante uma total satisfação de todos os franqueados e clientes.



7 Camas de ginástica passiva para modelar, tonificar, combater a celulite e eliminar o estresse.



Oportunidade para montar seu centro em uma área exclusiva.

TONING SYSTEMS

Informações, Franchising e Vendas
Tels.: (011) 492.4024/492.6009 Fax: (011) 492.5090

- Emagrecimento
- Relaxamento
- Energia
- Criatividade
- Beleza
- Anti-tabagismo
- Sensualidade



ALPHAMASSAGE™, a terapia computadorizada de massagem vibratória, sauna seca, aromaterapia ionizada e muito mais.

CENTROS DE GINÁSTICA: São Paulo-SP (011) - Cidade Jardim 815.6350 - Jardim Paulista 853.8010 - Av. Brig. Luiz Antonio 889.7076 - Morumbi 846.6787 - Pacoima 262.9484 - Alto de Pinheiros 832.4618 - Sumarezinho 815.1954 - Ipiranga 63.7961 - Praça Panamericana 210.0008 - Moema 240.6388 - Vila Mariana 570.0899 - Jardim Paulista 273.0971 - Jardim França 204.7285 - Jardim São Paulo 950.8492 - City América 834.5294 - Tatuapé 294.5710 - Granja Viana 492.4024 São Caetano 453.8412 - São João do Rio Preto-SP (0172) 34.2285 - Ribeirão Preto-SP (016) 823.4653 - Santos-SP (0132) 22.7610 - Indaiatuba-SP (0192) 75.0310 - São José dos Campos-SP (0123) 411.1111 - Araraquara-SP (0162) 36.5437 - Araçatuba-SP (0186) 23.8534 - Presidente Prudente-SP (0182) 33.2154 - São Carlos-SP (0162) 72.7489 - São João da Boa Vista-SP (0196) 23.3081 - Sorocaba-SP (0152) 31.5487 - Natal-RN (084) 211.2913 - Vitória-ES (027) 325.8267 - Vila Velha-ES (027) 329.3676 - São José de Florianópolis-SC (048) 41.1206 - Brusque-SC (0473) 55.2116 - Blumenau-SC (0473) 22.1919 - Jaraguá do Sul-SC (0473) 71.7431 - Santa Cruz do Sul-RS (051) 715.2502 - Bento Gonçalves-RS (054) 452.3769 - Santa Maria-RS (055) 222.4210 - São Leopoldo-RS (051) 592.0747 - Curitiba-PR (041) 232.5085 - Rolândia-PR (043) 255.1111 - Belo Horizonte-MG (031) 221.3404 - Campo Grande-MS (067) 382.7792 - Cuiabá-MT (065) 624.6482 - Brasília-DF - São Luís-MA (098) 248.3668 (061) 314.1111 - Niterói-RJ (021) 722.1001 - Rio de Janeiro-RJ - Barra da Tijuca (021) 431.1297 - Resende-RJ (0243) 54.6592 - Volta Redonda-RJ (0243) 42.1111 - BREVE: São Paulo-SP: Vila Hamburguesa - Vila São Francisco - Chácara Flora - São Bernardo do Campo - Rudge Ramos - Barretos-SP - Birigüí-SP - Taubaté-SP - Florianópolis-SC - Caxias do Sul-RS - Camaquã-RS - Ijuí-RS - Fortaleza-CE - Maceló-AL - Governador Valadares-MG - São João Del Rei-MG



Em alta

- Arte
- Revistas
- TV
- Esoterismo
- Artistas
- Comunicação

Em baixa

- Política
- Livros
- Teorias sociológicas
- Religiosidade
- Ídolos políticos
- Reflexão

campanhas de produtos endereçados a adolescentes, a iniciativa acabou resultando no retrato mais concreto e bem-acabado desse jovem global da casta dos privilegiados do mundo. "É impressionante verificar como, no território adolescente, a globalização é mais do que um blablablá de futurólogos", espanta-se o publicitário Paulo Salles.

A globalização se dá sob o arrasador poder de fogo da cultura americana. Feche os olhos e tente imaginar a quantidade de jovens que, neste exato momento, em todo o planeta, estão ouvindo a banda Green Day, pensando em dar uma volta para comer um Big Mac ou comentando o filme *Pulp Fiction*. ("Falei nesta semana com os amigos de lá e eles adoraram *Pulp Fiction*. Nós aqui também", confirma o holandês Marc Fermin Alvaro, 17 anos, filho de diplomata, aluno da Escola Graduada, em São Paulo.) O interesse da pesquisa, no entanto, ultrapassa as fronteiras da padronização do consumo. Os jovens de classe média alta demonstram uma impressionante unanimidade de aspirações. Não estão interessados em expressar rebeldia nem em deflagrar movimentos de contestação. (Meros 6% dos brasileiros descreveram-se como rebeldes.) A preocupação com o meio ambiente, martelada desde a tenra infância nas cabecinhas dessa geração, não consta da lista de prioridades nem de 50% dos adolescentes pesquisados. Apenas 20% dos brasileiros disseram que nunca fariam nada errado para obter vantagens pessoais. (Os italianos, do país da operação Mãos Limpas, se acham uns santos: 63% formam nas fileiras da moralidade.) Em contrapartida, a fúria acumulativa dos anos 80 já caminha para o passado. Ser rico é o objetivo yuppie listado por 20% dos alemães e 23% dos brasileiros. (Herdeiros do capitalismo puro e duro, os americanos fazem as honras da casa com 54% de jovens ambiciosos.) Mas arranjar um bom emprego figura num lugar de honra da lista, de preferência gerenciando seu próprio negócio. "São garotos de 16, 17 anos com a cabeça de um adulto de 35", afirma Elissa Moses, vice-presidente da DMB&B, que comandou a pesquisa mundial de seu escritório em Nova York.

BAIXO CONFLITO — Independentemente da latitude em que vive, o jovem global é dono de uma autoconfiança que beira a arrogância. Prova disso é o alto índice de adolescentes que cravaram um xis no item "depende de mim conseguir o que quero na vida" (81%). "Acredito na minha capacidade, sei que com força de vontade vou ter condição de atingir meus objetivos", proclama de maneira ilustrativa o carioca

Gustavo de Moraes, do alto de seus 18 anos. "Se eu não confiar em mim mesmo, quem vai acreditar?", emenda o amigo Rafael Motta, 18. A autoconfiança não é uma característica nova no comportamento do adolescente, como observa Tânia Zagury, professora de psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. "O jovem tem muita confiança no próprio potencial, e isso é bom porque lhe dá força para lutar por suas metas", diz Tânia. A novidade está no contraponto.

Essa autoconfiança quase delirante, que em outros tempos resvalava no que se pode chamar de "mito da imortalidade", é agora acompanhada por uma marcante preocupação com a morte. Pelo que se deduz da pesquisa, o banditismo nas grandes cidades e os vírus letais assombram cada vez mais as cabeças em formação, em meio a um clipe do Cranberries e a uma jogada sensacional de Shaquille O'Neal. As diferenças nacionais evidentemente pesam como nunca — se 25% dos jovens italianos temem ser vítimas de algum crime, o número dobra entre os colombianos. Entre as preocupações mais intensas relacionadas ao assunto, registradas no total geral, estão a saúde dos pais (63%), a própria saúde (57%), a Aids (50%) e, principalmente, perder alguém que ama (64%). "Meu maior medo é perder as pessoas de que gosto. Já perdi uma amiga e ainda não me recuperei", concorda a paulista Daniela Maluf, 17 anos. Quando aparece de forma direta e isolada, o item

morte é motivo de angústia para 37% entrevistados.

Na década de 60, os pais do mundo global provavelmente não acreditavam



O que os jovens querem, receiam e esperam da vida

A pesquisa foi feita com 6 547 jovens de 26 países. VEJA selecionou uma amostra das expectativas e preocupações mais significativas em cinco países — em %

	Brasil	Colômbia	EUA	Itália	Alemanha	TOTAL
Terminar os estudos	72	91	93	87	74	86
Ter sucesso na carreira	70	89	89	55	49	81
Ser um adulto feliz	60	82	81	80	53	79
Fazer faculdade	64	87	77	54	43	74
Encontrar um bom emprego	71	73	78	82	74	73
Ter uma boa casa ou apartamento	59	78	82	65	75	73
Ter dinheiro para viver com conforto	63	75	82	58	54	72
Despertar orgulho em minha família	61	75	79	60	48	70
Casuar	53	82	77	71	65	69
Viver num mundo pacífico	58	58	59	66	59	66
Ajudar os outros	58	64	71	60	55	63
Ter filhos	47	75	71	63	67	63
Encontrar alguém para amar	57	78	56	66	44	52
Aids	57	62	57	62	64	50
Não ter dinheiro suficiente	43	58	64	37	52	50
Ser rico	23	45	54	30	20	45
Melo ambiente	25	53	40	26	63	44
Ser vítima de crime	33	51	32	25	36	27
Ser rebelde	3	13	21	14	13	13
Entrar para o governo	3	18	20	4	9	12

* Resultado geral dos 26 países

ninguém com mais de 30 anos. Mas agora a história é outra: no quesito "pessoas em quem confiam", seus filhos mostram que o conflito de gerações passa por uma fase de baixa intensidade. Para 79% dos entrevistados, pais são pessoas em quem se pode confiar. Ponto de vista compartilhado sem ressalvas pela carioca Maria Eduarda Guaraná, "Duda", 15 anos. "Tenho um ótimo relacionamento com meus pais, o diálogo é aberto e troca de idéias, constante", diz Duda. "Prouro seguir o que meus pais dizem, até porque eles têm mais experiência", ecoa a bem-comportada Daniela Gadelha, 17.



Ninguém é de ferro

atividades de lazer. Acredite, se quiser, no item 8 — em %

	Brasil	Colômbia	EUA	Itália	Alemanha	TOTAL
Assistir à televisão	77	91	95	92	93	93
Ir com amigos	73	96	96	97	95	93
Comprar fitas/cassetes/CDs	66	96	96	90	95	91
Comprar rádio	81	80	95	87	74	85
Assistir a filmes em casa	53	78	53	87	78	83
Comprar revistas	54	80	84	81	86	80
Ir ao cinema	51	73	90	76	83	80
Estudar	58	67	72	72	61	72
Comprar compras	42	64	86	65	73	71
Comprar jogos	42	58	70	68	53	67
Comprar livros	42	58	70	61	70	67
Comer num restaurante	33	87	86	45	46	64
Comprar discos de música	39	71	70	49	63	63
Comprar de carro	43	69	75	47	81	57
Comprar jogos de tabuleiro	16	42	36	24	36	34

VEJA, 19 DE ABRIL, 1995



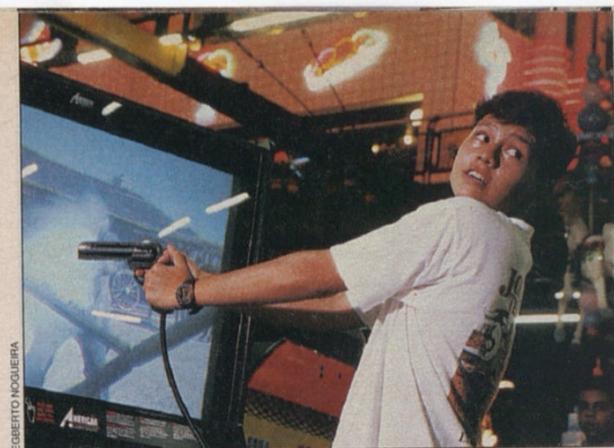
Fé em mim e pé no flipperama

A maior preocupação do paulista **Fábio Yoshikazu Cristófoli Ueno**, 16 anos, é uma guerra nuclear. O que mais o aterroriza, porém, não é a extinção da espécie humana, e, sim, a possibilidade

de sua rotina sofrer uma dolorosa transformação. Caso acontecesse a hecatombe, Fábio não poderia mais almoçar todos os dias no McDonald's nem jogar flipperama nos shoppings que frequenta. Como se não bastasse a tragédia que abalaria o seu confortável cotidiano, nesse hipotético mundo em ruínas ele seria obrigado a contar com a ajuda dos outros, uma idéia para a qual torce o nariz. "Só depende de mim ter um futuro melhor, conseguir ter tudo o que quero", diz Fábio, expressando a mesma opinião de 66% dos jovens brasileiros ouvidos pela agência Salles/DMB&B.

Viver em sociedade implica, para ele, fazer parte de uma turma de garotos de sua idade, seguir rigidamente seus códigos de comportamento, linguagem e vestuário. "Você tem de se adaptar para não ficar sozinho nesta vida", receita. "Mesmo que isso signifique sair vestido com um saco de batatas." Mas pertencer a um grupo homogêneo não quer dizer necessariamente ter confiança plena nos companheiros. Fábio desconfia, a princípio, de todo mundo — qualquer pessoa, acredita, pode decepcioná-lo a qualquer momento. "Sei que meus amigos também pensam isso de mim", conforma-se, referendando um dos dados mais curiosos da pesquisa: somente 29% dos jovens brasileiros confiam em seus próprios amigos, um número incrivelmente baixo se comparado ao resultado global de 66%.

Fábio está cursando a 2ª série do 2º grau, mas ainda não escolheu a profissão que pretende seguir. Ele só sabe que, quando se formar, quer conseguir um bom emprego e ter um padrão de vida um pouco melhor do que o alcançado por seu pai, um engenheiro civil. "Quando estiver estabelecido profissionalmente, pretendo me casar e ter filhos", sonha Fábio. "Formar uma família faz parte do meu destino."



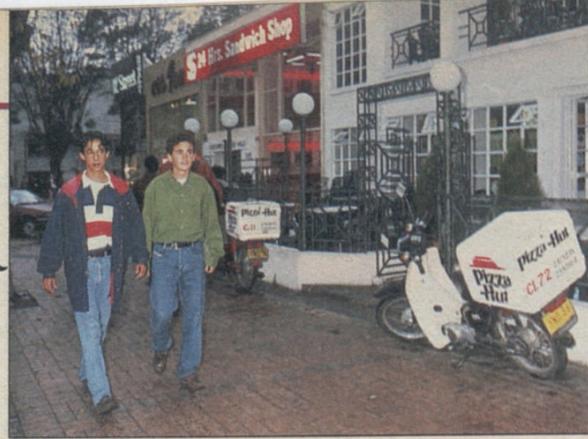
EDUARDO NOGUEIRA

Shopping seguro, mundo perigoso

O colombiano Jorge Avila, 16 anos, é um garoto feliz. Há poucas semanas ele ganhou um computador com recursos multimídia de seu pai, dono de um bem-sucedido escritório de consultoria econômica em Bogotá, cujo faturamento anual chega a mais de 100 000 dólares. Com a ajuda da engenhoca dos sonhos de dez entre dez garotos, que ocupa um lugar de honra em seu quarto, Jorge está aperfeiçoando rapidamente seu inglês. O bom conhecimento do idioma é indispensável para ele acompanhar as aulas no colégio bilingüe Anglo Colombiano, um dos melhores da capital do país, no qual ingressou depois de passar quatro semanas na Inglaterra, "para soltar a língua".

Quando não está na frente do computador, estudando ou brincando com seus CD-ROM de última geração, Jorge pode ser encontrado na casa de seu melhor amigo, Farid Jabba. Os dois passam horas ouvindo discos de grupos pop como Nirvana, Aerosmith e Cranberries. Um dos lugares preferidos da dupla é o fast food Charlie's Roast Beef, localizado num bairro chique de Bogotá, a poucos quarteirões da casa de Jorge. "Os pratos são baratos e não temos de nos misturar com os mais velhos", diz Farid, referindo-se aos rapazes de 18 anos que também costumam circular pelo pedaço fértil de garotas bonitas. "Além disso, fica perto do Shopping Center Andino, aonde costumamos ir nos fins de semana", acrescenta Jorge.

Ele vive numa redoma de segurança, mas o grande medo de 51% dos colombianos ouvidos pela pesquisa começou recentemente a rondar seu cotidiano: ser vítima de um crime. "Os jovens são os que mais sofrem com a violência", afirma Jorge, demonstrando algum desalento. "O mundo está de cabeça para baixo, ninguém pensa na própria comunidade." Com relação às drogas, principal item de exportação da Colômbia e preocupação de 35% dos jovens consultados, ele é de um fatalismo realista: "É preciso estar preparado, porque mais cedo ou mais tarde alguém vai-lhe oferecer".



ALFONSO DURBER

uma vida decente para todos, mas não acredito que isso seja possível", resume o carioca Gustavo de Moraes.

MARXISMO NEW AGE — Na encruzilhada do desejo de um mundo mais equânime e da impotência, ou o desinteresse em desfaldar bandeiras de luta, mora o individualismo. Na opinião da educadora Isaura Rocha Figueiredo Guimarães, da Universidade de Campinas, o perfil de consumo do jovem é um claro indicio de como as coisas caminham. "Hoje, ele quer ter a sua própria televisão, o seu computador, o seu carro. Isso é expressão do individualismo exacerbado que tomou conta de todos", afirma Isaura. "Vai longe o tempo em que os adolescentes falavam com orgulho do carro do pai." O mundo evidentemente sempre caminhou alimentado pelo individualismo — apenas outro nome para a luta pela sobrevivência. Somente em fases excepcionais, formou-se um grupo suficientemente forte de abnegados (ou intoxicados) para alterar os rumos da História. Nos intervalos, as pessoas continuam querendo o melhor para si, seja o carrão do pai, como na geração passada, seja a máquina própria, como os exigentes meninos da tribo global.

Se a década de 80 alimentou os sonhos megalomaniacos da geração yuppie, os anos 90 indicam uma forte tendência para o despojamento — mas de um tipo

curioso. Já foi dito que os universos pesquisados global não quer ficar. No Brasil quase deu traço, mas deseja levar uma vida apenas 1% de crédulos, confortáveis. Só que esse número contra 4% no geral.

CLÁ MUNDIAL — Individualismo, ceticismo e desconfiança em relação aos computadores com recursos multimídia de vigésima geração ao celular mauricinho, para adultos chatos que ainda pensam nessas coisas, tende a ser visto como resultado de um longo e ininterrupto trabalho de enquadramento no sistema capitalista. Segundo a psicóloga social Cecília Pesca-

Com furo, todo mundo sabe, é mais. No entanto, mais do que ter dinheiro suficiente para viver sem sobressa (72%), o adolescente retratado aspira uma espécie de ideal marxista novo em que o lazer de qualidade se soma ao trabalho do qual se extrai prazer, cas retumbantes 82% dos entrevistados, triste ver pessoas que não gostam do fazem. Não quero ser assim", diz o poeta José Thomaz de Luca, 16 anos, juventude dourada dos dois hemisférios também se une estrepitosamente no há à política tradicional. Da Rússia ao Brasil da Alemanha à Tailândia, a esmagada maioria faz suas as palavras de Carlos Veloso — política é o fim. O caso brasileiro é exemplar: entrar para o governo um desejo de escassos 3%. Políticos ainda, as pessoas menos confiáveis

Espelho, espelho meu

Os jovens contam como são, ou acham que são — em %

	 Brasil	 Colômbia	 EUA	 Itália	 Alemanha
Engraçado	13	56	75	49	66
Original	26	51	57	39	28
Individualista	8	40	46	20	47
Como meus amigos	5	16	47	20	23
Intellectual	10	22	44	17	22
Conservador	23	22	45	3	15
Rebelde	6	22	25	31	25
Relaxado	3	53	12	2	21
Sofisticado	3	13	28	7	38
Grunge	3	5	9	2	8



MARCELO LEOTTA

Sempre plugada a vários fios

A vida da romana Monica Santonico, 18 anos, está sempre por um fio — seja da televisão, seja do rádio, seja do telefone. Não é raro encontrá-la plugada aos três ao mesmo tempo. Monica con-

segue a proeza de assistir a videocliques — diversão de 72% dos entrevistados na Itália — enquanto conversa com uma amiga distante e se deleita com o programa de seu DJ preferido. "São meus vícios. Não posso viver sem eles", admite a ragazza.

Monica vive num amplo apartamento de um condomínio fechado, em preguiçoso estado de semi-isolamento. Filha única de um funcionário do Ministério dos Bens Culturais (renda mensal líquida de 6 000 dólares), durante a semana ela praticamente só sai de seu quarto para ir à escola ou para alimentar seu porquinho-da-india. Aos sábados, Monica costuma passar horas diante do espelho, antes de seguir rumo às discotecas da moda, onde o som habitual é o bate-estaca da dance music. Ao cinema, ela quase não vai. O único filme a que assistiu no ano passado foi *O Rei Leão*.

Sua maior preocupação é conseguir um bom emprego quando adulta — a mesma de 82% dos italianos consultados, em um país onde a massa de desempregados perturba os sonhos da juventude. No ano passado, Monica procurou trabalhar como baby-sitter. Espalhou anúncios em seu bairro, mas não recebeu nenhum telefonema. "Por isso mesmo, prefiro ficar aqui no meu quarto, vendo o mundo passar pela televisão", resigna-se. O grande sonho de Monica é cursar a faculdade de educação física e, em seguida, abrir uma academia de ginástica. "Quando tiver meu próprio dinheiro, vou poder gastar bem", sonha a romana. Para ela, gastar bem significa comprar roupas e acessórios de griffe, como os relógios da marca suíça Swatch, cujos modelos coloridos se alternam nos pulsos de 75% dos adolescentes italianos de classe média. No plano sentimental, seu projeto é casar-se com 26, 27 anos. Monica quer ter dois filhos. "Vou dar a eles uma educação diferente da que recebi", assegura.

Não confie em ninguém do governo

Quais as pessoas em quem a moçada confia — em %

	 Brasil	 Colômbia	 EUA	 Itália	 Alemanha	TOTAL
Em mim mesmo	83	93	92	83	81	87
Pais	64	87	76	83	78	79
Amigos	29	67	57	66	76	66
Outros parentes	19	56	52	25	44	44
Avós	19	45	53	33	35	43
Namorado ou namorada	23	45	43	34	50	37
Professores	19	18	39	28	4	29
Líderes religiosos	19	16	31	10	12	19
Técnico esportivo	8	5	21	12	6	14
Políticos	1	2	5	2	2	4

Sai, Satanás

Exorcismo por atacado e depoimentos na TV são as novas armas da Igreja Universal

EDNA DANTAS

Às sextas-feiras, os demônios estão à solta nos 2 000 templos da Igreja Universal do Reino de Deus espalhados pelo Brasil. Exu-Caveira, Tranca-Rua, Oxalufã, Pombajira, Maria-Bonita e outros habitantes do inferno, liderados pelo deus do mal, Lúcifer, materializam-se no corpo dos fiéis. Com suas vozes cavernosas, mãos em forma de garras e pés virados para trás, eles rosnam e xingam. "Sai, Satanás, sai", gritam os pastores, nesse ritual de exorcismo que se tornou a máxima da Igreja Universal para atrair novos seguidores. Os exorcismos podem acontecer em qualquer dia, mas as sextas-feiras são malditas e dedicadas à expulsão dos espíritos do mal. O "Dia da Libertação", como é chamado o culto das sextas-feiras, atrai um número cada vez maior de fiéis, interessados em se livrar das entidades nefastas que os impedem de ser felizes com a família, resolver problemas de saúde, arrumar um emprego e progredir na vida.

É um ritual coletivo, emocional e impressionante, animado pelos gritos do pastor ao microfone e orações dos "obreiros", seguidores que prestam serviços voluntários à Igreja, murmuradas ao ouvido do endemoniado. Os templos da Igreja Universal estão instalados geralmente em grandes salões, cinemas ou teatros desativados, com cadeiras para os fiéis e um palco, com púlpito, para o pastor. No Dia da Libertação, todos são convidados a ficar em pé e fechar os olhos. Seguem-se orações, cantos e gritarias que podem demorar até três horas ou até o último demônio ser expulso. Nos grandes templos, como a sede nacional da Igreja Universal, na Avenida Celso Garcia, em São Paulo, quarenta pessoas podem ser exorcizadas numa mesma sexta-feira.

O exorcismo começa lentamente no Dia da Libertação. Em alguns templos, faz-se um diagnóstico dos problemas mais comuns entre os fiéis, antes que eles entrem na igreja. A primeira parte do ritual é dedicada a orações pelo bem dos fiéis. São quase vinte minutos de reza, com o pastor ajoelhado no palco, de costas para o público e a cabeça apoiada no encosto de uma cadeira. De fundo, o som de um órgão. Ele fala com voz suave, macia, ao microfone:

— Estamos aqui orando por todos os que têm os seus caminhos amarrados por obras de bruxaria, feitiçaria, macumbaria, inveja, olho grande; pessoas que tiveram contato com entidades, que ouvem vozes e vêem vultos.

Na platéia, algumas pessoas começam a se mexer. Pendem o corpo para a frente ou para trás. Parecem estar entrando numa espécie de transe. Algumas choram. Os obreiros circulam entre as cadeiras, atentos à reação dos fiéis. Em seguida, passada a emoção da primeira oração, todo mundo sentado, os demônios são chamados à vida, aos gritos, pelo pastor:

— Eu quero que os espíritos malditos, os demônios que estão na vida dessas pessoas, colocando a miséria, os problemas, o desemprego, a doença, as brigas, saiam! Podem se manifestar, vamos! Manifesta Exu-Caveira, o Tranca-Rua, a Pombajira. Você que está trancando os aumentos salariais das pessoas. Você que está tirando a felicidade das pessoas. Você que está no estômago, nas pernas, na cabeça, na vida financeira. Vá saindo, já. O Lúcifer, o Oxalufã, a Maria-Bonita, vão-se manifestando. Vocês serão queimados. Vão ser queimados em nome de Jesus. Sai, sai, sai!

Números universais

Fiéis: **3 milhões**
 Templos: **2 000**
 Países em que atua: **32**
 Patrimônio: **400 milhões de dólares**
 Bispos: **37**
 Pastores: **7 000**
 Média de exorcismos por culto: **5**
 Rede Record: **22 emissoras, 60 repetidoras, 24h no ar**



FOTOS EGBERTO NOGUEIRA



Terezinha: transe na primeira vez

Em diferentes pontos do salão, os fiéis entortam os braços para trás, viram os pés, balançam a cabeça freneticamente. Um obreiro corre para acudir. Reza baixinho no ouvido da vítima. O pastor pede aos fiéis que orem por essas pessoas. "Sai, sai, sai", gritam em coro. Os espíritos do mal mais teimosos são arrastados para a frente do palco. Alguns, para cima do palco. O pastor os entrevista. Quer saber quem é, quantos são os demônios, como se apossaram da pessoa e por quê. "Eu não gosto dessa pessoa", rosnam um demônio, no corpo de um homem de meia-idade. "Ajoelha diante do Senhor Jesus", ordena o pas-



Os cultos da Igreja Universal: orações emocionais, gritaria, choradeira e hinos no final

Brasil, os carismáticos voltaram a fazer sucesso entre os católicos e a Igreja Universal procurou outros rebanhos.

Embora continuem no embate por espaço religioso com a Igreja Católica, os evangélicos agora atiram contra as práticas mediúnicas. Com as mesmas armas. "A eficácia da experiência religiosa do adversário acaba sendo legitimada, assumida como real pelos crentes da Universal", afirma o sociólogo Ricardo Mariano em sua tese sobre os neopentecostais para a Universidade de São Paulo. "Eles acreditam piamente que os demônios assumem as formas manifestas nos transes com as entidades afro-brasileiras", diz. A Igreja Universal tomou emprestado da umbanda e do candomblé até o nome dos diabos, como Exu, Pombajira e Maria-Bonita. O sincretismo do espiritualismo católico com a escatologia das religiões mediúnicas fez da Igreja Universal o lugar ideal para aqueles que, mesmo indo à missa todos os domingos, têm um pai-de-santo. Boa parte dos exorcizados pelos pastores evangélicos já tinha passado pelo candomblé ou pela umbanda.

FORMIGUEIRO E CEMITÉRIO — A dona de casa Ivete Moura, 38 anos, já tinha experimentado até o suicídio. Procurou a umbanda e o candomblé, fez trabalhos em formigueiro e cemitério e não conseguiu resolver os problemas da família. O marido, Marcos, tinha uma amante atrás da outra, era briguento e não arranjava emprego. A família, com três filhos, não se entendia. Ivete acredita que tudo melhorou quando começou a freqüentar a Igreja Universal, aconselhada por uma vizinha mãe-de-santo. Numa das visitas ao templo, a filha do casal, Lana, então com 13 anos, foi exorcizada. "Ela estava possuída por um monte de demônios, como o Exu-Caveira, o Exu-Cemitério e a Pombajira, que infernizavam a nossa vida", conta Ivete. Cinco obreiros foram necessários para segurar a menina naquele dia. Dois anos depois, toda a família está convertida. Lana acha-se prestes a se casar com outro integrante da igreja, candidato a pastor. "Eu consegui a graça que pedi a Deus, que era ver a minha família unida", acredita Ivete. Na verdade, foi uma graça pela metade. O marido, Marcos, encontra-se desempregado novamente.

O exorcismo da Igreja Universal também é responsável pela conversão da costureira Terezinha Oliveira Silva Souza, de 38 anos. Ela entrou em transe logo na sua



Marcos e Ivete: livres do demônio

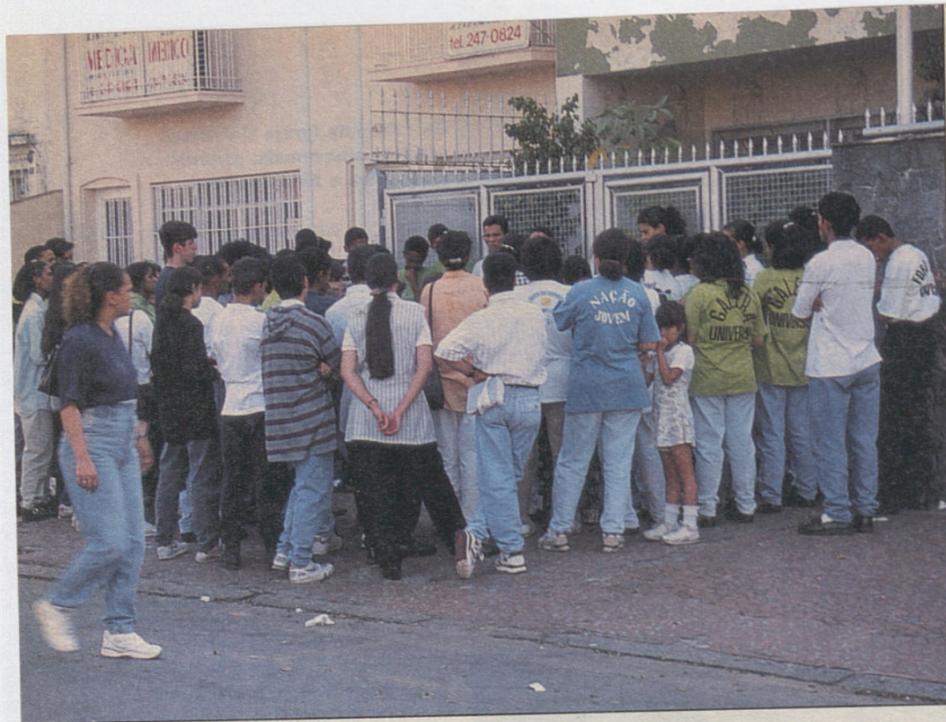


O pastor Mauzer: estilo "mauricinho"

tor, enquanto os obreiros seguram o fiel pela cabeça. "Ajoelha, Exu, ajoelha", insiste. Gritos do pastor e do demônio se confundem. Na audiência, gente reza, grita, remexe o corpo. E o culto se prolonga. São várias sessões de exorcismo, cada uma dedicada a um problema, como saúde, dinheiro e amor. No final do Dia da Libertação, todos dançam e cantam hinos de agradecimento.

"Eles promovem um ritual de êxtase coletivo, de catarse", explica o psicanalista Marcos Callia, da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. "O ritual vai esquentando e se mistura com os problemas que as pessoas estão vivenciando,

num caldeirão propício para que a simbologia do diabo possa aparecer." O ritual do exorcismo é uma das armas mais eficazes da Igreja Universal para atrair adeptos das religiões mediúnicas, como a umbanda, o candomblé e o espiritismo. No início de sua história, há quase dezoito anos, a Igreja Universal era concorrente direta da Igreja Católica, naquela época envolvida com a Teologia da Libertação. A igreja do bispo Edir Macedo oferecia conforto espiritual aos fiéis que se sentiam incomodados com a veia política dos padres católicos. A Igreja Católica mudou, o papa João Paulo II desmontou a Teologia da Libertação no



Fiéis esperam para entrar no culto: diagnóstico de problemas

primeira visita a um templo da Igreja Universal, na Vila Galvão, em Guarulhos. "Depois que começaram as orações, não vi mais nada", conta ela. A filha Rosângela, que a acompanhava, viu a mãe falar grosso e gritar como uma condenada. Terezinha acredita que se livrou ali da epilepsia, que a obrigava a tomar oito remédios diferentes. "Peguei os remédios e as imagens de santo que tinha em casa e levei para a igreja", diz ela. "Nunca mais precisei de nada disso." Terezinha só não conseguiu ainda reatar o casamento com o marido. "Eu aguardo que ele se converta a Jesus Cristo", diz ela, conformada.

Testemunhos como os de Marcos, Ivete e Terezinha são o pilar de sustentação do sucesso da Igreja Universal via televisão. As sete horas de programação religiosa da TV Record, propriedade da Igreja Universal, estão recheadas desse tipo de depoimento. São três programas diários na madrugada. *Palavra de Vida* é apresentado da 1 às 4 da manhã. Seu âncora é o pastor Roberto Mauzer, um autêntico "mauricinho" de olhos azuis, barba feita, cabelo bem cortado e jaquetões impecáveis. Em seguida, vêm *Jesus Verdade e Despertar da Fé*, das 6 às 8 horas. A TV Record é a única emissora brasileira a ficar 24 horas no ar, embora em caráter experimental. Os depoimentos mais longos são dados ao vivo, em um dos estúdios da TV Record em São Paulo. Os mais curtos são gravados nos cultos e reapepresentados na TV. Como

desempenho comercial na televisão, os programas religiosos são um fracasso. A audiência medida pelo Ibope oscila entre 1 ponto e traço. Mas é inegável que eles atraem para os templos fiéis que não pagam anúncio na TV mas estão dispostos a contribuir com as várias campanhas para arrecadação de dinheiro. A mais recente bancou a ida de sete bispos e suas mulheres ao Monte Sinai para levar os pedidos feitos por seus fiéis.

IMPORTADO PELA GRAÇA DE DEUS — Sucesso igual ao dos exorcizados fazem os depoimentos de fiéis que conseguiram resolver suas pendengas financeiras. Na Igreja Universal, Deus é invocado até para intermediar importação de carros. Num dos testemunhos levados ao ar durante o programa da manhã, por exemplo, uma advogada que se identificou apenas como Marlene contou que sua vida estava um inferno antes de conhecer a Igreja Univer-



Marlene e seu conversível na TV: intervenção divina para liberar os importados



sal: "Eu estava com um carro todo enguiçado e não conseguia trazer para o Brasil um outro importado, que tinha comprado nos Estados Unidos porque as alíquotas tinham aumentado". A advogada estava na pior. Os clientes sumiram, os cheques especiais tinham estourado e os cartões de crédito estavam vencendo. Marlene fez a "corrente" dos empresários e na terceira semana conseguiu duas novas causas, suficientes para eliminar todos os papagaios atrasados e transportar o carro — um reluzente conversível vermelho, devidamente mostrado pelas câmaras da emissora.

São estratégias como essas que garantem o bom desempenho da Igreja Universal do Reino de Deus — como religião e como empresa. Calcula-se que os evangélicos ligados ao bispo Edir Macedo somem 3 milhões de pessoas no Brasil. Além disso, Edir Macedo já levou sua igreja para outros 32 países de quatro continentes. Portugal é o segundo maior centro de evangélicos depois do Brasil. Lá, já existem cerca de cinquenta templos com 200 000 fiéis. A mais recente aquisição de Edir Macedo em Portugal foi concretizada na semana passada. Sua igreja comprou a maior casa de shows do Porto, uma das principais cidades portuguesas. O Coliseu de Porto custou 6,5 milhões, e vai servir de palco para os cultos da igreja. Poucos meses antes, o bispo já tinha abocanhado um tesouro — a Brixton Academy, uma casa de rock em Londres. O negócio atingiu cerca de 7 milhões de dólares. Sinal de que o espírito da cobiça não foi exorcizado.

RELIGIÃO

Com fé, dinheiro e fiéis

A Igreja Universal, a que mais cresce no Brasil, já tem força para provocar a maioria católica

O protético Murilo Valois, de 36 anos, viu a cena no *Jornal Nacional*, da Rede Globo, e sentiu o sangue lhe ferver nas veias. No vídeo, um bispo da Igreja Universal do Reino de Deus chutava uma estátua de Nossa Senhora Aparecida. Tentou disparar um tiro na televisão, foi contido por familiares e planejou seu ataque para a noite de segunda-feira passada. Com uma enxada na mão, irrompeu num templo da Igreja Universal e quebrou o púlpito, a mesa, vasos de flores e equipamento de som. Em Montes Claros, no interior de Minas Gerais, o aposentado João Cardoso, de 57 anos, assistiu à cena no *Jornal Hoje*, também da Globo. À noite, pegou um revólver e invadiu um templo da Universal. Jogou pedras nas vitraças, mas não disparou nenhum tiro. Ligado na tela da Globo, o Brasil inteiro viu as cenas de Nossa Senhora Aparecida sendo agredida. Aqui e ali, pipocaram os protestos de católicos indignados com a ofensa à mãe de Jesus Cristo. Protestavam contra o maior fenômeno religioso da atualidade. Esse fenômeno é a Igreja Universal do Reino de Deus, que cresce num ritmo e numa velocidade nunca vistos antes na história do protestantismo no país, sob o comando do bispo Edir Bezerra Macedo (veja reportagem à pág. 104).

Embalada pela voz dramática de Cid Moreira, a reprodução das cenas animou um monte de gente. Em Olaria, no Rio de Janeiro, um grupo de católicos apedrejou um templo da Igreja Universal, e a PM encontrou uma escopeta com um obreiro. A Confraria do Garoto, conhecida por manifestações bem-humoradas, fez um

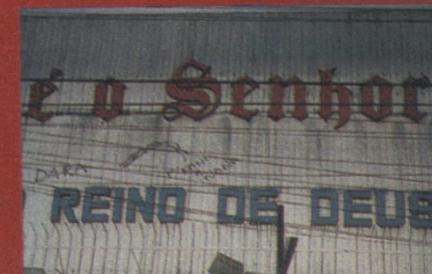
protesto contra a "guerra santa". Eli Patrício, pastor e subsecretário estadual, expulsou o grupo e perdeu o emprego. No bairro da Abolição, setenta pastores tiveram de cercar o primeiro templo da Universal, o berço da igreja, para conter ameaças de invasão. Em São Paulo, católicos da Zona Leste se reuniram numa marcha até um templo da Universal para pedir a imagem ofendida de Nossa Senhora Aparecida de volta. O comando da CNBB, reunido em Aparecida na quinta-feira, pediu mais reações de desagravo à Virgem. No Congresso Nacional, surgiu até pedido de CPI para investigar como a Universal enriqueceu, sem que houvesse nenhuma nova suspeita sobre seu patrimônio. Ou será que murro em santa pode enriquecer alguém?

"PEDAÇO DE GESSO" — O caso teve início na madrugada de 12 de outubro, em pleno feriado nacional em homenagem à padroeira do Brasil. No programa *Palavra de Vida*, transmitido ao vivo pela TV Record, o bispo Sergio von Helder, falando feito uma matraca, suando como uma fonte, tinha uma estátua de Aparecida ao seu lado e, com microfone na mão, dizia que ninguém devia acreditar em seus poderes divinos. Para provar a veracidade do que dizia, Von Helder bateu na imagem 22 vezes — doze vezes com o pé e dez vezes com a mão. Como a escultura não reagia aos tabefes, o bispo esperava convencer sua platéia de que não havia razões para temê-la, tampouco adorá-la. E dizia:

— Esse pedaço de gesso, quase do meu tamanho, feito pela mão do homem, nós



▲ No domingo, católicos paulistas de Itaquera marcham até a sede da Universal para resgatar a imagem da Virgem. Não conseguem. Decidem entrar na Justiça



▲ Na terça-feira, em Abolição, no Rio, setenta pastores montam um cordão de isolamento para enfrentar uma ameaça de invasão

CLOVIS FERREIRA - SÃO PAULO; ANASTASIA/JOSE LUIS DA CONCEIÇÃO - AG. GLOBOMAX; ANDRÉ DUARTE/REDAÇÃO DA GLOBOMAX; ANDRÉ DUARTE/REDAÇÃO DA GLOBOMAX; ANDRÉ DUARTE/REDAÇÃO DA GLOBOMAX



▲ Católicos irados apedrejam, no domingo, um templo de Edir Macedo no Rio. A PM encontra uma escopeta com um dos obreiros



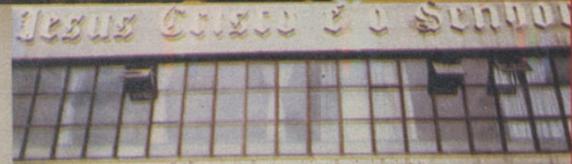
▲ João Cardoso, de Montes Claros, acha que deve sua vida à Virgem. Sentindo-se ofendido, revólver em punho, invade um templo da Universal para tomar satisfações



▲ O alto comando da CNBB decide estimular novas manifestações de desagravo a Nossa Senhora Aparecida



▲ Murilo Valois invade um templo em Garanhuns, quebrando tudo. Apanha dos fiéis e vai preso



◀ A Confraria do Garoto cerca um templo no Rio, em protesto. Eli Patricio, pastor e subsecretário estadual, expulsa o grupo. Perde o cargo público

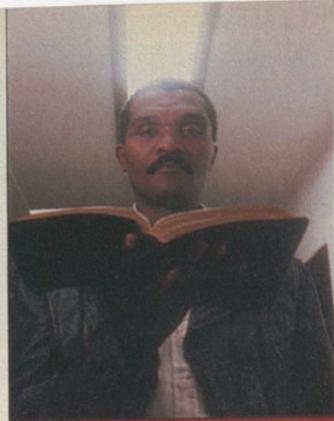
queremos mostrar uma coisa ao Brasil, isso não funciona, óóó (*bate na santa como quem testa sua resistência*), isso aqui não é santo coisa nenhuma, óóóóóó (*bate na imagem com o pé*), isso aqui não é Deus coisa nenhuma, óóóóóó.

REINO DA MÍDIA — Foram cenas grotescas, com o bispo beócio desafiando os mais comecinhos conceitos de bom senso: ele queria que a estátua reagisse, que os espectadores acreditassem que estava vencendo? Como o programa vai ao ar na madrugada, e sua audiência é ínfima, a coisa só foi virar um escândalo no dia seguinte, com a ampla cobertura dada pela Globo. Na sexta-feira, a emissora exibiu as cenas de Von Helder nos seus três telejornais. No sábado, reprisou-as mais duas vezes. No domingo, as cenas apareceram no *Fantástico*. No dia seguinte, voltaram ao ar. Até a sexta-feira passada, foram doze aparições das cenas na tela da Globo. A emissora, ficou evidente, queria vingar-se da Igreja Universal, já que está sendo processada por ter abusado da imagem do bispo Macedo na minissérie *Decadência*. Numa mensagem transmitida pela Record, o bispo Edir Macedo, num ato raríssimo para a sua igreja, pediu desculpas aos católicos. Falando por telefone de Nova York, onde vive, disse: "Von Helder pensou e agiu como um menino". Afastou-o do programa e do cargo em São Paulo, e até o pastor Ronaldo Didini, que apoiou a atitude celerada de Von Helder, perdeu o cargo de apresentador do programa *25ª Hora* e passará a servir à igreja em algum país da África.

A atitude do bispo Von Helder contra a efígie é crime previsto no Código Penal. O artigo 208 proíbe "vilipendiar ato ou objeto de culto religioso" e estabelece uma pena que varia de um mês a um ano de pri-

são ou pagamento de multa. Na esteira do crime, a Polícia Civil de São Paulo até vasculhou os estúdios da Record em busca da estátua agredida. Um delegado abriu inquérito e já marcou a data, nesta semana, para ouvir Von Helder e o pastor Ronaldo Didini. Uma das práticas mais comuns da Universal é desprezar outras religiões e agredir seus símbolos. Durante os cultos, os pastores dizem o diabo da umbanda, xingam os orixás do candomblé e acusam adeptos do espiritismo de filhos do demônio. No entanto, não se tem notícia de uma mobilização para defender umbandistas ou kardecistas ou para denunciar a intolerância religiosa. "Esse episódio chamou a atenção por duas razões", diz o antropólogo Jefferson Barcelar, do Centro de Estudos Afro-Orientais, da Universidade Federal da Bahia. "Porque a mídia deu divulgação e porque eles mexeram com a religião majoritária do país, que é a Igreja Católica."

Mas é possível encontrar um terceiro e grande motivo para tanto barulho. É o fato de que quem mexeu com a Igreja Católica não foi uma seita de fundo de quintal, mas a cada vez mais poderosa Igreja Universal do Reino de Deus. De 1990 para cá, seus



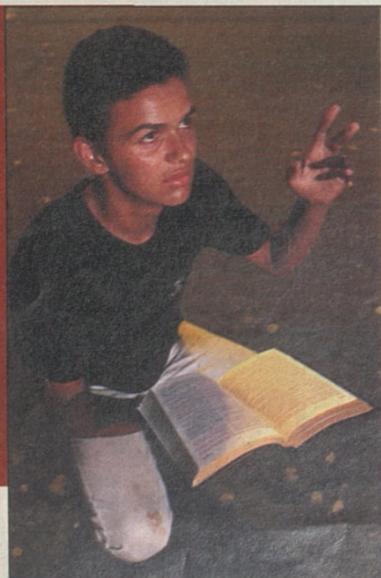
"Achava a minha vida muito boa. Durante o dia, trabalhava como segurança. À noite, como cantor. Eu me drogava e me divertia muito. Até que numa dessas noites fui esfaqueado. Quase morri. Foi um sinal. Me converti."

FRANCISCO SOUZA, 38 anos, obreiro

uma empresa de grande porte e estima-se que seu faturamento gire em torno de 80 milhões de dólares — mais do que Alcoa ou a Pirelli do Brasil. Inspirada no Vaticano, a Universal tem até um banco, o Banco de Crédito Metropolitano, que ocupa três andares num prédio na Avenida Paulista.

DÍVIDA QUITADA — Fundada em 1977 pelo bispo Edir Macedo e outros missionários evangélicos, a Universal nasceu da catedral de outra igreja, a Nova Vida, criada no país por um missionário canadense. Nove anos depois da fundação, o bispo Macedo já era o único papa da igreja, com domínio total sobre tudo. Nunca parou de crescer, mas só despertou a atenção em 1989, quando comprou a TV Record, por 45 milhões de dólares. Até então, líderes de outras igrejas pentecostas ficaram impressionados com a riqueza da Universal e a voracidade com que se propunha a formar um império na área de comunicações. A primeira aquisição foi a Rádio Copacabana, em 1984. Mas de lá para cá, a Universal é o reino da televisão. A Record, que no início do ano tinha doze emissoras, já está com 47, e sua dívida de 300 milhões de dólares foi quitada integralmente. Tem ainda 26 rádios e é dona de duas revistas e dois

fiéis pularam 900 000 para cerca de 3,5 milhões, um salto estratosférico de 280% — mais do que qualquer outra igreja. A Assembleia de Deus é a maior, com um rebanho de 12 milhões de fiéis, mas está no país desde o início deste século. Já a Universal tem apenas dezoito anos. Começou num prédio de uma antiga funerária no bairro da Abolição, no Rio de Janeiro; hoje disputa o segundo lugar a maior igreja pentecostal do Brasil e já tomou o rumo do mundo. Tem cerca de 2 100 templos no Brasil e instalou sua cruz em 34 países num total de 22 templos nos cinco continentes. Com 7 000 pastores, pode ser comparada com



"Nasci na umbanda. Era macumbeiro bravo. Com 13 anos de idade, meu irmão me levou para a Igreja Batista. Eu era um adolescente rebelde. Lá, fiquei mais mansinho. Mas as doutrinas eram rígidas. Adorei a Universal desde o primeiro momento, porque ela não proíbe nada. Hoje, estudo para ser bispo."

FÁBIO AUGUSTO MACIEL, 18 anos, marreteiro

FOTOS: EUGENIO NOGUEIRA

A estrutura da Universal





"Na primeira reunião estava tão endemoninhada que o pastor levantou a minha mão e eu desmaiei. Era perseguida por Exu. Foram dois anos para eu me libertar. Toda reunião era aquela mesma vontade de cair no chão. Hoje sou outra pessoa. Tenho roupa para vestir e casa para morar."

SANDRA MARIA DAVI,
38 anos, empregada doméstica

crentes dentro do templo. Nos programas da TV Record, são frequentes as chamadas de fiéis para cultos e a divulgação dos endereços dos templos. "Da-

qui a pouco haverá evangelização pela Internet", prevê José Cabral de Vasconcelos, 47 anos, entronado há um ano como teólogo oficial da igreja.

VAGA PARA PASTOR — A Universal tem uma estrutura vertical, na qual quem manda mesmo é o bispo Edir Macedo (veja organograma à pág. 99). Mas tem um exército mais aguerrido do que qualquer outra religião em ação no Brasil. Na base da Universal, há milhares de obreiros, cuja tarefa é auxiliar crentes durante os cultos, receber os que entram num templo pela primeira vez e conversar com todos sobre qualquer problema. Os homens vestem camisa branca, e calça, gravata e sapatos pretos. As mulheres usam saia azul-escura e blusa listrada de branco com azul-claro. Voluntários, os obreiros não ganham salário, eles próprios definem seu expediente, mas exige-se que estejam presentes sempre no culto do segundo domingo do mês. Os pastores, que comandam um templo ou um grupo deles, trabalham em tempo integral. Abandonam os estudos e, no caso dos solteiros, a família. Ao atingir o pastorato, são obrigados a casar. Como os templos da Universal nunca fecham,

os pastores trabalham de manhã à noite e nunca têm folga num final de semana. Em média, recebem 1 salário real por mês, mas a igreja dá casa, carro, telefone e celular, paga a escola dos filhos e, às vezes, lhes fornece até alimentação.

Os bispos vivem um pouco melhor. Suas casas são espaçosas, o carro é de melhor qualidade e o salário não é fixo. Fazem as retiradas necessárias do cofre da igreja. Em geral, pastores e bispos são pessoas de origem humilde e desfrutam uma qualidade de vida que a maioria nunca sonhou. O bispo Carlos Alberto Rodrigues, fundador da igreja junto com Edir Macedo, mora numa cobertura de 500 metros quadrados em Belo Horizonte, num dos bairros mais valorizados da cidade. É vizinho de deputados, industriais e fazendeiros. Em troca do conforto, a Universal exige dedicação diária, integral, aguerrida e cega. Todos estão sujeitos a transferências — de templo, de Estado ou mesmo de país — a qualquer hora e sem aviso prévio. Nem todo obreiro vira pastor e nem todo pastor vira



"Várias vezes pensei em me matar. Eu não conseguia emprego por causa da idade e ainda sofria com a saúde. Depois que me converti, as minhas hemorragias cessaram. O caroço da perna e o da garganta também sumiram."

NEUZA MARIA DOS SANTOS,
51 anos, cozinheira

bispo. Pode acontecer até mesmo de bispo voltar a ser pastor. "Aí entra a questão da 'vocação'", diz o teólogo Carlos Vasconcelos. "A gente estimula isso até porque a igreja está crescendo muito. Hoje, se tivéssemos 300 pastores, teríamos onde colocar todos de imediato."

ENTREVISTA COM O DEMÔNIO — Com um império de comunicações e soldados xiitas, a Universal foi montada na hora certa. A Igreja Católica perdeu o senso de espetáculo e desfrutou um período de desorientação entre o secularismo da Teologia da Libertação e o conservadorismo anacrônico de João Paulo II. Enquanto os cultos da Universal são uma atração,

o que os católicos podem fazer é tentar manter seu rebanho com o movimento carismático. Os pastores da Universal dispõem de inteira liberdade para cantar, falar, dançar, exorcizar os demônios dos crentes para convidá-los a dar dinheiro. Com isso, funcionam como animadores de show, falam alto, correm de um lado para o outro do palco e promovem o espetáculo medindo a temperatura da platéia. Na hora dos exorcismos, é uma catarse coletiva. Há gritos, histeria, desmaios e encarnações. Os fiéis que incorporam os demônios mais agitados são levados para o palco. Ali, os pastores entrevistam o demônio e desafiam-no aos gritos: "Sai, Exu! Sai, Satanás!" Quem entra num templo durante essa histeria coletiva tem a impressão de chegar a um hospício numa hora de rebelião furiosa. Além de ser uma atração, a igreja faz sucesso. Os pentecostais, historicamente, usam o exorcismo e falam em demônios. Mas a Universal é a que mais ênfase dá aos diabos que povoam o mundo dos homens.

Para os adeptos da igreja, o planeta está tomado por demônios. É o que pregam os pentecostais, surgidos a partir de um racha dos metodistas, no início do século. Em comum, metodistas e pentecostais dispensam intermediação eclesial, ignoram clérigos, crêem na manifestação do Espírito Santo e na cura. Dos pentecostais, que chegaram ao Brasil na década de 10, surgem os chamados neopentecostais, na década de 70, e deslançam uma prática de ênfase no exorcismo. A base teológica é uma visão dualista do mundo. Há o



Show: "Se você tem dinheiro na bolsa e não quer dar, é o diabo"

O bispo que arrebenta

Von Helder é um pregador do barulho

Na Universal, não há pregador que faça mais sucesso do que o bispo que chutou a estátua de Aparecida. Sergio von Helder, 36 anos, entrou para a igreja em 1988. Teve uma carreira meteórica, indo de obreiro no Rio de Janeiro a bispo de São Paulo, função que ocupava quando foi afastado depois da confusão com Nossa Senhora Aparecida. Cresceu porque tem duas virtudes. Ao falar, só falta fazer a terra tremer. Em seus cultos, como um animador de programa de auditório, corre de um lado para o outro no altar, gesticula freneticamente, aponta para todos os cantos do templo, olha para cima, vira os olhos para o chão, sua em bicas, empapa a camisa e termina o trabalho como se tivesse corrido uma maratona, de tão esbaforido. Para arrecadar dos fiéis, também é um talento. Quando pede dinheiro, grita frases como: "Se você tem mais na bolsa e não quer dar, é o diabo". Entre os pastores, é conhecido como "o bispo que arrebenta".

E arrebenta mesmo. Em Fortaleza, onde presidiu em 1989 a seccional da igreja no Ceará, Von Helder fez su-

cesso chamando Padre Cícero de "padreco" e incitando os pastores a quebrar e chutar suas imagens. A cada culto, eram destruídas três imagens de gesso do padre venerado pelos nordestinos. Na última campanha presidencial, Von Helder arebentava contra o candidato Lula, do PT. Foi ele quem inventou que o diabo é um sujeito barbudo, que fala com a língua presa e tem um dedo a menos numa das mãos. Graças ao baixo nível e à agressividade, Von Helder se deu bem. Antes de abandonar suas funções, morava num imóvel da igreja de 1 000 metros quadrados na Chácara Flora, um bairro nobre de São Paulo. Descendente de luteranos austríacos, casado e pai de duas meninas, Von Helder teve uma infância humilde. Pensou em ser jogador de futebol, já que, nos campos do Rio, era um excelente meia-esquerda.

Acabou trocando as chuteiras pelos coturnos. No Exército, tentou seguir carreira, mas saiu como capitão reformado. Acertou a mão quando entrou no mundo religioso. Errou ao enfiar os pés pelas mãos.



O chute: santa e Padre Cícero

Ele é um milagre

Empresário nato e pregador vibrante, Edir Macedo veio do nada para arrastar milhões

Mente quem diz que o bispo Edir Macedo nunca operou um milagre. Seu maior milagre foi ter sobrevivido. A dona de casa Vera Macedo Vinagre, de 64 anos, tia do bispo, que mora em Rio das Flores, no Rio de Janeiro, terra natal do bispo, lembra: "A Geninha (*Eugênia Macedo, mãe de Edir Macedo*) ficou grávida 33 vezes, mas só pariu quinze vezes. Quando ela ficava grávida, fazia abortos. Dos quinze, só sete crianças, quatro mulheres e três homens, alcançaram a vida adulta: Eraldo, Edir, Edna, Eris, Madalena, Elcir e Celso. A Geninha sempre teve uma vida simples e nunca deixou de fazer os serviços de casa. Até hoje". Com tamanha taxa de abortos e mortes prematuras na família (80%), o bispo escapou por milagre.

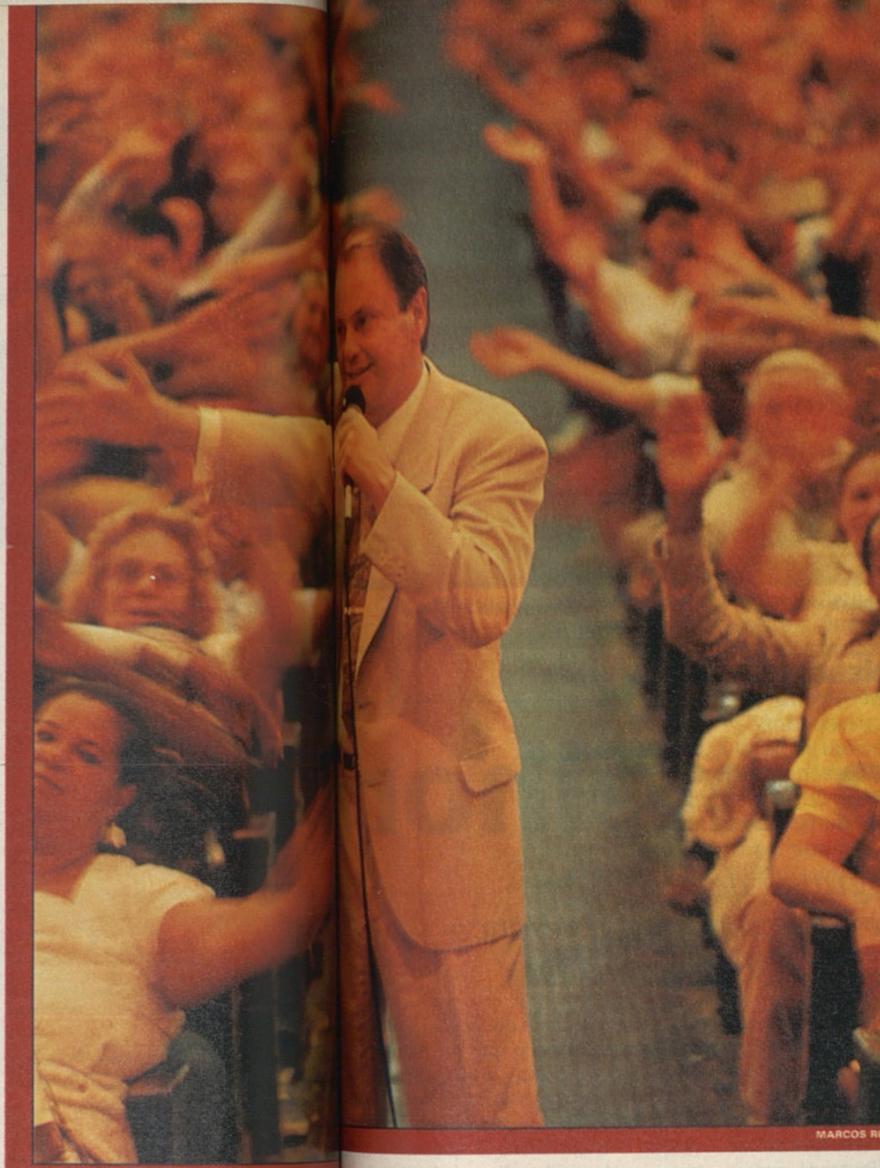
Depois, montou a igreja mais barulhenta do Brasil. Saiu do nada para ser bajulado por políticos em tempo de eleição e perseguido, processado e caçado durante o resto do tempo. Os parentes de Macedo alimentam interpretações quase míticas sobre o nascimento de "Didi", como era chamado. Amarílio Macedo, 72 anos, analfabeto, dono de uma humilde barbearia em Rio das Flores, lembra-se com clareza do dia do nascimento do sobrinho Edir. "Foi quando houve uma explosão na caldeira da cooperativa de leite aqui. Foi uma explosão tão violenta que matou cinco pessoas. Voaram pedaços da caldeira para todos os lados até 2 quilômetros de distância. E o Didi veio com essa explosão: já nasceu fazendo barulho", conta Amarílio.

O time de pastores da Universal o admira de tal forma que segue à risca o modelo do chefe e líder. Falam como ele, sejam paulistas, baianos ou gaúchos. Todos os missionários da Universal arrastam o "I" como um típico fluminense de Rio das Flores, pequeno município onde o sumo pontífice neopentecostal nasceu. Também entremeiam as perorações durante os cultos com o "Amém, Jesus!" que Macedo adaptou, como muleta de linguagem, do "Praise the Lord" dos evangélicos americanos. Mesmo pregadores com bastas pilosidades cultivam o hábito de jogar madeixas das laterais da cabeça para o cocuruto. Em Macedo, é um truque para

ocultar a calvície. Nos pupilos, tentativa de ser tal e qual o mestre. Até o gestual é semelhante — mesmo considerando a particularidade de a mímica do bispo ser prejudicada por uma malformação genética que atrofiou seus polegares, de espessura pouco maior que a de uma caneta. São cópias de uma matriz que tem mesmo muito a ser imitado. Ou serão duas?

LAPTOP ON LINE — Por trás da figura do bispo Edir Macedo há, ao menos na aparência, dois homens bem distintos: de um lado, o empresário nato, à vontade com balanços contábeis, e negociador habilidoso. Organizador competente, Macedo sabe a hora de guardar a retórica pentecostal e sacar o laptop que o acompanha todo o tempo para checar — on line — a movimentação financeira de suas empresas. Um advogado da enorme equipe que o assessora é testemunha disso: "Ele tem uma clareza mental cartesiana. Quando quer, é 10 de racionalidade e zero de misticismo. Trata-se de um calculador incansável de custos e benefícios". Em dez longas conversas que manteve com esse advogado, o bispo foi capaz de nem uma única vez citar a *Bíblia*. A fala, nesses encontros, foi calma, a voz, pausada. "Macedo nunca faz brincadeiras com as pessoas que convivem com ele. Não tem nenhum senso de humor. Não bebe. Não fuma. Nos jantares, só toma água mineral. Na verdade, acho que ele é quase um tímido", diz o defensor.

De outro lado, está um crente fanático nos dotes do Espírito Santo, pregador ardoroso e carismático. Quando ele diz que "o Evangelho é poder, e poder tem de ser exercido, para a derrota de Satanás e a glória de Deus", mesmo seus adversários mais renhidos admitem: há sinceridade. O bispo acredita. Exortações violentas dão lugar a longos silêncios, em que a platéia prende o fôlego, à espera de nova arremetida. Ele se ajoelha, derrama lágrimas copiosas, brande a *Bíblia* como uma arma cujo alvo é o demônio. Show total. Qualquer um que vê o fundador da Universal em ação num dos megacultos que a igreja patrocina em estádios de futebol se impressiona com os recursos dramáticos de que ele é capaz.



Desde o pequeno templo onde antes funcionava uma funerária, em 1977, até os cultos gigantescos em estádios de futebol, a retórica belicista do bispo Macedo investe contra as forças do demônio e deixa siderados os fiéis. Preso em 1992, ele soube explorar o complexo de perseguição aos evangélicos ao se apresentar como vítima de um imenso complô católico

MARCOS ROSA

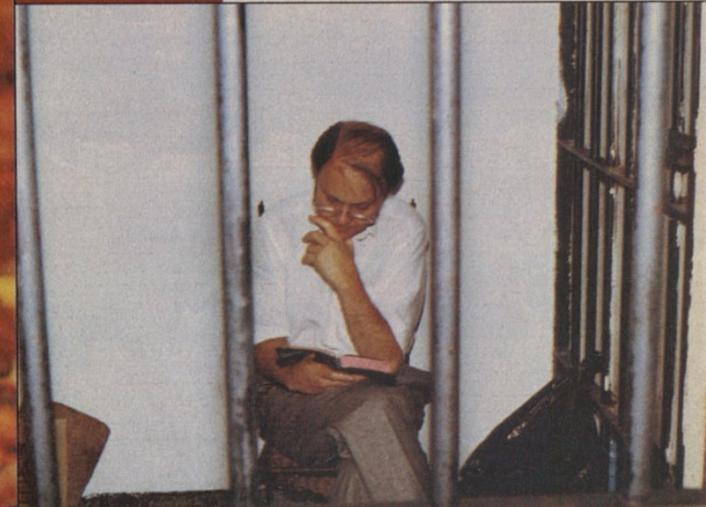
Os adversários do bispo gostam de expor essa dualidade para acusar a Universal de grande farsa, a explorar a boa-fé dos humildes. A crítica deve imaginar que o prelo responsável pelas finanças do Vaticano precisa de transes místicos quando precisa investir economias da Santa Madre. Tais ataques levaram o bispo Macedo a amargar dias de prisão em 1992, nos quais ele se tornou como mártir do cristianismo a denunciar a hipocrisia dos fariseus. Vem daí o poder siderar fiéis. Mas, se fosse só isso, sua igreja já não passaria de mais uma dentre as centenas de denominações protestantes que vivem no país. Jogue-se de lado, por um momento, a crença católica nos temas tradicionais do martírio, sacrifício, negação dos prazeres da carne e das coisas deste mundo. Esqueça-se, por alguns instantes,

a pregação de Jesus ("É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no Reino dos Céus") para que se faça um mergulho na Teologia da Prosperidade, professada pelo bispo. É ela que dá consistência e unidade às duas faces do líder da Universal. "Os negócios aqui na terra são administrados pelo homem. Se for inteligente, astuto e souber aproveitar as oportunidades, esses dons, aliados à bênção divina, farão dele uma pessoa tremendamente próspera", diz Macedo.

Foi o que ele fez, com competência, boas relações e, é claro, uma dose de fé. Em 1962, aos 17 anos, Edir Macedo foi contratado como servente pela então Loteria do Estado da Guanabara, por indicação — leia-se apadrinhamento — do então governador do Estado, Carlos Lacerda. Na época, ele só

tinha cursado até o 2º ano ginasial. No ano seguinte, melhorou de vida: foi promovido a contínuo. A cada ano subia mais um degrau dentro da Loteria. Em 1964, passou a auxiliar administrativo D. Em 1965, foi ser auxiliar B. Um ano depois, chegou a auxiliar A. Em setembro de 1977, quando ocupava o cargo de agente administrativo, pediu uma licença sem vencimentos. Foi nesse ano que fundou a Igreja Universal do Reino de Deus. Ficou quatro anos sem trabalhar. Em setembro de 1981, Macedo pediu demissão da Loteria. Foi o começo da fortuna.

MÃO FROUXA — Fortuna que não aliviou seus problemas físicos. É também o tio Amarílio, o barbeiro, quem conta: "Os dois dedos polegares do Edir são fininhos, da espessura de uma caneta, mexem pouco, a



EPTACIO PESSOA/FE

articulação próxima à palma da mão é dura. Também os fura-bolos são diminutos. Esse defeito é de nascença, o Didi já veio predestinado, marcado". Deve ser difícil para um homem vaidoso como Edir Macedo, sempre de terno e gravata, que usou peruca durante seis meses para ocultar a calvície, conviver com o problema congênito nas mãos, extremamente brancas. Ao apontar, o bispo sempre o faz com o dedo médio, aquele usado para ofender as pessoas. Isso não o impede de segurar o microfone nos cultos, mas fica estranho quando ele aponta, e faz muito isso quando prega para platéias. Inimigos do bispo tiram proveito disso. Um pastor rival chegou a descrever: "O bispo pega na mão de maneira frouxa e furtiva, como um covarde. Não aperta". Como poderia?

O próprio Edir Macedo admitiu certa vez que a genética mudou sua vida em pelo menos uma ocasião. "Minha segunda filha, Viviane, nasceu com lábio leporino. Era uma deformação imensa, que praticamente eliminava o céu da boca. Esse nascimento foi uma agonia e me fez decidir que não ficaria mais na igreja em que estava. Eu partiria para anunciar o que Deus me havia revelado." Surgiu a Universal. Dezoito anos depois, um pequeno império de comunicações como patrimônio e uma fonte inesgotável de riqueza na massa crescente de fiéis, Edir Macedo mora nos Estados Unidos. A partir de Nova York, tenta abrir tentáculos definitivos sobre o mundo. "Os cristãos devem perseguir os demônios. Nossa luta é muito mais de combate do que de defesa. Devemos nos armar de toda a armadura de Deus para libertar os oprimidos de todo o mundo. A igreja deve ser triunfante e estar sempre na ofensiva." Está sendo. Os clones de Macedo preparam-se para a conquista do planeta. ■



RELIGIÃO

“Deus me orientou”

O bispo Von Helde diz que só quis mostrar que a estátua era de gesso e acusa a Globo de transformá-lo em “um monstro”

MORRIS KACHANI

Deus me mandou falar o que falei.” Assim o bispo Sérgio von Helde, da Igreja Universal do Reino de Deus, justificou sua atitude no último dia 12, quando, em seu programa de televisão, chamou uma imagem de Nossa Senhora Aparecida de “boneco tão feio, tão horrível, tão desgraçado”, enquanto batia na santa. “Não chutei. Apenas toquei nela, e foi para provar que era de gesso, não tinha vida. Não cometi crime nenhum”, diz ele, na defensiva. Indiciado por agressão à imagem, no 27º Distrito Policial de São Paulo, Von Helde —

acompanhava, juntamente com as filhas, Thália e Ivi, três advogados e um colega de episcopado da Universal quando Von Helde deu entrevista exclusiva a VEJA na sede da TV Record. Abaixo, os principais trechos da entrevista, da qual participou também a repórter Valéria França:

Helde, sem erre, e não Helder, como vem sendo publicado na imprensa — pede perdão “se ofendeu alguém”, mas diz que foi a Rede Globo que o transformou num “monstro”. Aos 36 anos, esse carioca do subúrbio da Pavuna diz que teve uma juventude bem comum. Serviu no Exército, gostava de jogos de azar e chegou a fumar maconha. Converteu-se à igreja do bispo Edir Macedo por obra da mulher, Katia Cotrofe, química formada e elegante dona de casa. Forte e decidida, ela transitou do catolicismo à umbanda até chegar à Universal e levou o marido junto. Katia o

acompanhava, juntamente com as filhas, Thália e Ivi, três advogados e um colega de episcopado da Universal quando Von Helde deu entrevista exclusiva a VEJA na sede da TV Record. Abaixo, os principais trechos da entrevista, da qual participou também a repórter Valéria França:

VEJA — O chute na imagem...

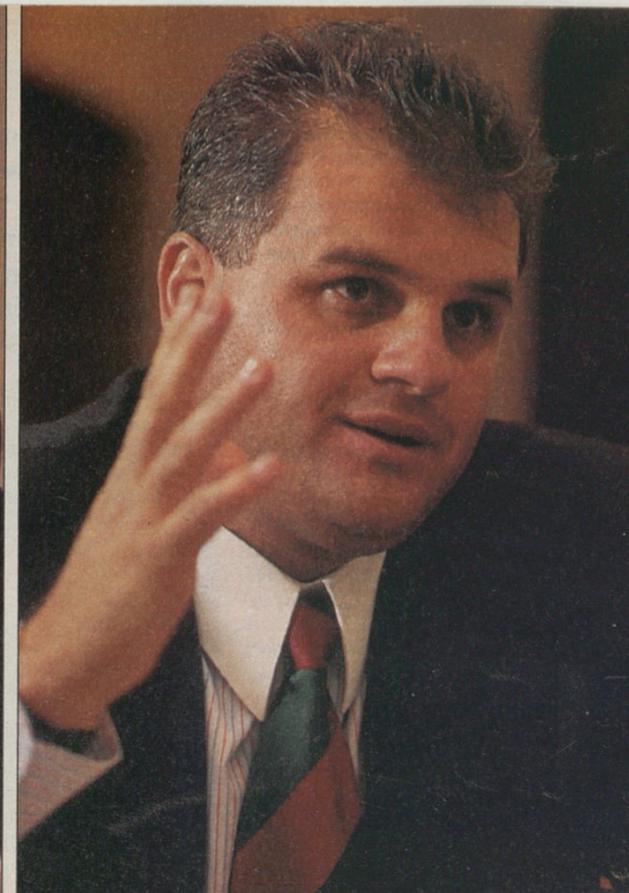
VON HELDE — Eu não chutei.

VEJA — As agressões...

VON HELDE — Também não.

VEJA — O que o senhor fez, então?

VEJA, 1 DE NOVEMBRO, 1995



VON HELDE — Eu toquei na imagem para mostrar que ela era de gesso.

VEJA — Por que aquele discurso, justamente no dia de Nossa Senhora Aparecida?

VON HELDE — Veio de Deus. Deus me mandou falar o que eu falei. Deus me orientou para fazer essa comparação. No sentido da palavra, foi Deus quem determinou a minha atitude naquele dia. O ato de tocar na imagem, aí foi atitude minha. Eu fiz aquilo por mim. A atitude de tocar na imagem foi humana.

VEJA — Deus mandou que acontecesse tudo daquela forma?

VON HELDE — Não diria isso. Eu não premeditei nada no sentido de tocar na imagem. Eu havia pedido para colocarem a imagem lá dentro (no estúdio) para que eu pudesse fazer uma comparação entre o que diz a Bíblia e o feriado que estava acontecendo naquele dia. Se eu tivesse premeditado, teria feito aquilo antes, uma semana antes, para causar confusão. Eu não sabia que isso ia acontecer. Naquele dia eu queria fazer comparações. Então eu mandei comprar a imagem. Custou uns 450 dólares.

VEJA — O que o senhor achou das rea-

ções contra sua atitude?

VON HELDE — Já há muito tempo a Rede Globo vem batendo na gente, ridicularizando os evangélicos, particularmente a Igreja Universal. Sou obrigado a dizer que, com tudo isso, a gente fica revoltado, fica irado. É uma revolta especialmente contra a Rede Globo, que vem falando diversas mentiras. Culminando tudo isso, veio a minissérie *Decadência*, em que eles colocam uma Bíblia e, em cima, um sutiã. Realmente, o cristão se revolta. A gente vem sofrendo muito. É uma pressão enorme.

VEJA — Sendo assim, a sua atitude na TV é justificável?

VON HELDE — A atitude de pegar a Bíblia, sim. A minha outra atitude, de tocar na imagem, foi sempre no sentido de mostrar que aquilo era de gesso. Se você vir a fita do in-

“Quería fazer umas comparações e mandei comprar a imagem. Custou uns 450 dólares. Quando toco nela, quero dizer que é de gesso”, diz Von Helde. O que aconteceu depois? “Um pastor levou embora e, quando foi pegá-la, era muito pesada, caiu e se partiu. Ele jogou os pedaços fora”

VEJA — Palavras assim não são muito agressivas aos católicos?

VON HELDE — Aí depende da interpretação deles. Eles colocam como agressão. Dizem que eu estou chutando a imagem. Em nenhum momento eu quis agredir a quem quer que seja. Porque nós não seríamos pastores desse jeito. E a maioria das pessoas que estão na Igreja Universal é de ex-católicos.

cio ao fim — não a fita da Globo, que está editada —, verá que todo o tempo eu quero esclarecer as pessoas. Tanto usando a Bíblia quanto quando eu toco na imagem. Eu quero dizer para as pessoas que aquilo ali é algo de gesso. Eu tive de bater. Eu tive de tocar. E eu falo que é de gesso. Só que a Globo tira esse som e põe o som do locutor.

...um jargon und Vorübergehendes bezeichnen. ... Theologisch betrachtet, stellen sie eine neue ...
... eine logische Erfahrung dar, eine Wiedergeburt der Kirche ~~mit~~ und damit das Eingreifen des Geistes in den ...
... der Notwendigkeiten unserer Zeit. Aus dieser Perspektive müssen die KBB mit der Achtung, die Heiligmännern ...
... betrachtet, angenommen und beieit werden.

VEJA — Mas o senhor acha que errou?
VON HELDE — Eu poderia ter evitado isso para não causar tantos problemas. Eu poderia ter feito as comparações que queria fazer sem tocar na imagem. Mas, quando eu falava que era de gesso, obrigatoriamente tinha de tocá-la.

VEJA — Depois do programa o senhor se sentiu mal? Achou que poderia ter feito alguma bobagem?
VON HELDE — Não.

VEJA — O senhor acha que fez alguma bobagem?
VON HELDE — Não. Todo o tempo eu disse que o que quero é esclarecer as pessoas. Agora o que as pessoas acham, vendo as imagens da Globo, é que eu sou um louco, um monstro.

VEJA — O senhor se arrepende do que fez?
VON HELDE — Eu não fiz nada. Eu não cometi nenhum crime. Eu toquei na imagem como poderia ter tocado em qualquer outra coisa.

VEJA — O que é a Nossa Senhora Aparecida para o senhor?
VON HELDE — Não representa nada. Para mim, ela não representa a mãe de Jesus.

VEJA — Quem é, então?
VON HELDE — Como diz a Bíblia, trata-se de uma idolatria. É um ídolo criado pela Igreja Católica. Só isso.

VEJA — O senhor está com medo?
VON HELDE — Não. Eu não cometi nenhum crime. Se feri ou magoei alguém, peço perdão pela minha atitude.

VEJA — Onde está a santa agora?
VON HELDE — O pastor levou-a e quando foi pegá-la, era muito pesada, caiu e partiu, e ele jogou fora.

VEJA — O que o senhor achou da reação da sociedade?
VON HELDE — Não foi da sociedade. Foi a reação de algumas pessoas por conta das imagens que a Globo colocou. Não sei se se sentiram ofendidas ou se foram pagas para fazer aquilo. Foi reação de uma minoria. Temos templos por todo o país e só em alguns jogaram pedras.

VEJA — O senhor chegou a receber ameaças?
VON HELDE — Eu pessoalmente não. Mas sei de pessoas da igreja que receberam telefonemas. Eu fui viajar. Na escola das minhas filhas, algumas pessoas comentaram. Minhas filhas ficaram tris-

VEJA — O senhor chegou a receber ameaças?
VON HELDE — Eu pessoalmente não. Mas sei de pessoas da igreja que receberam telefonemas. Eu fui viajar. Na escola das minhas filhas, algumas pessoas comentaram. Minhas filhas ficaram tris-

O bispo, com a mulher, Katia, e as filhas, Ivi e Thália: "Na escola, houve comentários. Elas ficaram muito tristes porque disseram que eu seria preso"

tes. A TV divulgou que eu seria preso, fizeram um Judas no Rio de Janeiro e atearam fogo. Então minhas filhas ficaram preocupadas. Como há comentários contrários, há comentários a favor.

VEJA — O senhor conversou com o bispo Macedo.
VON HELDE — Sim.

VEJA — E o senhor considera que foi infantil como ele disse?
VON HELDE — É difícil responder.

VEJA — O senhor teve alguma formação religiosa na infância?
VON HELDE — Não. Meus pais nunca me ensinaram nada de religião. O Natal era comemorado, mas de uma maneira muito simples, na casa de amigos ou parentes.

VEJA — Na sua casa tinha a imagem da Nossa Senhora Aparecida?
VON HELDE — Não, só tinha a imagem de São Jorge, que era da minha mãe. Eu via aquilo apenas como uma estátua, um boneco. Não tinha nenhuma devoção. Não acreditava naquilo.

VEJA — O senhor desprezava sua mãe por ela venerar uma estátua?
VON HELDE — Minha mãe tinha a imagem, mas não era uma devota. Não sei como ela tinha aquela imagem. Ela devia fazer alguma oração, mas nunca vi. Minha mãe não ia à igreja de São Jorge.

VEJA — O senhor desprezava sua mãe por ela venerar uma estátua?
VON HELDE — Minha mãe tinha a imagem, mas não era uma devota. Não sei como ela tinha aquela imagem. Ela devia fazer alguma oração, mas nunca vi. Minha mãe não ia à igreja de São Jorge.

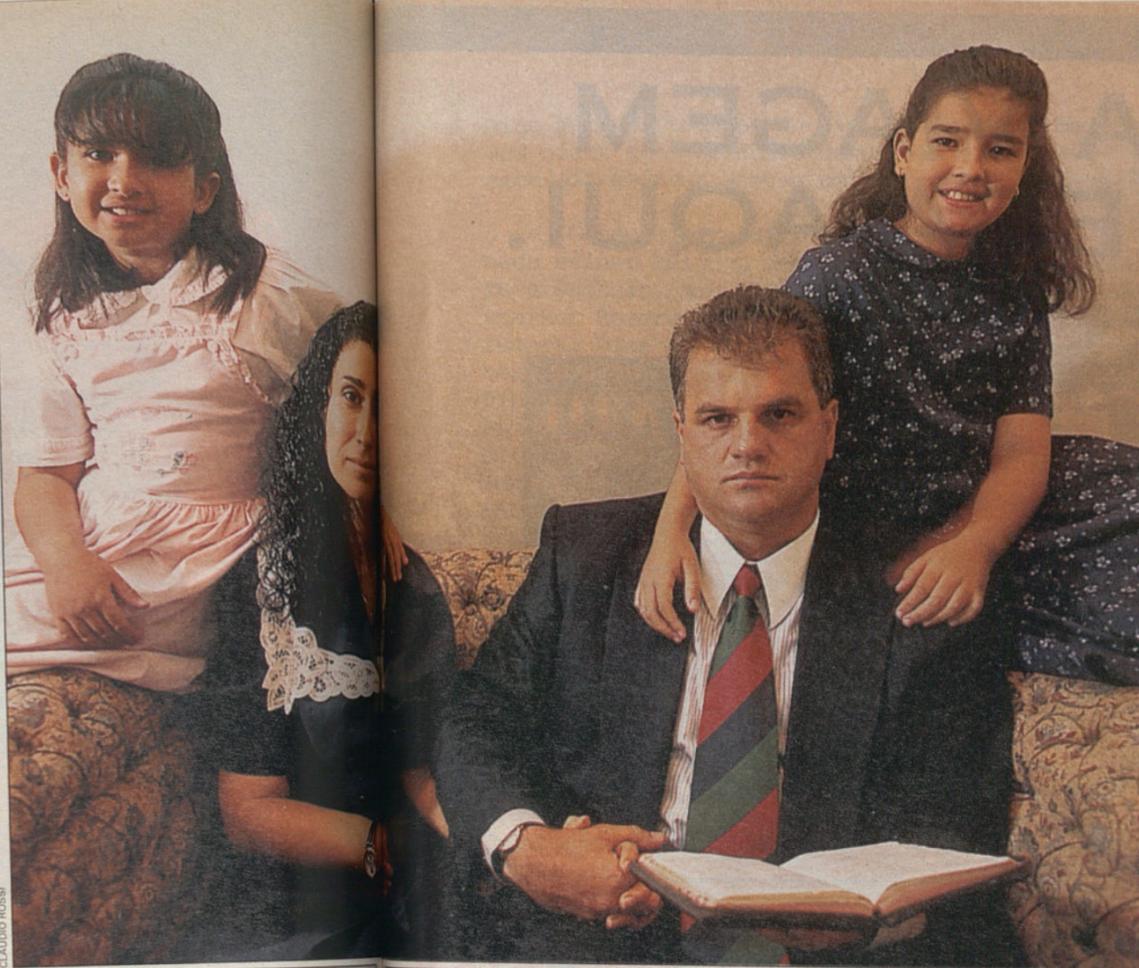
VEJA — Então a imagem tinha o mesmo sentido que um pingüim de geladeira?
VON HELDE — Eu creio que sim.

VEJA — Como foi sua experiência no Exército?
VON HELDE — Eu fiz um ano de Exército, dos 18 aos 19 anos. Foi uma fase boa, uma escola. Me ensinou muito e eu gostei. Se não fosse pastor, eu gostaria até de ser militar. O Exército me ensinou a ter caráter, disciplina.

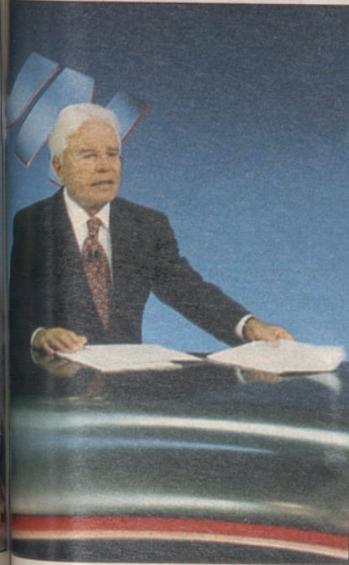
VEJA — O senhor costumava beber?
VON HELDE — Quando era solteiro, no Exército, eu não gostava muito de bebida. Eu gostava de jogo. Gostava muito.

VEJA — O senhor chegou a receber ameaças?
VON HELDE — Eu pessoalmente não. Mas sei de pessoas da igreja que receberam telefonemas. Eu fui viajar. Na escola das minhas filhas, algumas pessoas comentaram. Minhas filhas ficaram tris-

VEJA — O senhor chegou a receber ameaças?
VON HELDE — Eu pessoalmente não. Mas sei de pessoas da igreja que receberam telefonemas. Eu fui viajar. Na escola das minhas filhas, algumas pessoas comentaram. Minhas filhas ficaram tris-



"Na casa onde cresci tinha uma imagem de São Jorge, que era de minha mãe. Para mim, aquilo era só um boneco"



"Muito tempo a Rede Globo vem batendo na gente. Com tudo isso, a gente fica revoltado. É uma pressão enorme"



"Nossa Senhora Aparecida para mim não representa nada. Não representa a mãe de Jesus. É um ídolo criado pela Igreja Católica"

VEJA — E drogas?

VON HELDE — Eu cheguei a usar maconha.

VEJA — Como foi?

VON HELDE — Olha, foi uma experiência de todo jovem, mas depois a gente acorda. Fui para a igreja, acordei. Vi que aquilo não era bom.

VEJA — Como foi o despertar da sua fé?

VON HELDE — Eu tinha um vazio dentro de mim. Gostava de jogos. A mãe da minha esposa já era da igreja. Por gostar dela, eu fui. E passei a gostar da igreja.

VEJA — De que pecados a igreja o livrou?

VON HELDE — Eu costumo dizer para as pessoas que se Deus não tivesse me livrado eu teria três caminhos: o cemitério, a cadeia ou a Aids, pelo rumo que eu estava tomando na época.

VEJA — Mas o senhor chegou a se envolver com o crime?

VON HELDE — Não. Apenas jogo, tudo quanto é tipo de jogo.

VEJA — Qual o sentido da arrecadação da igreja?

VON HELDE — Primeiramente ela é bíblica. É o sustento da igreja, paga contas, paga a luz. É como se a gente tivesse uma casa alugada — tem de pagar os impostos. As pessoas não são obrigadas a dar a oferta. Contribuem no que podem. E a gente faz questão de mostrar isso na Bíblia. É por isso que as pessoas dão, porque a gente mostra na Bíblia.

VEJA — O senhor já presenciou algum milagre?

VON HELDE — Sempre vejo. A Igreja Universal é um milagre, por exemplo. Milagre é a transformação de vida que só Deus pode fazer. Como a cura da Aids, por exemplo. Milagres são diários. E já presenciei paráliticos levantarem da cadeira de rodas, pessoas que em todos os sentidos chegaram à igreja na miséria e hoje são empresários, mulheres que chegaram com casamento todo destruído e hoje têm uma família com harmonia.

VEJA — O que o senhor lê, além da Bíblia?

VON HELDE — Não leio nada. Nunca gostei muito de ler. Antigamente, lia um pouco de jornais. Hoje nem isso.

VEJA — O senhor leu algum livro na vida que não seja a Bíblia?

VON HELDE — Que eu me recorde, não. ■

...mijenes um Vornbergehendes bezuehen ... Theologisch betrachtet, stellen sie eine neue ... logische Erfahrung dar, eine Wiedergeburt der Kirche ... und damit das Eingreifen des Geistes in den ... der Notwendigkeiten unserer Zeit. Aus dieser Perspektive müßten die KBB mit der Lichtung, die Heiligmiszen betrachtet, angenommen und bestritten werden.

Israel na hora da

Em estado de choque com o assassinato do primeiro-ministro Yitzhak Rabin, o país tem de decidir que rumo tomar e o que fazer com seus radicais

WILLIAM WAACK, de Jerusalém

Yigal Amir era um garotão bem-educado, religioso e aplicado, desses capaz de carregar compras de velhinhas nas esquinas de Tel Aviv. No último dia 4, sábado, ele pegou a pistola automática com balas dundum cuidadosamente preparadas pelo irmão e, em nome de Deus, matou o primeiro-ministro Yitzhak Rabin. O assassinato político, o primeiro dessa magnitude da história de Israel, foi cometido para acabar com o processo de paz entre israelenses e palestinos. O que Yigal Amir fez chocou os israelenses aprovaram, mas as coisas que ele diz a metade da opinião pública do país endossa: devolver aos árabes as terras conquistadas e a terra, seja do ponto de vista dos religiosos, para os quais a Bíblia é um atestado perpétuo de propriedade, seja do ponto de vista de quem acha a segurança nacional ameaçada. O crime jogou Israel na terra da verdade.

Uma pergunta decisiva, que já rachava os israelenses, foi exponencializada brutalmente pelo assassinato de Rabin: que país eles querem ter? Israel foi criado para ser um Estado dos judeus, uma nação onde o povo espalhado pela diáspora, traumatizado pelas perseguições anti-semitas e retalhado na carne pelo genocídio nazista, recuperasse a pátria perdida há 2 000 anos e se sentisse em segurança. Aos 47 anos de idade, enfrentou uma crise de adolescência: ainda não conseguiu definir suas fronteiras. Não é um problema de geografia, e sim de religião e de ideologia.

O caixão de Rabin (acima à dir., no comício pacifista pouco antes de ser assassinado): tiro na paz



ALFREDO SIPA PRESS

verdade



LEVY/GETA PRESS

„Theologie hoch aufs Volk“ (1982)

MESSIÂNICOS RADICAIS — Ironicamente, o conflito que custou a vida a Rabin começou com a formidável vitória militar alcançada em 1967, quando era o chefe do Estado-Maior do Exército israelense que conquistou a Cisjordânia, entre outros territórios árabes. A partir dali, Israel foi-se dividindo em dois grandes blocos. A "direita" acredita na Grande Israel e quer anexar os territórios ocupados, mesmo ao preço de perpetuar o domínio ilegal e odioso sobre a população palestina. Para a "esquerda", as conquistas territoriais de 1967 são um bom trunfo na hora de negociar compromissos e acordos de paz duradouros com os árabes. Não foi por generosidade ou espírito de conciliação que homens como Rabin, um inflexível general que, quando ministro da Defesa, mandava quebrar os ossos dos jovens palestinos que resistiam a pedradas, concluam que a ocupação era mau negócio. Na Cisjordânia vivem 1,5 milhão de palestinos, e incorporá-los a Israel, além de alterar a própria concepção de um Estado judeu, seria garantia de dor de cabeça eterna. Em 1992, ao assumir o governo como primeiro-ministro, pôs mãos à obra e assinou a paz com a OLP, a quem começou a devolver os territórios.

Os acordos de paz concedem o mínimo dos mínimos possíveis aos palestinos — e a reação dos fundamentalistas árabes, com pavorosos atentados suicidas, obscureceu de certa forma, para o resto do mundo, a oposição israelense. Enquanto suicidas palestinos explodiam bombas assassinas, aumentava também a radicalização da facção religiosa-messiânica israelense, para a qual os territórios conquistados em 1967, contendo lugares



encontra Lea, a viúva, em visita inédita, e garante que acordos com palestinos continuam: produtos dolorosamente benéficos do crime

tantas vezes mencionados na *Bíblia*, como Hebron, Jericó ou Nablus, são o coração da civilização judaica, e entregá-los equivale a afrontar a vontade divina.

"AGORA É TARDE" — A longo prazo, argumentavam os "pacifistas", a segurança nacional estaria mais garantida com a separação entre judeus e palestinos. Mas no curto prazo, com a multiplicação dos atentados, a direita, sob o comando do Likud, faturou em cima da sensação de insegurança. Com uma retórica extremamente agressiva, passou a acusar Rabin de trair os destinos de Israel. "Agora é muito tarde", disse Lea Rabin, a viúva, quando o princi-

pal líder do Likud, Benjamin Netanyahu, tentou cumprimentá-la no enterro do marido, em Jerusalém. Sua fúria explodiu numa série de entrevistas nas quais acusou diretamente Netanyahu e colegas de haver criado o ambiente no qual o assassinato acabou parecendo uma consequência lógica. "Eu senti que esse crime ocorreria, ele estava pintado nas paredes, estava sendo anunciado", disse o professor Ehud Sprinzak, a maior autoridade israelense em extremismo de direita.

O crime deixou os israelenses em estado de choque. Ver um chefe de governo tombar sob balas terroristas já é traumatizante para qualquer país, mas em Israel o

assassinato se agravou pelo sentimento de um tabu arraigadíssimo havia sido quebrado — o de que judeus não matam judeus. O argumento teológico usado por Yigal Amir, o de que o crime só se justificava como era necessário para se tratar de um "traidor" do povo judeu, tem pelo menos uma virtude pessoal: obriga os israelenses a decidir se querem ser um país moderno, com relações relativamente normalizadas com os vizinhos, ou um povo aferrado a interpretações messiânicas dos textos bíblicos, em guerra santa por terra.

Embrulhado na legitimidade democrática do manto de seu antigo rival, o chanceler quando foi empurrado pelos segurantes para dentro do carro Rabin ainda estava consciente e dizia que "não era grave". Apesar da enorme mancha de sangue na camisa, nem nesse momento a segurança se coordenou. Ninguém avisou o hospital para onde Rabin estava sendo transportado, a três minutos dali.

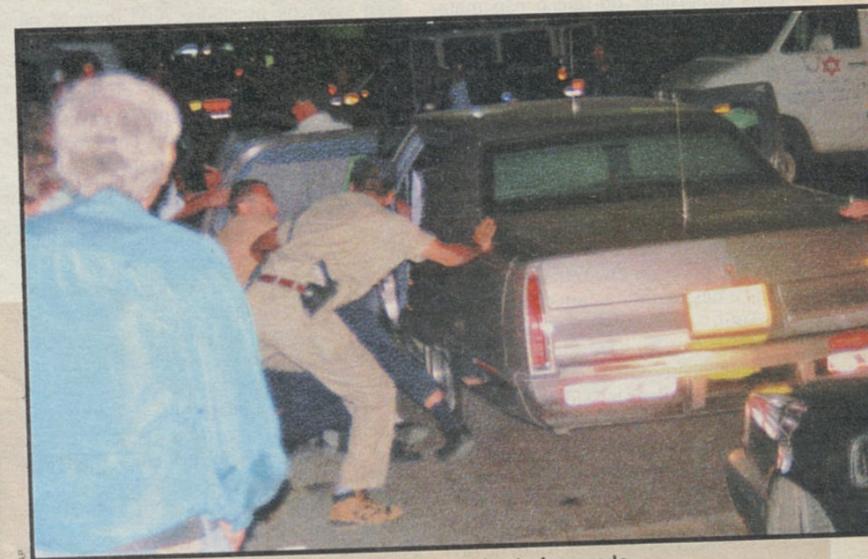
Ao longo da semana passada, antes mesmo das conclusões finais da comissão de inquérito formada para apurar as falhas que permitiram o assassinato, foram afastados os chefes do Shin Bet e do departamento de proteção a personalidades. A própria comissão está sendo criticada, por se concentrar nos erros "táticos" do esquema de segurança, em vez de procurar as falhas "estratégicas". Durante muito tempo o Shin Bet não levou

e primeiro-ministro interino Shimon Peres, sucessor de Rabin, garantiu que o processo de paz continuará. Nesta segunda-feira, deve estar completada a retirada dos soldados israelenses da cidade de Jenin, no norte da Cisjordânia, o primeiro centro urbano importante da região a passar para as mãos da Autoridade Palestina, presidida por Yasser Arafat. Barrado no enterro de Rabin por ordem direta de Peres, com base no tamanho da confusão que poderia acontecer, Arafat foi levado na noite

de quinta-feira, em um pequeno avião israelense, de Gaza até Tel Aviv para um encontro com Lea Rabin. "Era minha obrigação apresentar minhas condolências pela perda de um parceiro na rota da paz", disse Arafat.

Os noventa minutos que passou em Tel Aviv evidentemente têm um significado muito maior que uma visita de pésames. Foi a primeira vez que Arafat pôs os pés em Israel, assim como o rei Hussein, da Jordânia, e o presidente Hosni Mubarak, do Egito, ambos convidados oficiais para o simples e comovedor enterro que reuniu a nata da liderança mundial (o governo FHC, num acesso de caipirice, enviou o vice Marco Maciel).

A visita inédita dos dirigentes árabes foi um dos subprodutos dolorosamente benéficos do assassinato de Rabin. Outro fator positivo é que o repúdio a um crime dessa magnitude ajuda a isolar o ovo da serpente, os fundamentalistas e radicais cuja periculosidade se tornou flagrante. As manifestações coletivas de pesar e as homenagens a Rabin criaram um sentimento de união nacional que evoca de certa forma os tempos heróicos da fundação de Israel — e que Peres pretende utilizar até as eleições de outubro do ano que vem, conforme estava programado. Esse sentimento pode prevalecer, ou a trégua política pode durar apenas até a próxima bomba de um terrorista árabe. Agora, porém, que os israelenses sabem que o terror também está entre eles, não há mais desculpas para achar que o inimigo é somente, o outro.



Depois dos tiros, polícia corre para levar Rabin: tudo errado

suficientemente a sério a ameaça do fundamentalismo judeu e parece ter tido dificuldades enormes em infiltrar. Pior ainda, Yigal Amir já era figurinha conhecida — em duas ocasiões havia tentado aproximar-se de Rabin, aos berros de protesto. "Qualquer profissional experi-

ente em serviços de segurança sabe que não há remédio contra o sujeito que age sozinho", disse Yacoov Perry, um antigo chefe do outrora celebrado Shin Bet. "Mas, que no caso de Rabin alguma coisa a mais poderia ser feita, é óbvio."

Segurança em colapso total

Quatro dias antes de Rabin ser assassinado houve uma reunião entre o topo do escalão do Shin Bet, a polícia secreta israelense, e o professor Ehud Sprinzak, especialista em extremismo de direita, estudioso da questão e informante desse órgão de segurança. "Todos os sinais eram muito claros", disse Sprinzak. "A extrema direita vinha falando de assassinato, e nós sabíamos que o maior perigo seria um homem agindo sozinho, não um árabe, mas um fundamentalista judeu, sem passagem pela polícia e sem ser membro fixo de grupo algum conhecido. Mas não tínhamos ninguém na nossa lista nem indicações de que os movi-

mentos extremistas de direita preparavam alguma coisa." Yigal Amir, o assassino, coube exatamente dentro desse perfil.

O assassino solitário é sempre o maior fantasma dos guarda-costas de líderes de alto risco, mas, se os serviços secretos israelenses tivessem mantido seu padrão habitual de trabalho, Rabin ainda estaria vivo. As falhas no esquema de segurança de um político como o primeiro-ministro israelense, teoricamente, ao lado do presidente americano, o homem mais bem protegido do mundo, levam à sarcástica conclusão de que a única coisa certa feita pelos guarda-costas, afinal, foi não ter matado o assassino depois do crime. Para começar, a polícia não formou os três cor-

dões de isolamento habituais no estacionamento onde o carro de Rabin o aguardava, depois da grande manifestação pacifista no centro de Tel Aviv. Yigal Amir pôde-se aproximar do local sem ser incomodado. Uma testemunha disse mais tarde que pensou que ele era motorista de algum figurão.

DUNDUM — Com movimentos livres, sem a barreira humana que deveria sempre proteger seu alvo, Amir aproximou-se de Rabin pelas costas, no momento em que ele ia entrar no carro. A apenas 1 metro e meio de distância, disparou três tiros com balas dundum, que são ocas e se estilhaçam ao atingir o alvo, causando devastadores ferimentos internos. Ferido no abdome, na espinha dorsal e no pesco-

Os fanáticos de Jeová

Fruto da mistura sinistra de fundamentalismo religioso e paixão política, assassino de Rabin é um tipo novo e perigoso de radical judeu

Depois de matar o primeiro-ministro Yitzhak Rabin, Yigal Amir sorriu. Levado perante o juiz no dia seguinte ao enterro, ele descreveu seus motivos com frieza e a insana convicção que os israelenses estão acostumados a ouvir dos outros — os fundamentalistas muçulmanos que matam em nome de Alá. “Você conhece o mandamento Não Matarás?”, perguntou o juiz. “Existe um mandamento mais importante do que o não matarás”, repetiu Amir pela undécima vez desde sua prisão. “É o de salvar almas.” Yigal Amir é um novo tipo de fanático judeu, produzido pela sinistra combinação de fundamentalismo religioso com a radicalização da política israelense. Ninguém tinha dado a devida atenção à presença dos fanáticos de Jeová, de *Bíblia* numa mão e arma na outra, porque esse perigoso tipo de gente se tornou comum em Israel e pode ser encontrado nas boas famílias e nas melhores universidades — como Amir.

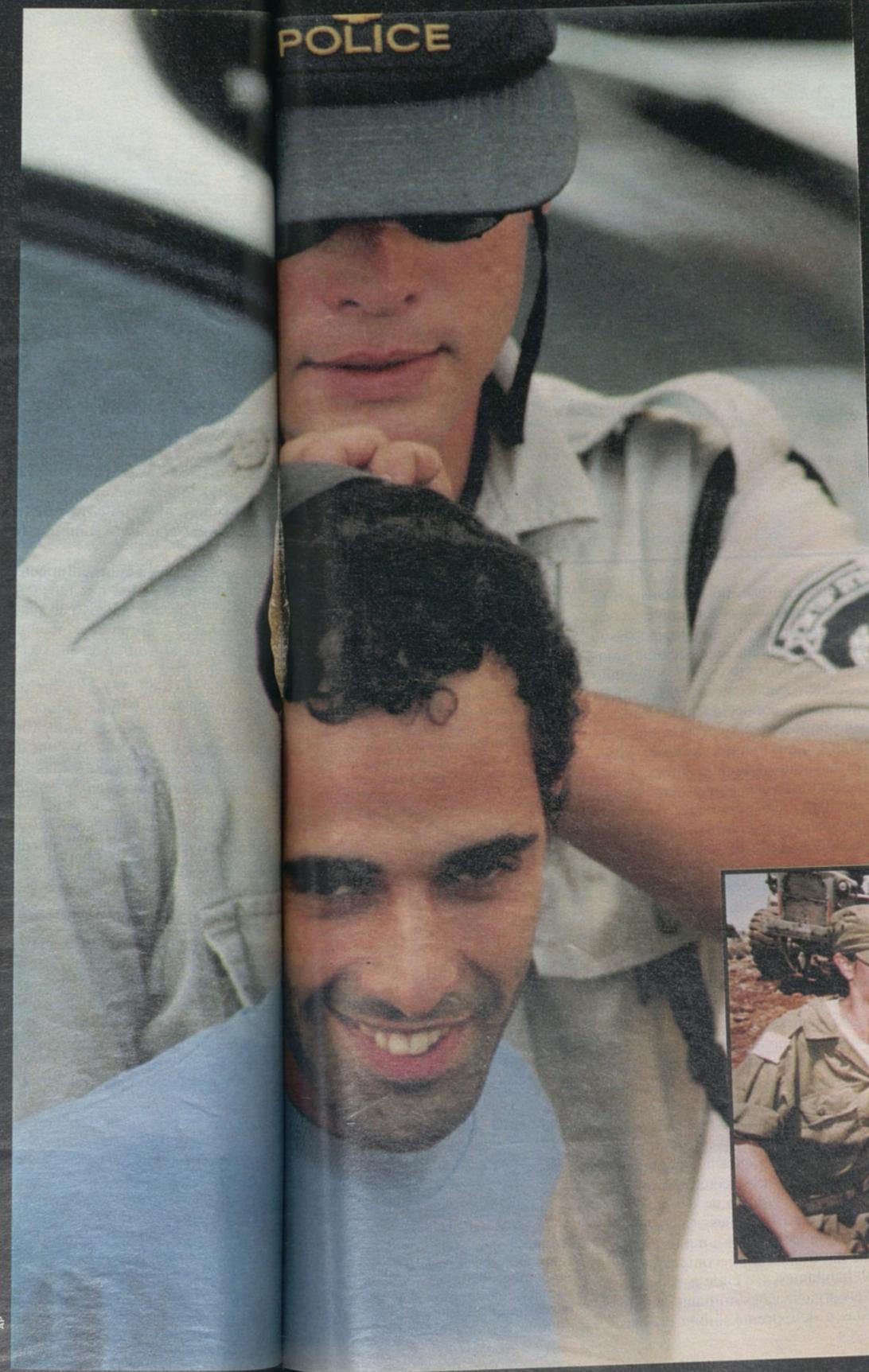
Em geral, esse tipo de fanático é bastante jovem, bem educado e em nada se parece com os judeus hassídicos, que, por causa do penteado típico de cachos e da roupa negra, muitas vezes são confundidos com “fundamentalistas”. Amir é um dos oito filhos de um calígrafo de textos bíblicos e de uma enfermeira que cuida de uma creche. Um casal pacífico, de origem iemenita, descrito por vizinhos como moderado, carinhoso e discreto. Suas idéias políticas são bem claras — temem que os acordos de paz ameacem a segurança de Israel e não gostavam nada de Rabin —, mas nada indica que aprovassem ou sequer comentassem a hipótese de assassinatos políticos como o cometido pelo filho Amir. “Só mesmo Deus sabe o que fez meu filho atirar”, disse a mãe, chorando, na TV. Mais tarde,

soube que Amir, além de matar o chefe de governo, havia escondido considerável quantidade de explosivos e detonadores justamente na creche que ela mantém — arriscando a explodir o bairro inteiro. Na semana passada, os pais de Amir enviaram a Lea Rabin uma carta emocionada, pedindo perdão.

GRUPELHO — Até o assassinato, Amir teve uma vida aparentemente igual à de milhares de outros jovens israelenses cujo único sinal externo de religiosidade é o uso da quipá, o pequeno solidéu preso com um grampo no cabelo. Estudou numa escola religiosa cujos alunos, ao contrário do que acontece com judeus ultra-ortodoxos, servem no Exército. Depois do serviço militar, passou numa brigada de elite com serviços prestados no Líbano e na Cisjordânia. Amir foi estudar computação e direito na Universidade Bar-Ilan, uma instituição de orientação religiosa no subúrbio de Ramat Gan, em Tel Aviv. Foi ali, parece, que entrou em contato com um grupelho de idéias perigosas, o Eyal (o nome é formado pelas iniciais em hebraico de Força Judaica Combatente, homenagem a um grupo de resistência aos nazistas no Gueto de Varsóvia).

O Eyal notabilizou-se por provocadoras marchas pelas ruas da cidade palestina de Hebron, na qual seus integrantes destruíram carros e fachadas de casas de moradores palestinos, além de prestar o valioso serviço de espancar mulheres árabes. A polícia israelense costumava dizer que o Eyal parecia mais do que seu verdadeiro tamanho justificava — até que seu chefe, Avishai Raviv, de 28 anos, foi preso na quarta-feira passada acusado de saber com antecedência que Yigal Amir preparava-se para matar Rabin. Em telefonemas à imprensa, Raviv defendeu o assassinato. Outro que sabia e resolveu falar na semana passada é o repórter Ieron Kaner, 27 anos, que se havia infiltrado no Eyal para tentar escrever um livro.

“Levou quase três meses até ser aceito pelo grupo e eles checaram todas as informações que forneci”, conta Kaner, que adquiriu experiência trabalhando para o serviço secreto militar israelense disfarça-



do de árabe nos territórios ocupados. Ieron foi recrutado pelo próprio chefe do Eyal, recebeu um nome de guerra e a promessa de que em pouco tempo também ganharia uma arma. Há menos de um mês participou de um grande encontro organizado pelos líderes da Eyal nos arredores de Jerusalém, e ficou assustado com o número de participantes: cerca de 500 — bem mais do que se esperaria de um grupo supostamente marginal e insignificante —, muitos deles jovens da universidade de Bar-Ilan, em Tel Aviv.

Considerado um membro efetivo, Ieron teve a honra de poder dormir ao lado de outros militantes. “Um deles era Amir, que eu conhecia por outro nome”, contou Ieron. “Ele falava o tempo todo que ia matar o Rabin, mas essa era a conversa de todo mundo no comando desse grupo e eu não o levei a sério. Só ao reconhecê-lo na televisão, depois do atentado, vi que era para valer.” No pouco tempo que passou como membro do Eyal, o repórter pôde ter uma boa idéia de suas atividades: patrulhas noturnas atrás de árabes “suspeitos” nos arredores de colônias judaicas e espancamento de palestinos acusados de atirar pedras em pessoas ou veículos — além de tiro ao alvo. “A mentalidade era a de uma organização guerrilheira operando em território inimigo, pois a turma da Eyal detestava também os soldados israelenses”, diz Ieron.

NINHO DA SERPENTE — A julgar pelas declarações de Ieron, a universidade Bar-Ilan, que até agora desfrutava de excelente reputação internacional como centro acadêmico, tornou-se o local predileto para o recrutamento de radicais — quatro

SIPA PRESS

Yigal Amir, sorridente depois do crime, e numa manifestação de colonos: “Meu dever sagrado era matar Rabin”

Avishai Raviv, líder do Eyal, vai preso: "Rabin foi outra vítima da paz"

dos seis detidos em conexão com o crime, na semana passada, vinham da Bar-Ilan. São indícios concretos que levam a polícia a suspeitar de que houve uma conspiração em vez do ato de um terrorista solitário. Além de Amir, seu irmão Hagai, que preparou as balas explosivas, e do líder Avishai Raviv, estão na cadeia os estudantes Michel Epstein, 23 anos, Oror Adani, de 26, e Ohud Skornik, de 23, acusados de conhecimento prévio do crime. Ohud é filho do professor Ehud Skornik, um conhecido médico do hospital para onde Rabin foi levado moribundo. "Não posso acreditar que meu filho esteja envolvido em coisa alguma", disse o professor. A direção de Bar-Ilan emitiu uma nota dizendo-se "chocada com o assassinato".

O verdadeiro ninho da serpente está instalado em lugares como Kfar Tapuach, uma colônia judaica estabelecida num morro inóspito no meio da Cisjordânia ocupada. Lá em cima um grupo de homens barbudos e suas famílias se entrancheiraram em casinhas brancas novas e bem construídas, avessos à idéia de trocar territórios pela paz. A grande maioria das casas nunca chegou mesmo a ser habitada, por falta de eletricidade há muito cortada pelo governo. A bandeira israelense na entrada voa em frangalhos e a porteira está em pedaços. Quem sobrou lá em cima se acha cercado de inimigos por todos os lados: governo, polícia, soldados e árabes, pela ordem.

"PERES, O PRÓXIMO" — "Achem que somos criminosos porque pedimos a deportação de todos os árabes e punição coletiva para eles, os usurpadores de nossas terras", diz o rabino Norman Shifrien, um homem magro e alto de barba longa e olhos claros. "E agora nós é que estamos recebendo esse tratamento." Faz apenas um mês e meio que Shifrien e a família abandonaram Los Angeles, onde ele vivia vendendo roupas e acessórios militares. Mas Shifrien, 44 anos, não hesita um segundo em afirmar que o lugar aonde acaba de chegar sempre foi seu, com escritura passada no céu. "Esta é a terra bíblica que sempre foi de Israel, eu não estou morando nos territórios ocupados, isto

aqui é Israel", insiste, no tom fanático de quem não aceita dúvidas nem contestações.

O ambiente é tenso. A polícia passou por ali de manhãzinha, antes de uma grande tempestade de vento e chuva, chutando portas e interrogando moradores. Andava atrás de quem conhecia Yigal Amir, o assassino de Rabin. Na porta de sua casinha branca outro rabino, Kurziel Meir, xingava governo, polícia e árabes, nessa ordem. "Aqui não existe mais democracia, nem direitos, nem segurança. Dá para entender que quem cria essa atmosfera acaba sendo assassinado, não dá?", pergunta Meir, 54 anos, um baixinho de olhos azuis sempre risonho. Ele é veterano do Vietnã — ora dizendo que lutou dois anos, ora cinco —, tem doutorado em ciências políticas e farmacêuticas, e trabalhou também como policial em Los Angeles, de onde veio há dezessete anos. Passou um ano tentando viver na África do Sul e há quatro está em Kfar Tapuach. "O governo vai nos cortar verbas, vão nos pôr na cadeia (Meir já passou onze meses preso, acusado de assassinar um árabe) e perseguir nossas famílias, mas quem traiu o sionismo e Israel será punido. O próximo será Peres", afirma Meir.

A turma de Kfar Tapuach é conhecida da polícia e de serviços secretos israelenses. Entre essa e a colônia de Kiriat Arba, uma fortaleza para 4 000 pessoas localizada às portas de Hebron — a maior cidade palestina na Cisjordânia, com cerca de 120 000 habitantes — circula o núcleo central das organizações militantes fundamentalistas e de extrema direita do país.



Das pombas aos falcões

TRABALHISTAS
Compõem, com aliados, o governo que Rabin liderou até ser assassinado. Agora sob comando de Shimon Peres (na foto com Arafat), vai continuar o diálogo com a OLP, baseado na troca de territórios por paz



LIKUD
Oposição parlamentar de direita, liderada por Benjamin Netanyahu (foto), é contra o processo de paz. Seu discurso virulento ajudou a criar o clima para o assassinato



ULTRANACIONALISTAS
Grupos como o Kahane Vive, de colonos radicais, querem a Grande Israel, com anexação dos territórios ocupados e a expulsão dos árabes. Um militante assassinou 29 palestinos na mesquita de Hebron, em 1994 (foto)

deração e belicismo, em diferentes pontos, dividem tanto o campo israelense quanto o palestino



OLP
Liderada por Arafat, renunciou ao objetivo de aniquilar Israel, conseguiu Gaza e partes da Cisjordânia de volta. Prossegue as negociações, com o objetivo de formar um Estado

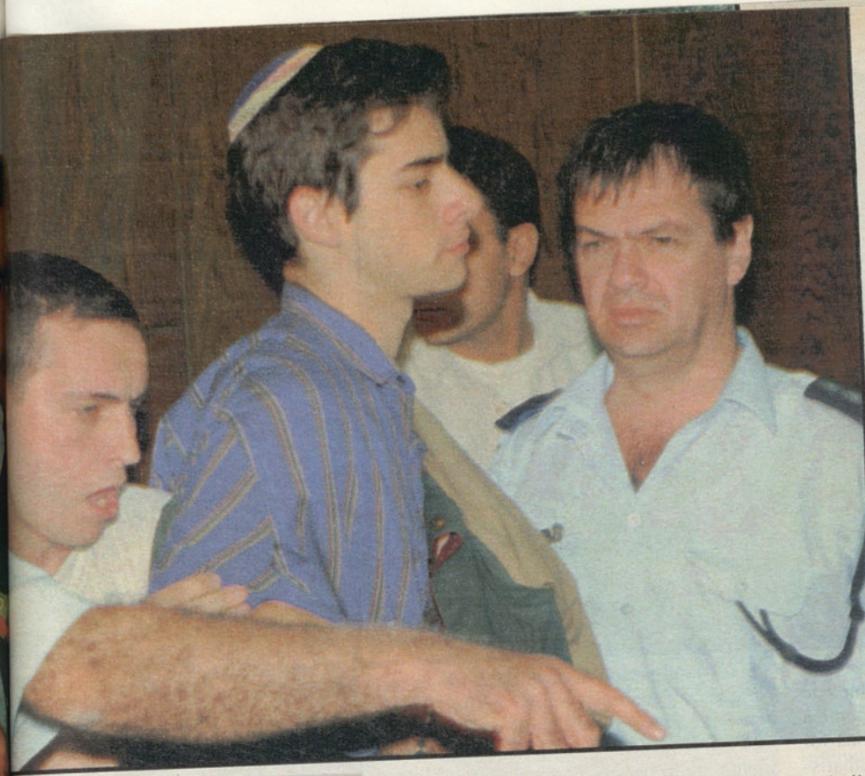
HAMAS
Muculmanos fundamentalistas que combatem os acordos de paz. Está dividido entre os partidários de participar das eleições palestinas e os que insistem em atentados como a foto, contra um ônibus em Israel



JIHAD ISLÂMICA
A fração mais radical do movimento palestino. Recusa-se a aceitar a existência de Israel e promove o terrorismo a partir de bases no sul do Líbano (na foto, seu líder, Ramadan Abdallah Challah)



VEJA, 15 DE NOVEMBRO, 1995



Indícios de conspiração: prisão do estudante Ohud Skornik, amigo do assassino

organizações não fundamentalistas de colonos transformaram a conquista de território no princípio moderno do judaísmo. A principal delas é Gush Emunin, cuja tática nunca mudou nas últimas décadas: criar fatos consumados através da formação de colônias. O mentor intelectual é o rabino Abraão Isaac Kook, que pretendia estabelecer uma ponte entre as idéias seculares do sionismo e as doutrinas messiânicas. Resultado disso é que, para o Gush Emunin, rolos de Torá e tratores têm a mesma importância.

Entre 1977 e 1992, o sonho messiânico prosperou enormemente: o país era governado pelos direitistas do Likud ou por uma grande coligação com trabalhistas, e ambos fizeram muito pelo colonos, que se convenceram nesse período de que seu movimento seria irreversível. Recuos, como a entrega do Sinai (e conseqüente abandono de algumas colônias) para o Egito, foram digeridos com o argumento de que o Sinai não era considerado parte de Israel, enquanto a Cisjordânia jamais seria devolvida. Sempre no alto de elevações, dominando recursos como energia e água, foram construídas por toda a Cisjordânia magníficas minicidades cercadas e protegidas dia e noite por um dos melhores exércitos do mundo.

Membro do Bet Din, um tribunal de rabinos ortodoxos americanos que proibiu e condenou a aproximação com os palestinos, Meir tem na parede de seu escritório um retrato de Baruch Goldstein, um médico emigrado de Nova York que vivia entre Kfar Tapuach e Kiriat Arba. Em fevereiro de 1994, Goldstein fuzilou com uma metralhadora 29 palestinos numa mesquita no centro de Hebron. "O doutor Goldstein era um grande amigo, uma boa pessoa e um herói", diz Meir. Trucidado por sobreviventes ainda no lugar do massacre, Goldstein foi enterrado com todas as honras em Kiriat Arba e virou mártir dos fundamentalistas judeus.

JOSUÉ E DAVI — A história desses grupos de colonos e suas facções radicais começou com a vitória israelense na Guerra dos Seis Dias, em 1967, que os religiosos interpretaram não somente como feito militar, e sim como desígnio de Deus. Os sentimentos religiosos floresceram, ancorados numa forte ligação com os territórios conquistados e na visão messiânica de que o povo de Israel voltava aos tempos de Josué e do rei Davi. O movimento de colonos em direção à terra conquistada fazia parte do sonho místico de uma Grande Israel. Evidentemente não foram apenas religiosos que se fixaram nesses territórios — a maior parte dos colonos é gente atraída pelas generosas subvenções oferecidas pelo governo. Mas mesmo

Para os colonos, especialmente fundamentalistas, a idéia de um compromisso territorial jamais foi uma questão de concessão política ou simples problema de segurança. Para eles, entregar territórios é o mesmo que se rebelar contra Deus, pois foi Deus quem fez com que o Exército de Israel conquistasse as terras bíblicas. Isso explica em boa parte o fato de os fundamentalistas passarem a considerar Rabin e seu governo não só como adversário político, mas como inimigo do povo eleito. Herói e "instrumento de Deus" em 1967, ele tornou-se aos olhos desses fundamentalistas um traidor, até mesmo um *malshin*, um judeu que entrega judeus à violência de não judeus. Há pelo menos dois anos Rabin começou a ser mostrado em cartazes com o keffieh árabe, igual ao de Arafat, e as mãos sujas de sangue. Ultimamente, numa ofensa mais impensável ainda, as caricaturas mostravam-no com o uniforme das SS nazistas. Rabinos da extrema direita têm incitado soldados a



L. GILBERT/SYGMA

Manifestações direitistas em Israel (ao lado) e nos territórios: "O governo soltou os cães em cima de nós"

desobedecer ordens e convidam alunos de escolas religiosas a discutir abertamente a missão de "salvar o povo" (um deles foi ao ponto de lançar uma maldição cabalística em frente à casa de Rabin).

CONEXÃO BROOKLYN — Fala-se, com boa razão, de uma Conexão Brooklyn em relação ao extremismo direitista em Israel. Cerca de um terço dos integrantes dos três principais grupos radicais é americano. Os 68 000 americanos que emigraram para Israel compõem apenas 1,3% da população israelense, mas são 15% entre todos os colonos. Trocam a fartura da América pela idéia de ter uma missão na vida — e se afeeram a ela com o fervor dos fanáticos. É o caso de Moshe Belogradsky, 33 anos, um americano de origem russa que há dois anos morava em Miami e agora está em Kfar Tapuach: "Aqui, meus filhos não são conspurcados com vídeos e drogas, aqui estamos realizando a palavra de Deus".

Na raiz das atuais organizações de fundamentalistas judeus em Israel está a figura do rabino americano Meir Kahane, assassinado num hotel em Nova York, em novembro de 1990. Racista e virulento, costumava ensinar a seus estudantes que a violência de judeus contra não judeus é sagrada. Sua mensagem radical encontrou eco em primeiro lugar nas comunidades judaicas mais pobres do Brooklyn, onde ele fundou em 1968 a Liga de Defesa Judaica. Quatro anos depois foi para Israel e criou seu movimento, o Kach. Idéia básica: todos os árabes deveriam ser deportados da Terra de Israel.

Durante muito tempo, Kahane valia apenas como chefe de uma tropa de radicais paranóicos, embora tenha sido facil-

mente eleito para o Knesset, o Parlamento israelense, com 20 000 votos. Saiu de lá em 1988, quando seu partido foi declarado ilegal e o Parlamento aprovou uma lei contra o racismo. Estranhamente, Kahane definia-se como um "judeu na tradição de Abraão e do rei Davi", o rei que estudava de noite e fazia guerra de dia. Seu nome é venerado hoje não só por colonos radicais. Logo depois da morte do rabino, surgiu a primeira dissidência do Kach, um movimento chamado Kahane Vive (liderado por seu filho Benjamin, atualmente na cadeia), logo posto fora da lei pelas autoridades. Na mesma época, em 1990, apareceu em meios universitários religiosos de Tel Aviv mais uma dissidência que considerava o Kach pouco radical, o Eyal — o grupo do assassino de Rabin.

MINORIA BARULHENTA — Essa mistura explosiva é estranha para a maioria dos israelenses, que a enxerga como típica atitude do pequeno contingente que mora

As vozes pesadas de ódio

Quem se espantou com o assassinato de Yitzhak Rabin, baleado por um rapaz judeu, não estava ouvindo, ou não prestou atenção, à carga de ódio puro que envenena o país. Alguns exemplos:

"Meu dever era matar Rabin. Era um dever sagrado"

YIGAL AMIR, o assassino de Rabin, diante do juiz

"Este homem, Rabin, que matou centenas de judeus, é outra vítima da paz. Assim, deve haver um fim para esse processo destrutivo"

AVISHAI RAVIV, líder da Eyal, organização que tinha entre seus membros o assassino de Rabin

"Como todo judeu de verdade, eu me

sinto muito bem. Ele teve o que mereceu, graças a Deus"

ARIE BAR-YOSSEF, morador em Kiriat Arba, colônia judaica na Cisjordânia

"O santo doutor Baruch Goldstein, morto quando santificava o nome de Deus"

Inscrição no túmulo do israelense que chacinou 29 muçulmanos numa mesquita de Hebron, em 1994, e foi morto pelos sobreviventes

"Que os anjos da destruição levantem a espada contra ele"

Maldição lançada por um rabino diante da residência de Yitzhak Rabin, semanas antes de sua morte

"Não quero matá-los. Quero apenas que eles vivam em outro lugar"



Y. GARDNER

Os colonos, a causa de tanto barulho, não passam de 130 000 pessoas numa população de 5 milhões. A grande maioria dos colonos é formada por gente que foi morar nos territórios ocupados, atraída por incentivos governamentais, e não por motivos religiosos. A maioria, no entanto, vinha mostrando o logotipo suficiente para radicalizar a dis-

cussão política sobre os acordos de paz com os palestinos. Até o momento do atentado, a tática do governo era esvaziar o movimento dos colonos com a perspectiva de que teriam de viver sob a autonomia palestina. Existe até um escritório para auxiliar colonos querendo sair dos territórios ocupados — mas o problema é estabelecer critérios claros para o gover-

Manifestantes em frente à casa de Lea e Yitzhak Rabin, em Ramat Aviv, na véspera do assassinato

"Eu não teria gostado se um árabe o tivesse matado"

DAVID BEN AVRAHAM, colono judeu que festejou o assassinato do primeiro-ministro

"Sobre a cabeça de Rabin pesa o sangue de todos os judeus mortos desde o início do processo de paz"

Mensagem na Internet assinada por "Xander", no dia seguinte ao do assassinato

Pichação em Jerusalém: "Peres é o próximo"

"Espere só. Daqui a um ano, na Praça dos Reis de Israel, vamos matar vocês dois, como Mussolini e sua amante"

Manifestantes em frente à casa de Lea e Yitzhak Rabin, em Ramat Aviv, na véspera do assassinato

"Eu não teria gostado se um árabe o tivesse matado"

DAVID BEN AVRAHAM, colono judeu que festejou o assassinato do primeiro-ministro

"Sobre a cabeça de Rabin pesa o sangue de todos os judeus mortos desde o início do processo de paz"

Mensagem na Internet assinada por "Xander", no dia seguinte ao do assassinato

Pichação em Jerusalém: "Peres é o próximo"

Manifestantes em frente à casa de Lea e Yitzhak Rabin, em Ramat Aviv, na véspera do assassinato

"Eu não teria gostado se um árabe o tivesse matado"

DAVID BEN AVRAHAM, colono judeu que festejou o assassinato do primeiro-ministro

"Sobre a cabeça de Rabin pesa o sangue de todos os judeus mortos desde o início do processo de paz"

Mensagem na Internet assinada por "Xander", no dia seguinte ao do assassinato

Pichação em Jerusalém: "Peres é o próximo"

no pagar indenizações. "Não faz o menor sentido manter uma colônia com 28 famílias, que precisa de trabalhadores da Tailândia, protegida por um batalhão de soldados e acompanhada por patrulhas armadas nas ruas", disse Shimon Peres, uma semana antes da morte de Rabin. Agora o governo baixou a mão de ferro em relação aos fundamentalistas.

Os mais militantes começaram a esconder-se já durante o fim de semana. "O governo está soltando os cachorros em cima de nós", reclama Tsurie Popovitch, porta-voz dos colonos de Kiriat Arba. O lugar é conhecido por concentrar um nutrido punhado de extremistas e fanáticos religiosos que apoia o Kach. Foram eles que deram o nome de Kahane ao pequeno parque da cidade. A maioria dos moradores, contudo, garantem os chefões do lugar, não é de radicais, embora muitos se sintam ameaçados pelo processo de paz. "Isso de maneira alguma pode justificar o que o assassino fez", disse o rabino Shimon Ben-Zion, professor do seminário usado no ano passado para a cerimônia de sepultamento de Baruch Goldstein, o assassino da mesquita.

"SITUAÇÃO PRECÁRIA" — As notícias de prisões de extremistas e moradores da colônia produziram algum impacto entre os fanáticos que se entrincheiram no centro de Hebron. "As pessoas se sentem em situação muito precária", diz David Wilder, porta-voz dos cerca de 400 judeus que moram no enclave. "Estão com medo de leis de emergência, detenções administrativas e revistas de casas." É mais ou menos como têm vivido há anos os 120 000 habitantes árabes de Hebron. Na semana passada, os moradores do edifício ocupado pelos judeus no centro da cidade, bastante conhecidos por seus constantes atritos com os árabes do mercado vizinho, andavam como anjinhos pelas ruas, sem as metralhadoras que costumam carregar. Boa parte das famílias parecia nem estar em casa, e quem sobrou mandava os repórteres conversar com o porta-voz Wilder. Apenas Simcha Hochbaum, recém-chegado de Manhattan, estava com vontade de falar. "Estão prendendo judeus nesta área", comentava com os repórteres. "Agora, veja o seguinte: qualquer líder judeu que coloca outro judeu na situação de ter medo de tomar um ônibus e medo de andar nas ruas não pode espantar-se se alguém tenta matá-lo." Em Kfar Tapuach, o rabino Meir armou um sorriso enigmático quando indagado sobre o que faria para resistir à hipotética tentativa, por parte do governo israelense, de expulsão dos colonos. "Todo militar tem seu plano de contingência", disse ele. "E eu sou um militar."

... "meologie hört aufs Volk" (1982)

A marcha da insanidade

Fanáticos de todas as raças e credos partem para a ofensiva e afrontam a humanidade com o pesadelo da guerra tribal

IGOR FUSER

No dia em que Rabin foi assassinado, a página de opinião do *The New York Times* estampava um artigo do líder da oposição conservadora israelense Benjamin Netanyahu, que advertia o Ocidente para a iminência de uma onda de terrorismo muçulmano em escala mundial. Um dos líderes da Jihad Islâmica, o mais radical dos grupos palestinos, tinha sido metralhado uma semana antes, em Chipre, por um agente israelense, que disparou da garupa de uma moto, ao estilo dos narcotraficantes colombianos. Era natural esperar que os companheiros do morto buscassem vingança. Para alívio dos árabes (e não só dos que moram em Gaza e na Cisjordânia), o assassino em Jerusalém foi um judeu. Do contrário, os palestinos sofreriam a furiosa retaliação israelense — e os árabes do mundo inteiro veriam reforçada a imagem preconceituosa que os associa ao terrorismo.

A falsa ligação entre o Islã e a violência política está difundida a tal ponto que, no Brasil, a palavra xiita, nome de uma das duas vertentes da religião muçulmana, virou sinônimo de extremista. Apesar da violência que marca a ação dos grupos islâmicos radicais, o fundamentalismo está longe de ser monopólio dos muçulmanos. A própria palavra, quando surgiu, referia-se às seitas protestantes que interpretam a *Bíblia* ao pé da letra. Para os Estados Unidos, foi um choque descobrir que os autores da explosão de um prédio em Oklahoma City, matando 168 pessoas, não foi obra de estrangeiros, mas sim de cidadãos americanos, rapagões brancos, cristãos e de cabelo escovado. Há fundamentalismo para todos os gostos — hinduísta, católico, judeu. A irracionalidade que pipoca pelos quatro cantos do planeta tanto pode estar numa seita apocalíptica, que tenta apressar o fim do mundo lançando um gás letal no metrô de Tóquio, quanto nos neonazistas alemães que em 1993

atearam o incêndio que matou duas senhoras e três garotas turcas. O líder muçulmano Louis Farrakhan, que no mês passado reuniu 400 000 negros em Washington para defender a criação de uma nação "separada" da sociedade branca nos Estados Unidos, exibe insuspeitadas semelhanças com Jean-Marie Le Pen, a encarnação da xenofobia antiárabe na política francesa. Por toda parte, fanáticos de todas as raças, credos e ideologias parecem estar na ofensiva. Um chute numa imagem de Nossa Senhora, ato típico do fundamentalismo protestante, foi usado no Brasil como pretexto para insuflar uma guerra santa. Será que o mundo endoidou de vez?

ONU e MELANINA — Quando a pergunta é abrangente, as respostas tendem a seguir pelo mesmo caminho. Para o sociólogo Emir Sader, da Universidade de São Paulo, esses surtos de fanatismo são "um subproduto da globalização". Ou seja, seriam consequência tanto da falta de alternativas políticas no mundo conformista do pós-Guerra Fria como da impotência diante de uma modernidade feita de empregos eliminados pelos computadores ou pela mudança das empresas para países onde o trabalho custa menos. A militância contra o status quo perdeu seus pontos de referência ideológicos e os partidos se tornaram tão parecidos que é preciso um microscópio para achar alguma diferença entre eles. "A globalização enfraqueceu todas as identidades baseadas na cidadania, em idéias", afirma Sader. "As pessoas se voltam para identidades originais, como a raça, que não são compartilháveis. O outro é diabolizado. Quem não é da minha religião está com um deus falso."

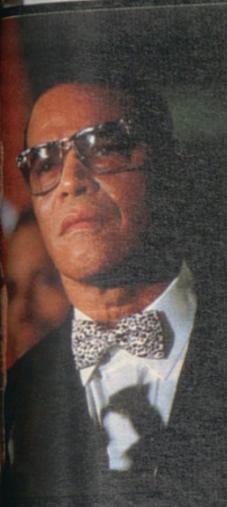
Já não se trata do terrorismo clássico, atrás de objetivos políticos palpáveis,



Em sentido horário, os destroços do edifício destruído por uma bomba da extrema-direita em Oklahoma, vítimas de atentado com gás venenoso no metrô de Tóquio, briga de torcidas em São Paulo, o líder neofascista americano Louis Farrakhan e neonazistas alemães.



apesar da crueldade do assassinato de inocentes. O que mais preocupa é a proliferação dos "soldados da fé", que agem sem explicação, movidos apenas pelo que julgam ser a vontade divina. O uso da razão é dispensado, mesmo quando a crença religiosa não está em primeiro plano. Os adeptos de Farrakhan parecem acreditar piamente em seu guru quando ele afirma se encontrar com profetas a bordo de óvnis, ou quando acusa os brancos de ter espalhado a Aids entre os negros para manter a dominação racial. As teses de Leonard Jeffries, o acadêmico nova-iorquino segundo o qual os negros são mais inteligentes porque possuem mais melanina (a substância que



orna a pele escura), têm livre trânsito entre as multidões que acorrem aos comícios de Farrakhan. No lado oposto, as milícias brancas de onde surgiu Timothy McVeigh, preso pelo atentado de Oklahoma, arrebanham seguidores com um discurso paranóico sobre uma conspiração da ONU para tomar o poder nos Estados Unidos, com a cumplicidade da Casa Branca, e confiscar as armas que são o xodó de milhões de pais de família americanos.

"O OCIDENTE E O RESTO" — A busca de uma explicação tem mobilizado pensadores de diferentes correntes. O historiador marxista inglês Eric Hobsbawm, autor de *A Era dos Extremos*, detecta uma "ruptura nas regras que governam o comportamento em sociedades humanas" e o "desmantelamento das defesas da civilização contra a barbárie" — duas marcas deste fim de século, segundo ele. "Devemos esperar o declínio da civilidade e o cresci-

mento da barbárie", afirmou, numa conferência na Universidade de Oxford, no ano passado. Pessimista, Hobsbawm minimiza algumas conquistas da humanidade no século XX: a defesa do meio ambiente, a igualdade da mulher, a idéia dos direitos humanos como um valor absoluto — o oposto da barbárie.

Na outra ponta, o cientista político conservador Samuel Huntington, da Universidade de Harvard, acredita que a chave para entender os novos tempos é o "choque das civilizações". Num famoso artigo na revista *Foreign Affairs*, ele enumera sete ou oito grandes civilizações que, pelas suas interações, irão moldar o futuro do planeta. A lista inclui a ocidental, a confuciana, a japonesa, a islâmica, a hindu, a eslavo-ortodoxa, a latino-americana (Huntington se recusa a admitir que os povos morenos

ao sul do Rio Grande possam fazer parte do Ocidente) e "possivelmente", a africana. O acadêmico americano aposta que o eixo central da política mundial será o conflito entre "o Ocidente e o resto". A teoria derrapa, logo de saída, na guerra da Bósnia, na qual os países ocidentais apóiam os muçulmanos — seus inimigos antagônicos pelo figurino de Huntington — contra os sérvios, cristãos-ortodoxos.

TERRORISMO HIGH TECH — A nova fauna de fanáticos também está longe de dispor de arsenais rudimentares, como seria de supor em bolsões de ódio à modernidade acossados pela globalização. A barbárie contemporânea está equipada com as mais avançadas tecnologias. Shoko Asahara, o guru gorducho do gás sarin no metrô de Tóquio, tinha um sofisticado laboratório para experiências genéticas, além de bactérias prontas para ser usadas como arma biológica. Os milicianos americanos, es-

coteiros temporões que se sentem bem brincando de soldado pelos bosques do Meio-Oeste, comunicam-se por fax, telefone celular e Internet. Os colonos radicais de Israel também estão conectados eletronicamente. Em contraste, as bombas que têm infernizado Paris nos últimos meses, armadas por terroristas convencionais que se vingam do apoio francês à ditadura militar na Argélia, não passam de botijões de gás adaptados.

É difícil encontrar uma teoria capaz de enfiar no mesmo balaio fanatismos tão variados. Para o filósofo Renato Janine Ribeiro, professor da USP, o "tribalismo" é mínimo denominador comum entre os hutus de Ruanda (1 milhão de mortos em três meses) e demagogos como Rush Limbaugh, o radialista americano que se tornou líder de audiência e personalidade política de peso com seus ataques diários aos gays, aos imigrantes e às feministas. "O fio condutor é a violência contra aqueles que não pertencem ao grupo. Diante de um mundo que não entendem e que as trata como descartáveis, essas pessoas se refugiam no ódio", diz Janine Ribeiro. "A mensagem de todas essas tribos é uma só: se todos fossem islâmicos, ou judeus, ou palmeirenses, o mundo seria melhor. Como isso é impossível, a saída é acabar com o outro, como na limpeza étnica na ex-Iugoslávia. É assustador."

... "neozigie hört aufs Volk" (1982)

FANÁTICO E MUITO RICO

Morando nos Estados Unidos há nove anos, Edir Macedo caça fiéis com uma boa oratória, muito senso teatral e um discurso no limite da paranóia

MORRIS KACHANI, de Los Angeles

Quem garante é o bispo Edir Macedo: encontrar Deus é melhor do que fazer sexo. "Foi um prazer tão grande que é até indescritível. Muito mais gostoso do que o gozo de um homem com uma mulher", conta ele, referindo-se a um primeiro contato que teria ocorrido em 1969, e que daria origem a uma virada radical não apenas em sua vida mas também na de milhões de pessoas. Fundada em 1977, a Igreja Universal do Reino de Deus é uma potência. Possui 3,5 milhões de adeptos em 34 países. Para a TV Globo, Edir Macedo é o inimigo a combater e, para a Igreja Católica, é o concorrente que assusta. Para si próprio, o bispo é, ao mesmo tempo, "um monte de esturme" e um "iluminado de Deus" (veja entrevista à pág. 70).

Para os pastores e bispos que animam milhões em 2 500 templos, Edir Macedo é a encarnação do todo-poderoso em mais de um sentido. Não delega poderes a ninguém e, de seu telefone de Nova York, onde reside desde 1986, decide negócios milionários e é capaz de acordar assessores às 4 da madrugada para dar uma ordem. Edir Macedo é venerado pela obra que construiu e temido pelo poder que possui. De seu humor dependem empregos bem remunerados, apartamentos como residência funcional e automóveis, e ainda estadias agradáveis no exterior. Como tantas religiões, empresas e entidades conspícuas em torno de uma única personalidade, a Igreja Universal não existe e aqueles pastores que aparecem na TV Record são descartáveis

como personagens secundários de histórias em quadrinhos. Quem existe é Edir Macedo Bezerra, 50 anos, três filhos, antigo funcionário de loteria no Rio de Janeiro.

LEGUME — O bispo faz o estilo de um executivo próspero — não faltam nem a barriga um tanto saliente nem a preocupação com o colesterol. Nada é espalhafatoso. Em casa, usa jeans, camisa esporte e jaqueta. No púlpito, veste ternos bem cortados, paletós de cores escuras e calças em tons mais claros, para contrastar. As gravatas, sóbrias, repousam com o nó italiano sobre camisas brancas. Macedo, andando por uma rua de Nova York, passaria bem por alto funcionário de uma multinacional latino-americana. O perfume é um só. Todo o tempo, Armani.

Mensalmente, Macedo recebe um contracheque da Universal no valor de 8 000 dólares, dos quais desconta o imposto de renda e 800 dólares de dízimo para a igreja. Restam líquidos pouco mais de 5 000 dólares. Sua vida é bem mais confortável do que essa renda, bastante razoável, permite. A igreja — sua — lhe cede, tantas vezes quanto precise, carros para dirigir e casas para se hospedar. Paga viagens aéreas — na primeira classe, de preferência — para toda a família, inclusive "Peel", seu cãozinho da raça beagle. Arca, ainda, com a mensalidade escolar do filho caçula, Moisés, matriculado num tradicional estabelecimento da elite judaica nova-iorquina.



Onde está a Universal





Sua mulher, Ester Bezerra, 45 anos, neta de pastor evangélico, fala assim do fundador e líder único da Universal, com quem está casada há 24 anos: "O Edir acha que mulher não pode mandar em casa, que deve ser discreta na hora de se vestir, que deve falar pouco, que deve ser boa mãe e boa dona de casa". Ester é tudo isso e mais um pouco. É uma primeira-dama de envergonhar as feministas amigas de dona Ruth Cardoso. "Sou submissa a ele, como aprendi a ser. Minha maior preocupação é não atrapalhar", diz. Macedo e a mulher estão juntos quase que as 24 horas do dia. Ele costuma levá-la até mesmo para as reuniões com auxiliares mais próximos, às quais comparece sem abrir a boca. "A gente depende muito um do outro. Rapaz, sem ela eu viro um legume", confessa o bispo.

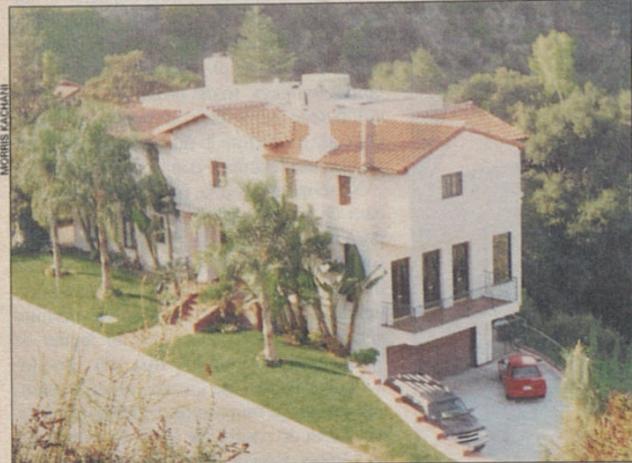
Na semana passada, o casal ocupava uma casa de cinco quartos em Los Angeles — propriedade da igreja — onde o bispo passou algumas semanas para conferir o trabalho do pastorado local, aproveitando a oportunidade para esboçar a compra de um imóvel para a igreja, desta vez na região de Hollywood. A moradia fica em um dos melhores bairros da cidade, onde as casas têm um preço mínimo de 1 milhão de dólares. Além do casal Edir Macedo e o pequeno Moisés, haviam outros hóspedes na residência. Era o bispo Sergio Von Helde e sua mulher. Famoso por causa de seu pontapé numa imagem de Nossa Senhora, Von Helde foi passar uma temporada ao lado do bispo, antes de retornar ao país, onde terá de prestar contas à Justiça. Edir Macedo tinha conselhos a dar ao bispo do chute. Ele próprio já foi processado por charlatanismo, contrabando, curandeirismo e lavagem de dinheiro. Jamais foi condenado. Em 1992, chegou a amargar onze dias de prisão preventiva. Segue, impávido, na obra.

SONECAS A TARDE — Vivendo nos Estados Unidos há nove anos, Macedo sente falta do arroz com feijão, da couve, da carne-seca e do angu — seus pratos prediletos. Para prepará-los, carrega a tiracolo uma cozinheira fiel, Etelvina. Sua rotina começa às 8 da manhã, quando se pendura ao telefone, conversando com subordinados que se encontram em países tão díspares como o Japão e a Nicarágua. O bispo quer saber de trabalho e também de vida pessoal, que acompanha em detalhes. Para Edir Macedo, pastor que se divorcia está assinando carta de demissão.

Macedo só vai a restaurante se o convidam para um prato de macarrão. No mais, prefere os pratos brasileiros de Etelvina.

Com a Bíblia, o bispo narra seu encontro com Deus: "Mais gostoso do que o gozo de homem e mulher"

Conforto: quando peregrina pelos Estados Unidos, Edir Macedo sempre se hospeda num dos imóveis da sua Igreja. Em Los Angeles, a casa de cinco quartos com vista panorâmica das colinas de Glendale (abaixo), num dos bairros mais valorizados da cidade, abrigava na semana passada o bispo (à dir., na sala), sua esposa, o filho caçula, Moisés, e a cozinheira Etelvina, importada do Brasil



MORRIS KACHAVI



FOTOS TED SOOKE

Inseparáveis: Ester acompanha o marido nos cultos, nas reuniões e em casa. Nunca dá um palpite. "Sou uma esposa submissa", diz. Macedo é seu marido e pastor. Ela é a primeira-dama da Universal. Casado há 24 anos, o bispo assim define os laços: "Sem Ester, eu viro um legume"

e venha recheá-los"). É o próprio Macedo quem primeiro enuncia as frases, instando os fiéis a repeti-las. Sua pronúncia, péssima, é um legítimo portunhol carioca. O "perdona", na sua voz, se transforma em "perrdona". "Cristo" vira "Crís-chito". E então, como faz tanto no púlpito como no momento em que fecha um negócio, o bispo pergunta: "Amém?" A resposta vem em coro: "Amém!"

Muitos não compreendem a língua do bispo. "Em inglês, sou pior ainda", admite ele, bem-humorado. Mesmo assim, os fiéis se emocionam. "Não entendo direito o que o bispo fala, mas tenho certeza de que são coisas boas e bonitas", comenta a mexicana Lilia Arteaga, de 16 anos. Disso também está segura Carmen González, 50 anos, que se diz curada de um câncer nas cordas vocais. Além da oratória, o bispo tem um dom a mais. O teatral.

Quando toca no nome de Jesus, seu corpo se contrai e, num movimento que os presentes entendem como sinal de profunda excitação, ele fica andando sem parar pelo palco. No instante em que interrompe a caminhada, os pés se entortam, voltados para dentro. A voz faz rodeios dramáticos, que lembram o locutor Gil Gomes. Por vezes é mais grave, outras, mais aguda. Há sussurros e também gritos. Quando anuncia a presença de Deus, Macedo berra no microfone sem fio. Impressiona.

Mais do que a calvície ou a verruga que

fica abaixo do lábio, o que marca o bispo são as mãos. Seus dois dedos indicadores são finos, da espessura de uma caneta. Os polegares, um pouco mais grossos. Mexem pouco. Articulados mesmo, só os outros três dedos. O problema de Macedo é hereditário. Sua avó tinha só três dedos em cada mão. O bispo convive com defeito desde criança, o que lhe valeu traumas e uma timidez característica.

A mulher, Ester Macedo, define o bispo como uma pessoa impaciente e insistente. "Com ele, é tudo na hora", diz ela. Ester lembra que, já no primeiro encontro, ele lhe colocou a mão em sua cintura, o que obrigou a reagir: "Sai disso, homem, sai do". O bispo namorou, noivou e casou em oito meses. Também foi assim que construiu sua igreja. Fundou-a no porão de uma funerária carioca e, doze anos depois, já tinha milhões de dólares no bolso para comprar a TV Record. Hoje, a dívida da emissora, estimada em 300 milhões de dólares, já está quitada integralmente. A igreja tem também um patrimônio conhecido de 26 rádios, jornais e duas revistas.

A vida confortável de hoje é o céu na terra comparado com o começo. Da infância, em Rio das Flores, no Estado do Rio de Janeiro, o bispo guarda a lembrança de ser



Depois do almoço, invariavelmente, tira uma hora de soneca. "Se não durmo, fico zozno", diz. No fim da tarde, lê a Bíblia e, à noite, exercita sua grande especialidade: pregar o Evangelho. Pode-se gostar ou não do bispo, mas ao vê-lo em ação fica difícil duvidar de que ele sente tanto prazer nisso como um profissional do futebol na hora de um gol.

"PERRDONA" — O botafoguense Edir Macedo sobe ao púlpito e se transfigura. Saca do bolso seus óculos de 2 graus em cada lente — miopia. Depois, baixa ligeiramente a cabeça e projeta os olhos para a frente, que ficam semicobertos pelas sobrancelhas. O efeito chega a assustar os desprevenidos. Lembra o aterrorizante Jack Nicholson no filme *O Iluminado*. É então que começa a falar, diante de uma audiência petrificada. Da platéia, em sua maioria hispânica, levantam-se clamores a Deus. Pede-se de tudo, mas principalmente o famigerado Green-card, documento que autoriza residência e trabalho permanentes nos Estados Unidos.

As súplicas são entremeadas por bordões, que podem ser espiritualistas, como "Baja Jesus Cristo, perdona su passado, limpia su corazón" ("Desce Jesus Cristo, perdoa seu passado, limpa seu coração") ou deslavadamente materialistas, como "Mira los bolsos de las personas, mi Diós, y venga los suprir" ("Observa os bolsos das pessoas, meu Deus,

mãos vivendo na dureza e um pecado punido a mão de ferro pelo pai. Foi quando roubou um sorvete da padaria. O pai, um gaçoano que, segundo o bispo, não era muito de conversa, descobriu, lhe deu uma surra e o humilhou. Obrigou-o a confessar o roubo na frente dos amigos e teve de pagar o sorvete. "Ao menos aprendi a lição. As vezes, não adianta conversar. Tem de ser na surra, mesmo", consola-se. O maior vício do bispo durante a juventude não foram as drogas, nem as bebidas nem o cigarro. Macedo conta que seu maior vício eram as mulheres. O bispo foi um namorador aplaudido até que se emendou e hoje se apresenta como um marido presente e fiel.

Em Los Angeles, uma ou duas vezes por semana, por volta das 3 horas da madrugada, o bispo saía de casa, entrava num Sena azul prateado e, mesmo desacompanhado, caminhava rumo a um ex-cinema que hoje em dia exibe um letreiro iluminado onde se lê: "La Iglesia Universal del Reino de Dios". Ele abre a porta do que já foi uma bilheteria e se ajoelha em frente do palco,

no qual antes ficava pendurada a tela e hoje há uma cruz enorme. Onde, por meio século, encontrava-se o quadro de fotos de filmes, hoje se vêem retratos do próprio Macedo no Monte Sinai ou em excursão por Jerusalém. Nesse cenário devastado, o bispo reza por uma hora e volta para casa.

Edir Macedo provoca delírios entre seus fiéis, mas, observado com frieza, conclui-se que o próprio bispo também delira. Não há nada de errado em seu costume de criticar a Igreja Católica — todas as seitas e religiões, antes mesmo de a Bíblia ter sido escrita, só puderam prosperar competindo com as crenças que existiam anteriormente. Não é bonito, mas faz parte do jogo. Só que há um elemento paranóico no pensamento de Edir Macedo. Ele gosta de se apresentar como vítima de uma conspiração católica mundial, que, além de persegui-lo, nas horas vagas se ocupa em produzir todas as mazelas do planeta.

O bispo gosta de fazer o perigoso exercício de convocar o demônio quando isso lhe convém. No seu discurso, quem não está ao

lado da Igreja Universal é um aliado automático do inferno. O problema é que sua disputa com a Rede Globo, por exemplo, nunca envolveu uma guerra santa — mas a guerra, econômica, de duas emissoras de TV, a sua e a do jornalista Roberto Marinho, para ganhar pontos na audiência. Ao acusar a Igreja Católica e outras religiões de ser organizações apenas ocupadas em ganhar dinheiro, o bispo ignora um elemento que está presente, em princípio, em todas as crenças — a fé. Uma pessoa que resolvesse estudar o bispo Edir Macedo com os mesmos argumentos que ele aplica a seus rivais chegaria a conclusões desagradáveis. Iria pensar que o bispo fez campanha para Fernando Collor, em 1989, e Fernando Henrique, em 1994, apenas por interesses mesquinhos e vis. Poderia achar que ele estava interessado em bajular o governo manipulando os votos de seus fiéis para continuar ganhando novas concessões de rádio e TV e, dessa maneira, pagar bons salários, viagens ao exterior e mordomias em geral para seus apaniguados.

“SOU O ESTRUME DO CAVALO DO BANDIDO”

O fundador da Universal diz que tem vaga reservada no Reino de Deus, mas reconhece que não é nenhum santo

A pós um silêncio de pelo menos três anos, em que só concedeu longas entrevistas aos meios de comunicação da Igreja Universal, o bispo Edir Macedo deu um depoimento de doze horas a VEJA. Foram sete encontros, no espaço de cinco dias, todos realizados em Los Angeles, região onde a Universal já possui quatro templos e prepara a aquisição de um quinto, na área de Hollywood. Abaixo, os principais trechos da entrevista:

VEJA — Como o senhor definiria o bispo Edir Macedo?

MACEDO — Sou o estrume do cavalo do bandido. Eu como ser humano sou um monte de nada. Viemos do nada, nada somos, fisicamente para o nada iremos. Para o mundo, eu me considero um lixo. O apóstolo Paulo dizia: “Para mim, o morrer é lucro e o viver é Cristo”. Isso significa



que o viver é sacrifício. Se eu partisse para a eternidade hoje, para mim seria um prêmio. A pior etapa do espírito humano é a passagem pela Terra. Viver aqui é um sacrifício. A única coisa que presta neste mundo é a fé no Senhor Jesus. Fora isso, é impossível ser feliz neste mundo.

VEJA — O senhor é um pecador?

MACEDO — Se me colocarem num mosquito, se eu viver num ambiente contrito, eu vou pecar, porque não consigo controlar meus pensamentos, meus instintos. Quem somos nós para controlar o nosso corpo? Alguém disse que somos nossos maiores inimigos. Não sou um santo.

VEJA — Quando o senhor morrer, qual será o destino de sua alma?

MACEDO — Não tenho a menor dúvida para onde vou. Eu sei o que me espera. Me espera a coroa da vida, a vida eterna.

VEJA — O senhor tem ou tem vícios?

MACEDO — Nunca bebi, nunca fumei. Mas com mulher é diferente. Não dá para resistir.

VEJA — O senhor encara o sexo de uma maneira comum à maioria dos líderes religiosos.

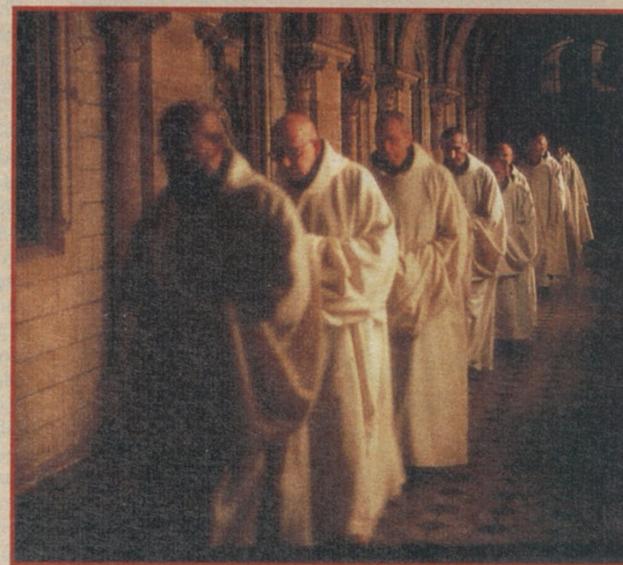
MACEDO — O sexo é para você ter prazer. Dentro do casamento, é claro. Penso que Deus criou o sexo também para você tirar a sua tensão, descarregar sua carga um com o outro e assim ficar aliviado. Por isso somos a favor do planejamento familiar. Mas meus pais, por exemplo, que tiveram 33 filhos, dos quais apenas sete sobreviveram, não sabiam disso, não tinham consciência de planejamento familiar. No tempo deles, praticamente não havia caminha e acreditava-se que a única função do sexo era a procriação. A desgraça do mundo está em cima disso.

VEJA — Qual a sua opinião sobre o aborto?

MACEDO — Tenho meus próprios princípios. Não posso emitir opinião contra o aborto. Não sou contra nem a favor. Tudo depende da situação. Se minha filha fosse estuprada, gostaria que o feto fosse abortado.

VEJA — O senhor sabe que isso se choca diretamente com as idéias defendidas pela Igreja Católica...

MACEDO — Confesso que não entendi, até agora, que interesse a Igreja Católica tem em defender essa posição. Nós estamos trabalhando no sentido de conscientizar as pessoas sobre a necessidade de planejamento familiar. Todos precisamos tomar conhecimento dos direitos e privilégios que temos. "Nada há de melhor para o homem do que comer, beber e fazer que sua alma goze do bem de seu trabalho" (Eclesiastes, 2, 24), diz a Bíblia. Eu penso que a Igreja Católica tem interesse na miséria dos povos. Todos os povos que foram catequisados pelos



ALEXIS GEORGIYANINA

IGREJA

"Não tem nada de bíblico no preceito do celibato. Acho que seria muito melhor os padres se casarem do que viverem abasados"

jesuítas estão aí na miséria do Terceiro Mundo, descendo para o Quarto Mundo.

VEJA — Não se pode dizer que a Europa, que é majoritariamente católica, possa ser classificada no Terceiro Mundo.

MACEDO — Esses números que falam da força do catolicismo são manipulados pela Igreja Católica. É tudo enganação. Tem a mesma origem da afirmação de que o Brasil é o maior país católico do mundo. Balela que também se vê em outros lugares. O papa esteve na África do Sul e fez uma missa no mesmo dia em que a Uni-

versal organizou um culto. Divulgaram que 300 000 pessoas foram ver o papa e só 80 000 estavam conosco. Depois, a conta da Igreja foi baixando. Ficou em 200 000, depois caiu mais, para 100 000. Mas eu acho que o papa reuniu, no máximo, 20 000 pessoas.

VEJA — De que forma a ação da Igreja Católica pode prejudicar um país como o Brasil?

MACEDO — Os feriados de santos são um bom exemplo. Acho que todos eles deveriam acabar. O Brasil não tem condições de ficar parado, porque está cheio de dívidas. Como é que vamos resolver os problemas assim? O país tem de trabalhar.

Isso é o que temos ensinado ao povo. Se alguém vem à igreja e fica sentado orando — e só isso —, o que Deus pode fazer por ele? É preciso orar, sim, mas também tem de ir à luta, trabalhar. Não há outro jeito de conquistar as coisas. Morre-se mendigo. Se os judeus tivessem colonizado o Brasil, seríamos uma potência. Se os holandeses nos tivessem colonizado, também. Seríamos a maior potência do mundo.

VEJA — Mas, bispo, o Japão, que ninguém duvida de que seja de Primeiro Mundo, tem mais feriados do que o Brasil.

MACEDO — A diferença é que lá no Japão eles trabalham mesmo, não ficam enrolando como no Brasil. Nosso problema é a Igreja Católica. Eles são os responsáveis pela miséria e desgraça do Brasil e de todas as terras. Há algum tempo o México expulsou uns padres porque estavam fazendo guerrilha separa-

tista. Ela é um Estado político, que domina os povos. Ela promove desesperadamente o nascimento. Não importa se a pessoa vai nascer para morrer, para viver na desgraça. Ela é contra o planejamento familiar, contra a caminha. Quanta gente está morrendo de Aids? Milhares. E a Igreja romana tem a audácia de aparecer na televisão e dizer para não usar a caminha. Meu Deus do céu! Tudo o que ela ensina é contra o povo. Ela não tem nenhuma consideração pelas pessoas. Veja a questão do celibato dos padres...

VEJA — O que isso tem a ver com falta de consideração pelas pessoas?

MACEDO — Os padres católicos não se casam e não é porque queiram ser santos. O problema é que a Igreja Católica tem uma fortuna incalculável. Se os padres se casassem, teriam filhos, e eles teriam direitos à herança. Obrigariam a divisão da riqueza romana. É só por temor a isso que os padres não se casam, porque não tem nada de bíblico no preceito do celibato. Além do mais, nenhum padre pode aconselhar alguém. O que ele entende de matrimônio, de briga conjugal, de ciúmes, se presumivelmente nunca conheceu a mulher na intimidade? Eu, por exemplo, cumpro todos os deveres que a Bíblia propõe. "É necessário que o bispo seja irrepreensível, marido de uma só mulher." Sou bispo de acordo com a Bíblia. Os da Igreja Católica não entendem isso, porque não são casados. Onde estão suas mulheres? Eu acharia muito melhor os padres se casarem do que viverem abraçados. Nós temos visto agressões sexuais contra menores que entram nos mosteiros. O Vaticano, há dois anos, pagou 500 milhões de dólares a título de indenização por agressões de padres contra menores nos Estados Unidos.

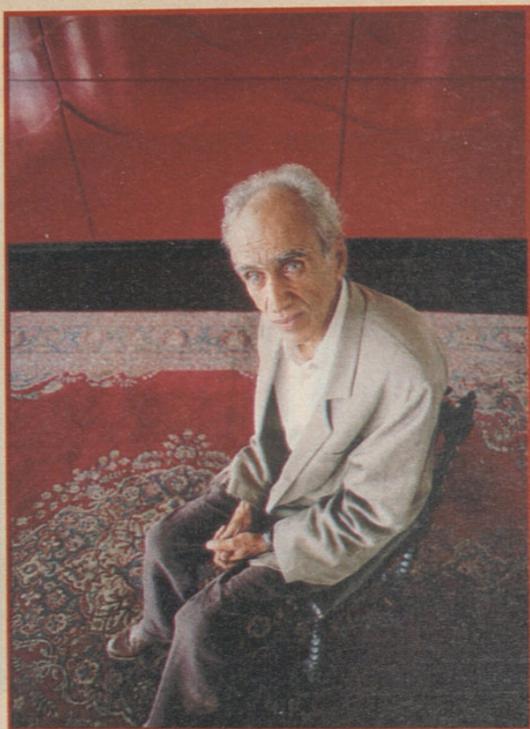
VEJA — O senhor não estaria generalizando o comportamento de uma minoria, atribuindo-o a todo o clero católico?

MACEDO — De jeito nenhum. É muito jesuíta envolvido nesse tipo de escândalo. E não é que nos Estados Unidos aconteça mais do que no Brasil. A diferença é que aqui a mídia divulga mais esses casos, não é tão subserviente. Há uma história de crimes nas costas da igreja de Roma. Eles são os responsáveis pelas Cruzadas. Invadiam, matavam e estupravam quem não era daquela fé. A Igreja Católica sempre trabalhou com os monarcas e, junto com os reis, controlava a nação. Caíram os reis, veio a ditadura. Novo totalitarismo, novo horror. No século 20, eles apoiaram o nazismo, prepararam as duas guerras mundiais para acabar com os judeus e tomar Jerusalém.

VEJA — No Brasil recente, porém, a cúpula da Igreja Católica, que apoiou o regime de 64, mais tarde participou do processo de redemocratização do país,

destacando-se o exemplo de dom Paulo Evaristo Arns em São Paulo.

MACEDO — Não faço a menor idéia do que esse sujeito tenha feito em prol da democracia. De toda forma, tenho motivos para desconfiar de sua legitimidade. A maior desgraça para a cúpula católica é a democracia. Porque o povo elege o povo e a Igreja perde o poder. Católicos e totalitarismo, repito, sempre caminharam de mãos dadas. Quem está por trás da Globo? Quem financiou o surgimento da emissora? Res-



BETINHO

"A Campanha do Betinho é uma farsa. O escândalo que houve mostrou isso. Parece que ele estava ligado aos bicheiros"

ponde: o grupo Time-Life. E quem é o dono da Time-Life? A Igreja Católica. E quem trancafiou o Brasil numa ditadura? A Rede Globo.

VEJA — O senhor já foi fiel da Igreja Católica. Como se deu a ruptura?

MACEDO — Não foi uma ruptura. Simplesmente, aquilo não me dizia nada. Quando encontrei o Deus que buscava, destruí as imagens de santos que tinha. A primeira coisa que fiz foi rasgar uns santi-

nhos de papel que tinha no meu bolso, arrancar do pescoço um colar com a imagem de São José. Me desfiz disso tudo.

VEJA — E jogou no lixo, mesmo?

MACEDO — Não tenha dúvidas. E pisou com muita raiva. Estava revoltado. Quando tempo fui enganado! Quando descobri que estava enganado, eu pisei, pisei, pisei com muito ódio naquilo. Fiz isso pela minha imagem de alguém que supostamente com todo o meu direito. Era meu. Foi um novo nascimento. Aí comecei a viver. Universal viria oito anos depois.

VEJA — Por que a Igreja Universal persegue tanto a mãe de Jesus?

MACEDO — A Igreja Católica que começou a promover Maria. Ela não passava de uma serva de Deus, um instrumento usado para trazer Jesus ao mundo. O culto mariano é uma agressão a Jesus e a ela mesma. Há um trecho da Bíblia em que Jesus se dirige à mãe, dizendo: "Mulher, que tenho contigo?" Veja bem, ele não disse "mamãe". Maria entendeu que Jesus era Deus, Deus homem. E ela pediu a todos que obedecer a Jesus. Nós fazemos apenas o que ela mesma indicou. A Igreja Católica faz o contrário. Ela promove a imagem de Maria porque isso é lucrativo. O Vaticano tem fábricas de santos, fábrica de estátuas. E eles sabem que qualquer imagem feminina não é só com ela. Quando vejo a imagem de Jesus ensanguentado na cruz, fico com pena dele.

VEJA — Qual o problema com a imagem de Jesus?

MACEDO — Para mim, a imagem de Buda é melhor do que a de Jesus, porque pelo menos o Buda é gordo e saudável. Dele, menos, não preciso ter pena. Ele podia fazer o que bem quisesse com aquilo. A Rita Lee fez um show, e depois trocou a roupa dela. A verdade é que se está tentando impor uma religião italiana. Na constituição, não existe uma religião oficial. No entanto, nós temos um dia de Aparição. Isso é uma agressão a todo o povo brasileiro. O que eu não faria mesmo seria colocar com o pé aquela imagem. Mesmo que não tocara com o pé numa imagem do Buda, ou de Maomé. Não gostaria de ofender quem quer que fosse. Neste aspecto, o bispo Von Helde falhou.

VEJA — De onde o senhor tirou essa conclusão?

MACEDO — A Bíblia o apresenta como filho do sol do meio-dia. O que a Igreja Católica faz é o oposto. É como se fosse visitar um paciente terminal de câncer e, pouco tempo antes de ele morrer, tirasse uma fotografia do rapaz, em seguida pintasse um quadro, fizesse uma imagem de gesso e levasse para sua casa e colocasse no lugar mais aparente da sala.

VEJA, 6 DE DEZEMBRO, 1995

VEJA — Qual a razão desse comportamento?

MACEDO — Passa-se a idéia de que, se alguém sofreu, não há mal algum no fiel sofrer também. Então a humanidade passa a aceitar a derrota como uma coisa natural. Como as religiões não atendem às necessidades das pessoas que estão sofrendo, elas se justificam diante delas com uma imagem de alguém que supostamente também foi derrotado. "Olha, vocês estão no fundo do poço. Jesus também esteve aqui." Essa idéia faz com que as pessoas acatem os seus sofrimentos, aceitem os seus carmas ou sua desgraça como uma cruz.

VEJA — Essa sua tese equivale a uma defesa do que o bispo Von Helde fez na televisão com a imagem de Nossa Senhora Aparecida?

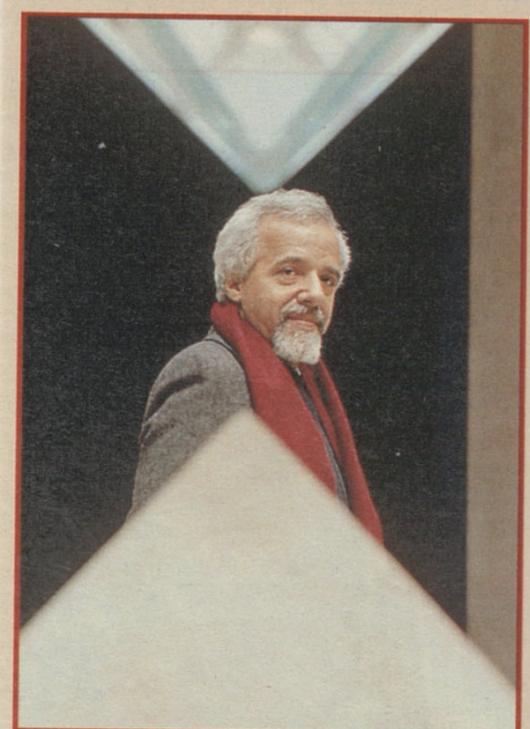
MACEDO — Ele não deveria ter feito aquilo, para não ofender o povo católico, que não tem uma compreensão da palavra de Deus. Não temos o direito de ofender ninguém, mesmo que as pessoas estejam erradas. Não podemos agir assim. Como ministro do Evangelho, eu nem seria capaz de levar uma imagem à televisão. Para mim, o bispo Von Helde já errou ao levar a imagem. A primeira coisa que fizemos na record, depois de comprá-la, foi remover uma imagem de gesso que tinha lá.

VEJA — O que houve de errado com a atitude de Von Helde, afinal?

MACEDO — Depois que vi a fita íntegra, notei que Von Helde fez nada de mais. Apenas levou uma imagem de gesso com o pé. Ele não chutou, como a rede do Buda alardeou. Aliás, a imagem dele, ele comprou, pertencia a ele. Ele podia fazer o que bem quisesse com aquilo. A Rita Lee fez um show, e depois trocou a roupa dela. A verdade é que se está tentando impor uma religião italiana. Na constituição, não existe uma religião oficial. No entanto, nós temos um dia de Aparição. Isso é uma agressão a todo o povo brasileiro. O que eu não faria mesmo seria colocar com o pé aquela imagem. Mesmo que não tocara com o pé numa imagem do Buda, ou de Maomé. Não gostaria de ofender quem quer que fosse. Neste aspecto, o bispo Von Helde falhou.

VEJA — Não é machismo dizer que Maria foi um simples instrumento? A Universal se dá bem com mulheres?

MACEDO — Na igreja tem mais mulheres do que homens. A mulher tem uma força muito maior que a do homem. Para mim, o sexo frágil não é a mulher, é o homem. Qualquer dorzinha de cabeça, ele se desintegra. E digo mais: um pastor só é consagrado pastor na Universal se for casado com uma esposa verdadeiramente convertida. Porque, do meu ponto de vista, a



PAULO COELHO

"Paulo Coelho é um louco, fala baboseiras. É contra a família, aquilo que mais prezo. Penso que ele quer aparecer"

mulher leva o homem à presença de Deus, mas também pode levá-lo ao inferno.

VEJA — A mulher é perigosa, então?

MACEDO — É um perigo. Tem de tomar muito cuidado com ela. Pode ser uma bênção ou uma maldição. A mulher tem a capacidade de levar uma casa, uma família. Tem o poder de sustentar o homem. Mas também, quando ela é do diabo, ela desgraça o homem. Na Universal tinha um monte. Na Bíblia, Dalila enlouqueceu Sansão.

VEJA — Como deve ser a relação entre a mulher e o homem no casamento?

MACEDO — A Bíblia fala que a mulher deve ser submissa ao marido. Também diz que o marido tem a obrigação de amá-la. Porque a tendência da mulher é mandar no marido. Quando ela é o cabeça, é um desespero. Então ela deve ficar subordinada. Nós temos os movimentos feministas pregando o contrário. Mas as mulheres devem ficar submissas ao marido.

VEJA — A Universal admite que um pastor se divorcie?

MACEDO — Se o pastor da Universal entrar em desquite ou divórcio, ele deixa de ser pastor. Não vai ter cabeça para pregar. A pior coisa do mundo é um mau casamento. Vi isso na minha própria família, com meu irmão. Fiquei com medo de casar, até. O sujeito leva aquele fardo para o resto da vida. Se tiver filho, então, fica tudo dividido. A geração torna-se corrupta e rebelde porque está dividida. Alguns com o pai, outros com a mãe.

VEJA — O que causa o mau casamento?

MACEDO — São forças do demônio. Existe um espírito que só atua na destruição do lar. É o chamado espírito familiar. Você pode verificar isso a partir das etapas que o casal enfrenta na vida. Esse espírito normalmente vem dos pais. Se eles são divorciados, o mesmo espírito que destruiu o lar dos pais vai tentar destruir o lar dos filhos, dos netos, dos bisnetos. Isso é uma herança maldita.

VEJA — Quer dizer que, além de herdar os genes de seus pais, um pecador herda o espírito satânico?

MACEDO — Ele passa de pai para filho por todas as gerações, até que a pessoa tenha um encontro com Jesus. Aí, corta-se a maldição.

VEJA — Que outros espíritos diabólicos o senhor entende que acometem a humanidade?

MACEDO — Existe o espírito da prostituição (prostitutas, homossexuais) e de enfermidades. Este faz a pessoa se manter doente por toda a vida. Por exemplo, a epilepsia é causada por um espírito. Há muitas pessoas que foram curadas da epilepsia sem medicação, apenas por influência da "libertação".

VEJA — A Aids é causada por um espírito também?

MACEDO — Creio que sim. De tempos a tempos, aparece uma enfermidade terrível, pior que a anterior. Antes era o câncer, agora é a Aids. Amanhã vai haver coisa pior. O que importa é que está havendo um crescimento e que a ciência não tem tido capacidade de segurar isso. Fiquei sabendo que a Aids é um vírus que, ao ser examinado, de repente já se transforma numa outra coisa e, depois, em outra. É uma coisa incontrolável. Quer dizer, é uma coisa diabólica.

VEJA — Mas o vírus existe, bispo.

MACEDO — Sem dúvida, é um corpo que tem espírito. Mas dá para detê-lo. A Bíblia está cheia de exemplos disso. Jesus encontrou uma pessoa que se alimentava de cadáveres humanos. E quando Jesus expulsou aquela legião de espíritos, aquele homem ficou bem. Isso aconteceu aos milhares na Universal.

VEJA — O senhor poderia exemplificar?

MACEDO — Essa força maligna, que toma a mente e faz a pessoa ficar louca, perturbada e toma o coração, essa força causa raiva, ódio, doenças. Há pessoas que têm feridas nas pernas que não cicatrizam nunca. Por quê? Aquilo é um espírito que está alojado ali. Aquilo é um espírito. Aqueles que têm dor de cabeça constante, daquelas que não há médico que descubra a causa... pois bem, isso é o espírito. A pessoa que tem uma dor de estômago, mas o médico não descobre a causa. Isso é um espírito. Todas as pessoas que sentem dores, vão ao médico, e ele não consegue diagnosticar nada, estão tomadas pelo demônio. Essas são doenças espirituais. E quando o problema é espiritual não tem médico que consiga resolver.

VEJA — A causa disso não poderia ser simplesmente uma ignorância do médico ou mesmo da ciência?

MACEDO — Desafio a ciência médica a fazer um exame sobre o trabalho que a palavra de Deus faz nesses casos. É claro que quem não crê em Deus, quem não tem nenhum relacionamento com Ele, vai achar isso que estou dizendo uma piada. Vai achar que sou maluco.

VEJA — Daria para o senhor narrar como foi o encontro que teve com Deus?

MACEDO — Aconteceu há 32 anos, na sede de uma igreja pentecostal. É uma coisa mais forte do que a morte, mais forte do que tudo. Seu coração passa a ser só d'Ele. Você não dá para mais ninguém. Eu amo minha mulher, amo meus filhos, mas o meu coração eu não dou nem empresto para ninguém. É d'Ele. É muito forte. Todas as vezes que oramos nos comunicamos com Deus. É como se eu estivesse falando com você agora. A gente sente proximidade. Só que Ele não fala no intelecto, fala no coração. Há momentos da busca



VON HELDE

“Von Helde não fez nada de mais. A imagem era dele, ele comprou, pertencia a ele. Podia fazer o que quisesse”

em que a gente sente o gozo da alegria, mais gozo do que o gozo de um homem com uma mulher. É mais gostoso do que o gozo que o homem tem com uma mulher. É uma coisa indescritível, uma alegria indizível. É a coisa mais gloriosa que existe.

VEJA — Livros de auto-ajuda como os de Paulo Coelho poderiam aproximar as pessoas do caminho de Deus?

MACEDO — Paulo Coelho é um louco. fala um monte de baboseiras. Sobre família, pelo que li, ele é contra a instituição familiar, o que para mim é a coisa que mais me prezo. A opinião dele é totalmente avessa. Universal. Penso que ele é uma pessoa que quer aparecer.

VEJA — Como são os mecanismos de ação dos demônios?

MACEDO — O caso do Pedro Collor típico. Ele foi acusado de não estar bem na cabeça quando fez as acusações contra o irmão. Os exames deram que Pedro não tinha nenhum problema mental, mas, mesmo assim, depois de um tumor na cabeça e morreu uma noite para o dia. O que é isso? Isso é um espírito imundo. Havia muita gente que lidava com isso, havia muitos trabalhos de bruxaria. Veja que a mãe dele ficou doente e não morria, morreu muito tempo. É um espírito.

VEJA — Todo caso de caso profundo, então, é possessão, montada?

MACEDO — Nem sempre. Algumas vezes, sim. Lembra-se Clara Nunes, aquela cantora pentecostais. Inclusive, se o bispo ficou muito tempo em coma? Sergio von Helde fosse preso, seria um herói nacional. Seria mesmo. E a Igreja está precisando de um herói. As coisas acabariam revertendo a nosso favor.

VEJA — E o que o espírito faz?

MACEDO — Falou que ela estava fazendo as coisas diretas, que ele iria levá-la. Primeiro, ela ia sofrer bastante. Ela não servia de lemanjá, cantava de boca, essas coisas.

VEJA — O espírito que atormenta Leda Collor também frequentaria a Universal?

MACEDO — Não apareceu, mas eu sei que aquilo ali é o demônio puro. Na família toda. E ainda atuando. O Collor perdeu o mandato causa da bruxaria cultivada por ele próprio.

VEJA — Como se faz para saber se alguém está possuído pelo diabo?

MACEDO — Toda sorte de miséria e desgraça, até o desemprego, é sintoma da presença do diabo. Não quero dizer que todos os pobres sejam endemoniados, pelo contrário.

Quero dizer que quem tem o diabo no corpo acaba em miséria.

VEJA — O diabo ataca o senhor frequentemente?

MACEDO — Ele tenta, às vezes, pela mídia, nos destruir. Só que não sou bobo, não deixo a mídia. A Globo é a própria encarnação do diabo. Ela destrói a sociedade com sua programação de novelas sujas, podres. Leva à família a podridão toda que ela é e vive. Esse Deus grande que nós cremos, que fez de um povo escravizado uma nação poderosa, esse Deus que eu amo, ele vai destruir a Globo. Onde quer que a Globo jogue as imagens de sua programação nojenta degradada as pessoas. Mesmo assim, oro pelo Roberto Marinho. Temos de amar nossos inimigos. Porque, se eu amo só aqueles que me amam, que proveito há nisso?

VEJA — Como foi a sua prisão, em 1992, sob a acusação de charlatanismo?

MACEDO — Um horror. Mas devo dizer que foi uma coisa boa para a Universal. Porque muitas pessoas que me atacavam passaram a me apoiar, sobretudo as outras igrejas pentecostais. Inclusive, se o bispo Sergio von Helde fosse preso, seria um herói nacional. Seria mesmo. E a Igreja está precisando de um herói. As coisas acabariam revertendo a nosso favor.

VEJA — O senhor está vivendo fora do Brasil há nove anos. É difícil converter o americano comum em uma fé que nasceu no Brasil?

MACEDO — Não é difícil quando ele está no fundo do poço. Não é só o americano, é qualquer pessoa. A pessoa, quando chega até nós, é porque chegou até o fundo do poço. Quando ela está lá tende a subir e a morrer. Baixar mais não pode.

VEJA — O senhor disse que é impossível ser feliz neste mundo. Não há como?

MACEDO — Só um hipócrita pode ser feliz convivendo com tanta criança pedindo dinheiro nos faróis. Fico com uma sensação de revolta. Eu às vezes dou dinheiro, às vezes não. É um problema sério.

VEJA — Por que o senhor simplesmente não pega uma parte da riqueza da Universal e distribui entre os pobres?

MACEDO — Jesus disse que a riqueza de um homem não consiste nos bens que pos-

sui. A minha riqueza é a minha fé, a minha família. O resto para mim não importa. Isso não quer dizer que eu não venha a utilizar as coisas deste mundo. Uso porque elas são para ser usadas.

VEJA — Mas, bispo, e as crianças nos faróis?

MACEDO — Na Universal, muitos pastores abriam mão de ter filhos. Isso não os impede de adotar. Nós achamos que é melhor adotar do que ter um filho. Porque as crianças que estão aí precisam de ajuda, estão desamparadas, precisam de pai. Em vez de



DEMÔNIO

“Todas as pessoas que sentem dores, vão ao médico, e ele não consegue diagnosticar, estão tomadas pelo demônio”

trazer crianças ao mundo, vamos ajudar as que estão aí. Muitos pastores têm crianças adotadas. É uma prática na Universal.

VEJA — E o que o senhor acha do trabalho assistencial da Igreja Católica para crianças?

MACEDO — Eu duvidei muito disso. Há pouco tempo saiu um escândalo com o Betinho, que fazia aquele trabalho de “vamos ajudar” com a Rede Globo. Ficou

constatado que é tudo uma farsa. Eu não acredito nesses nomes bonitos, nesses rótulos coloridos, tipo Pastoral da Criança.

VEJA — O senhor acha que a campanha do Betinho é uma farsa?

MACEDO — Acredito que sim. O escândalo que houve mostrou isso. Parece que ele estava ligado com os bicheiros, coisas dessa linha.

VEJA — Qual a fundamentação teológica para a insistência da Universal em recolher dinheiro de seus fiéis?

MACEDO — A Bíblia, do início ao fim, fala sobre ofertas. A oferta representa alguma coisa. Não é simplesmente uma questão de dinheiro. Ela significa amor. Quando você ama alguém, você dá alguma coisa a esse alguém. Como expressar seus sentimentos por alguém? Dando-lhe algo. Abraão quase sacrificou o filho para dar esse algo a Deus. Nós damos a oferta.

VEJA — Quanto mais dinheiro se pagar na oferta, maior será a bênção a ser recebida de Deus?

MACEDO — Segundo os Coríntios 9,6, o apóstolo Paulo diz: “O que semeia pouco, pouco também ceifará. E o que semeia com fartura, com fartura ceifará”. Eu ensino isso às pessoas. De acordo com o tamanho da fé, a pessoa faz a oferta. Para que alguém alcance as riquezas de Deus, é preciso manifestar uma fé. A fé no Deus vivo é o melhor investimento que uma pessoa pode fazer na vida.

VEJA — E se depois de tantas ofertas a promessa não se cumprir?

MACEDO — Por que a Universal cresce? Porque está trazendo benefícios para as pessoas. Caso contrário, a igreja desapareceria. As pessoas estão recebendo. Está havendo uma troca com o Criador.

VEJA — Qual o patrimônio que a Universal reuniu depois de tantas ofertas, de tantos fiéis?

MACEDO — Não posso falar em números. A Bíblia ensina que Davi cometeu um grave erro e veio uma maldição sobre o povo judeu porque ele contou o número de pessoas que compunham Israel.

VEJA — Ah, ah, ah.

Milleto



FOTOS: ELIA DIURST

Quem se gosta, gosta de Milleto.

tragmörder zu entwarfen.³²⁶ Sie machte werten darauf aufmerksam, dass das Gewehr schließlich eine Waffe sei, mit dem der Kleinbauer zum Jagen geht und mit der er sich im Notfall gegen Auftragskiller verteidigen könne, was aber keine Rechtfertigung von Gewalt be-

3.4 Zur mangelnden Strafjustiz in Landkonflikten – der Fall Stang

Der Mord an Schwester Dorothy Stang hat nicht nur in Brasilien sondern auch in vielen anderen Ländern für Erschütterung gesorgt. Die in Porto de Moz im Bundesstaat Pará befand, das Verbrechen zeigte einmal mehr die Aggressivität der Mord an Schwester Dorothy ereignete, da sie als Ehrengast zur feierlichen Einweihung des Naturschutzprojekts „Verde para sempre“, „Grün für immer“, eingeladen war. Als ihr die Nachricht vom Stangs Ermordung übermittelt wurde, ließ man ihr zudem von Großgrundbesitzern und Holzfabrikanten aussprechen, dass dies ein „Denkmal der Schafe zerstören“,³²⁷ glaubten sie sich sieges-sicher und feierten dies am Abend nach Stangs Ermordung mit einem Freudenfeuerwerk, das sie über der Stadt Anapu abgeschossen. Gewalt ist ihre Antwort auf die Vorschläge einer nachhaltigen Entwicklung des Amazonasgebietes. Ihr Ziel ist es, gemeinnützige Organisationen zu schwächen und den Widerstand der Landarbeitern niederzuschlagen. Die, die sich so wie die mutige Ordensfrau, stark machen für die Rechte der Kleinbauern, für Gerechtigkeit auf dem Land und für Umweltschutz, stehen ganz oben auf ihren Todesslisten.

Schaut man sich die jüngste Geschichte des Amazonasgebiets an, fällt auf, dass das Besiedelungsmodell der Regierung stark auf Landkonzentration und Gewinnorientierung ausgerichtet war. Dort, wo es gute Erträge gab, wurde in Infrastruktur investiert und Großgrundbesitzer stark subventioniert. Die Rechte der ursprünglichen Bevölkerung und der Kleinbauern hingegen wurden missachtet und zudem missbraucht. Umso teurer man sie noch als billige Arbeitskräfte.³²⁸ Umso erstaunlicher ist es dann, wenn sich die Re-

326 Ebd., oder in Barbosa, S. 54. Zitat im Original: „Já fizemos isso várias vezes, mas eles, a Polícia de Anapu e da região são tão bem contra nós e do lado dos grileiros e madeireiros. Quando a polícia aparece por lá, ao invés desarmar os pistoleiros, ela prende e toma as espingardas dos trabalhadores.“

327 Sobrino, S. 39.
328 Vgl. Sach 13,7; Jer 23,1; Mt 26,31; Mk 14,27.
329 Vgl. Sauer, S. 15.
330 Ebd., S. 14-15.
331 Interview mit Bischof Erwin Kräutler, Altamira, 31.10.2006.

RELIGIÃO

A seita do barato

Engrossam as acusações de que há algo de podre no reino do Santo Daime e seus cultos embalados a chá alucinógeno

OKKY DE SOUZA, de Boca do Acre

Até poucos meses antes de se matar com um tiro de carabina na testa, há dois anos, Laudelino Geraldino de Souza mergulhava-se com os milhares de trabalhadores rurais que vivem no município de Boca do Acre, no sul do Amazonas. Aos 30 anos, casado e com três filhos, ele dizia aos amigos que era feliz. Tinha um único problema: era epilético e de tempo em tempo sofria ataques. Um dia, Laudelino ouviu falar que a cura para sua doença, que na verdade é incurável, poderia estar perto, no município de Pauini, a um dia e meio de viagem pelo Rio Purus. Lá funciona a comunidade de Céu do Mapiá, quartel-general da seita do Santo Daime, aquela em que os adeptos tomam um chá alucinógeno em seus cultos religiosos e também nas sessões de cura que promovem com doentes. Laudelino partiu para lá sem demora.

O Santo Daime, que surgiu nos anos 20 no interior do Acre, ficou conhecido no final da década de 80 por atrair artistas conhecidos para suas fileiras. Lucélia Santos, Ney Matogrosso, Maitê Proença, Eduardo Dusek, Raul Gazolla — todos eles participaram de rituais num dos trinta centros que a seita mantém no país e que hoje se multiplicam em ritmo equivalente ao da Igreja Universal de Edir Macedo. O agricultor Laudelino não conhecia esse lado glamoroso do Santo Daime. Queria apenas se curar e passou dois períodos seguidos no Céu do Mapiá. Quando voltou para casa pela segunda vez, sua saúde e sua personalidade haviam mudado — para pior. Os ataques epiléticos tornaram-se mais frequentes. Ele ficou violento, a ponto de a mulher e os filhos abandoná-lo. Foi ao Santo Daime pela terceira vez, voltou para casa carregando uma garrafa do chá alucinógeno, consumiu-a e, terminada a última gota, suicidou-se. "A cada vez que ia para o Santo Daime ele ficava mais perturbado", chora a mãe do agricultor, Lindalva de Souza.

O suicídio de Laudelino é um dos muitos episódios que, nos últimos tempos, vêm levantando suspeitas acerca das atividades do Santo Daime. Para os fiéis, que hoje existem cerca de 5 000 em todo o país, a

seita representa uma forma de ajuda através da espiritualidade. O chá, conhecido como ayauhasca, obtido pelo cozimento de um cipó e uma planta, ambos nativos da Amazônia, teria poderes de desvendar novos mundos a seus consumidores. Ele os faria mergulhar na consciência, levando a uma reavaliação da própria vida e a uma aproximação com Deus. Os daimistas acreditam tanto nos poderes da beberagem que, nas cerimônias, administram-na até em crianças pequenas. Chegam a misturá-la às mamadeiras dos bebês. Ao mesmo tempo que a seita floresce, engordam as denúncias de que seus rituais podem levar à loucura e à morte, de que seus adeptos são submetidos a lavagens cerebrais e de que drogas como a maconha e a cocaína são moeda corrente nas cerimônias.

MORTE NA FOGUEIRA — Dois livros lançados nas últimas semanas reúnem o mais grave pacote de acusações até hoje levantado contra os daimistas. No primeiro deles, *Santo Daime — Fanatismo e Lavagem Cerebral*, a terapeuta Alicia Castilla relata o penoso caminho que tem percorrido para recuperar sua filha, Verônica. Em 1990, então com 13 anos, Verônica começou a



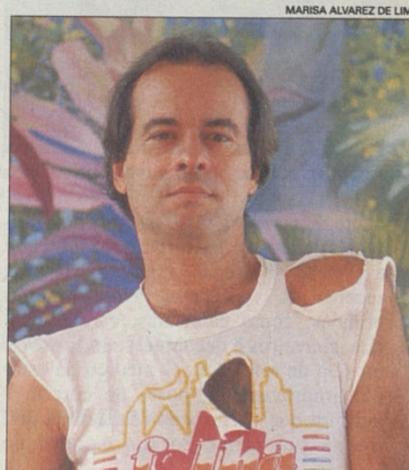
Casamento no templo do Daime em...

frequentar o Daime no templo que a seita mantém em Visconde de Mauá, uma cidade turística na Serra da Mantiqueira, no Estado do Rio de Janeiro. Mudou-se para lá, nunca mais voltou para casa e hoje mora na Colônia 5000, núcleo da seita em Rio Branco, no Acre. Alicia arrola uma série de argumentos para provar que Verônica foi vítima de uma manobra do Daime para seqüestrá-la e aliciá-la. No segundo livro, *Tragédia na Seita do Daime*, o jornalista Jorge Mourão relata o suicídio de seu filho adotivo, Jambo, ocorrido há três anos na colônia do Céu do Mapiá. Num acesso de loucura, Jambo, na época com 20 anos, armou uma fogueira, acendeu-a e atirou-se sobre ela. Mourão está processando a seita.

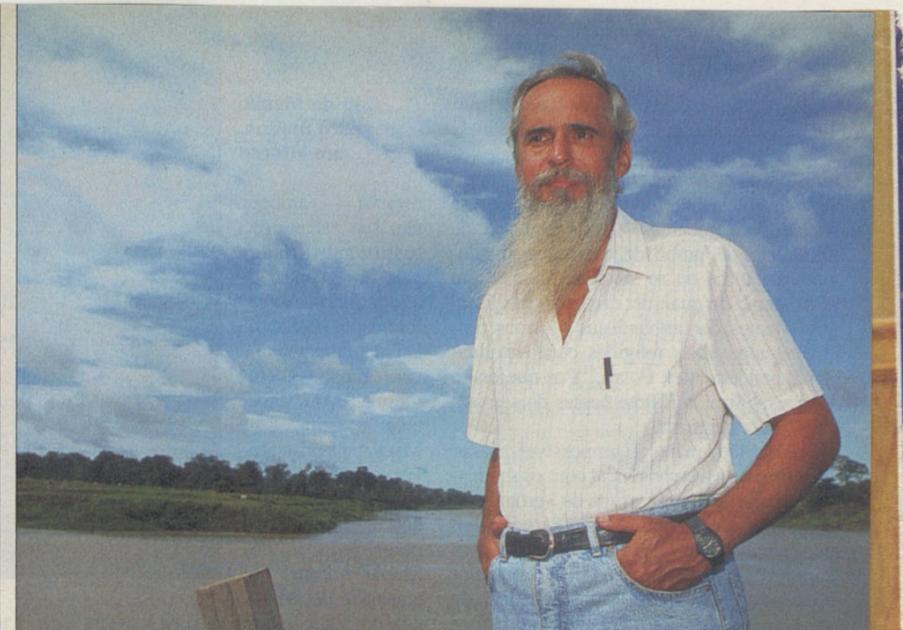
Em torno do relato desses dois dramas familiares, tanto Alicia quanto Mourão costuram um rosário de denúncias contra



Gazolla: "Eles roubaram a Lucélia"



Matogrosso: "Experiência diferente"



Rio Branco: sob as bênçãos de Alex Polari, o ex-terrorista que virou líder religioso de 5 000 fiéis no país

o Centro Eclético da Fluente Luz Universal Raimundo Irineu Serra, conhecido pela sigla Cefluris, a maior entre as várias correntes do Santo Daime. O integrante mais conhecido do Cefluris, que ocupa o cargo de secretário-geral e principal administrador, é Alex Polari, ex-terrorista que na década de 70 militava nas organizações clandestinas de esquerda e por isso passou vários anos na cadeia. Polari ganhou certa notoriedade por ter sido a última pessoa a ver vivo o colega de luta armada Stuart Angel Jones, filho da estilista Zuzu Angel, morto nos porões do DOI-Codi. Há 14 anos, abandonando o ateísmo marxista, Polari ingressou no Santo Daime, transformando-se em sua principal autoridade e porta-voz. Hoje, usa até a longa barba branca de Matusalem que caracteriza os "padrinhos" —

líderes religiosos da seita — e tem dois livros publicados sobre o Daime.

Para Alicia Castilla e Jorge Mourão, Polari é uma espécie de Jim Jones amazônico que comanda uma organização inescrupulosa. Em seu livro, Alicia conta as diversas etapas de sua luta para recuperar a filha junto aos membros do Cefluris e à Justiça. Em junho de 1990, os daimistas conseguiram a guarda de Verônica junto a um juiz de Resende, no Estado do Rio de Janeiro, alegando que em casa ela era maltratada pela mãe. Alicia recorreu à promotoria e, em outubro, um outro juiz determinou que Verônica voltasse para casa. Como ela relutasse em acatar a decisão, a promotora deu-lhe uma alternativa: "A única chance, não sendo a casa da tua mãe, é a casa do menor de rua". Verônica preferiu a segunda opção. Depois de dividir o mesmo teto com meno-

res delinquentes, nos dois anos seguintes ela foi acolhida por diversas famílias de Resende e morou um tempo na casa do ator Carlos Augusto Strazzer, também adepto do Daime e morto pela Aids em 1993. Foi para São Paulo e se abrigou com o cartunista Glauco, autor das tiras do Geraldão, também daimista. Finalmente, tomou dinheiro emprestado de Glauco e comprou uma passagem de ônibus para Rio Branco, onde se instalou na comunidade da Colônia 5000. Alicia nega que maltratasse a filha. Verônica diz apenas que "sofreu muito" com as brigas na Justiça e com a constante troca de lares.

ARTISTAS — Jorge Mourão, em seu livro, acusa o Cefluris de ter submetido Jambo a torturas psicológicas que o teriam levado ao suicídio. Em 1991, Jambo deixou Porto Seguro, na Bahia, onde morava com a família, e mudou-se para Visconde de Mauá, passando a frequentar o centro daimista local. Lá trabalhava como aprendiz de marceneiro. Segundo o relato de Mourão, um ano depois ligou para a família, aflito. Considerava o trabalho insalubre por ter de respirar pó de serragem e agüentar o barulho da motosserra horas seguidas. Fez as malas e tentou deixar a comunidade, mas foi impedido. Teriam dito que ele estava desequilibrado mentalmente e que poderia até ser amarrado se tentasse deixar o local. Jambo fugiu, abrigando-se na casa de parentes no Rio, e poucas semanas depois seguiu para o Acre, certo de que no Céu do Mapiá encontraria melhores condições de vida dentro da comunidade daimista. Acabou se matando.

O Cefluris procura minimizar os casos de Verônica e de Jambo. Para Alex Polari, Verônica optou, por conta própria, viver na



Verônica: recusa em falar do assunto

Dusek: "Parece viagem de regressão"

FEIA, 10 DE JANEIRO, 1996

41

Colônia 5000, e o livro de sua mãe é "fruto de uma mente transtornada, danificada". Quanto a Jambo, Polari afirma que ele foi para o Céu do Mapiá contrariando a própria orientação da comunidade, e que ele era viciado em cocaína. "Casos como o de Verônica e de Jambo, de jovens que abandonam a família ou se suicidam, acontecem entre gente de qualquer credo — católicos, protestantes ou umbandistas —, mas ninguém culpa essas religiões pelas fatalidades", pondera Alex Polari. "Por que então responsabilizar o Daime nesses dois episódios?", ele pergunta.

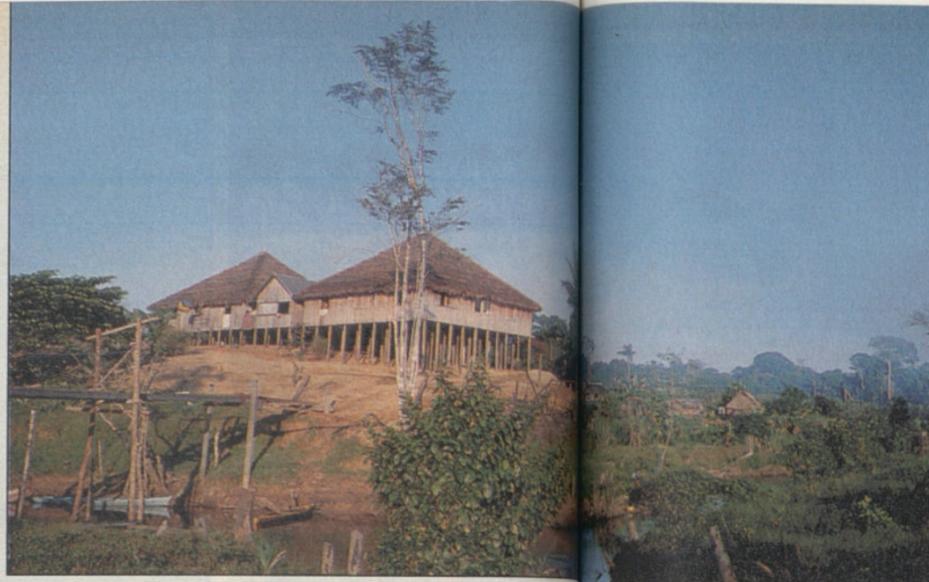
Polari tem razão. É impossível avaliar até que ponto a convivência com os daimistas teria influenciado a fuga de Verônica ou o suicídio de Jambo. Mas não há como negar que o Santo Daime é uma seita com características muito peculiares. Sua maior concentração de fiéis vive num local da selva amazônica acessível apenas a barcos pequenos. Embora vivam quase como índios, muitos deles são egressos da classe média das grandes capitais brasileiras. Há também filhos de famílias ricas. Embalam sua fé com uma droga alucinógena, consumida fartamente até pelas crianças. Atraem artistas de sucesso e turistas estrangeiros. São comandados por um ex-terrorista transformado em líder espiritual. Finalmente, concorre para a estranheza da seita o fato de que muitos de seus adeptos a abandonam com denúncias sobre o que acontece no dia-a-dia do Céu do Mapiá.

Tanto as acusações de Alicia quanto as de Mourão devem ser encaradas com certa

Céu do Mapiá: para muitos, um inferno

reserva — ambos têm sua parcela de responsabilidade pelo que aconteceu a seus filhos. Alicia foi adepta do Santo Daime durante vários anos — ela mesma levou Verônica à seita, em Mauá, pela primeira vez, permitindo que consumisse a ayauhasca. Jambo foi parar no Céu do Mapiá com a anuência de Mourão, que chegou a ajudá-lo na viagem. Se a experiência do garoto em Mauá fora tão assustadora, é estranho que ele logo a seguir se tenha mudado para o QG dos daimistas, e mais estranho ainda que seu pai adotivo o tenha ajudado na mudança. Mourão, que no prefácio do livro se orgulha de ter vivido uma juventude aventureira, com longas peregrinações pelo mundo e mergulhos fundos em todas as drogas, alega que Jambo apenas seguiu o caminho que escolheu.

SOTAQUE CABOCLLO — Por trás dos casos de Verônica e de Jambo, o que existe é o comportamento típico dos fanáticos religiosos, dos adeptos de seitas exóticas que prome-



FOTOS FLAVIO DE SOUZA

tem mundos ilusórios a seus fiéis. Muitos deles se dão por satisfeitos e seguem a frente sem transtornos aparentes. Alguns mais suscetíveis a danos mentais nessas experiências, acabam como vítimas. Verônica, que teve uma infância confortável, hoje mora de favor no casebre de uma colega de seita da Colônia 5000. Passa o tempo fazendo serviços domésticos nas casas das catopas. Tem o olhar perdido de quem vive em outra dimensão. Fala pouco, em português errado e sempre num carregado sotaque caboclo. Tem o olhar perdido de quem vive em outra dimensão. Fala pouco, em português errado e sempre num carregado sotaque caboclo. Tem o olhar perdido de quem vive em outra dimensão. Fala pouco, em português errado e sempre num carregado sotaque caboclo.

que sua vida, agora, é só o Daime".

Basta assistir a uma cerimônia do Santo Daime para verificar a combinação química intuitivamente como seus rituais podem facilmente induzir ao fanatismo. Portando as obrigatórias roupas cerimoniais, chamadas de "fardas", eles se reúnem no templo e chegam a passar horas seguidas dançando e cantando hinos religiosos. A função do segundo ingrediente da ayauhasca, a planta conhecida como rainha, é neutralizar essa enzima. "O DMT pode levar a vários estados de alteração mental", explica o médico Carlini. "Uma pessoa pode entrar em delírio, ter alucinações ou apenas ilusões visuais." Desde 1961, o DMT, em sua forma sintética, é prescrito para uso humano pelo International Narcotics Control Board, órgão da ONU que estuda as substâncias químicas e aconselha os países membros da entidade quan-

tempo estão tomados pelo que chamam de "traçações" — algo parecido com as "sacações" dos hippies que tomavam LSD. A ayauhasca é usada tradicionalmente por vários grupos indígenas da Amazônia. Ela entrou no Santo Daime através do criador da seita, o agricultor Irineu Serra, morto em 1971 aos 79 anos. Ele próprio escreveu centenas de hinos entoados nos cultos. Os hinos, que misturam o cristianismo e o espiritismo, falam de Deus e do amor, das virtudes do trabalho e da justiça. Juntos, formam um livro de mais de 300 páginas, cujos exemplares hoje costumam ser impressos na gráfica do Senado Federal como uma homenagem dos políticos do PDS aos eleitores daimistas.

ENZIMA — A ayauhasca é uma dessas criações espantosas da medicina indígena, uma combinação química feita intuitivamente pelos nativos a partir de dois vegetais que podem facilmente crescer um perto do outro. O psicobiologista Elisaldo Carlini, da Escola Paulista de Medicina e atual secretário de Vigilância Sanitária do Ministério da Saúde, explica que o cipó, conhecido como "cipó", contém dimetiltriptamina, ou DMT, uma substância que, quando ingerida, produz fortes alterações mentais. Ocorre que uma das enzimas presentes no intestino humano impede a absorção do DMT. A função do segundo ingrediente da ayauhasca, a planta conhecida como rainha, é neutralizar essa enzima. "O DMT pode levar a vários estados de alteração mental", explica o médico Carlini. "Uma pessoa pode entrar em delírio, ter alucinações ou apenas ilusões visuais." Desde 1961, o DMT, em sua forma sintética, é prescrito para uso humano pelo International Narcotics Control Board, órgão da ONU que estuda as substâncias químicas e aconselha os países membros da entidade quan-

to à sua regulamentação. A ONU, porém, nunca se manifestou sobre a ayauhasca. No Brasil, o Conselho Federal de Entorpecentes, Confen, encomendou estudos sobre a ayauhasca em 1992 e entendeu que não deveria proibi-la. "Na época, constatou-se que sua utilização era ritualística e que não havia motivos para o Estado intervir no assunto, mas é possível que essa posição mude no futuro", diz Luiz Matias Flach, presidente do Confen. "A ayauhasca sem dúvida tem propriedades alucinógenas", ele completa. No início do ano passado, o Confen determinou que o chá não seja ministrado a menores de idade nem a portadores de qualquer forma de distúrbio mental. A primeira determinação é solenemente ignorada pelos daimistas. Quanto à segunda, não há nenhum controle a respeito da saúde mental dos que consomem o chá.

MERCADO NEGRO — Os médicos concordam que a ayauhasca, quando tomada apenas durante a cerimônia, para atingir o transe espiritual, é inofensiva. Acontece que cada vez mais ela vem sendo usada indiscriminadamente. Os grandes centros daimistas fabricam cerca de 8 000 litros de chá por ano. É impossível exercer um controle rígido sobre a utilização do produto. Nos últimos tempos, até em centros de candomblé de Rio Branco pode-se ver gente consumindo ayauhasca. "Muitas pessoas estão pirando com o daime, largando a família, o trabalho, porque tomam a bebida sem acompanhamento espiritual", diz um veterano daimista de Rio Branco. Parte do chá produzi-

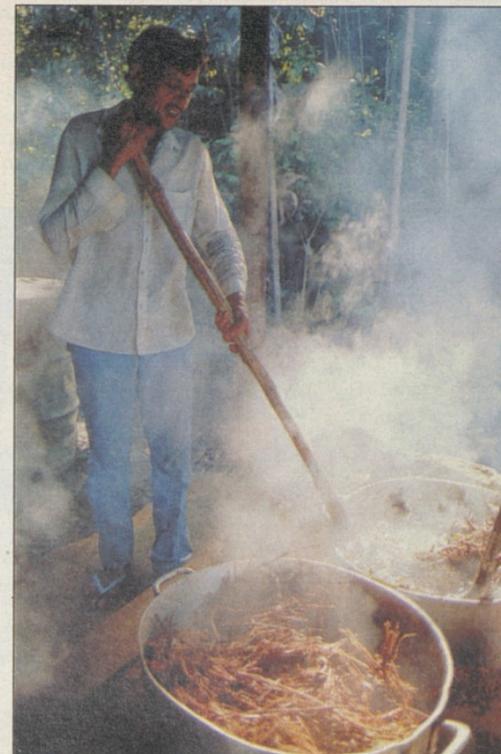
do no país é exportada para os dez centros daimistas que hoje funcionam no exterior, na França, Espanha, Holanda e Finlândia. Teoricamente, ele deveria chegar a esses países de graça, ou em troca das pequenas doações mensais de 5 ou 10 reais que os adeptos do daime costumam destinar aos centros para cobrir os custos de produção. Sabe-se, no entanto, que a ayauhasca no exterior já é comercializada no mercado negro, a 30 dólares o litro, suficiente para meia dúzia de doses.

Por coincidência ou não, as pessoas que acabam se indispondo com a seita depois de frequentá-la são egressas na maioria dos casos justamente do Céu do Mapiá, o principal centro do Cefluris. A aldeia do Céu do Mapiá reúne hoje cerca de 800 pessoas que vivem em regime comunitário. Está instalada dentro da Floresta Nacional Mapiá-Inauini, criada pelo governo Sarney em 1989 numa área de 311 000 hectares no sul do Amazonas. Nessa área, o Ibama delimitou oito territórios para o desenvolvimento de projetos-modelo de ocupação e manejo sustentado da floresta. Um deles foi entregue ao Cefluris. Nele, os daimistas dedicam-se a atividades extrativistas, beneficiam frutas e castanhas, realizam seus cultos e, no dia-a-dia da comunidade, praticam o escambo com alimentos e serviços.

"MESSIANISMO" — Não faltam testemunhos, porém, de que o Céu do Mapiá está longe de ser um paraíso. Um publicitário paulista que passou três anos no local diz que o espírito comunitário do Cefluris vale

apenas para os habitantes mais humildes. "Os mais esclarecidos formam uma classe dominante, que come melhor e tem acomodações mais confortáveis", afirma ele. "O Mapiá tem também um ditador, o Polari, que se perdeu no messianismo e no despotismo", diz o publicitário, que prefere ficar no anonimato. Um estudante gaúcho que há pouco tempo passou um período no Mapiá também voltou com má impressão. "Há muita gente que está lá apenas para ficar doidona, e quem tem dinheiro vive muito melhor", ele diz. O carioca Carlos Alberto Macedo, sócio de uma firma de produção de vídeos, passou três anos entre os daimistas do

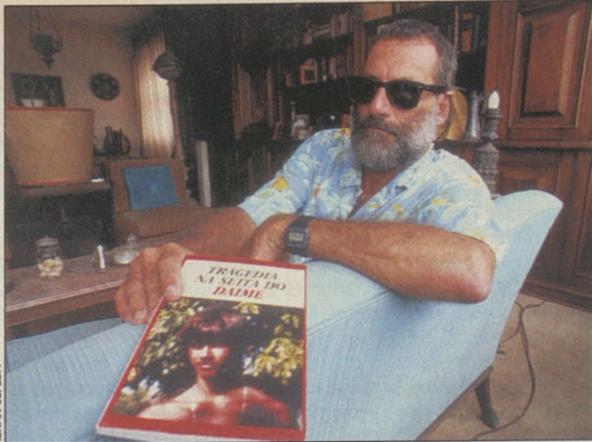
Preparação do chá: receita indígena adotada nas cerimônias e que hoje começa a ser vendida como droga, a 30 dólares o litro



Verônica: centro de uma disputa judicial entre a seita e a família



Jambo: suicídio



Mourão: denúncia de que o Daime matou seu filho



Alicia: acusações de seqüestro e lavagem cerebral

Cefluris, no Rio e no Mapiá, e não gosta de lembrar o que passou. "Quando se começa a freqüentar o Santo Daime, entra-se numa microssociedade que tem todos os defeitos das sociedades grandes: corrupção, privilégios etc. E é muito difícil sair dela, pela própria pressão dos fiéis. Tem muito mais gente pirando lá dentro do que se noticia. Quando alguém não agüenta a barra, começa a ouvir que não está agüentando 'a luz', e que isso é muito grave. As pessoas acabam desvitalizadas, amorfas."

CRIME PASSIONAL — O pai de Carlos Alberto, Luiz Macedo, publicitário e vice-presidente do Jockey Club do Rio de Janeiro, conta que passou por um sufoco para tentar tirar o filho do Santo Daime. "Ele estava à beira do fanatismo, sofreu uma lavagem cerebral, foi explorado. Quando vi a situação, resolvi resgatá-lo. Fui falar com o padrinho Sebastião Mota, um pobre caboclo que se achava enviado de Deus. Não adiantou — havia um cerco em volta do meu filho. Duvido que algum pai cujo filho tenha freqüentado o Santo Daime tenha alguma palavra de simpatia pela seita."

O padrinho Sebastião Mota a que Macedo se refere, morto há cinco anos, era o principal discípulo de Irineu Serra, o fundador do Santo Daime. Mota criou o Cefluris e foi também o responsável pela introdução na seita do hábito, hoje teoricamente abandonado, de acompanhar a beberagem da ayahuasca com cigarros de maconha. Batizada de "santa maria" pelos daimistas, a maconha fazia parte dos rituais do Cefluris até 1992, quando a Polícia Federal resolveu acabar com a festa. Numa visita à Colônia 5000, os policiais queimaram uma enorme plantação de maconha e receberam a pro-

messa do padrinho Raimundo Nonato, neto de Mota, de que a partir daquele momento a erva estaria fora dos cultos. Nonato já recebera outras visitas da polícia. Pouco antes do episódio da maconha, seu ex-sócio no comércio de secos e molhados foi preso por tráfico de cocaína. E há vinte anos ele foi indiciado num processo de crime passionai por ter matado e cortado os órgãos sexuais de um desafeto que andava tentando seduzir as mulheres da colônia. No julgamento, foi absolvido sob a tese de legítima defesa da honra.

O Céu do Mapiá é hoje freqüentado por turistas brasileiros e estrangeiros que buscam conforto espiritual ou apenas uma aventura exótica. Quem não tem dado as caras por lá são os artistas, que transformaram o Santo Daime na seita da moda nos anos 80. Muitos deles são reticentes ao falar sobre o assunto, o que indica que suas experiências não teriam sido tão positivas quanto eles alardeavam na época. O cantor Eduardo Dusek guarda boas lembranças: "O Daime é uma terapia natural, se parece com as viagens de regressão conduzidas pelos psiquiatras", diz. Ney Matogrosso



Cena comum nos cultos: chá alucinógeno para as crianças

acha que o Daime "proporciona uma experiência diferente para cada pessoa". atriz Maitê Proença, que tomou ayahuasca até o sexto mês de gravidez de sua filha Maria, simplesmente se recusa a falar sobre o assunto. Sua colega Lucélia Santos, chegou a ser a garota-propaganda do Santo Daime, também não abre a boca para falar sobre sua passagem pela seita. O ator Raul Goulart, porém, que na época era casado com Lucélia, tem reclamações a fazer. "Eles quebraram a perna na Lucélia, que arrecadou 30 000 dólares para a seita e, quando foi para o dinheiro havia sumido", acusa Goulart. "O Santo Daime tem muita gente com problemas que administram a seita só tendo fé. Onde já se viu gente criada na Zona do Rio falar com sotaque caboclo de hora para outra?", questiona Gazolla.

Funciona em Rio Branco meia dúzia de outras correntes daimistas, como o Barão e o Alto Santo, freqüentadas e administradas por gente simples e humilde. É uma busca preservar as tradições primitivas da seita. Nesses centros não há turistas, apenas os comunitários ou líderes messiânicos. Mas é outra a situação do grupo instalado no Céu do Mapiá. Tanto no Rio Branco quanto em Boca da Acre — cidadezinha que funciona como base para todas as embarcações até o Mapiá — todos parecem ter uma história para contar de um parente ou amigo que teve uma experiência ruim com o Santo Daime. Histórias assim já fazem parte do folclore das duas cidades. Invariavelmente, o parente vem em questão freqüentemente algum dos centros ligados ao Cefluris. Agora, com as denúncias de Alicia Castañeda e Jorge Mourão transformadas em livros, o coro de ataques a essa corrente da seita tornou-se ainda mais carregado.

BRASIL

A Universal cai na boca do Leão

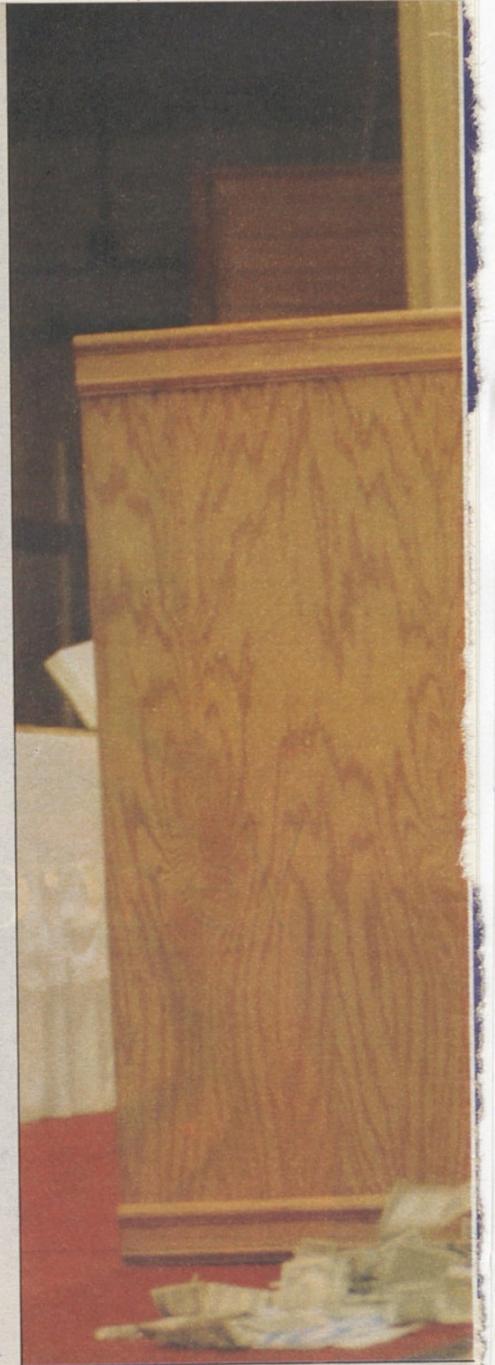
Num caso que ficou muito maior do que deveria, a Receita cerca Edir Macedo

Nunca a artilharia contra o império do bispo Edir Macedo foi tão pesada. Procuradoria da República, Polícia Federal, Ministério da Justiça, Receita Federal e Ministério das Comunicações se mobilizaram na semana passada de uma maneira coesa e determinada que não se viu nem no caso Collor-PC. O objetivo: devassar a contabilidade da Igreja Universal do Reino de Deus, a vida pessoal de seus principais dignitários e a capacitação teológica que eles teriam para divulgar a palavra de Deus. O estopim para essa nova ofensiva (que não é a primeira, mas se vem repetindo regularmente desde que a Universal começou a crescer e a se multiplicar, a partir do final dos anos 70) foi uma fita de vídeo divulgada pelo pastor Carlos Magno de Miranda, rompido há cinco anos com Edir Macedo. Desde 1990, Miranda consagrou sua vida a infernizar a mais incômoda de todas as igrejas pentecostais do Brasil, a própria Universal. Com esse vídeo que ele tinha guardado em casa e agora divul-

gou, Carlos Magno parece ter acertado o alvo em cheio.

Quando, no dia 22 de dezembro, um endemoniado bispo Edir Macedo apareceu no *Jornal Nacional* da TV Globo, contando dólares com ar de deboche e explicando a seus pastores como melhor tungar os bolsos das massas de desesperados que acorrem aos templos da igreja, até os crentes da Universal levaram um choque. Num país em que até políticos espertalhões citam a *Bíblia* para justificar trocas de favores, como no famoso "É dando que se recebe", do deputado Roberto Cardoso Alves, foi espantoso ver um suposto líder espiritual gritando o chulo "Ou dá, ou desce!", para ensinar como os pastores deveriam pedir dinheiro. Também impressionou a cena de um bispo, Honorilton Gonçalves, que hoje apresenta na TV Record o programa *25ª Hora*, rebolando de forma obscena diante da câmara de vídeo e ameaçando tirar as calças.

O bispo Macedo volta a ser investigado por estelionato, ligações com o narcotráfico, sonegação fiscal e evasão de divisas.





Aos pés de Edir, as "ofertas" que Brindeiro (acima) quer investigar

Tudo como há seis anos, quando comprou a TV Record. Naquela época, o mesmo pastor Carlos Magno já o acusava de tudo isso que está acusando agora. Falava até na tal doação de 1 milhão de dólares do cartel das drogas de Cali para a compra da TV. Foram abertos cinco inquéritos na ocasião. Dois deles — estelionato e narcotráfico — acabaram arquivados. O terceiro, que investiga a evasão de divisas, e o quarto, sobre charlatanismo, estão em andamento. O último, por sonegação, é o que está mais adiantado.

BEM CONTRA O MAL — A disposição renovada da Receita Federal de caçar Edir Macedo certamente tem a ver com as cenas de vídeo exibidas exaustivamente durante toda a semana, em todos os canais de televisão, principalmente na Rede Globo. Da noite para o dia, esqueceram-se a pasta rosa e o caso Sivam. Saíram de cena o Banco Econômico, o corvo, a crise na bancada governista. E entrou no ar a velha, boa e fácil de entender luta do bem contra o mal. De um lado, Edir Macedo e seus comparsas, todos aproveitadores. De outro, a poderosa Rede Globo e o pastor Carlos Magno, o apóstata. Mas é uma pena que não seja tão simples assim.



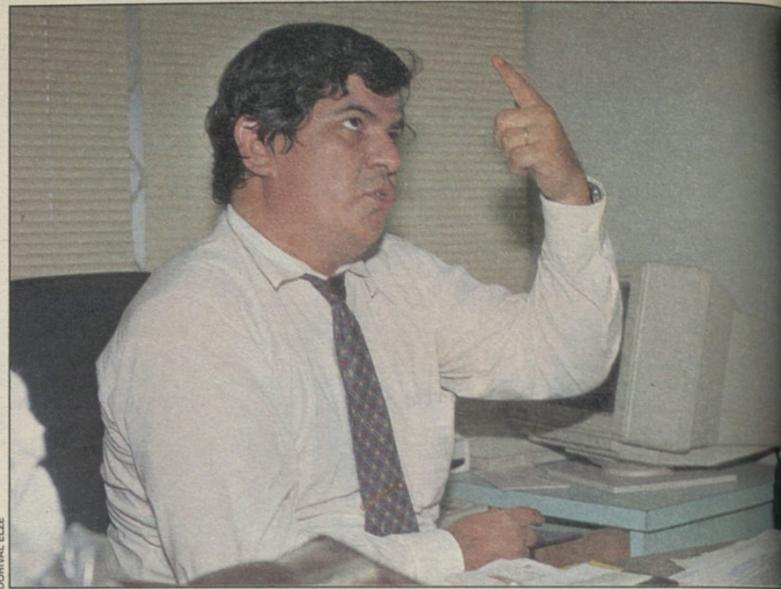
O vídeo mostra Edir Macedo contando dólares e num passeio de lancha, e o bispo Gonçalves ameaçando tirar as calças: flagra



Que o bispo Edir Macedo mercadeja a fé, incitando fiéis a fazer apostas em dinheiro com Deus nas quais sua igreja sempre ganha, já se tornou lugar-comum. Que ele chegou a ponto de vender água mineral como sendo líquido do Rio Jordão, ou azeite de oliva como sendo um bálsamo sagrado, ou cornetas de torcida organizada de futebol como instrumento para derrubar as "muralhas de Jericó", também se sabe desde há muito. Nada disso tem desculpa. São embustes praticados contra a boa-fé dos fiéis. A bem da racionalidade, contudo, é preciso lembrar que Edir Macedo não é o único nem foi o primeiro a fazer coisas desse tipo. A questão de as igrejas correrem atrás do dinheiro existe há 5 000 anos, desde que apareceram as religiões.

Algumas são mais cínicas e imorais, outras mais comedidas e há também aquelas de grande lisura ética, que apenas recolhem do bolso dos fiéis os dízimos sem os quais não poderiam existir. Com uma experiência de 2 000 anos no ramo, a Igreja Católica já perdeu a avidez nervosa e ganhou pompa, mas são famosas as histórias de papas corruptos e devassos, como Júlio II (1443-1513), amante de homens e mulheres, glutton insaciável e ganancioso extremado. A mesma Igreja Católica chegou a vender as famosas indulgências plenárias, que seriam uma espécie de títulos de propriedade do Reino de Deus, que garantiriam lugar certo no céu para quem as comprasse de Roma. Por essa invenção católica, rico levaria vantagem sobre pobre até mesmo na vida eterna. Ainda agora, quando o prefeito César Maia, do Rio de Janeiro, resolveu combater a sonegação fiscal no município, forçando religiosos a pagar o IPTU que eles nunca pagaram, o cardeal-arcebispo dom Eugênio Salles insurgiu-se contra a medida.

TORPOR HABITUAL — No momento em que Macedo foi transformado em inimigo público número 1, apresentaram-se imediatamente os candidatos a xerife. Everardo Maciel, o secretário da Receita Federal, foi o mais operoso. Outros disputaram o cargo sem tanto denodo, mas com os olhos bem postos nas câmaras de TV. O procurador-geral da República, Geraldo Brindeiro, saiu de seu habitual torpor — o mesmo que o impediu de tomar rápidas providências nos casos do massacre de Corumbiara, ou do tráfico de influências que acabou derrubando o ex-secretário de Acompanhamento Econômico José Milton Dallari — e deu entrevistas como nunca antes. Até fez questão de posar para fotógrafos e cinegrafistas de TV assistindo à fita com ar penetrado. Apesar da lufa-lufa, de concreto, nada. Brindeiro pediu um monte de novas investigações e saiu a viajar pelo Nordeste, em companhia da mulher e dos



Carlos Magno: há cinco anos em guerra contra a turma da Universal

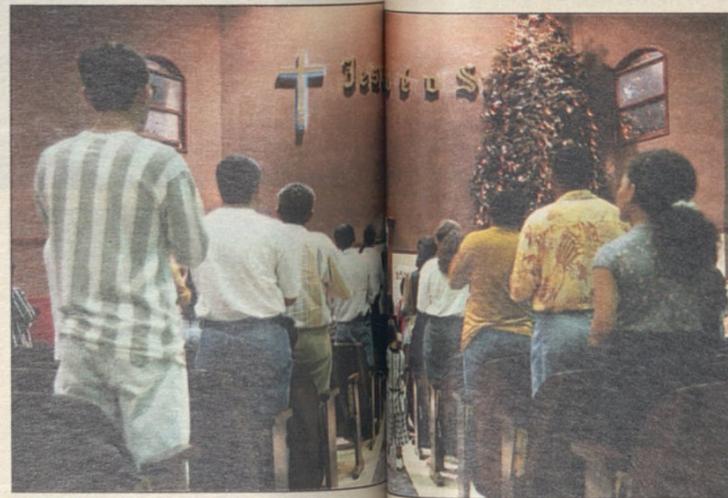
três filhos. Só volta no dia 23 de janeiro e não deixou ninguém na Procuradoria responsável pelo caso.

Outro candidato a xerife, José Gregori, chefe de gabinete do Ministério da Justiça, recebeu no final da tarde de quarta-feira um envelope branco, com letras em azul e o símbolo da Rede Globo. Dentro, a fita com cópia das gravações sobre a Igreja Universal do Reino de Deus. A mando do ministro Nelson Jobim, Gregori assumiu a tarefa de tocar o assunto até a volta do titular, no dia 6 de janeiro. "Dirigente de empresa concessionária do governo deve ter um comportamento do ponto de vista ético irrepreensível; afinal, eles lidam com informações", disse Gregori. Parece ter-se esquecido de que a rede Amon de Mello, de Alagoas, tem como um de seus acionistas Fernando Collor de Mello, de comportamento ético absolutamente repreensível e contra a qual jamais se mencionou o risco de perder a concessão.

O ministro das Comunicações, Sérgio Motta, também não se fez de rogado e entrou no tiroteio. Diz que a concessão da TV Record poderá ser cassada caso fique comprovada a inidoneidade do titular, o bispo Macedo. Não é tão simples assim. A concessão da emissora é considerada um ato jurídico perfeito, ou seja, não basta o governo dizer que não a quer. É preciso que se comprovem falcatruas, como narcotráfico. A partir daí, argumentando com o interesse público ou a conveniência administrativa, o governo pode entrar com o processo de revogação da concessão. É coisa para muito, muito tempo, admite o próprio Gregori.

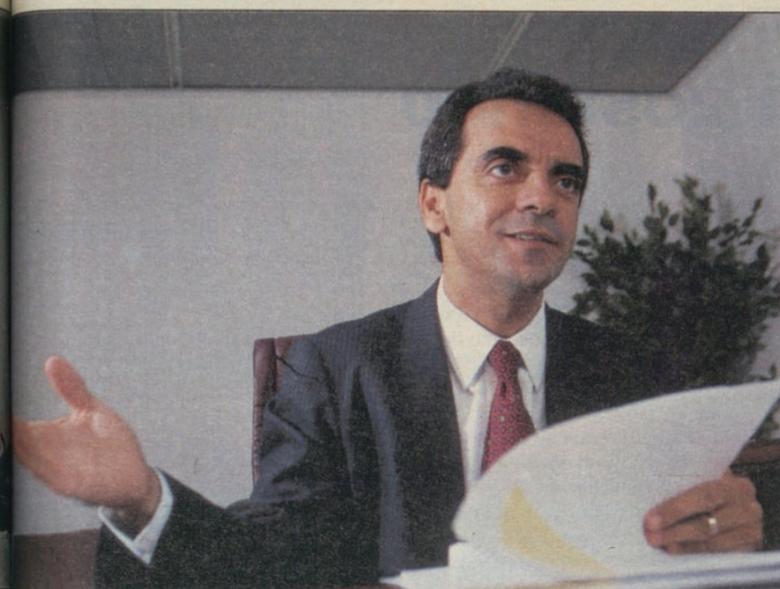
No papel de fornecedor de munição contra a Universal, o autor das denúncias e res-

ponsável pelas gravações que deram início ao escândalo, o pastor Carlos Magno Miranda, continuou trabalhando duro na semana passada. Falou que possuía duas novas fitas de vídeo. Duas novas bombas. Uma teria imagens gravadas em um quarto de hotel em Bogotá, em que apareceriam quatro casais brasileiros, membros da igreja. Segundo Miranda, eles teriam ido à Colômbia com a missão de trazer ao Brasil 700 000 dólares em dinheiro e 300 000 em diamantes. A bolada teria sido doada por um narcotraficante para ajudar na compra da TV Record. Na fita, os fiéis da Universal apareceriam escondendo dólares e diamantes sob a camisa e dentro das meias. Uma segunda gravação mostraria o bispo Edir



Indiferença: fiéis não abandonam... fiéis após as denúncias

VEJA, 3 DE JANEIRO, 1996



Bispo Gonçalves, do 25ª Hora: Receita quer quebrar o sigilo bancário

Macedo e vários pastores assistindo a um filme pornográfico. Seria um torpede na igreja de Macedo. Virou um rocambole. Na quarta-feira, o pastor Carlos Magno estava reunido com repórteres quando ligou para a mulher, Sandrelli Mara, pedindo-lhe que levasse as duas fitas até o local. Lá entregou-as aos jornalistas. Duas horas depois, Carlos Magno recebeu um telefonema da esposa. A mulher disse-lhe que, ao sair de casa com seu Omega, foi interceptada por um policial com quatro homens encapuzados, que lhe roubaram as fitas, das quais não restaram cópias. Uma história muito, mas muito estranha.

O pastor Carlos Magno responde a cinco questionamentos na Justiça do Ceará. Num deles,

foi condenado a um ano de detenção com direito a sursis por calúnia, difamação e injúria contra o então secretário de Segurança Pública do Ceará, Antonio Fernandes Lima, e o delegado de polícia Wagner Leite Diniz. Corria o ano de 1990 quando o apóstata de hoje era um ardente defensor de Macedo. Definitivamente rompido com a Universal, por circunstâncias ignoradas, Carlos Magno instalou-se no Recife e fundou a sua própria igreja.

DE PAI PARA FILHO — Às 17 horas da última quarta-feira, a Receita Federal autou por sonegação a Universal e o bispo Macedo. Juntos, os dois devem 5 milhões de reais ao Fisco só em imposto de renda não pago em 1990. A Receita diz que o bispo tentou burlar a cobrança de impostos usando o artigo 150 da Constituição, que dá isenção fiscal às igrejas. Essa anistia só vale para o dinheiro que é aplicado em atividades da própria igreja. O problema é que a Universal emprestou 45 milhões de dólares sem juros nem correção monetária para que o bispo e outros pastores comprassem, em seus próprios nomes, a TV Record — um verdadeiro negócio de pai para filho. Oito auditores da Receita tentam agora reunir provas para fazer com que a Universal pague impostos relativos aos empréstimos que fez de 1991 a 1995, concedidos para a compra de outras emissoras.

Todas essas medidas levaram o nome de "Operação Decadência", uma designação mais do que alusiva. Em uma reunião na tarde da última terça-feira com os auditores responsáveis pela devassa na Universal, o secretário Everardo Maciel exigiu que as

autuações fossem feitas no dia seguinte para evitar que as fraudes de 1990 prescrevessem, um processo jurídico chamado "decadência". O nome colou porque também evocava a minissérie da TV Globo *Decadência*, que desancava de forma explícita a Igreja Universal e Edir Macedo. Na próxima semana, a Receita deverá pedir à Justiça a indisponibilidade de bens da Igreja Universal e do bispo, como forma de garantir o pagamento dos impostos atrasados. Só que Macedo pode recorrer à Justiça Federal e suspender a decisão da Receita, num processo que, entre um recurso e outro, acredita-se, consumirá no mínimo dois anos.

Os auditores falam em outras fraudes fiscais: notas frias, emitidas em nome da igreja, e cheques fantasmas, entre as principais. "Há todo tipo de trambique. É coisa de contadores como o de Al Capone, que sabia esconder a origem do dinheiro", conta um dos fiscais. A comprovação de tais suspeitas, no entanto, só será possível com a quebra do sigilo bancário dos envolvidos. Na última semana, as investigações ficaram suspensas por uma decisão do juiz federal de São Paulo Roberto Haddad, que concedeu um mandado de segurança contra a quebra de sigilo bancário de quinze envolvidos na compra e venda da TV Record. A relação entre as informações fiscais e bancárias dos envolvidos é considerada fundamental para desvendar a compra da Record.

"Essa batalha é uma briga de travesseiros. É difícil que alguém saia ferido", diz o advogado tributário Ary Oswaldo Mattos Filho, ex-presidente da Comissão de Valores Mobiliários. "À primeira vista parece matéria tributária, mas na verdade não passa de uma briga de poder. É um daqueles casos em que não existem santos. A única vantagem disso é trazer à tona a polêmica acerca da imunidade fiscal", diz Ary Oswaldo. É bom mesmo que a Receita estabeleça com clareza onde termina o culto religioso e onde começa a atividade comercial exercida por todas as igrejas estabelecidas no Brasil. Na semana passada, afirmou-se sobre a Universal que teve financiamento de PC Farias para a compra da TV Record, que um de seus membros, o deputado Odenir Laprovita Vieira, é sócio num banco da Investholding Limited, com sede nas Ilhas Cayman, paraíso fiscal usado pelos esquemas de lavagem de dinheiro sujo, e outras coisas suspeitas. É necessário que tudo isso seja investigado, sem que se perca de vista que o caso do bispo Macedo ganhou uma importância que não tem. E que, por trás da fúria sagrada contra a Universal, há dezenas de excelentes razões éticas — a igreja efetivamente explorou a boa-fé e toma dinheiro dos pobres, que, no entanto, continuam a freqüentar seus templos. E há, também, uma guerra entre duas redes de TV — a Globo e a Record. ■

O povo está gostando

Pesquisa mostra que brasileiro não se interessa por pasta rosa, grampo nem Sivam e aprova o governo

Durante seu primeiro ano de governo, que completa nesta semana, o presidente Fernando Henrique Cardoso sempre repetiu que o Brasil vai bem, muito melhor do que dizem os adversários. Agora, ele tem um motivo para achar que ele também, como presidente da República, vai melhor do que se poderia imaginar. Segundo uma enquete do Ibope, comparado a José Sarney, Fernando Collor e Itamar Franco, seus três antecessores civis, Fernando Henrique é o presidente mais popular da turma. De acordo com a pesquisa, que considerou o desempenho de cada presidente ao final do primeiro ano de mandato, o governo FHC conta com a aprovação de 43% dos entrevistados, contra 36% de Sarney, 30% de Collor e 13% de Itamar Franco.

Para realizar a pesquisa, o Palácio do Planalto encomendou os serviços do sociólogo pernambucano Antônio Lavareda, que cuidava das pesquisas de opinião durante a campanha eleitoral e hoje ainda trabalha para os tucanos. Lavareda preparou os questionários e contratou o Ibope para realizar o trabalho de campo. O Ibope ouviu 3 000 pessoas em todas as capitais e num universo representativo de cidades do interior de pequeno, médio e grande porte. Os entrevistados foram convidados a classificar o governo tucano como *péssimo*, *ruim*, *regular*, *bom* ou *ótimo*. A chamada aprovação popular é obtida a partir da soma dos percentuais de *bom* e *ótimo*, também chamada de popularidade. O governo FHC é considerado regular para 40% dos entrevistados, ruim para 15% e 2% não sabem classificar. Para comparar o desempenho de FHC ao dos governos anteriores, Lavareda recorreu a um banco de dados e extraiu dali as pesquisas sobre os demais presidentes. Como o Ibope não pesquisava Sarney com regularidade, seus dados são do Gallup.

Em qualquer país do mundo é o índice geral de preços que mais pesa no desempenho de um presidente nas pesquisas, seguido de perto do índice de desemprego. Só então são considerados a qualidade do atendimento nos hospitais da rede pública ou o nível do ensino das escolas do Estado. Na pesquisa do Ibope, os cruzamentos deixam claro que, num país de economia em processo de estabilização, a popularidade dos presidentes é a avaliação seca do desempenho do Ministério da Fazenda. Em maio, quando estourou a greve dos petroleiros, por exemplo, a popularidade de FHC até caiu 5 pontos percentuais, indo de 44% para 39%. Já José Sarney chegou a ter 81% de aprovação no auge do Plano Cruzado, em abril de 1986, e amargou míseros 9% de apoio no final de 1988, quando dois de seus planos haviam naufragado. Como o Plano Real tem deixado o país em equilíbrio, FHC é o presidente de índices mais estáveis desde a redemocratização (veja quadro abaixo). De acordo com os dados, a popularidade de FHC gira sempre em torno de 40%, sem grandes oscilações.

"Ele é o primeiro, desde Figueiredo, a conseguir manter seu nível de aprovação", afirma Carlos Matheus, diretor do Gallup. "Os números refletem a poderosa



Fernando Henrique, reunido com os...



governadores na terça-feira no Palácio da Alvorada: reaproximação com o PFL e pára-raios para o governo

sa âncora do Plano Real", diz Marcos Coimbra, do Vox Populi. "É a estabilidade de do plano que explica a estabilidade dos números. Se fracassar, leva com ele o sucesso do presidente", diz. "Enquanto os números econômicos forem favoráveis e o brasileiro estiver podendo comer mais, pode botar quarenta pastas rosas, trinta sivams que não haverá queda na popularidade de FHC", assegura o presidente do Ibope, Carlos Augusto Montenegro.

PRONUNCIAMENTO A NACAO — A pesquisa foi entregue a Fernando Henrique pelo porta-voz Sérgio Amaral. O presidente obviamente encomendou dezenas de pesquisas com esse objetivo de pontância. Para o partido de ACM, a diluição da pasta rosa soou como provocação tucana e gerou irritação. Em o pronunciamento de final de ano à nação, que o presidente gravou na quarta-feira da semana

passada para ir ao ar na sexta. FHC queria saber quais temas agradariam mais a audiência e de quais deveria passar longe. A pesquisa indicou o principal assunto a ser abordado, o Plano Real, cujo destino interessa a mais de 60% dos entrevistados. A política salarial e as reformas sociais interessam a 37% das pessoas e somente 4% dos entrevistados querem ouvir falar sobre o Sivam ou sobre o conteúdo da pasta rosa. Não foi à toa que, no pronunciamento, FHC desprezou a papelama sobre o financiamento do Banco Econômico ao senador Antonio Carlos Magalhães e a outros amigos da bancada banqueira. "No Natal, a maior alegria que eu tive foi saber que neste ano os brasileiros tiveram mais comida em sua mesa", preferiu dizer FHC. "Algumas famílias que antes não podiam hoje comem frango e carne. O consumo de alimentos aumentou 30%." Como o presidente não governa apenas com as pesquisas e precisa conviver com o PFL, a pasta rosa tem lá sua importância. Para o partido de ACM, a diluição da pasta rosa soou como provocação tucana e gerou irritação. Em o pronunciamento de final de ano à nação, que o presidente gravou na quarta-feira da semana

pefelista gosta de caneta cheia de tinta. Na terça-feira, FHC reuniu um grupo de governadores aliados no Palácio da Alvorada e discutiu o PFL. Estavam presentes os governadores tucanos Eduardo Azeredo (MG), Tasso Jereissati (CE), Marcello Alencar (RJ) e Mário Covas (SP). Também compareceu o peemedebista Antônio Britto (RS), velho amigo. Na conversa, FHC falou da necessidade de manter a aliança com o PFL, para poder aprovar mais mudanças constitucionais. "Foi uma avaliação de fim de ano, em que deixamos clara a necessidade de criar pára-raios para o governo todo", diz o governador Azeredo.

OBRIGAÇÃO — Toda pesquisa positiva anima presidente, e não foi diferente com Fernando Henrique quando recebeu uma cópia do trabalho de Lavareda das mãos do porta-voz Sérgio Amaral. FHC ficou tão animado com os dados que até comentou sobre o resultado com os governadores. Natural a felicidade de FHC. Afinal, apesar das críticas que os presidentes recebem de todos os lados, uma pesquisa com bons indicadores de popularidade é um sinal de que, se há erros no varejo, acerta-se no atacado. Foi graças a essa popularidade toda — e não ao PFL — que

FHC conseguiu apoio suficiente no Congresso para fazer aprovar um bom pedaço de suas reformas constitucionais ainda no primeiro semestre do ano.

Apesar de ser um dado confortável, a popularidade não pode ser um objetivo em si. "Ela retrata uma situação passageira, e o político deve entender suas causas para mantê-la", diz o senador Esperidião Amin (PPB-SC). A popularidade também não é, nem de longe, um indicador do caminho a seguir. "O que FHC não pode é governar só para manter sua popularidade, já que muitas vezes, para governar bem, é preciso tomar medidas impopulares", diz o senador Roberto Freire. Segundo ele, FHC deverá enfrentar um período ruim em 1996 se quiser implantar uma reforma do Estado para valer. "Nessa hora haverá demissões, e muita gente ficará desagradada. Com isso, a popularidade pode cair, e é preciso estar preparado para isso", diz. O líder do PMDB na Câmara, Michel Temer, lembra que a popularidade de FHC lastreada apenas na economia pode enganar: "Mantê-la baseando-se apenas no sucesso do plano econômico é um risco, já que em alguns meses a população vai achar que manter a inflação baixa é uma obrigação e não um mérito do governo".

Um bom desempenho

Comparado a seus três antecessores civis após um ano de governo, Fernando Henrique Cardoso é um presidente de sucesso nas pesquisas. Veja a aprovação de cada um (em %)



Fontes: Ibope e Gallup

RELIGIÃO

A atualidade de Satanás

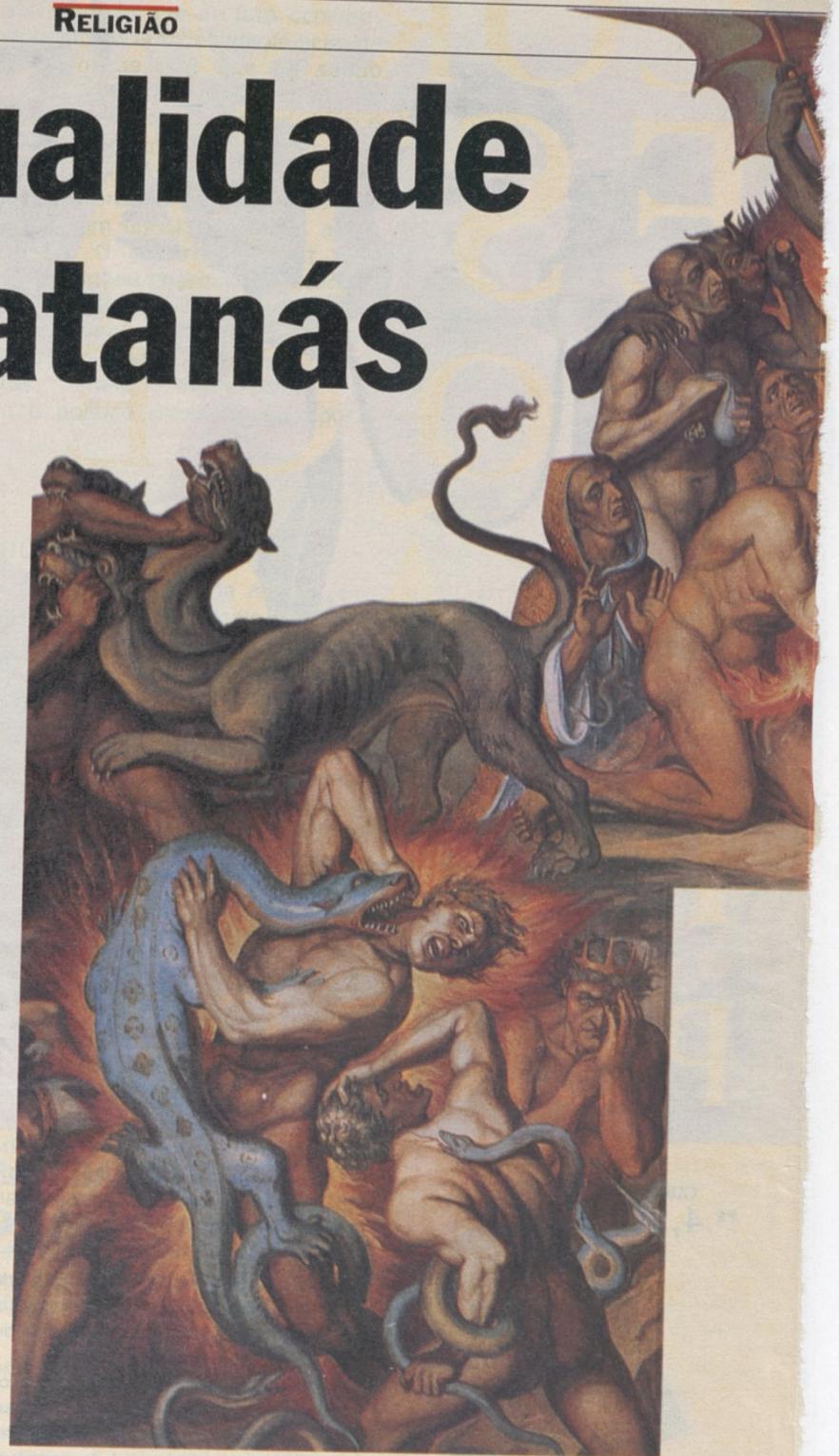
Como vai ele, neste fim de milênio? Quem é, exatamente? E que papel representa hoje em dia?

ROBERTO POMPEU DE TOLEDO



Como vai ele? Ele: Semihazad, Azazel, Belial, Mastema, Asmodeu, como o chamavam, entre muitos outros nomes, os antigos hebreus? Ele: Eblis, como dizem os muçulmanos? Como vai ele: o "Old Man"

(o "Velho"), como diziam na Escócia, o David Jones, como o nomeavam os antigos caçadores de baleia de língua inglesa, o "Macaco de Deus", como se dizia na Idade Média, porque procura imitar Deus, embora de maneira sempre imperfeita, ou inversa? Ele: o Maligno, o Inimigo, o Tentador, o Maldito, o Pai da Mentira, o Príncipe das Trevas, o Príncipe deste Mundo, como se disse e se continua dizendo em várias línguas, credos e épocas? O Cão, o Arrenegado, o Beijudo, o Azucrim, o Tinhoso, o Feio, o Moleque, o Porco, o Rapaz, o Sujo, o Tição, o Tisnado, o Tinhoso, o Coxo, o Anhangá, o Rabudo, como se diz Brasil a fora, e o dicionário Aurélio registra? O que "não é mas finge ser", como escreveu Guimarães Rosa? Ele: Satã, Satanás, Belzebu ("O Senhor das Moscas", na origem etimológica hebraica), Mefistófeles, Mefisto, Lúcifer? Como vai o Demo, enfim, o Demônio, o Diabo? Como anda seu prestígio, sua





O Diabo vai bem e continua aprontando, mesmo numa época em princípio regida pela ciência, em que a informação corre rápido e, em geral, livre, e a educação fez enormes progressos

Joseph Anton Koch: *O Inferno* (1827-1828), afresco, Sala de Dante Casino Massimo, Roma

VEJA, 31 DE JULHO, 1996

fama e influência, neste fim de século e de milênio? Ainda haveria lugar para ele, neste mundo nosso do avião, do computador, da televisão e do telefone celular?

Vai bem, esta é a resposta. Vivo e forte. O ex-presidente americano Ronald Reagan chamou a União Soviética de "Império do Mal". A implicação é que o Mal existe, em si e por si, e portanto existiria seu agente máximo, o Asmodeu, Belial, Azazel. Saddam Hussein, do Iraque, achava que George Bush era o Grande Satã, e Bush que Satã era Saddam Hussein. O aiatolá Khomeini identificou o demo em variados adversários, inclusive o escritor Salman Rushdie.

O Diabo vai bem e continua aprontando, mesmo numa época em princípio regida pela ciência e pela razão, em que a informação corre rápido e, em geral, livre, e a educação fez enormes progressos. Acompanhe-se o raciocínio do coordenador do movimento Renovação Carismática Católica de



São Paulo, Adilson Carvalhal, sobre o assassinio de Paulo César Farias: "Se o sujeito (no caso, PC) vive a renúncia de Deus, quem vai mandar é o Demônio. Talvez não tenha havido nenhum complô. O Diabo pode ter sido o autor desse crime".

E o caso do shopping center de Osasco? Obra do Demo, igualmente, segundo J. Cabral, teólogo da Igreja Universal do Reino de Deus, a igreja do bispo Edir Macedo. "Obra de Deus é que não foi", diz ele. Cabral defende a tese de que, quanto mais nos aproximamos do final dos tempos, maior é a ação do Diabo. E, segundo ele, é muito provável que estejamos no fim dos tempos. "Será que passaremos do ano 2000?", pergunta.



Muitos, ao citar o Diabo, talvez estejam recorrendo a uma metáfora, uma alegoria, um símbolo. Outros se referem a um diabo literal. Acreditam nesse diabo de verdade, concreto, se é que entidades espirituais

podem ser concretas, desde uma personalidade universal como o papa João Paulo II até um humilde baianinho de 18 anos chamado Clearte Guedes, morador em Brasília.

João Paulo II já afirmou várias vezes que o Diabo não é uma fantasia. "O Diabo existe. Espalha desordem na sociedade e incoerência no homem", disse numa ocasião. Em outra, disse: "Onde estão os santos está também um outro, que não se apresenta com seu verdadeiro nome. Ele se chama Príncipe deste Mundo, o Demônio". Num episódio narrado pelo falecido cardeal francês Jacques Martin, no livro de memórias *Os Meus Sete Papas*, deparamos com o papa envolvido pessoalmente numa luta contra o Demônio. O cardeal Martin, um dos mais próximos auxiliares de João Paulo II, durante seus primeiros anos de papado, escreve que, no dia 4 de abril de 1982, o bispo de Spoleto, monsenhor Alberti, levou ao papa uma senhora de sua região, identificada como Francisca F., casada e católica fervorosa.

Essa senhora se achava possuída pelo Diabo. Berrava e rolava pelo chão, incontrolável. "De fora, ouvíamos os gritos", narra o cardeal francês. O papa tentou diversas rezas recomendadas para os casos de exorcismo. Já estava quase desistindo, e prometendo que no dia seguinte oficiaria uma missa pela possuída, quando, de repente, ela voltou ao

normal. Francisca F. apurou-se e pediu desculpa pelo escarcéu que havia promovido. João Paulo II, impressionado, comentou depois que nunca enfrentara um caso como aquele. "Foi uma cena bíblica", afirmou. Segundo Martin, o demônio que se apoderara daquela senhora era fortíssimo e só foi derrotado porque enfrentou "o mais poderoso dos exorcistas".

O baianinho Clearte Guedes, que se diz filho de mãe-de-santo e, como a senhora italiana, vítima do demônio, submeteu-se a um exorcismo no dia 5 de julho, no templo da Igreja Universal que fica no Conique, um shopping center de segunda classe no centro de Brasília. Era uma sexta-feira, dia em que a Universal pratica seus cultos de exorcismo. No altar, armado sobre o palco daquele que foi um antigo cinema que passava filmes pornográficos, o Cine Atlântida, faz-se nessas ocasiões uma passarela de sal grosso, elemento considerado muito eficaz contra as forças demoníacas. Os fiéis são então convidados a passar sobre essa passarela, caminhando sobre o sal. De um lado e de outro, alinham-se os "obreiros", os auxiliares do pastor. Alguns dos fiéis começam a se mostrar inquietos. Os obreiros vão colocando a mão na testa deles e gritam: "Em nome de Jesus, sai Satanás". A tensão aumenta. Eles gritam ainda: "Toda a força do mal que esteja aí, que todas as doenças saiam, toda a miséria, e esta pessoa esteja liberta". Alguns dos fiéis entram em transe.

São selecionadas algumas pessoas — em geral, quatro —, aquelas que se mostram mais transtornadas. Das quatro, uma em geral — a mais transtornada entre as transtornadas — será levada ao pastor. Este mantém uma conversa dura, de superior para inferior, com o Diabo. "Quem te mandou fazer isso a essa pessoa?", pergunta. E ainda: "Qual o seu nome? Que você está fazendo na vida dessa pessoa?" O demônio é contido, dominado, humilhado e finalmente expulso.

Naquela noite, em Brasília, o escolhido foi o baianinho. Havia caixas acústicas espalhadas pelo templo porque, segundo o pastor Isaack, o oficiante, as pessoas reclamam que querem ouvir as vozes do mal. O exorcismo durou trinta minutos. O pastor mostrou-se bem mais entusiasmado e enfático quando se acenderam os holofotes, para a gravação da TV. "Se a



peessoa não quer, o Diabo não sai", Isaack explica. Com Clearte, ele obteve sucesso, atestado pelo próprio paciente. "Sinto-me agora forte como o incrível Hulk", disse ele, depois de terminada a sessão. "Não lembro de nada, só sei que ele foi derrotado". Ele: o Cão, o Maligno, o Rei das Moscas.



Se a Igreja Universal não é confiável, pelo seu gosto do dinheiro ("Quem não paga fica mais sujeito ao Diabo", dizia o pastor Eduardo, num templo da Freguesia do Ó, em São Paulo, na sexta-feira seguinte) e do sensacionalismo, ouça-se um representante da Igreja Batista, do ramo chamado "histórico" do protestan-

cenobita (251-356), enfrentou no deserto, o terreno por excelência das lutas contra Belzebu, nos primeiros séculos do cristianismo, tentações tremendas. Uma vez, o Demo presenteou-o com uma coleção de gravuras pornográficas, que ele só conseguiu apagar com água benta.

Templo da Igreja Universal, Brasília: sobre o sal grosso, o baiano Clearte exorcizado

João Paulo II: em 1982, um caso de exorcismo no Vaticano classificado de "cena bíblica"



Bosh: *As Tentações de Santo Antônio* (séc. XVI), Museu Nacional de Arte Antiga, Lisboa: luta de uma vida

tismo, o pastor Rivas Bretones, de São Paulo: "Todos estamos sujeitos a Satanás. Ele nos tenta, nos oprime. A possessão ocorre muito".

Essas palavras hoje soam exóticas a nossos ouvidos seculares, a todos que não frequentamos a Igreja Universal nem as celebrações dos carismáticos, a resposta dos católicos aos extravagantes rituais dos pentecostais, mas houve tempo em que Satanás era uma presença natural como a chuva e o sol na vida das pessoas. E houve santos homens que dedicaram a vida à luta contra suas artes. Santo Antônio, o

ele se aproximava na forma de uma mosca, jogou-lhe um tinteiro em cima. Logo depois de se ter casado com a ex-monja Catalina, ele escreveu: "Ele (o Diabo) dorme mais colado a mim do que a minha Catalina".

Essas e muitas outras histórias estão num livro do qual se falará daqui a pouco. O Diabo tem acompanhado o homem desde sempre, e de modo particular nos últimos 2 000 anos, com a idéia que dele se criou a partir do cristianismo. Ele resistiu ao Renascimento, ao Século das Luzes e à Revolução Industrial. Por que não resistiria à era da eletrônica, da cibernética e da exploração espacial? Os demônios, hoje, são "mais evidentes", segundo o pastor Joel Freire, da Assembléia de Deus, a maior das igrejas pentecostais do Brasil (12 milhões de fiéis, contra 5 milhões da Universal). O pastor explica, singelamente: "Não é que hoje ele esteja mais atuante do que antes. É que o número de pessoas é muito maior do que no tempo de Jesus Cristo".



Num salão de letrados, recebe-se uma observação como essa com um sorriso nos lábios. Mas esses mesmos letrados, se a conversa mudasse para Hitler, seriam ca-

pazes de descrevê-lo como a encarnação de Satanás. Neste caso, a idéia da personificação do Mal não soa ridícula. O Maligno tem muitos truques, e um de seus prediletos, como já se disse muitas vezes, é fazer crer que não existe. Ou, como escreveu Guimarães Rosa, mais uma vez citado porque o Cão, o Tinhoso, o Arrenegado, o Beiçudo é uma presença constante em sua obra, "a gente sabendo que ele não existe, aí é que ele toma conta de tudo".

Como vai o Demônio? Quem é ele? Que papel desempenha, hoje em dia? Estas são as três perguntas que organizarão nossa investigação sobre o "Príncipe do Exílio", como o chamou o poeta Baudelaire, esse ser que ousa desafiar o indaafiável, convida a pensar o impen-sável, e delicia-se em propor a impossível proposta. O Diabo vai bem, e conserva sua atualidade, esta é a resposta que encontramos para a primeira pergunta. Nas duas partes seguintes, tentaremos responder às outras duas.

Entrevistas e reportagens: Morris Kachani

A marca do cristianismo

O Satanás do Antigo Testamento não era tão mau quanto viria a ser depois de Jesus Cristo



"Havia na terra de Hus um homem chamado Jó; era um homem íntegro e reto" ... Estamos no Antigo Testamento, Livro de Jó. É uma triste história, de provações sem fim ao pobre homem chamado Jó.

E como começam suas desgraças? Retomemos o texto bíblico:

"No dia em que os Filhos de Deus vieram se apresentar a Iahweh, entre eles veio também Satanás. Iahweh então perguntou a Satanás: 'Donde vens?' 'Venho de dar uma volta à terra, andando a esmo' — respondeu Satanás. Iahweh disse a Satanás: 'Reparaste no meu servo Jó? Na terra não há outro igual: é um homem íntegro e reto, que teme a Deus e se afasta do mal'."

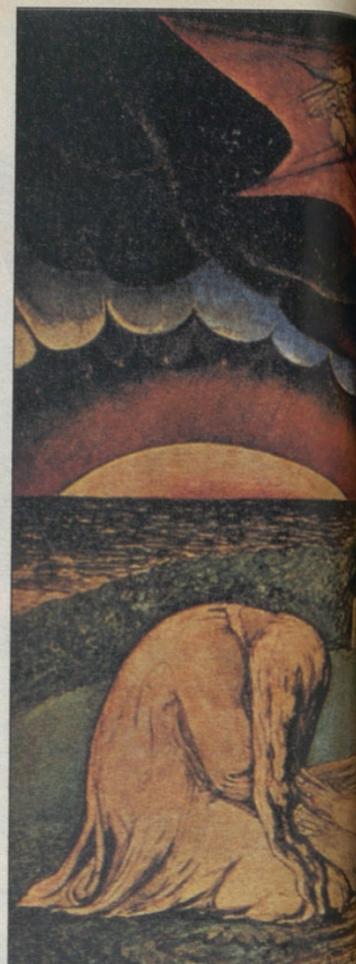
Segue-se uma aposta. Einstein dizia que Deus não joga dados no universo, mas nesse dia jogou. Satanás fez pouco caso da santidade de Jó. "Como não ser fiel a Iahweh" — argumentou — "se este deus tudo a seu servo amado — fortuna, segurança, prestígio, uma boa família? Tire-lhe o que tem" — desafiou — "e garanto que te lançará maldições no rosto." Iahweh então concorda em deixar que Satanás vá atazanar a vida de Jó, desde que lhe poupe a vida. O jogo está feito.

No Livro de Jó, temos Satanás numa de suas mais intrigantes atuações. O episódio fornece bom material para começar a indagar: quem é, afinal, o Diabo? Dois livros a respeito do assunto acabam de ser lançados no Brasil. Um é *As Origens de Satanás*, da americana Elaine Pagels (Ediouro). O outro é

Biografia do Diabo, do argentino domiciliado na Espanha Alberto Cousté (Editora Record), ao qual já recorremos ao citar as atribuições de Santo Antônio e Lutero, na primeira parte. Os dois autores têm formação diferente. Pagels é uma acadêmica, professora de história da religião da Universidade de Princeton. Cousté é poeta e romancista. Os livros, sendo assim, têm escopo e natureza diversos. O de Pagels é marcado pelo rigor de uma especialista e enfeixa uma tese. O de Cousté é um passeio literário pelo tema, mais livre e descompromissado, feito com erudição e verve.

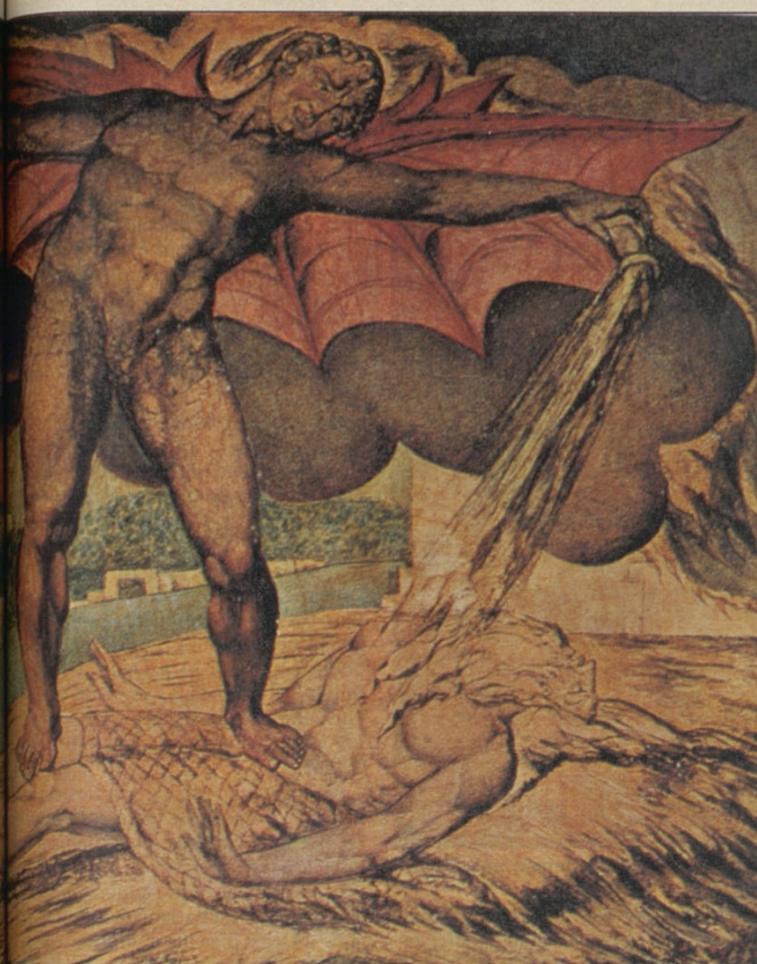
Os dois livros, apesar das diferenças, têm aspectos em comum, e um deles é o olhar atento que ambos os autores lançam ao papel de Satanás no Livro de Jó. Cousté confessa-se aturrido com o episódio, e dá três razões para isso: 1) as relações cordiais que, nele, entretêm Deus e o Diabo; 2) a naturalidade com que Deus aceita a presença do Diabo no céu; 3) o papel de coadjutor divino que o Diabo parece representar. Pagels ressalta o fato de Satanás aparecer no episódio como um anjo qualquer, um "filho de Deus", que comparece perante seu Senhor no dia marcado. Ele aterroriza e prejudica uma pessoa com os piores castigos, na história de Jó, mas não deixa de comportar-se, até o fim, observa Pagels, como "um servo obediente de Deus".

O Satanás do Antigo Testamento apresenta traços diferentes daqueles que viria a assumir no cristianismo, eis a conclusão tanto de Pagels como de Cousté. Num outro episódio, o de Balaão e a jumenta, que aparece no Livro dos Números, Balaão teima em desobedecer a Deus, e envereda por um determinado caminho que Este lhe proíbe. Deus manda então Satanás obstruir-lhe o caminho, aparecendo à sua jumenta, e fazendo-o voltar à linha reta. Mais claramente ainda, o Diabo aqui é um assessor de Deus. Escreve Pagels:



"Na Bíblia hebraica, como na corrente crever o mundo como um campo de batalha entre as forças da luz e as forças das trevas, conforme descrito na literatura essênica contida nos Manuscritos do Mar Morto, descobertos em 1947.

O livro de Cousté, de âmbito muito maior, no tempo e no espaço, que o de Pagels, faz uma panorâmica das entidades do mal que aparecem em diversas religiões da antiguidade. Nenhuma é tão má, ou dedicada de tempo tão integral ao mal, como viria a ser o Diabo cristão. Os "daimones" gregos, palavra da qual se origina "demônio", podiam ser bons ou maus. Sócrates dizia ter um. Em sua última aparição, com Sócrates já condenado a tomar cicuta, aconselhou-o a estudar música. Satanás começa a tomar a forma que hoje lhe é atribuída, nota Cousté, nos textos apocalípticos, a começar pelo Livro de Daniel. Os essênios, seita judaica surgida cerca de século e meio



antes de Jesus, aperfeiçoam-no ao descrever o mundo como um campo de batalha entre as forças da luz e as forças das trevas, conforme descrito na literatura essênica contida nos Manuscritos do Mar Morto, descobertos em 1947.



Os essênios merecem destaque também no livro de Pagels, como modeladores da figura do Demônio tal qual nos chegou. Com eles, segundo essa autora, Satanás "deixava de ser um dos servos fiéis de Deus" e começava a tornar-se parecido com a personagem dos Evangelhos e da cristandade posterior — "o adversário de Deus, seu inimigo, até mesmo seu rival". A lenda em torno das forças do mal foi reforçada por velhas histórias, como a da revolta dos anjos e da queda de Lúcifer, que foram repostas em cir-

culação pelos essênios e outros grupos na mesma época. Essas histórias não constam dos livros canônicos da Bíblia, mas sim de outros escritos judaicos.

Quando Jesus nasce, parece que já adquirira certa consistência a idéia de uma entidade voltada exclusivamente para o mal, desafiadora de Deus e dedicada à tentação dos homens. Não admira, assim, que a vida de Jesus seja descrita, no Novo Testamento, como uma luta infrene contra o Demônio, desde o episódio da tentação no deserto, que no Evangelho de Marcos, tido como o mais antigo, aparece logo no início, em seguida ao batismo no Rio Jordão, até a traição de Judas, que no último Evangelho, o de João, aparece como tomado pelo Diabo na Santa Ceia, pouco antes de perpetrar sua traição. A leitura dos Evangelhos sugere, segundo Cousté, que "Jesus se acha inteiramente consciente de que sua principal tarefa é destruir Satã, sua obra e seu poder".

William Blake: Satã Golpeia Jó com Pragas (1827), Tate Gallery, Londres: resultado de uma aposta no céu

Satanás ainda não estava completo, no entanto. Nos Evangelhos de Mateus e Lucas, na cena da tentação, Jesus dialoga longamente com ele. O Diabo pede que ele transforme pedras em pão, e Jesus nega. Leva-o então para o telhado do templo e desafia-o a se jogar de lá, para provar que é Deus. Leva-o a uma montanha e oferece-lhe todos os reinos deste mundo. Jesus nega sempre. Cousté vê nessa convivência, nesses diálogos e nesse entrelaço de propostas uma certa maleabilidade, de parte a parte: "Jesus suporta pacientemente as investidas do inimigo, não desdenha sua companhia, não o intima a desaparecer, aceita inclusive ser transportado por ele até os telhados do templo; tem, por assim dizer, uma relação dialética com o rival, na qual este também se mostra à altura do tratamento, sem ofuscar-se em nenhum momento". Trata-se de um Diabo, segundo o autor argentino, que ainda não é puro terror. Ainda não é o que viria a ser para os eremitas no deserto, três séculos depois, nem "o tenaz ludibriador dos encontros noturnos medievais".

Santo Antônio é o campeão entre os tentados, mas há outros casos fortes. Macário, o Egípcio (300-340), afirma ter sido visitado, durante um conselho de eremitas, por uma legião de demônios, que lhe propunha indecências. Começa a ser marcante a identificação do pecado com o sexo. São Gregório Magno (540-604) contava a história de um abade, Equitius, que vivia atormentado pelos demônios da luxúria, até que um anjo bom apareceu-lhe um dia, tocou-lhe o sexo e concedeu-lhe a graça da insensibilidade e da impotência. De perseguido, o cristianismo era agora religião oficial, e o Diabo ocupava um lugar no centro do sistema. "Em sua ascensão, a Igreja triunfante fez questão de carregá-lo consigo", escreve Cousté.

O livro de Pagels descreve a mesma trajetória histórica, mas para assinalar uma constante e extrair uma conclusão. A constante é a utilização de Satanás, no cristianismo, para caracterizar o inimigo. Ele é o "judeu" nos Evangelhos — entendido este "judeu" como o representante da cauda principal do judaísmo, aquela que não aceitou Jesus e, portanto, não se vergou à dissidência



Giotto: Beijo de Judas (1303-1305), Capela Scrovegni, Padua: tomado pelo Diabo

cristã. Pouco depois Satanás seriam os pagãos — os habitantes do império romano que opunham resistência ao avanço cristão. E depois, ainda, os “hereses” é que seriam Satanás — os que ousavam discordar, ter opiniões próprias, desviar-se da linha imposta pela Igreja. A conclusão da autora é que Satanás é quem não concorda conosco.

A pergunta “quem é o Diabo?” tem em Pagels uma resposta clara e direta: ele é o inimigo. Mas, de preferência, não um inimigo qualquer — é o inimigo íntimo. A história apócrifa da cisão no céu, quando Lúcifer se revolta contra Deus e assume a chefia da oposição ao Todo-Poderoso, já trai esse significado — Lúcifer era um anjo de alta hierarquia, o mais belo deles, segundo algumas versões. Era um ser privilegiado, participante do círculo mais chegado a Deus, e a briga foi dentro de casa. Estava estabelecido o paradigma a ser aplicado em outras brigas, e outras satanizações. Escreve Pagels: “Satanás não é o inimigo distante, mas o inimigo íntimo — o colega em quem confiamos, o companheiro próximo, o irmão”.

Ao satanizar os judeus, nos Evangelhos, os cristãos estão se endereçando a um inimigo que encontravam todos os dias nas praças, nas sinagogas. Os “pagãos” que mereceriam o mesmo tratamento a seguir podiam até ser pessoas da mesma família — o irmão, o pai ou o primo que se recusavam a converter-se e deixar-se levar ao batismo. E ao satanizar os heréticos, mais tarde, os representantes oficiais da Igreja também se estavam dirigindo a gente próxima — membros da mesma crença, às vezes até da mesma comunidade.

Discorrendo sobre os heréticos e heresias, em *Prescrição contra Heréticos* Tertuliano (155-222), um dos primeiros autores cristãos, recomendava que os cristãos deveriam todos pensar e falar as mesmas coisas. Os fiéis não deveriam fazer perguntas, porque “elas os tornavam heréticos”. Que há para discutir, perguntava ele, se tudo já estava revelado? “Onde acabará essa busca?” A inspiração dos hereges, concluía Tertuliano, vem do Diabo, “a quem pertencem as manhas que distorcem a verdade”. Satanás seria o inven-

tor das artes da guerra espiritual, incluindo a falsa exegese. Vê-se claramente, aqui, que quem discorda é identificado com o Diabo. Pagels descreve um quadro em que os cristãos, invocando as velhas histórias de cisão no céu, constroem um cenário de guerra cósmica entre o bem e o mal, Deus e Satanás. Jesus insere-se nesse quadro. Posteriormente passam a fazer parte dele também os que não seguem o caminho recomendado, relegados por isso à categoria de soldados das forças do mal.

Os cristãos, conclui Pagels, “transportaram o conflito com seus adversários para o nível da guerra cósmica”. A ênfase no Diabo chamou a atenção do filósofo grego Celso, um crítico do cristianismo que no século II travou famosa polêmica com o cristão Orígenes. Celso contestava que os cristãos fossem monoteístas, pois acreditavam no Demônio e achavam que ele podia contrapor-se a Deus. Um “errôneo” dos cristãos, segundo ele, foi “inventar um ser oposto a Deus e chamá-lo de Diabo, ou, na língua hebraica, Satanás”.

As coisas não são tão simples, na verdade. Se a oposição fosse entre iguais, Deus contra Satanás, o cristianismo se igualaria aos heréticos maniqueístas, que separavam tudo rigidamente entre bem e mal. No cristianismo, Satanás se opõe a Deus, mas lhe é inferior. Faz seu jogo, mas está previamente condenado à derrota, e essas características devem ser também levadas em conta quando se pergunta quem é o Diabo.



Pagels conta que uma vez uma “grande e altíssima” figura apareceu a Santo Antônio, que lhe perguntou quem era. “Sou Satanás”, disse a figura. Antônio então

respondeu: “Cristo veio e te tornou impotente. Ele te jogou no chão e te despiu de teus poderes”. Ao ouvir o nome do Salvador, conta Antônio, a figura desapareceu, pois não lhe podia suportar o calor escaldante. Misteriosa é a figura de Satanás. Antônio passou a vida sofrendo suas duríssimas tentações, mas achava que ele não devia ser respeitado. Se o Diabo reconhece que é impotente diante do nome do Senhor, disse o santo, “temos de desprezá-lo, e a seus demônios”.

Cinco faces do Maligno

De Marketeiro a Magnífico e agente do Mal, as maneiras como ele costuma se apresentar, hoje



Acautele-se o leitor. Se diante de si tem um interlocutor que pisca de baixo para cima, saiba: pode ser o Demo. Uma em cada três vezes ele pisca dessa maneira, movendo não a pálpebra, mas a parte abaixo do olho. Só que o faz em tal velocidade que é preciso muita atenção para flagrá-lo nesse movimento. Demônios também não sabem assoar o nariz, nem andar para trás. Outra característica é a impaciência. Eles têm sete vezes mais pressa do que os homens de realizar as coisas.

Essas indicações são úteis para identificá-los quando eles aparecem na forma de homem, mas há muitas outras que costumam assumir. Gostam de se disfarçar de lobo, por exemplo. De serpente, de bode. Dante, na *Divina Comédia*, descreveu-os com três caras, uma cor cambiante e seis asas dotadas de olhos — asas que vêem, e que eles agitam cons-

tantemente. A forma alada não é incomum em suas aparições. O rei francês Carlos, o Calvo (823-877), numa ocasião foi vítima de um ataque de demônios que vieram do céu, sob o aspecto de lagostas aladas. John Milton, autor do *Paraíso Perdido*, descreve seu Lúcifer como um modelo de beleza, o mais belo dos anjos. O segundo Concílio de Nicéia (787) revelou, como resultado de pacientes investigações, que a carne de Satanás é dura como pedra e mais fria que a neve. Sua força, inacreditável, é equivalente à soma da força de sete atletas excepcionais, e sua velocidade também não encontra parâmetro humano.

A quem quiser saber mais sobre o Diabo recomenda-se o livro de Cousté. Encontram-se ali essas e muitas outras informações. E, ao tomar conhecimento delas, acaba-se conhecendo também as diversas funções que o Demo desempenhou pelos séculos. Ele assustou e atazanou, mas também serviu para excitar a imaginação das pessoas, e inspirou imorredouras criações literárias. Pergunta-se: e hoje, para que serve o Diabo? Ou, por outra: quais são os papéis que, hoje em dia, ele desempenha?

Outra discussão antiga, de que nos dá conta o livro de Cousté, versa sobre quantos seriam os demônios. Segundo Wierius, notável demonologista alemão



(século XVI), autor de *Pandemonium e Da Impostura e Artíficos do Demônio*, só os príncipes infernais, sem contar portanto os demônios da plebe, seriam 6 666. Outro autor, Georg Bloveck, defendeu a tese de que cada pessoa tem o seu, como contrapartida e contrapeso ao anjo da guarda, de forma que seu





Michael Pacher: S. Wolfgang faz o Diabo segurar-lhe o missal (1483), Alte Pinakothek, Munique

Satanizador, Satanás o Desculpabilizador, Satanás o Marketeiro, Satanás o Magnífico e Satanás-Satanás.

Começando pelo menos nobre de seus papéis, o de Satanás o Marketeiro, trata-se de um personagem que serve para vender e fazer sensacionalismo. De igrejas pouco escrupulosas a grupos de rock, muitos se utilizam de sua imagem, para assustar ou chocar, ganhar adeptos ou mostrar-se diferentes. "O Demônio insere-se na competição religiosa", diz a professora de sociologia Maria das Dores Machado, da Universidade Rural do Rio de Janeiro. "Afinal, trata-se de um mercado, e sua figura é explorada para ganhar adeptos." Outra estudiosa do assunto, a antropóloga Eliane Gouveia, da PUC de São Paulo, observa que em muitos programas religiosos no rádio e na TV "o Demônio funciona como chamariz". Promete-se a cura dos males do telespectador ou ouvinte se ele aderir à igreja em questão, que lhe ensinará como combater o demônio que o atormenta.

O agente publicitário José Szekely, que vende programas evangélicos para televisão, confirma, em sua prática profissional, o que as professoras descrevem em teoria. "O Demônio é o principal instrumento de mídia para atrair fiéis", diz. A Rede Record de televisão, pertencente à Igreja Universal, transmite sete horas diárias de programas religiosos. Há programas similares nas redes CNT, Bandeirantes e Manchete, e em muitos deles o Demônio aparece com grande destaque. Diz Szekely que, quando se coloca o Diabo nesses programas, a audiência aumenta.

Em seu segundo papel, o de Satã o

Satanizador, o Diabo desempenha aquela mesma função identificada por Elaine Pagels desde os tempos do Novo Testamento: a de satanizar o inimigo. Quem não concorda comigo, quem está do outro lado, quem compete comigo — esse é Satã. Isso vale tanto no nível religioso quanto no secular — na política, por exemplo. Os marxistas povoaram o debate político deste século de uma mitologia segundo a qual o "burguês", o "capitalista", o "imperialista" e o "latifundiário" são agentes do Mal. Inversamente, o anticomunismo criou a cultura do comunista ateu, perverso, desrespeitador da família e comedor de crianças — mais uma vez, o agente do Mal.

Não há religião, aqui, mas uma linguagem religiosa, que ao fim e ao cabo chega ao mesmo lugar — a admissão da existência do Mal absoluto e, portanto, da existência de Satã. Escreve Elaine Pagels: "Muitas pessoas religiosas que não acreditam mais em Satanás, ao lado de incontáveis outras que não se identificam com nenhuma tradição religiosa, mesmo assim são influenciadas por esse legado cultural, em todos os casos em que identificam o conflito social e político como o de forças do Bem lutando contra forças do Mal deste mundo". Às vezes, a satanização do inimigo cobre o terreno religioso e político ao mesmo tempo. Quando os aiatolás do Irã invocam o Grande Satã para identificar os inimigos ocidentais, estão ao mesmo tempo tachando-os de ímpios seguidores de falsos profetas, porque alheios à mensagem de Maomé, e de brutamontes políticos.

No papel de Satanás o Desculpabilizador, o Diabo é útil sobretudo no plano psicológico. Sua função é descul-

Anônimo: A História de Antonio Giuseppe Rinaldeschi (1501), Museu Stibbert, Florença: o Demo apossa-se do pobre...



mero seria igual ao dos homens. Para os de nossa presente investigação, em vez de qual seria o papel do Diabo, identificamos cinco deles. Cinco demônios, correspondentes aos cinco papéis mais correntes nos dias atuais. Esses cinco poderiam ser chamados de Satanás o Marketeiro, Satanás o

o
e
r
o
o
i
o
)
,
-
é
s

-
e
)
,
-
a
A
>
é
s
a
l-
e
s-
o
la

)
,
a,
le
lo
i.
A
a,
lo
le
)
or
o

1?
io
á-
e
o
e-
m
o
is,
e:
o
m
de
da
os
do
■
iani
81



...homem e leva-o ao desatino de jogar excrementos no santo, pelo que é preso e condenado à morte

pabilizar o indivíduo. "O Demônio é um grande achado", diz o professor de história medieval Carlos Roberto Nogueira, da USP. "Serve para fazer acreditar que as vítimas dos infortúnios não são culpadas por eles, existe sempre um Mal por trás. Isso pode restaurar a dignidade do ser humano." O psicanalista Renato Mezan, um dos principais nomes da psicanálise no Brasil, descreve a possessão pelo Demônio, e o conseqüente exorcismo, tão comuns na televisão hoje quanto eram na Palestina do Novo Testamento, como um "mecanismo de projeção". "A pessoa quer expulsar de si", conta Mezan, "tudo o que considera perigoso e condenável. Atribui ao outro algo que está em suas atitudes, em seu inconsciente."

Aceitar a existência do Demônio também permite fazer o mal por interposta pessoa, o que é outra forma de desculpabilizar-se. Por exemplo, encomendando "macumbas", ou "trabalhos". No Brasil, a quimbanda, o lado sombrio da umbanda, cumpre esse papel, assim como o vodu no Haiti. Na quimbanda, pode-se espetar agulhas em bonecos, para prejudicar uma pessoa. Ou então colocar na boca de um sapo um papel com o nome do inimigo. Depois, costura-se a boca do sapo e, impedido de alimentar-se, ele morrerá, com o que se espera que a pessoa em questão igualmente morra. Também se pode amarrar um papel com o nome ou uma foto do inimigo na pata de um animal e quebrar-lhe a pata, na esperança de que o destinatário da maldição tenha igualmente a perna quebrada. Em todos os casos, não sou eu, não é uma pessoa, não é o agente do pedido que está praticando o mal. É um espírito

maligno, um Exu malvado, o Diabo. Eu não tenho culpa.

O pai-de-santo Marcos Leggbara, que dirige rituais de quimbanda, no terreiro Inzó de Samba de Amazi e Tateto Cambila Alandjei, no Rio de Janeiro, exhibe uma visão desmistificadora da questão: "Para mim, o Mal não existe. O que existe é a lei da sobrevivência. Nós é que somos os diabos, porque somos nós que pedimos a Exu para fazer o mal. A maldade está na cabeça de cada um. O que é mau para um é bom para outro. Mata-mos um animal para comer sua carne. Isso é bom para o animal?"



Os dois últimos papéis do Diabo entre os cinco enumerados, de Satanás o Magnífico e Satanás-Satanás, são os mais nobres. Satanás o Magnífico é um aliado dos homens contra um Criador injusto, insensível ou incompreensível. Trata-se, segundo escreve Cousté, de um "inimigo dos conceitos de culpa e expiação e, conseqüentemente, da moral derrotista e da submissão". O autor argentino tem uma nítida predileção por essa encarnação de Satanás. O Diabo e o homem seriam como irmãos, explica ele: "No começo dos tempos, o Diabo competiu com o homem pela primogenitura de o manifesto; vencidos e expulsos ambos da presença de Deus, por terem praticado o mesmo delito (haverem pretendido imitá-lo), a suspeita de que o próprio delito lhes tenha sido induzido por Aquele que os julgou e expul-

sou cria entre o Diabo e o homem algo mais do que uma relação de analogia: com o devir histórico, acabou por se tornar uma condenação e uma cumplicidade".

Isso, como diz o professor da USP Carlos Roberto Nogueira, "é conversa de gente letrada". Em todo caso, rende belas páginas. Escreveu o poeta alemão Schiller, no fim do século XVIII: "Não era um gênio extraordinário, aquele que ousou declarar guerra ao Onipotente? Satanás seria uma reprodução do mito de Prometeu, aquele que na mitologia grega roubou dos deuses o segredo do fogo: Satanás é quem induz o homem ao conhecimento, contra as determinações de Deus. É também quem ensina aos homens a liberdade, contra as recomendações de obediência e submissão pregadas por Deus e suas igrejas. Escreve Cousté: "Na grandiosa e, provavelmente, interminável luta da espécie pela conquista da liberdade, o homem intui que o Diabo é o seu antecessor, seu espelho, talvez mesmo seu cúmplice".

Esse Satanás transmissor do conhecimento, disposto a dar ao homem a chave do entendimento do universo, é o que firmou o famoso pacto com Fausto, personagem de várias peças literárias, inclusive o famoso drama de Goethe, obra-prima do escritor alemão, e, neste século, um romance de Thomas Mann. O Fausto personagem da literatura inspira-se num personagem de existência real, Johannes Faustus, de Heidelberg



SIGNIORMIO
GFSVCHRIS
TOABINISE
RICHORDIA
DELANIAMA
MIA

impiccato a le finestre del
para il di S. maria maddalena

A VII ORE
Potesstaeins

(1480-1540), que também se identificava como Magister Georgius Sabellicus Faustus Junior, e do qual nos dá boa notícia o livro de Cousté.

Fausto é um sábio típico do Renascimento, possuidor de sede insaciável de saber, e que para atingir esse objetivo, segundo a lenda que se criou em torno dele, lançou-se inclusive aos territórios perigosos da alquimia e da magia negra.



O pai-de-santo Marcos Leggbara, do Rio: "Nós é que somos o diabo"

VEJA, 31 DE JULHO, 1996

Fausto sabia a *Iliada* e a *Odisséia* de cor. Entre seus dons estariam o da ubiqüidade, o da invisibilidade, o da levitação e o da xenoglossia, que consiste na faculdade de falar línguas estrangeiras. Fausto e seu criado, Cristóvão Wagner, conseguiam as mais finas iguarias e as melhores roupas apenas chegando à janela aberta da casa. Isso durou enquanto durou o pacto: 24 anos. Aí veio o Diabo cobrar a sua parte — matou Fausto e levou-o consigo.

Que significa Fausto? Ele "não fundou, nem pretendeu fazê-lo, religião ou culto satânico algum", escreve Cousté. "Seu projeto é uma exasperação do indivíduo, uma suprema tensão entre o homem e seu destino." Essa tensão chega aos nossos tempos, observa Cousté, reelaborada, entre outros, pela filosofia existencialista e por Sigmund Freud. O autor argentino sintetiza assim essa reelaboração: "Em uma palavra, o mal é inevitável; o homem deve morrer; sua única pátria é a terra, e sua única possibilidade de transcendência é o conhecimento; o Diabo não existe porque Deus não existe: o homem está só. Eis o que o Diabo queria dizer desde o começo dos tempos".

Enfim, depois de Satanás o Magnífico, que "se non è vero...", quer dizer, se não é verdadeiro, é pelo menos uma bela fantasia, vem a última encarnação do Diabo nos nossos dias, a do Satanás-Satanás — que outro não é senão o Diabo propriamente dito, o Imperador das Trevas, o Rei do Mal. Trata-se do entendimento mais imediato que se tem

do Diabo, e o aparentemente mais óbvio — mas, na verdade, o mais complexo e problemático. Acreditar no Diabo, nesse sentido, é acreditar no Mal. E acreditar no Mal é acreditar no Bem. O mundo seria uma luta entre essas forças do Absoluto. Nós estaríamos no meio dela, sujeitos à sua força suprema, mas ao mesmo tempo, segundo o cristianismo, dotados de um livre-arbítrio que nos permite fazer opções... Bem, tudo isso é muito misterioso. Perguntemos aos especialistas: o Diabo existe?



Frei Boaventura Kloppenburg, bispo de Novo Hamburgo (RS), expoente da ala conservadora da Igreja Católica, responde: "A existência de tais seres (os demônios) é uma verdade de fé. Sai do ambiente dos ensinamentos bíblicos quem se recusa a reconhecer a existência dos anjos rebeldes. Que Deus permita essa atividade diabólica não deixa de ser um fato misterioso, mas faz parte de nossa condição humana, terrestre e peregrina, submetida a provações".

Frei Betto (Alberto Libânio Christo), expoente da ala esquerdista, ou socialista, da Igreja, responde: "O cristão não pode aceitar o dualismo que divide o mundo entre o Bem e o Mal. Deus não tem rival. Aceitar isso é negar sua divindade. A figura do Diabo é uma figura literária, utilizada para personificar a existência do Mal". Previsivelmente, frei Betto defende que o Mal está nos "pecados estruturais", os "pecados do sistema", como, por exemplo, "o colonialismo, a pobreza, o massacre de índios".

Se não fosse o Mal, que seria do Bem? Como identificar o lado bom, se não existisse um lado mau onde confrontá-lo? Se Deus é Bondade, Retidão e Justiça, e pode tudo, por que permite o Mal? Acreditar no Demônio não é acreditar numa força igual à de Deus, em sentido contrário? É possível revogar o Diabo sem revogar Deus? Perguntas, perguntas... Quem tem fé não responde: acredita. Quem não tem, ou não tem o suficiente, vai, vem, vaga e volta sem resposta. Diante do Diabo no papel de Satanás-Satanás, viramos joguetes da dialética do Absoluto, onde os caminhos levam às portas da presunção, quando muito, nunca da certeza. ■

Entrevistas e reportagens: Morris Kachani

81

Só levei 100 000

O pastor explica por que está deixando a Igreja do bispo Edir Macedo e diz que se sente injustiçado

Eduardo Oinegue

A Igreja Universal do Reino de Deus já sofreu várias baixas. Agora perdeu um peso pesado, o pastor Ronaldo Didini. Aos 39 anos, ele ganhou fama com um programa de entrevistas na Rede Record, o 25ª Hora. E começou a perder poder depois de apoiar o bispo Sergio von Hede, aquele que chutou a imagem de Nossa Senhora Aparecida. Seu fim começou quando apoiou Celso Pitta na corrida para a prefeitura de São Paulo, contrariando a orientação da Universal, que era favorável ao tucano José Serra.

Do bispo Edir Macedo, Didini diz guardar boas recordações. Mas detona um dos deputados federais da Universal, Wagner Salustiano, que considera indigno dos votos que angariou na Igreja. Didini diz não ter planos de abrir seita própria. Promete montar uma entidade para cuidar de menores de rua, considera as ofertas que recebeu para sair candidato a deputado federal no ano que vem e deve estreitar um programa de televisão nos moldes do 25ª Hora. Está negociando com duas emissoras e tem patrocinadores em vista.

Veja — Por que o senhor está deixando a Igreja Universal?

Didini — Depois de doze anos na Universal, resolvi seguir meu próprio caminho. Dentro da Igreja, eu vivia debaixo de um sistema que me impedia de ter uma visão crítica do que estava ao meu redor. A Universal cumpre um papel social da maior importância, que é integrar pessoas desajustadas. Estou falando daquela gente sofrida que corre para a



“Dizem que eu merecia receber 3 milhões de reais”

Igreja desesperada, é acolhida por um obreiro, escuta o sermão de um pastor e vai para casa melhor do que quando entrou. Mas algumas coisas lá dentro estão erradas e precisam ser consertadas.

Veja — O que está errado?

Didini — A Igreja tem de deixar de querer ser dona da verdade absoluta. É preciso parar de achar que sua orientação teológica é a única correta, lógica e consistente que existe. Além de se julgar única em tudo, a Universal impede que seus dirigentes mais expressivos façam críticas, o que está errado, porque ninguém ganha com isso. Respeito muito o bispo Edir Macedo, aprendi a admirá-lo e não tenho planos de cuspir no prato em que comi, mas ele está cometendo um erro estratégico. Nenhum general pode apenas conquistar. Tem de consolidar. Como a Universal cresce rápido demais, seu tamanho começa a ser seu principal inimigo. Ela precisa formar pastores e bispos em alta velocidade para acompanhar esse crescimento, e é obrigada a colocar algumas pessoas despreparadas

em posição de destaque. Ao crescer, a Universal atrai trigo. E joio.

Veja — Quem é joio lá dentro?

Didini — Na parte política, temos deputados federais que honram seu mandato, como Paulo de Velasco (Prona-SP) e Luiz Moreira (PFL-BA). Esses são trigo da melhor qualidade. Em contrapartida, tem um parlamentar que foi eleito com voto da Igreja Universal, chamado Wagner Amaral Salustiano (PPB-SP), que é traidor e desonesto. Traidor porque seu partido tinha candidato à prefeitura de São Paulo, Celso Pitta, mas ele apoiou José Serra, do PSDB. E desonesto porque, perto dele, o deputado Chicão Brigido (PMDB-AC) e Ronivon Santiago, já afastado, são freiras. No Congresso Nacional, é o típico parlamentar que primeiro pergunta quanto é para depois votar. Antes de ser deputado, não tinha nem crédito na praça, e, na semana retrasada, fui informado de que comprou um apartamento de 750 000 reais. Para não se sujar, ele coloca os bens em nome de assessor, de irmão. Seu primeiro objetivo

na vida é o dinheiro, o segundo é o dinheiro, o terceiro é o dinheiro. Se sobrar algum, ele pede troca. Sua ficha corrida, referente ao período anterior ao mandato, tem mais de 2 metros e é um assombro. Foi processado por estelionato, falsidade ideológica, duplicata simulada, crime continuado e lesão corporal. O que me deixa furioso é que esse sujeito foi eleito com a minha ajuda.

Veja — E por que o senhor o apoiou?

Didini — Recebi determinação da direção da Igreja para fazer sua campanha quando faltavam trinta dias para a eleição de 1994. A minha função, na época, era elegê-lo deputado federal. Como seu nome já havia sido aprovado pelo conselho dos bispos, a instância máxima da Universal, não cabia a mim fazer juízo de valores. Pelo seu comportamento na época, hoje vejo que ele era o típico lobo em pele de cordeiro. Tratava pastores e bispos com frases como "Sim, senhor" e "Eu amo Jesus", e logo conquistou simpatia. Depois da campanha pesada que fizemos entre os fiéis, ele acabou sendo eleito. Foi o último colocado pelo PPB, com cerca de 59 000 votos, mas está lá. Hoje me sinto literalmente estuprado em saber que o homem tomou posse e virou um marginal.

Veja — Qual é a estratégia da Universal para garantir uma eleição?

Didini — Embora os fiéis da Universal sejam muito unidos e devotados, ninguém pode exatamente garantir uma eleição. Mas conseguimos algo muito próximo disso. No caso do deputado Wagner Salustiano, eu o levava para o altar durante o culto e o apresentava como um dos homens que a Igreja Universal escolheu para nos representar em Brasília. Aí perguntava alguma coisa assim: "Quem, voluntariamente, gostaria de conseguir votos em nome de nossa causa?". Uma centena de pessoas se aproximava do altar a cada culto e eu orava por elas. Em seguida, pedia que trouxessem uma lista com dez outros nomes de pessoas que votariam no candidato. Ao lado do nome, deveriam escrever o número do título de eleitor dessas pessoas. Prometia que oraria também por elas. Recebi milhares desses papéis.

Veja — O senhor vai ser candidato nas próximas eleições?

Didini — Tenho recebido muita pressão para me lançar candidato, mas sinto que minha vocação é tocar uma obra social.

Veja — Vai abrir uma Igreja?

Didini — Não. Igreja não é comércio, em que se coloca um produto à venda.

"O deputado Salustiano é parlamentar que primeiro pergunta quanto é para depois votar. Antes de ser deputado, não tinha crédito. Agora, soube que comprou um apartamento de 750 000 reais"

É algo muito mais sério, e não me sinto em condições de ser responsável por um rebanho na presença de Deus. Muitos dos que saíram da Universal fundaram sua própria Igreja, mas não farei isso. Resolvi montar a Liga da Fraternidade, uma entidade supra-religiosa. Meu lema agora é "Caridade não tem religião". Vou criar um centro de recuperação de meninos de rua, arrumar o melhor médico, o melhor psicólogo, o melhor dentista. Outra equipe vai trabalhar também na recuperação da família desses menores, para que depois possamos promover a reintegração. Esse trabalho não tem fins lucrativos.

Veja — Sua família vai viver de brisa?

Didini — Estou negociando com duas emissoras de televisão a criação de um programa de entrevistas nos moldes do *25ª Hora*, que fazia na Record. Como estarei sem a capa da Universal por trás, poderei chamar todas as tendências religiosas e discutir os assuntos abertamente. Esse programa vai produzir o meu sustento.

Veja — O senhor ganhou muito dinheiro na Universal?

Didini — Tudo que tenho é um carro, um Peugeot 306, pelo qual dei 4 800 reais de entrada e pago prestações de 1 200 por mês. Nada além disso. Saí da Igreja do jeito que entrei, sem nada. Enquanto estive no Brasil, ganhava 6 000 reais de salário por mês, com direito a carro e casa. Nesse último ano, que passei na África, ganhei 1 000 dólares de salário. O relógio que tenho, um Omega, ganhei do bispo Edir Macedo. Quando decidi sair, ele estava na África e nós conversamos sobre a minha saída. O bispo Macedo concordou que eu seguisse meu caminho, avisou que a porta estaria sempre aberta e disse: "Vou dar um start para você começar sua vida". Não tive coragem de falar em valores, mas achava que me dariam uma casa mobiliada, pelo menos. Desembarquei no Brasil com minha mulher e meus filhos, trazia 34 malas e uma esperança no coração. Aí me deram 100 000 reais e um aperto de mão.

Veja — O que seria certo receber?

Didini — Da Igreja não quero nada, já que entrei ali para ser ajudado e, se saio, tenho de ser coerente. Esse dinheiro vem de pessoas que muitas vezes deixam de comer para dar o seu dízimo. Se eu quisesse ganhar mais, receberia um dinheiro maldito. Mas, em relação ao trabalho executivo que desempenhei na estrutura empresarial da Igreja, acho que deveria ter sido indenizado. Tenho amigos que falam que, se eu entrasse na Justiça, teria direito a algo como 3 milhões de reais. Administrei rádio em Goiânia, onde também instalei a TV Record, gerenciei a rádio São Paulo, na capital paulista, fui diretor executivo da Rede Record e ancorei durante três anos o programa *25ª Hora*, de 1992 até...

Veja — ...até o chute na santa.

Didini — Isso mesmo. Como saí em defesa do bispo Sergio von Helde, que chutou a santa no dia 12 de outubro de 1995, data da padroeira para os católicos, acabei pagando um alto preço. Mas aquele episódio envolve uma grande injustiça. A Rede Globo de Televisão colocou no ar uma minissérie intitulada *Decadência*, em que o personagem interpretado pelo ator

Edson Celulari, que representava um "pastor", jogava um sutiã sobre uma Bíblia. Era uma agressão tão forte aos evangélicos, que Von Helde perdeu a cabeça e chutou a santa diante das câmaras de TV. No programa do dia seguinte, eu disse que não concordava com a atitude do bispo Von Helde, mas que era solidário com ele, como amigo. Foi uma confusão, e o clima ferveu porque eu era tido como uma espécie de porta-voz da Universal. Teve jornal estampando manchete dizendo "Porta-voz da Universal diz que até chutaria santa". Numa reunião do conselho de bispos feita na Argentina, fui informado de que eu deveria largar o programa e que o Zimbábue seria o melhor lugar para mim.

Veja — Não poderiam tê-lo mandado para os Estados Unidos ou Inglaterra?

Didini — Acho que sim, mas queria que eu fizesse um retiro espiritual e entendeu-se que a África seria um bom lugar para isso. Acabei ficando pouco tempo porque, em dezembro, estourou outro escândalo, o do vídeo passado à Rede Globo pelo pastor Carlos Magno de Miranda, que deixou a Universal para montar sua própria Igreja. As imagens mostram integrantes da cúpula da Igreja em reuniões íntimas, querendo passar a impressão de que eram patifes. Fui chamado de volta ao Brasil, para reassumir o comando do programa de TV. Como o sujeito falava mal da Igreja com a ajuda da Globo, ganhou crédito. Mas ninguém foi checar. Ele é que era um grande bandido, que foi afastado da Universal por roubo.

Veja — Como ele roubava a Igreja?

Didini — Em 1990, eu estava em Goiás e era responsável pela Igreja em alguns Estados do Centro-Oeste. O bispo Edir Macedo me chamou para, juntamente com o bispo Carlos Rodrigues, coordenador político da Universal, viajarmos para o Ceará porque esse tal de Carlos Magno estava se comportando de modo estranho. Chegamos lá e descobrimos que o pastor estava tomando o dinheiro das ofertas dos fiéis. Ele ficava até com moedas e vinha fazendo isso havia uns dois anos. Chegou ao cúmulo de comprar um carro pela Igreja e colocar em seu nome. Era um gangster que resolveu

fazer denúncias depois de ser pego com a mão na massa.

Veja — Por que o senhor foi parar na África pela segunda vez?

Didini — O que provocou minha segunda viagem foi a eleição municipal, em

"Depois do chute na santa, como saí em defesa de Von Helde, o conselho de bispos fez uma reunião na Argentina e fui informado de que eu deveria largar o programa e que o Zimbábue seria o melhor lugar para mim"

São Paulo. A Universal tinha interesses na área federal. Queria a concessão de emissoras de UHF para a Rede Record. Para não correr risco de retaliação, achou-se por bem apoiar o senador tucano José Serra, candidato a prefeito de São Paulo. Essa decisão foi tomada depois que eu já tinha dado meu apoio público a Celso Pitta, com o respaldo da liderança da Igreja. Para tentar fazer com que eu mudasse de idéia, a direção da Universal convocou uma reunião para me informar de que a ordem era apoiá-lo. Como eu já estava com Pitta, senti-me na obrigação de recusar a instrução, e escrevi uma carta pedindo minha transferência para o exterior. Fui novamente mandado para a África, dessa vez para a África do Sul, onde fiquei cinco meses. Da primeira vez que estive na África, a Igreja podia dizer que estava me preservando. Dessa segunda vez, não. Eu era um exilado.

Veja — Qual era o problema de seguir a instrução da Igreja e apoiar Serra?

Didini — Durante a campanha dele para

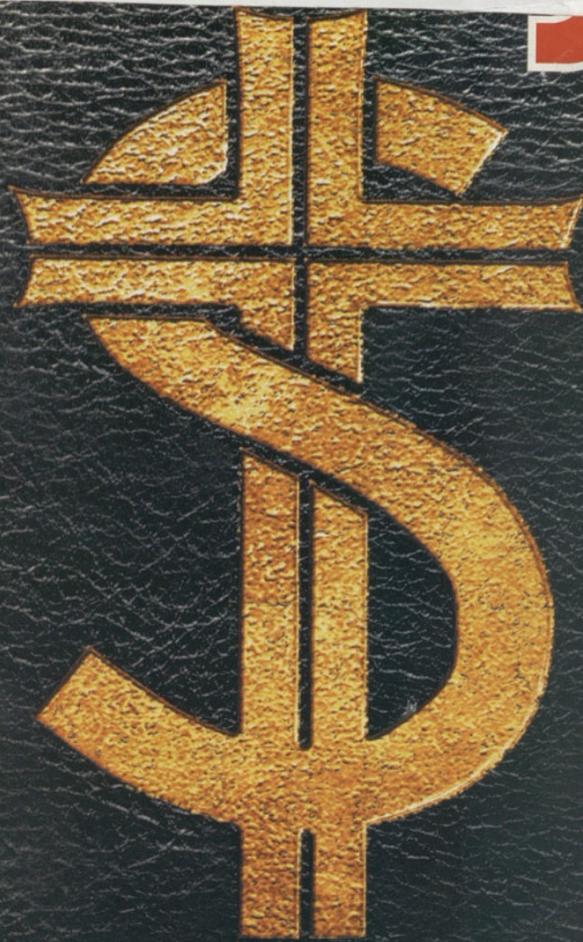
o Senado, fiquei ao seu lado o tempo todo, tenho certeza de que fui importante para a sua eleição. Depois que ele se elegeu, não me telefonou. E, nos momentos em que a Universal esteve sob forte tiroteio, não se manifestou. Além disso, sempre admirei Paulo Maluf.

Veja — Como foi viver na África?

Didini — Passei dez meses lá, os cinco primeiros na África do Sul, outros cinco viajando pelo continente. Conheci a miséria absoluta. Em Moçambique, tinha até vergonha de entrar no hotel quatro-estrelas onde estava hospedado, porque havia uma fila interminável de crianças pobres espalhadas na calçada. A pobreza africana se traduz nos resultados da Universal. Nos treze países em que está instalada, dá prejuízo em onze. Em Gana, o pastor só consegue arrecadar 2 000 dólares por mês nos cultos. A África do Sul, que fazia 900 000 dólares por ano, bancava todas as despesas. Para se ter uma idéia, eu cheguei a emprestar 4 000 dólares para a obra. Todos os pastores deveriam ter uma experiência dessas, como forma de manter a chama acesa.

Veja — Os pastores da Universal são bem formados?

Didini — A Igreja recebe em seus cultos marginais, prostitutas e todo tipo de desajustados. Eu, por exemplo, era um alcoólatra. Tomava uma garrafa de uísque a cada dia e meio. Também estava viciado em drogas. Injetava Fenergan e Haldol na veia. Como era tenente do Exército, cheguei a ficar internado no Hospital Central do Exército, no Rio de Janeiro, numa ala destinada a pacientes irrecuperáveis. Andava de um lado para outro em estado catatônico. Quando fui levado para a Universal, recebi um tratamento de alta qualidade. Ninguém me perguntou de onde vim, o que fazia. Fui recebido por um obreiro bem preparado, conheci uma obreira, com quem me casei, e jamais voltei ao vício. Hoje, como os pastores estão sendo formados às pressas para dar conta do alto número de fiéis, será que as pessoas com problemas como os que eu tinha estão recebendo o mesmo tipo de tratamento? Acho que não. A Universal tem de ficar de olho nisso. ■



EVANGÉLICOS

Como a religião está ajudando pessoas humildes a conquistar o reino da terra



Dustin Hoffman, Costa-Gavras, Goldie Hawn e John Travolta: protesto com ar de golpe publicitário

Religião

Surto esotérico

Cientologia, seita dos “escolhidos”, acusa chanceler alemão de “perseguições nazistas”

Ernesto Bernardes

O chanceler alemão Helmut Kohl e um grupo de 34 personalidades do mundo artístico engalfinharam-se na semana passada em uma bronca de xingações que pode ser resumida em uma frase: “Nazista é a mãe”. Em anúncio de uma página publicado no jornal *International Herald Tribune*, os signatários acusaram o governo alemão de perseguir os adeptos da Igreja da Cientologia, uma seita com sede em Hollywood, da mesma forma que Hitler perseguia os judeus. O tempo fechou. Primeiro, porque nada irrita mais um alemão que ser chamado de nazista. Depois, porque a bronca dos alemães com a cientologia vem justamente da suspeita de que a religião tenha um pezinho no coturno do fascismo.

A cientologia é uma seita esotérica que mistura técnicas de auto-ajuda com a tese de que um grupo de “escolhidos” guiará o mundo. Diferentemente do nazismo, aqui a superioridade não é determinada pela

raça, mas pela evolução espiritual. Para evoluir, basta passar por uma série de rituais de purificação e — adivinhe só — morrer com uma grana. Atores como John Travolta, Tom Cruise, Goldie Hawn e Nicole Kidman estão entre os “escolhidos”. Mas o céu não é para todos. Em 1988, em Lyon, na França, um fiel suicidou-se porque não tinha 6 000 dólares para pagar um dos rituais.

A seita encontrou seus piores inimigos na Alemanha, onde a Constituição dá poderes especiais ao governo para investigar organizações extremistas, como forma de evitar o ressurgimento do nazismo. Em janei-

ro de 1996, a cientologia entrou na mira. Diferentemente das religiões tradicionais, que divulgam seus ensinamentos gratuitamente, a cientologia considera seus escritos secretos e cobra direitos autorais pelo seu uso. Assim, o governo alemão passou a considerar a cientologia como uma empresa qualquer, sujeita a pagar imposto de renda.

Campanha — O governo da Baviera, no entanto, abusou, obrigando os candidatos a empregos públicos a preencher questionários respondendo se eram filiados à seita. Cientólogos dizem que seus filhos foram recusados em creches públicas — o que o governo nega. Mas a ação dos próprios cientólogos contra seus adversários também é suspeita. Em todo o mundo, eles perseguem os inimigos com processos e combatem a publicação de livros que os denunciem.

A carta aberta da seita, na semana passada, surpreendeu não pela adesão de cabeças-de-vento, como Travolta, mas de nomes de peso, como o escritor Gore Vidal e o cineasta Costa-Gavras. O jornal francês *Le Monde* chegou a insinuar que alguns signatários, como Costa-Gavras, Dustin Hoffman e o produtor Arnold Kopelson, estariam fazendo um golpe publicitário para promover o filme *Mad City*, no qual trabalham. E a comunidade judaica enfureceu-se, lembrando que existe uma razoável diferença entre enviar marmanjos para a fila do imposto de renda e mandar crianças para a câmara de gás. ■



Nicole Kidman e Tom Cruise: seres superiores



Culto da Comunhão Cristã nos Jardins: telão e mesa de som

tro anos, a igreja Comunhão Cristã nos Jardins começou como um templo pequenino na casa do engenheiro eletrônico Arles Marques, passou por dois bairros de classe média e, há dois anos, instalou-se nas proximidades da Avenida Paulista, vizinha a bancos e empresas multinacionais. "O público procura uma igreja mais adequada ao seu perfil", diz o pastor engenheiro. O prédio dessas igrejas não guarda semelhança com aqueles galpões com telhado de amianto, quentes como o inferno, ou os cinemas e teatros transformados em templos sem nenhuma reforma. As novas construções contam com cadeiras estofadas, mesas de luz e sistema de áudio e vídeo com telão. A Comunhão Cristã nos Jardins, por exemplo, tem estacionamento próprio, berçário, fraldário e até monitores para olhar a criançada. "O grande sucesso dos pentecostais foi saber falar a língua do pobre", diz o teólogo Ricardo Mariano, um especialista no assunto. "Agora, eles descobriram uma forma de falar a língua dos ricos."

Religião

A vez dos ricos

As igrejas pentecostais mudam o discurso para fisgar fiéis das classes A e B

Valéria França

Depois de crescer para os lados, atingindo 32 milhões de fiéis, e para baixo, chegando a ter 95% de seu rebanho nas classes C, D e E, as igrejas evangélicas resolveram subir, indo atrás dos caixa-altas. O alvo, agora, são as classes A e B. Há dois anos, o publicitário Juanribe Paglarin largou o emprego e uma renda mensal de 10 000 reais para abrir a igreja Paz e Vida. Convenceu os três irmãos a fazer o mesmo. Dois deles abandonaram cargos de chefia em multinacionais. Rodney deixou para trás quinze anos de Mercedes-Benz e Misael pediu demissão da Aços Villares. Já o caçula Hideraldo fechou a própria empresa. Resultado: em dois anos fundaram 24 igrejas pelo Brasil — um ritmo frenético de um templo a cada mês. Suas igrejas são acarpetadas, boa parte delas tem ar-condicionado e, segundo cálculo dos Paglarin, mais da metade dos fiéis per-

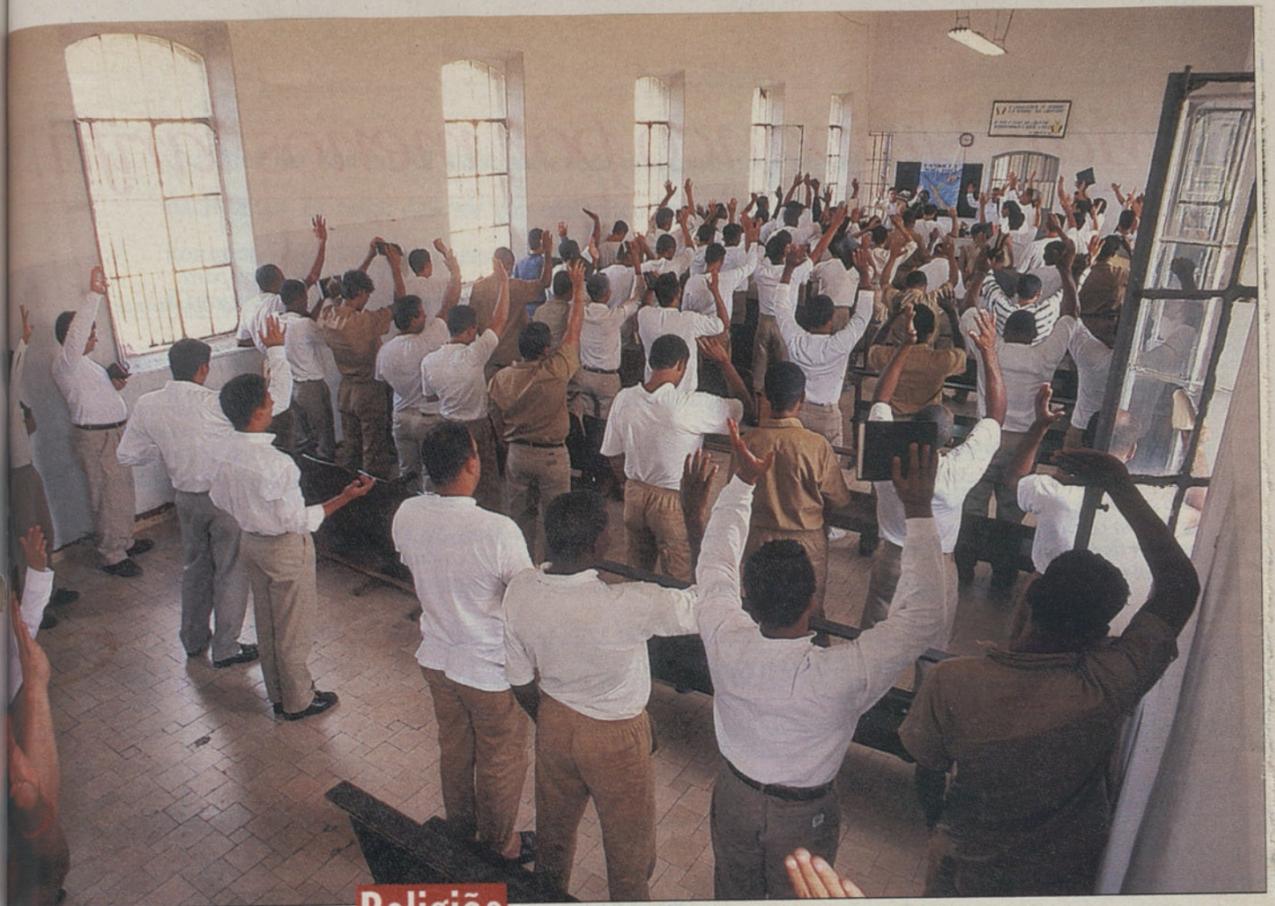
tencem às classes A e B. No mês passado, arrendaram a programação completa de uma rádio paulista e também transmitem programas cristãos em outras emissoras. "Estamos crescendo em alta velocidade", diz Juanribe.

Nos últimos anos, os bairros elegantes das grandes cidades passaram a sediar igrejas pentecostais, como a Paz e Vida. Fundada em São Paulo há qua-

"Pirada" — A mudança no visual é acompanhada por uma nova maneira de pregar a fé. O culto ficou mais contido e menos teatral. Não há espetáculos de exorcismo, com desmaios seguidos de convulsões e muita gritaria. Apesar de o Diabo continuar a ser apontado como o pai de todas as fatalidades, ele passou a ter uma presença mais discreta do que normalmente se vê nos cultos de periferia. O sermão parece mais uma aula de auto-ajuda de Lair Ribeiro. Com visual mais atraente e discurso diferente, as novas pentecostais conseguem driblar o preconceito da classe média. No Rio de Janeiro, a jovem Andréa Coelho Rocha, de 31 anos, abandonou a carreira de professora de inglês para tornar-se compositora de músicas evangélicas. "No início as pessoas se afastaram de mim, acharam que eu estava pirada", diz Andréa. "Logo, descobri que Jesus é um gentleman."



Os irmãos Paglarin: homens de negócio que já abriram 24 templos



Religião

Busca aos presos

Evangélicos conquistam fiéis nos presídios e provocam a reação da Igreja Católica

Daniel Nunes Gonçalves e Roberta Paixão

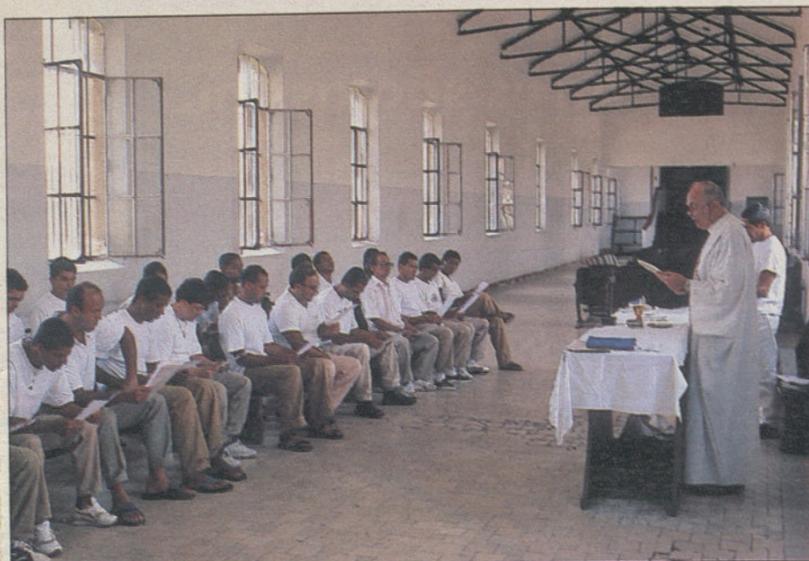
Na briga pelos fiéis, católicos e evangélicos usam todas as armas disponíveis. Como forma de aumentar o rebanho, defendem sua fé por meio de jornais, rádio, televisão e templos. De um tempo para cá, contudo, padres e pastores resolveram fazer um corpo-a-corpo no reino do pecado — e foram laçar fiéis nos presídios brasileiros, onde há 150 000 pessoas cumprindo pena, todas potencialmente conversíveis. O primeiro ataque concentrado partiu dos evangélicos, e surtiu efeito. Um exemplo: todo fim de semana, chova ou faça sol, 175 missionários se revezam para pregar na Penitenciária do Estado de São Paulo,

um dos cinco presídios que formam o Complexo do Carandiru, na capital paulista. A cena se repete em boa parte das prisões do país. O resultado é que 65% das atividades religiosas nos presídios são coordenadas pelas igrejas evangélicas.

O movimento é tão significativo que a Igreja Católica resolveu mexer-se. No final de fevereiro, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, anunciou que o tema da Campanha da Fraternidade de 1997 será “Os encarcerados”. É uma tentativa de reforçar a pastoral carcerária, que existe há treze anos mas nunca teve apoio verdadeiro dentro da Igreja. “A Igreja Católica e as evangélicas vivem há tempo sob um clima de competição”, afirma o sociólogo Flávio Pierucci, da Universidade de São

Paulo, que estuda a distribuição das religiões no Brasil desde 1971. “Os presídios são o lugar em que isso está mais evidente no momento.”

Como presos religiosos são, em geral, mais bem-comportados do que os demais e dificilmente participam de motins, a disputa pelos fiéis é bem-vista pelos diretores de penitenciárias. O Presídio da Papuda, em Brasília, no qual 85% dos detentos são convertidos, não registra rebeliões há onze anos. “Mesmo com superlotação, conseguimos manter a disciplina”, orgulha-se o diretor-geral do presídio, Francisco Antônio da Silva. Na prisão, os evangélicos também costumam manter-se à margem das disputas entre gangues rivais. “Durante as rebeliões, fazemos o papel de negociadores. Todos nos respeitam”, explica o pastor Antonio Ramos Neto, que trabalha no Carandiru. Diplomacia e dinheiro ajudam a manter a paz, e isso é muito bom. Mas quem costuma ganhar com a religião são os próprios detentos. Depois de receber a liberdade condicional por bom comportamento — e a frequência aos cultos conta pontos para isso —, muitos seguem carreira dentro das próprias igrejas. “Pastor é



Culto da Assembléia de Deus e missa católica na Penitenciária do Estado, em São Paulo: os pastores evangélicos são muito mais presentes que os padres

um dos poucos empregos que alguém pode conseguir depois de passar por uma cadeia", resume o missionário José Menino de Toledo, em liberdade condicional desde o ano passado depois de cumprir pena de 25 anos por roubo e homicídio. Nos outros setores, uma loja, um banco ou uma fábrica, as pessoas não gostam de dar emprego a quem esteve preso.

Quinhentos reais — Os presídios são o inferno na Terra. Segundo o censo penitenciário, 80% dos detentos estão contaminados pelo bacilo da tuberculose. Um em cada seis é portador do vírus da Aids. Muitos condenados, por falta de assistência jurídica, continuam presos mesmo depois de cumprir sua pena. Num ambiente assim, "aceitar Jesus" pode também ser a única maneira de, mais do que garantir o futuro, tornar o presente mais suportável, conservar a sanidade mental e, em alguns casos, manter-se vivo. Converter-se pode ser uma maneira de olhar além de tanto sofrimento, unindo-se a um grupo que oferece proteção e certo conforto. Os pastores que freqüentam o presídio Hélio Gomes, no Rio de Janeiro, conseguiram com a dire-

Cesar'El, ex-líder do Comando Vermelho, transformado em pastor evangélico: ídolo dos presídios



CLAUDIA SANS

José Carlos Gregório, o "Gordo", líder do Comando Vermelho, famoso por ter seqüestrado um helicóptero com o qual tirou o traficante "Escadinha" do pátio de uma penitenciária. Para visitar os 41 presídios do Estado de São Paulo, a pastoral carcerária conta com meia dúzia de padres e pouco mais de quarenta voluntários. É bem menos do que a Igreja Universal do Reino de Deus, que arregimentou 120 voluntários para visitar dezoito presídios. "A pastoral tem poucos voluntários porque os fiéis católicos querem mais é que os presos morram", critica Roberto Francisco Reardow, o padre "Chico", coordenador da pastoral.

Além de mais numerosa, a pregação dos pentecostais é mais permanente. Em São Paulo, o pastor Luiz Rodrigues da Silva, da Igreja Universal, entra nas cadeias todos os dias por meio de um programa de rádio chamado *Momento do Presidiário*. Para pregar, muitas vezes os evangélicos concordam em negociar nos termos do lugar. Na Casa de Detenção, em São Paulo, as igrejas pagam gorjetas aos presos influentes em troca do aluguel de espaços para montar templos improvisados. Uma cela para três pessoas sai por 500 reais. Há sinais de que vale a pena. Veja-se o caso de Alexandre Santamaria Mendes, 26 anos, interno da Penitenciária do Estado de São Paulo. Há três anos, ele foi preso por participar do seqüestro e assassinato do empresário Aparício Basílio da Silva, dono da fábrica de perfumes Rastro. Hoje, cumprindo pena de 28 anos, Mendes é o protótipo do preso bem-comportado. "Você quer aceitar Jesus?", pergunta ele com voz mansa.

O caso do pastor Cesar'El, da Assembléia de Deus, é ainda mais espantoso. Antigamente conhecido como "Eduardo Capeta", o ex-comandante das bocas-de-fumo do Morro do Andaraí, no Rio, converteu-se há três anos por insistência da mãe e tornou-se um ídolo musical. Cesar'El gravou no ano passado um disco com versões evangélicas de raps, incluindo aquele que diz *Eu só quero é ser feliz/ Andar tranquilamente na favela onde eu nasci*. O refrão mudou para *Você pode ser feliz/ Aceite Jesus, que na cruz morreu por ti*. O disco é sucesso atrás das grades.

veja 19 de março, 1997 53



Esoterismo

Pobre Nostradamus

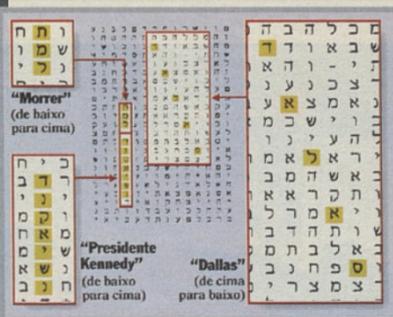
Autor americano fatura alto com hipótese de profecias bíblicas rastreadas por computador

Glenda Mezarobba

Sai Nostradamus, entra Deus. Por que não ir direto à fonte para faturar alto no mercado de profecias? Foi o que fez o jornalista americano Michael Drosnin, autor do livro *The Bible Code* (O código da Bíblia). Depois de vasculhar, com a ajuda de um computador, os capítulos em hebraico antigo da *Torá*, que corresponde aos cinco primeiros livros do Antigo Testamento, ele concluiu que esse trecho da Bíblia esconde referências a fatos que ocorreriam dali a milhares de anos. Ou seja, além de lei divina, fonte de ensinamentos morais e registro mítico do povo judeu, a *Torá* seria a versão escrita do plano de Deus para os homens.

Como naquele passatempo chamado caça-palavras, Drosnin buscou nomes e substantivos em todos os sentidos dos cinco livros bíblicos, inclusive encontrou mimetizadas entre os caracteres hebraicos as palavras "Hitler", "nazista" e "massacre". Deus também toma partido na descoberta do "avião", palavra que viria acompanhada de "irmãos Wright" — pobre Santos Dumont! Como os americanos obviamente são o povo eleito, as referências bí-

44 11 de junho, 1997 veja

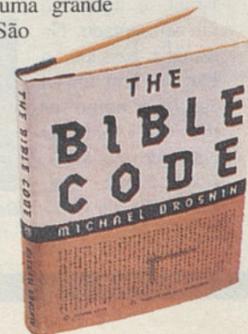


Jacqueline chora a morte de Kennedy: o assassinato do presidente em 1963 estaria previsto no Gênesis

los israelenses e pelo autor de *The Bible Code*. Em menos de três minutos, Fridlin achou o nome da revista.

Para promover sua cascata bíblico-cibernética, Drosnin trombeteou que, um ano antes de o primeiro-ministro Yitzhak Rabin ser morto, ele foi avisado do atentado que sofreria. Em meio à sua pesquisa criptográfica, o jornalista encontrou o nome do político israelense na Bíblia próximo da frase "o assassino assassinará". Não, ele não achou o nome do autor dos disparos nem o local e a hora em que Rabin seria executado ou o motivo da divina redundância. "O código da Bíblia não é uma bola de cristal", justifica Drosnin. "Ele só apresenta uma série de possibilidades históricas." Entre essas possibilidades, talvez se possa incluir a venda dos direitos de filmagem do livro à Warner Brothers. Segundo Drosnin, o roteiro de *The Bible Code* será uma mistura de *Os Caçadores da Arca Perdida* com *Todos os Homens do Presidente*.

A exploração comercial da *Torá*, que condensa os princípios do judaísmo, está sendo mal digerida nos meios religiosos. "Esse livro foge ao sentido original da Bíblia, que se opõe aos exercícios de futurologia", critica Nilton Bonder, rabino da Congregação Judaica do Brasil. Mas nada que deva tirar o sono do autor. Afinal de contas, ele usou a *Torá* e não o *Alcorão*. Por muito menos, Salman Rushdie... Será que Drosnin arriscaria uma profecia sobre o destino do escritor jurado de morte pelos fundamentalistas muçulmanos? ■



Especial

SOLDADOS DA FÉ E

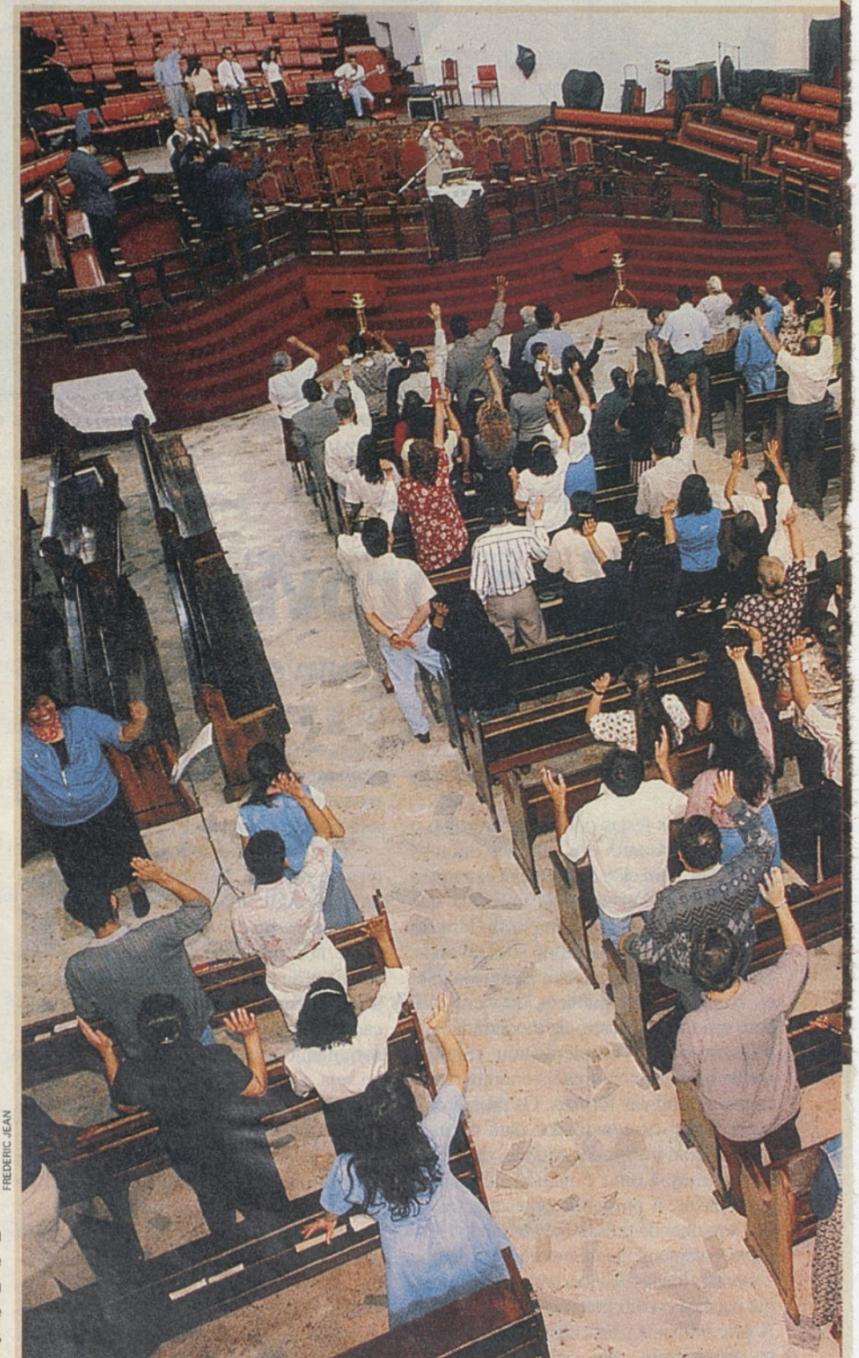
As igrejas evangélicas crescem com a promessa do paraíso na terra

Andréa Barros e Laura Capriglione

Desde a década de 80, cientistas políticos, antropólogos e sociólogos, sem contar padres e freiras, tentam entender um mistério digno das melhores elucubrações de teólogos católicos, de Santo Agostinho a Hans Kung: a conversão pacífica de 8 milhões de brasileiros às mais de 100 denominações evangélicas que existem no país. É um crescimento da ordem de 100%. No mesmo período, a população brasileira aumentou 31%, o que significa que os evangélicos se multiplicaram a uma taxa três vezes maior que a do país. Eles formam hoje um rebanho de 16 milhões de fiéis. Um rebanho ordeiro, trabalhador, que vem galgando a pirâmide social com velocidade assombrosa. O maior país católico agora é também o terceiro maior do mundo em número de protestantes. É um fenômeno que se assemelha aos épicos bíblico-hollywoodianos: milhões de figurantes, novos apóstolos, canastrões, parábolas de sofrimentos abissais antes da conversão; glórias e prazeres indizíveis depois.

Esse processo de conquista de almas já foi interpretado como puro fanatismo, exploração de gente humilde por esperanças, desqualificado por boçal e vítima dos preconceitos mais pitorescos. Na versão mais sofisticada, a crítica atribuiu aos novos fiéis a pecha de fundamentalistas. Nada mais errado. Tantas almas foram ganhas para o "Deus vivo" — promessa sempre aos gritos pelos evangélicos neopentecostais

"Onde tem Coca-Cola e Correios tem Assembléia de Deus": cultos em todo canto



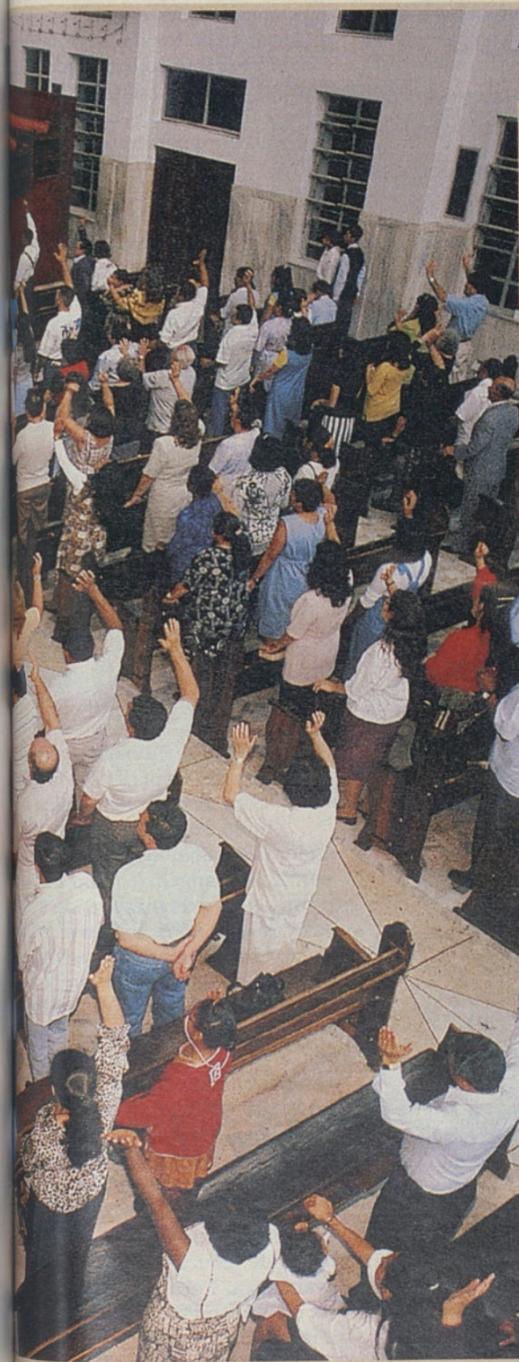
FREDERIC JEAN

Wie die Autoren und Autorinnen der Schrift außer Betracht lassen, daß auch die Kirchen selbst über Geldmittel verfügen (vgl. 244), so unterschätzen sie offensichtlich die Funktion und den Stellenwert der Banken im gesellschaftlichen System dieses Landes wie im Weltmarkt.

Nicht die Feststellung: Die Internationalisierung der Kapitalmärkte (recht) mit einem einschneidenden wirtschaftlichen und gesellschaftlichen Wandel einher und (wirkt) sich nicht zuletzt nachhaltig auf den Arbeitsmarkt aus" (48). Richtig ist auch: "Anschließend werden fünf Ziele nicht im eigenen Land und weltweit, sondern auf den internationalen Kapitalmärkten angestrebt" (84). Zu unterscheiden ist schließlich: "Mehr und mehr verschärft sich dann die Kapitalverkehr: Beachtung verdient weiterhin die Ausbreitung, weitgehend autonom, weder politisch noch sozial eingebundener Wirtschaftsverbindungen... und Finanzmärkte". Das internationale mobile Kapital habe sich mittlerweile stabilisiert auf der nationalen Volkswirtschaft ausgewirkt (163) - 80 richtig und so wichtig diese Erkenntnisse sind, so unzureichend sind sie aber auch: Denn es fehlt eine deutliche Benennung der Träger bzw. Subjekte der Kapital- und Finanzmärkte. Die Banken kommen nahezu ungeschoren davon, in der Gesellschaft dieses Landes und anderer Länder wie zum Beispiel Brasilien, gerieren sie sich als die Herren im Haus. Was das internationale Spekulationskapital angeht, das nach Auskunft von Fachleuten acht- bis neunmal größer ist als die Summe aller Bruttoinlandsprodukte aller Nationen des Globus, hat der US-amerikanische Ökonom und Nobelpreisträger James Tobin schon in den sechziger Jahren eine emporenzige Versteigerung getrieben. Doch die international operierenden Banken, denen sich die Regierungen bisher überall gebogen haben, haben es vermocht die sogenannte Tobin-Tax zu verhindern.

Vol. Hans-Joachim Martin / Hans-Joachim Martin, Die Globalisierung des Kapitalmarktes, Wetzlar, Remond bei Hamburg (2) 19-6-118-113

DA PROSPERIDADE



em cultos mais estridentes que uma apresentação de Carla Perez — porque de alguma maneira a religião acabou sendo útil aos convertidos. Vencendo o preconceito e o desconhecimento, uma nova formada de estudos acadêmicos sobre o tema é capaz de relacionar alguns desses benefícios:

■ As igrejas evangélicas realizam um monumental trabalho de alfabetização de adultos e estimulam o hábito da leitura. Embora recrutados entre a população mais pobre e portanto mais suscetível ao analfabetismo — 54% do rebanho ganha até cinco salários mínimos —, os evangélicos são mais letrados. O analfabetismo entre eles atinge apenas 9,5%, contra 20% da população brasileira em geral.

■ A disciplina religiosa e a importância dada à educação como fator de ascensão social fazem com que os fiéis das igrejas evangélicas sejam mais exigentes com o desempenho escolar dos filhos. Mesmo quando pobres, 80% dos evangélicos não admitem a hipótese de seus filhos adolescentes entre 12 e 17 anos deixarem de estudar para trabalhar. É o quesito relativo ao comportamento da prole em que são mais exigentes. Na população em geral, o imperativo do estudo atinge apenas 60%.

■ Sem dogmas que impeçam o planejamento familiar, as novas igrejas distribuem anticoncepcionais a seu rebanho. Segundo o estudo "Novo Nascimento", produzido pelo Instituto de Estudos da Religião, entre as famílias evangélicas pobres, o número de filhos é, em média, 25% menor que entre a população brasileira.

■ Os evangélicos realizam trabalhos de recuperação de dependentes de drogas e álcool em 270 clínicas espalhadas pelo Brasil. Elas atendem 12 000 pessoas, com índices de eficiência seme-

A ascensão evangélica

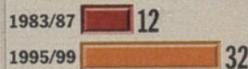
16 milhões
é o número de evangélicos no Brasil

Participação na população



Política

Evolução da bancada evangélica no Congresso Nacional (deputados mais senadores)



Sexo sem filhos

74%
das casadas usam método contraceptivo

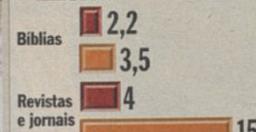
77%
dizem que sua igreja não proíbe nenhum método

Mais alfabetizados



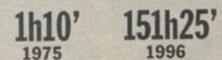
Leitura para crentes

Evolução da produção de revistas, jornais e bíblias (em milhões)



Jesus na TV

Evolução da programação religiosa nas emissoras de televisão (por semana)



Empregos

600 000
vagas são geradas nas empresas dos evangélicos

lhantes aos obtidos por instituições reputadas, como os Alcoólicos Anônimos: 60% de recuperação.

■ Uma sólida rede de solidariedade entre os fiéis garante que um ajude o outro na hora do desemprego ou da dificuldade financeira. Evangélico empresário prefere empregar irmãos de fé ou candidatos à conversão. Essa rede de empregos se amplia ainda mais porque a atividade religiosa, para os evangélicos, implica a criação de empresas. Editoras bíblicas, canais de televisão, escolas, templos e até bancos evangélicos são responsáveis pelo surgimento de 600 000 empregos, cinco vezes mais que os postos gerados diretamente pela indústria automobilística.

Leitura obrigatória — Num país onde a educação é uma desgraça, embora seja fator

decisivo no destino de qualquer pessoa, o costume protestante de promover a leitura cotidiana da *Bíblia*, e, mais do que isso, de obrigar o fiel a ler os textos sagrados antes de convertê-lo, transformou-se numa verdadeira revolução educativa. "Os protestantes têm de ser alfabetizados para cumprir seus deveres e fazer seus filhos cumprirem essa norma", lembra

o reverendo Jaime Wright, da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil. É uma diferença e tanto num país de tradição católica, pela qual só aos padres compete a leitura das Sagradas Escrituras. A professora de sociologia Cecília Mariz, da Uerj, acompanhou durante cinco anos comunidades evangélicas no Rio de Janeiro e no Recife. Mais tarde, na

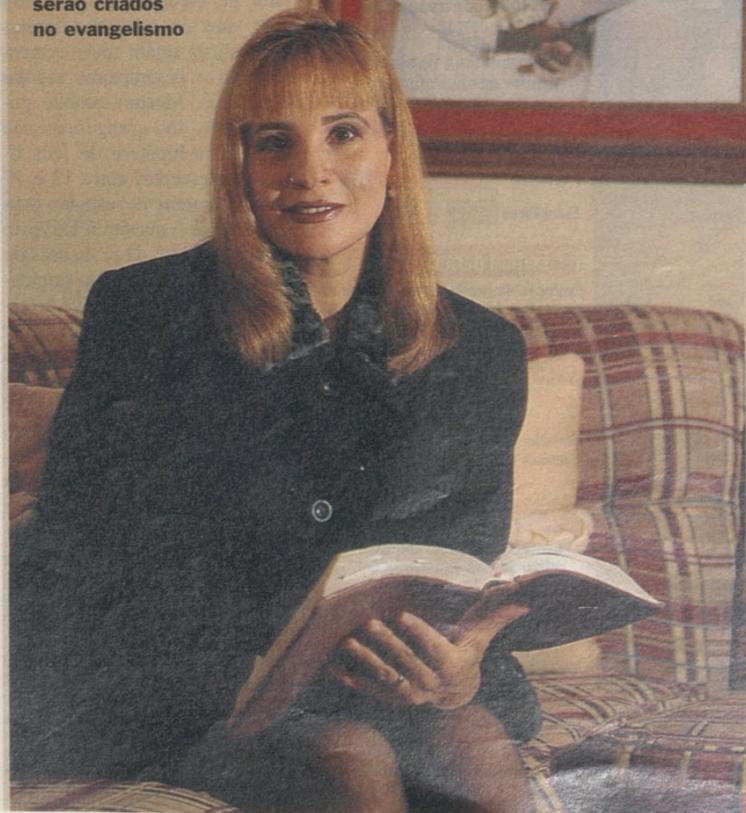
ma tese de doutorado que fez na Universidade de Boston, com o título de "Convivendo com a pobreza — Pentecostais e comunidades de base no Brasil", Cecília notou que a escola bíblica, dominical, é uma fonte de instrução vital. Além disso, perpetua o hábito da leitura. "A grande frustração dos programas oficiais de alfabetização tentados no Brasil é que, uma vez dominadas as primeiras letras, o aluno nunca mais punha os olhos

A fé após a perda do irmão

Assíria Nascimento, mulher do ministro dos Esportes, Edson Arantes do Nascimento, o Pelé, cresceu cantando em coral de igreja. Mas foi na adolescência que teve o que chama de "experiência íntima com Jesus". Seu único irmão, Assuero, morreu afo-

gado. Ele trabalhava num acampamento evangélico. "Daí para a frente, entreguei minha vida a Jesus." Aos 18 anos, foi para os Estados Unidos aprender teologia e psicologia. Membro da Igreja Batista, Assíria freqüenta também a Renascer em Cristo, a Sara Nossa Terra e a Presbiteriana Independente, conforme a cidade onde esteja. "Nessas, o culto é mais animado e tem menos liturgia. É mais espontâneo." Embora tenha concordado com o batizado católico dos gêmeos Celeste e Joshua, do casamento com Pelé, Assíria pretende educá-los na tradição evangélica. Para não ficar de fora, o católico Pelé lê a *Bíblia* com a mulher.

A evangélica Assíria: os filhos com o católico Pelé serão criados no evangelismo



ANTÔNIO MILENA



Os meninos que creem em Adão

Os 5 000 alunos e alunas do Colégio Batista Shepard, que fica na Tijuca, Zona Norte do Rio, acham que vieram do barro e da costela. Aprendendo nas aulas de ciência a teoria criacionista, ficam confusos quando vão ao cinema assistir a filmes sobre dinossauros ou homens da caverna: para eles, Deus criou o céu e a terra há apenas cerca de 6 000 anos e todo o trabalho tomou-lhe uma semana, com um dia para descansar. Apesar da crença em Adão e Eva, as aulas de 1º e 2º grau cumprem o currículo exigido pelo MEC. "Também ensinamos outras teorias, como a da evolução, de Charles Darwin. Só que a evolução é um método e não uma origem. Isso pressupõe a existência de um criador do método, que é Deus", defende o pastor Nilson Fanini, presidente da Primeira Igreja Batista. "Acreditamos que pode haver evolução dentro da espécie, mas não na transmutação de uma espécie em outra. O homem não veio do macaco. Ele tem sua origem em Deus", sustenta o pastor.

Colégio Batista, Rio: alunos espalhados em setenta escolas e 2 seminários

num jornal ou numa revista", diz ela. "Com os evangélicos, não acontece isso: eles lêem sempre a *Bíblia*, de onde

passam para jornais ou livros religiosos." Exatamente essa parcela de brasileiros muito pobres, entre os quais inscrevem os 19 milhões de analfabetos, é alvo privilegiado da pregação pentecostal.

Pastor-presidente da 1ª Igreja Batista de Niterói há 33 anos, Nilson Fanini explica que a educação é uma emergência para o 1,8 milhão de batistas das 6 000 igrejas que mantém. Setenta escolas de 1º e 2º grau e 300 000 alunos mantidos pela Convenção Batista Brasileira mostram o esforço educacional desses protestantes. A Igreja Universal, do bispo Edir Macedo, gere o projeto Ler e Escrever, que visa

alfabetizar por meio da *Bíblia*. Segundo o bispo Honorilton Gonçalves, 1,2 milhão de pessoas já passaram pelos bancos do Ler e Escrever.

E haja o que ler. As editoras evangélicas são um estouro empresarial que só tem concorrente entre as casas que produzem livros didáticos — com a diferença de que elas não possuem a clientela garantida pelo governo. De suas gráficas saíram no ano passado 21 milhões de exemplares de livros, revistas, bíblias e jornais. A maior fatia é de revistas e jornais, com 15 milhões, seguida pelas bíblias, 3,5 milhões de cópias. Em 1995, a produção total foi de 9 milhões, o que resulta num crescimento de 130% em apenas um ano. Só no ano passado foram lançadas noventa novas revistas e jornais, 396 livros inéditos, 61 modelos de bíblia. Para quem acha que essas leituras servem apenas ao fanatismo, lembre-

se que hoje nem os setores que empregam a mão-de-obra mais desqualificada, como a admitida na construção civil ou para os serviços domésticos, aceitam trabalhadores analfabetos.

Reformas — O líder da Assembléia de Deus brasileira, a maior igreja evangélica do país, o cearense José Wellington Bezerra da Costa, bacharel em direito, é testemunha e co-autor desses êxitos. Pai de seis filhos — três são pastores, uma é sua secretária, outra trabalha com crianças e um, médico, dá assistência ao pessoal da igreja —, Wellington dirige a maior das igrejas evangélicas. São 2,9 milhões de fiéis, conduzidos por 10 000 pastores. É tanta gente que a convenção geral que elege o presidente da Assembléia, a cada dois anos, reúne cerca de 5 000 pastores. A última delas, em janeiro, foi no Estádio do Mineirão, em Belo Hori-



SERGIO DUTTI

ASSEMBLÉIA DE DEUS

- Presidente: **Pastor José Wellington Bezerra da Costa**
- É a maior igreja evangélica do país, com 2,9 milhões de fiéis ou 18,5% do rebanho
- Tem duas geradoras e 47 repetidoras de televisão, além de treze rádios espalhadas pelo Brasil
- São 130 000 casas de orações, que vão de salas alugadas em cidades do sertão nordestino a templos enormes em São Paulo
- Consumiu 1,2 milhão de bíblias no ano passado
- É ainda uma igreja tradicional: as mulheres não podem usar calças compridas

zonte. São 130 000 casas de oração, incluindo as igrejas, desde uma pequena tapera alugada até templos que acolhem 10 000 pessoas, como uma antiga fábrica de tapetes comprada há seis meses num bairro operário de São Paulo. Na mesma região, já funciona outro templo com capacidade para 3 500 pessoas. No último domingo de cada mês há batismos — entre 1 000 e 1 500 pessoas são batizadas de uma só vez.

Três dos quatro últimos presidentes receberam o pastor Wellington em audiência — José Sarney, Fernando Col-



IGREJA BATISTA

- Presidente: **Pastor Nilson Fanini**
- Número de fiéis: 1,8 milhão
- A igreja não tem nenhum canal de televisão ou de rádio
- A principal editora batista é a Junta de Educação Religiosa e Publicação. Tem mais de 1 000 títulos publicados. Conta com uma rede de trinta livrarias no país e edita 35 revistas
- A Igreja Batista tem uma rede de setenta escolas de 1º e 2º grau
- Os batistas são favoráveis ao planejamento familiar com o uso de pílula anticoncepcional ou camisinha

lor de Mello e Fernando Henrique Cardoso. No encontro com FHC, em outubro passado, Wellington deu seu recado: "Eu disse que nós somos 100% contrários à união civil entre homossexuais, 100% contrários à liberação do aborto, 100% contrários às drogas e 100% contrários ao Movimento dos Sem-Terra, porque ele fere o direito de propriedade, e disse que a Assembléia de Deus ora e dá apoio às reformas".

A força da organização está nos passos de formiga de cada um de seus membros. A Assembléia de Deus é me-

nos centralizada que a Igreja Católica muito mais permeável, portanto, pressão dos fiéis. Apesar dos 100% empenhados contra o MST pelo pastor Wellington, nos acampamentos sem-terra e nos cultos ecumênicos realizados em favor da reforma agrária sempre está um pastor assembleiano ladeado por um padre da teologia da libertação, exortando a "companheirada" a prosseguir na luta. Também encontram evangélicos entre a liderança da PM de Minas Gerais que encerrou quinze dias de greve na semana



IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS

- Presidente: **Bispo Edir Macedo**
- Número de fiéis: 321 000
- Tem 2 500 templos e já fincou sua cruz em cinquenta países
- A Universal investe em televisão. Tem 47 emissoras e 26 rádios
- A *Folha Universal*, o principal semanário da igreja, tem tiragem de 980 000 exemplares
- Em 1994, a Universal elegeu seis deputados federais
- É a igreja dos grandes cultos e tem no exorcismo um de seus pontos fortes

passada, nos clubes de futebol e até no ministério, onde possuem um representante, Iris Rezende, da Justiça, evangélico de hábitos regulares.

Em todo lugar — Donos de uma tecnologia de invasão de corações, eles sabem como crescer na periferia e nos ermos rurais. "Quando há um loteamento novo, não esperamos: chegamos na frente, compramos o terreno mais barato e assim que o pessoal chega já tem a igreja para frequentar", explica o pastor Wellington, exibindo uma visão de religião



ROBERTO LEAL

IGREJA RENASCER EM CRISTO

- Presidente: **"Apóstolo" Estevam Hernandes**
- É a precursora do movimento gospel. Tem um selo denominado Gospel Records que já lançou cinquenta títulos no mercado
- A igreja tem um canal de UHF em fase de implantação e quatro rádios arrendadas
- São 120 igrejas em dez Estados brasileiros
- Tem cinco programas evangélicos na Rede Manchete
- É uma igreja liberal e predominantemente jovem: os adolescentes promovem bailes nas igrejas e entoam: "Ah, eu sou maluco por Jesus". Seu público é a classe média

como tão indispensável quanto água encanada e luz elétrica. Diferentemente da Igreja Católica, com templos cravados nos lugares centrais de cada cidade, os evangélicos se enfiam nos bairros em formação, em bocadas miseráveis, em favelas encarapitadas em morros. Essa logística de ocupação das grandes cidades produz o milagre da multiplicação dos templos, que dá a impressão de que eles estão em todo lugar. Estão mesmo. "Onde tem Coca-Cola, Correios e Bradesco, tem Assembléia de Deus", ironiza Wellington.

É o padre Agnaldo Luiz de Castro, pároco da Igreja Nossa Senhora das Graças de Éden, subúrbio do Rio de Janeiro, quem dá uma das chaves para entender a multiplicação evangélica. Ele sabe o que é isso: sua igreja está cercada por templos protestantes de nomes tão complicados quanto Assembléia de Deus no Trabalho de Cura Divina, Prodígio e Libertação, Assembléia de Deus de Missões, Igreja Pentecostal Shalom e Igreja Evangélica Congregacional, sem contar um templo metodista. "É fácil criar uma igreja



JORGE CECILIO/AB

O queridinho dos intelectuais

No seu rol de amigos estão personalidades díspares como o comediante Chico Anysio, o sociólogo Betinho e os ex-candidatos à Presidência da República Luís Inácio Lula da Silva e Leonel Brizola. Ele já travou longas conversas telefônicas com o petista e recebeu Brizola para comer um tambaqui amazônico em sua casa. Na semana passada, apareceu sorridente, ao lado de uma bela morena, numa foto de coluna social. Já vendeu 3,2 milhões de livros no Brasil.

Caio Fábio: os amigos dizem que ele é ético; os adversários, que é chique

Seu nome é Caio Fábio D'Araújo Filho, pastor da Igreja Presbiteriana Betânia, que, aos 42 anos, se firmou como símbolo de algo que os amigos chamam de "evangélicos éticos" e os inimigos, entre os quais se encontram um leque também amplo, como o bispo Edir Macedo e o governador do Rio de Janeiro, Marcello Alencar, classificam de "evangélicos chiques".

Lançado há duas semanas, o 93º livro de Caio Fábio, *Confissões do Pastor*, já vendeu quase toda a tiragem inicial, de 20 000 exemplares. No livro autobiográfico, pontuado pelas confissões de Santo Agostinho — uma heren-

sia do ponto de vista dos evangélicos ortodoxos —, o pastor revela que foi um jovem rebelde, promíscuo e desorientado, consumidor voraz de bebida e drogas, sempre às voltas com mulheres e brigas. Amazonense, morando no Rio desde os 15 anos, ele lembra que, suicida, chegou a andar de motocicleta na contramão de uma avenida em Manaus e cogitou dar um tiro na cabeça. Como era de esperar numa obra desse tipo, lá pelas tantas o pastor explica que só não fez isso porque, antes, teve uma visão e se converteu.

Caio Fábio quebrou o preconceito contra os crentes e ganhou ares de pastor cult ao tomar a frente de movimentos sociais. É dele o projeto da

Fábrica de Esperança, onde são atendidas mensalmente 15 000 pessoas, em cursos profissionalizantes e assistência médica, odontológica e psicossocial. Casado há 23 anos, pai de quatro filhos, o amazonense leva uma vida confortável num condomínio fechado em Itaipu, Niterói. Tem um Omega 95, celular e ganha por mês de 8 000 a 10 000 reais, entre o salário de pastor e os direitos autorais de seus livros.

A bênção e o dinheiro — Ele não exerce atividades cotidianas de pároco há treze anos. Dedicou-se aos projetos da organização cristã não-governamental Visão Nacional de Evangeliza-

ção. Vinde, um complexo de comunicação, com uma editora, uma revista mensal que vende 60 000 exemplares, uma rádio AM no Rio e um canal de televisão, com transmissão para Rio, Goiânia, Anápolis e, em breve, Curitiba e Brasília. Ele também tem um programa semanal na TV Manchete. Já foi duas vezes presidente da Associação Evangélica Brasileira — hoje é presidente de honra. Seu santo só não cruza com o do bispo Edir Macedo, da Igreja Universal do Reino de Deus. "Não acho que a bênção de Deus se alcança com dinheiro como ele prega", diz o pastor.

Virginie Leite

cristã não católica porque ninguém vai lá cobrar legitimidade, enquanto na Igreja Católica o padre não pode casar, tem de terminar o 2º grau e fazer sete anos de seminário, estudando três anos de filosofia e quatro de teologia. Isso ainda nos amarra." O que para o padre é defeito, para os evangélicos é princípio religioso. Desde que Martinho Lutero afixou as suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittemberg, em 1517, e com isso deu origem ao mais espetacular cisma religioso da época moderna, a Reforma Protestante, os crentes acreditam no sacerdócio universal e na autoridade exclusiva da *Bíblia*. Todos podem falar com Deus, diretamente, sem a intermediação de vigários, e ter acesso direto à palavra divina. Com isso, o indivíduo tem mais responsabilidade, mais consciência, não depende tanto de hierarquias acima dele. Fundamentos básicos da nova fé, esses princípios valem para todas as igrejas ditas evangélicas.

"A perua de Deus" — Os princípios permanecem, mas mudaram os invólucros. Em busca de um rebanho jovem, as seitas se modernizaram. "Em vez do ascetismo, agora pregam o hedonismo. Em vez de opor-se ao mundo — antes considerado ninho de pecados —, agora querem integrar-se radicalmente a ele. Adaptaram-se e geraram o maior vetor de acomodação social da atualidade", avalia Ricardo Mariano, sociólogo da USP. Hoje, podem-se encontrar igrejas como a Renascer em Cristo, do "apóstolo" Estevam Hernandez, ex-gerente de marketing da Itautec e da Xerox e cuja esposa, a bispa Sônia Hernandez, é conhecida como "a perua de Deus", tal o seu exibicionismo em qualquer culto. A fala do jovem fiel de classe média da Renascer em Cristo Flávio Lima, 25 anos, dono de uma empresa que organiza eventos esportivos, torna evidente como os ideais de consumo penetraram no mundo antes asceta do protestantismo. "Chegou uma hora em que eu não queria mais ir à missa. Não dava para comparar a missa-Fusca em que eu andava com os cultos-BMW que frequento agora." Quase uma caricatura. A Renascer é ainda uma igreja pequena, e deve permanecer assim, pela seleção social que acaba fazendo dos fiéis, mauricinhos em boa medida.

É entre os pobres, porque se apre-

Conversão depois da Aids

Filho de um pastor evangélico, o paranaense de Foz do Iguaçu João Batista Júnior nunca se deu muito bem com a religião. Ele conta que aos 7 anos de idade já preferia fumar maconha perto da Ponte da Amizade a acompanhar o pai à igreja. Guitarrista e cantor quando adulto, tocava em boates e vendia drogas, de preferência às suas amigas prostitutas. Viciado em crack, procurou a Comunidade Hermon, um centro de recuperação de drogados e aidéticos. Foi ali que descobriu que tem o vírus da Aids. Aos 33 anos, está convertido. "A Aids não mata você enquanto você não cumprir o plano de Deus aqui na terra. Eu conheci Jesus pela dor e estou convencido de que não posso me deixar abater." Júnior acredita que foi usado como um instrumento demoníaco. "O diabo queria destruir meu pai através de mim."

O paranaense Júnior: com o pai pastor, não quis saber da religião até descobrir a doença



JADER DA ROCHA



De fiel para fiel

São as amigas da Igreja Batista que estão fazendo o mecânico Idelcio Vieira da Silva, de 34 anos, realizar um antigo desejo: possuir um local amplo para sua oficina. Evangélico há três anos, ele tem nos "irmãos" de fé a maior parte de sua clientela. O mais comum é receber o pagamento adiantado por um serviço que seria quitado em várias parcelas. "Nós ajudamos uns aos outros", explica Silva. Ele já conseguiu comprar o terreno e começou a construção da nova oficina em Monte Santo, sertão baiano. Antes de frequentar a igreja, Idelcio costumava fechar sua oficina nas sextas-feiras ao meio-dia e ia direto para a boate, bebia muito, dançava, brigava com a mulher. "Era terrível", conta. Agora, ele arremonta outros fiéis para o rebanho de sua igreja. Conseguiu converter o colega de trabalho Adelfton Pereira, que estava envolvido com drogas.

Silva: oficina nova graças aos "irmãos" da igreja que antecipam os pagamentos

sentam como capazes de operar o milagre da prosperidade, que as novas igrejas pentecostais mais crescem. Também é entre eles que mostram sua força como elemento da acomodação social de que falou o sociólogo Ricardo Mariano. Num estudo com jovens evangélicos da periferia do Rio de Janeiro, a antropóloga Regina Novaes, do Instituto de Estudos da Religião, descobriu, por exemplo, que as igrejas evangélicas se afirmaram como uma opção ao tráfico de drogas. "Vi muitos meninos que trabalhavam para os chefes locais converter-se. Foi a forma de escapar à criminalidade." Mas essa adesão de adolescentes só foi possível porque as novas igrejas também se renovaram. Música funk, rap, dança, biquíni e sunga, que deixariam um crente de antigamente roxo de vergonha, são permitidos pelos novos pastores.

A concorrência dos soldados renovados de Deus obrigou a antes ultratradicionalista Assembléia a mudar. O pastor Wellington diz que sua igreja ainda não tolera mulher vestida com calças compridas — "Não se ache na mulher a roupa do homem", diz a *Bíblia*. Em compensação, ele não vê nada de mais em seus fiéis usarem métodos contraceptivos artificiais. "Seria hipocrisia ir contra isso, embora eu ache melhor o método natural", diz. Até 1989, os seguidores dessa igreja não podiam sequer olhar para a televisão. Hoje, a Assembléia tem duas geradoras de programação e 47 repetidoras.

"Dinheiro, saúde e felicidade", prega sem peias o bispo Edir Macedo, "são a prova da bênção divina." E o fiel testa o merecimento dessa bênção ao fazer "apostas" com Deus, na forma das "ofertas em dinheiro". Se Deus acreditar na sinceridade do ofertante, dizem os pastores, concederá a graça desejada. Causa repugnância a adeptos de outras igrejas. Isso sem falar no dízimo. Pode ser repugnante esse mercado de Deus. Mas o fato de pregar que o paraíso é aqui e agora — depende de acreditar, pagar e trabalhar — tem conseguido movimentar uma legião de miseráveis, que não mais se acabrunham diante das vicissitudes da vida, à espera do paraíso de além-túmulo. Seiscentos mil católicos deixam a cada ano a guarda do Vaticano para ingressar nessa aventura. ■

Com reportagem de Franco Iacomini, de Curitiba, Manoel Fernandes, de Salvador, e Virginie Leite, do Rio de Janeiro

MÍDIA Igreja do bispo Edir Macedo disputará concessões em

Universal prepara co

ELVIRA LOBATO
da Sucursal do Rio

A Igreja Universal do Reino de Deus, do bispo Edir Macedo, se prepara para comprar mais nove emissoras de TV no país, segundo informação dada à Folha pelo diretor-superintendente da Rede Record, Dermeval Gonçalves.

A Universal já tem um império de comunicação com 17 emissoras próprias de televisão e mais de 30 rádios. Para aumentá-lo, criou duas empresas para disputar as novas concessões que estão sendo oferecidas pelo governo em concorrências públicas.

A Universal só perde em número de concessões próprias de TV para a Globo (18) e divide o segundo lugar com a RBS, da família Sirotsky.

Edir Macedo começou a montar seu império de comunicação há apenas sete anos, quando comprou as três emissoras da Record em São Paulo, que pertenciam a Silvio Santos, por US\$ 45 milhões.

Compra em Salvador

Até o final de 94, a Universal havia ampliado suas concessões próprias para seis; em 95, comprou mais oito e, em 96, incorporou mais duas. Neste ano, comprou a TV Itapuã, de Salvador, por cerca de R\$ 30 milhões.

Dermeval Gonçalves disse que a Record está preparada para participar de todas as concorrências que forem estratégicas do ponto de vista comercial ou de interesse da

Igreja Universal do Reino de Deus.

O Ministério das Comunicações abriu concorrências públicas para venda de 24 concessões de emissoras de TV. A Universal decidiu disputar 5 delas: Santos e Taubaté (SP), Santarém (PA), Criciúma (SC) e Pelotas (RS).

Paralelamente, a igreja do bispo Macedo está negociando a compra de uma emissora em Vitória (ES) e a formação de parcerias em São Luís (MA) e Maceió (AL). Esta última é com o ex-governador de Alagoas Geraldo Bulhões, que disputa um canal na cidade.

As concorrências foram agrupadas em dois lotes de 12 editais. As propostas para o primeiro lote foram entregues em abril, com exceção de uma — a de Palmas, em Tocantins —, cujas propostas serão entregues hoje.

Na última segunda-feira, a delegacia do Ministério das Comunicações em São Paulo recebeu as propostas dos interessados na concessão de TV de Santos, com preço mínimo de R\$ 367.389,00 fixado pelo governo.

A Universal criou uma empresa chamada TV Record de Santos Ltda. para participar da concorrência. A empresa foi registrada em nome de quatro de seus bispos: Marcelo Silva (do Rio), Osvaldo Ceola (Campinas) e de Vanderval Lima Santos e Antônio Carlos Bulhões, ambos de São Paulo.

Dermeval Gonçalves diz que a concessão para Santos vale pelo menos R\$ 1 milhão. Com esta afir-

mação, ele sinaliza que a igreja puxou o preço para cima para derrotar seus competidores, entre os quais estão a Bandeirantes e o SBT.

A concessão de TV que mais interessava à Universal no primeiro lote era a de Recife, mas a igreja ficou fora da disputa porque houve problema com o CIC (Cartão de Identificação do Contribuinte) de um bispo que aparecia como sócio da empresa que iria disputar a licitação pública.

Apenas três empresas apresentaram propostas para compra da concessão em Recife, cujo preço mínimo foi fixado em R\$ 900 mil.

Acordo em Recife

A Folha apurou que a Universal fez um acordo de associação com um dos concorrentes. Ou seja, ela continua no páreo por meio de terceiros. Segundo Dermeval Gonçalves, a concessão de Recife vale pelo menos R\$ 2 milhões.

Nos meses de junho e julho próximos, o ministério vai receber as propostas para o segundo lote de 12 concessões de TV. A Universal disputará, com certeza, quatro concessões — Taubaté, Pelotas, Criciúma e Santarém — e é possível que entre em mais duas: Uberaba (MG) e Teófilo Otoni (MG).

Para disputar as licitações na região Sul, a igreja criou a empresa Sistema Record de Comunicação Ltda.. A concessão em Taubaté será disputada em nome da empresa TV Record de Santos.

HB

S. PAULO

cinco cidades; em outras, vai se associar a empresários

Compra de mais 9 TVs

As TVs da Universal

100% das ações

- 1 TV Marajoara
- 2 TV Record
- 3 TV Record
- 4 TV Record
- 5 TV Record
- 6 TV RCE
- 7 TC Cultura
- 8 TV Vale do Itajaí
- 9 TV Goya
- 10 TV Cabralia
- 11 TV Capital
- 12 TV Sociedade
- 13 TV Itapuã

30% das ações

- 14 TV Vanguarda
- 15 TV Independência
- 16 TV Vanguarda
- 17 TV Independência Sudoeste

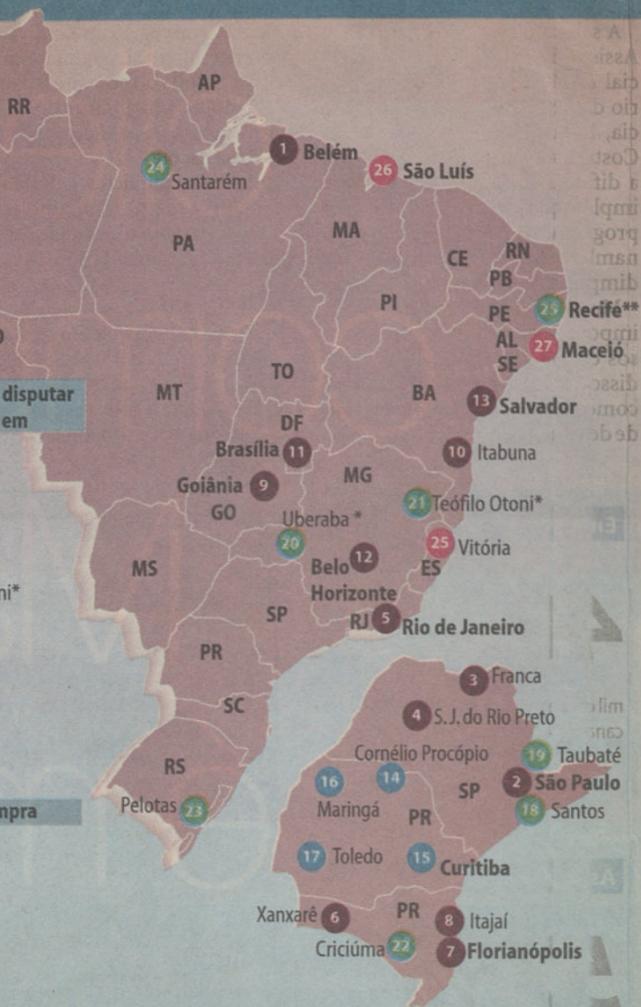
A igreja vai disputar concessões em

- 18 Santos
- 19 Taubaté
- 20 Uberaba *
- 21 Teófilo Otoni*
- 22 Criciúma
- 23 Pelotas
- 24 Santarém
- 25 Recife **

Negocia compra

- 25 Vitória
- 26 São Luís
- 27 Maceió

(*) A decisão de participar da concorrência ainda não é definitiva
 (**) A Universal se associou a um grupo para participar da concorrência



Critério comercial também define compra

da Sucursal do Rio

O crescimento do império televisivo da Igreja Universal do Reino de Deus segue dois critérios: o comercial e o religioso.

Dermeval Gonçalves, principal executivo do grupo Record, define as aquisições como de interesse comercial, mas algumas compras

são feitas apenas por interesse religioso. A igreja, por exemplo, vai disputar a concessão em Santarém a pedido do bispo local.

A legislação de telecomunicações proíbe grupos religiosos e partidos políticos de controlarem emissoras de rádio e televisão, mas todas as igrejas — inclusive a católica — burlam a regra, registrando as emissoras em nome de fundações e de religiosos.

A Universal compra as emissoras em nome de bispos, executivos e parlamentares ligados a ela. A igreja tem um cadastro das pessoas de sua confiança com patrimônio para justificar a compra perante a Receita Federal. O cadastro é preparado por uma empresa de consultoria da igreja do bispo Edir Macedo, chamada LM Consultoria.

A Universal considera que de-

envolveu um sistema para compra de emissoras à prova de devassas do Fisco. Se houver qualquer possibilidade de questionamento, ela desiste do negócio.

A igreja considera a mídia eletrônica como o principal instrumento para a divulgação de suas mensagens. Ela já detém o controle de 17 emissoras de TV e 30 de rádio.

A TV Marajoara custou

3,5

milhões de dólares aos cofres da Igreja Universal. A concessão pertencia ao ex-governador do Pará Carlos Santos

De 1995 até agora

90

milhões de dólares foram investidos pela igreja do bispo Macedo para ampliar seu império televisivo

15.3.98 NY

Judeus, Cristãos, Muçulmanos

LOTHAR HESSEL*

É confortante constatar-se que neste final de milênio, judeus, cristãos e muçulmanos estejam amenizando suas querelas que, em outras épocas, chegaram a derramar sangue humano.

Nesta mesma Porto Alegre a imprensa registra evidências: 1º de outubro de 1997: Notícia de que a Igreja Católica francesa pediu perdão aos judeus pelo seu silêncio durante o "Holocausto" nazista;

Dois de outubro de 1997: O escritor israelita Moacyr Scliar publica em Zero Hora artigo com acentuado sabor de apaziguamento entre judeus e cristãos;

Vinte e seis de dezembro de 1997: Zero Hora publica "Ramadã na Catedral" de Porto Alegre, noticiando um ato ecumênico entre muçulmanos e cristãos. O Ramadã é o 1º dia de um mês de jejuns e abstinências;

Três de janeiro de 1998: ZH estampa bela foto colorida da cerimônia efetivada na véspera "no mais importante templo católico do Estado".

As três religiões têm em comum o fato de serem monoteístas, de professarem a fé em um só Deus, chame-se Ele Javeh, Allah, Deus, Dios, Dieu, Gott, etc. E ainda o fato de descenderem, pelo menos espiritualmente, de Abraão que cerca de 1850 a.C. teve a sua devoção, o seu chamado para cumprir uma missão. Ainda hoje, judeus, cristãos e muçulmanos, se acotovelam em Jerusalém, cidade sagrada para as três religiões.

No meio de muitas tribos, mais ou menos nômades, da Ásia ocidental que no passado cultuavam numerosos ídolos e gênios, um grupo denominado *hafif* continuou monoteísta, dizendo-se seguidores de Abraão. Grupo que reconheceu em Maomé o profeta anunciado na "tradição de Moisés e de Jesus".

Como se vê, sob a crença de um Deus único, judeus, cristãos e muçulmanos, se entrelaçam dentro de um conjunto de registros, tradições, revelações e crenças. Não há, pois, razão espiritual para a explosão de ódios e malquerências entre si, no passado, no presente e no futuro.

*Diácono Permanente

As três religiões têm em comum o fato de serem monoteístas, de professarem a fé em um só Deus

SALVOS PEL

Com *Bíblia* nas mãos, disciplina rigorosa e solidariedade, as igrejas evangélicas invadem cadeias e redutos de drogas para converter e regenerar bandidos



Samarone Lima e Roberta Paixão

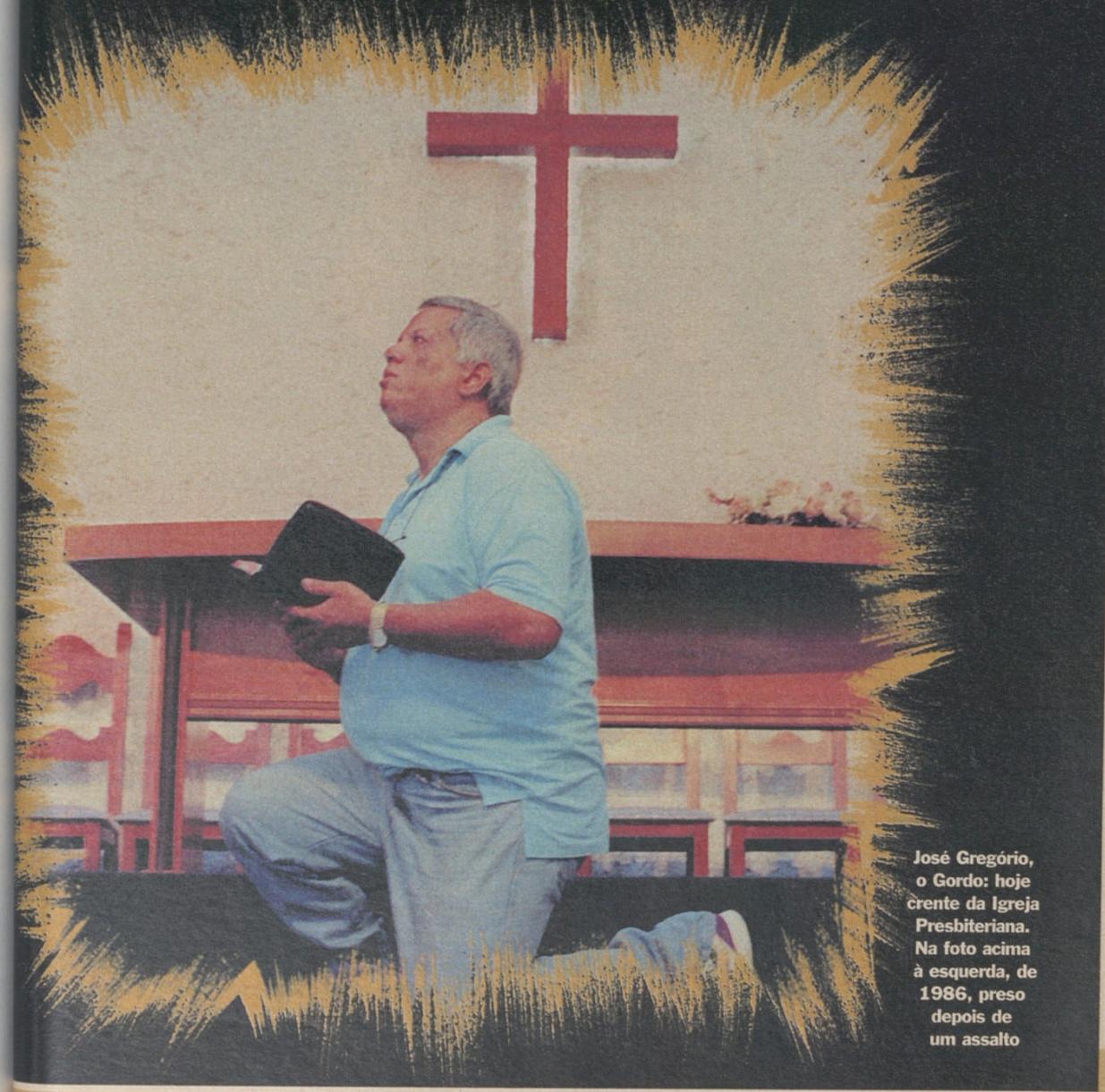
Aleluia, irmão. Que a paz do Senhor te acompanhe." Quem escuta a saudação do porteiro José Carlos Gregório, um homem corpulento de modos gentis, em um edifício da Igreja Presbiteriana de Niterói, não imagina que ele já freqüentou as manchetes de jornais como bandido de grosso calibre. Nos anos 70 e 80, "Gordo", como Gregório era chamado, foi um dos mais temidos líderes do Comando Vermelho, a organização criminosa que domina o narcotráfico nas cadeias e nos morros cariocas. Preso pela primeira vez em 1976 após um assalto a banco, Gordo brincou de gato e rato com a polícia por mais de uma década. Sua maior façanha foi humilhar toda a polícia do Rio de Janeiro, em 1985, quando pousou um helicóptero a 500 metros da guarda do presídio Cândi-

do Mendes, na Ilha Grande, para resgatar o parceiro José Carlos Encina, o "Escadinha", na fuga mais espetacular já ocorrida numa cadeia brasileira. No último tiroteio em que se envolveu, em 1986, Gordo acabou baleado e preso. A foto dele, sentado no chão enquanto discutia com os policiais, foi publicada em todos os jornais. A fera estava presa. Entre prisões e fugas, Gordo já conseguiu descontar 23 anos da sentença de 64 a que foi condenado, e hoje está em regime semi-aberto. Convertido para a Igreja Presbiteriana em 1993, o bandido que fazia questão de se cercar de mocinhas bonitas e aventureiras agora se derrete apenas pela própria mulher, Solange. Em vez dos automóveis esportivos com os quais subia e descia os morros, agora anda em uma pacífica perua Topic azul, comprada em suaves parcelas, com que faz serviços extras de lotação. O salário mesmo, como porteiro, limita-se a 400 reais por mês. "É a primeira vez na



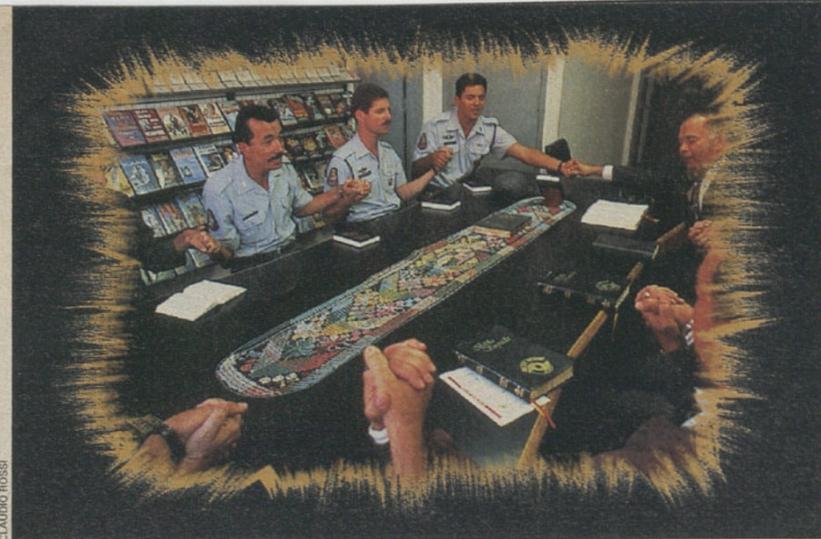
"Sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angús

A PALAVRA



José Gregório,
o Gordo: hoje
crente da Igreja
Presbiteriana.
Na foto acima
à esquerda, de
1986, preso
depois de
um assalto

...or amor de Cristo. 'Porque quando sou fraco, então é que sou forte.' (2 Coríntios 12:10)



CLAUDIO ROSSI

Policiais evangélicos: com Deus e a Bíblia para enfrentar a violência e a criminalidade

licos nas cadeias, como o Paraná, o Rio Grande do Sul, a Bahia e Pernambuco, os crentes acabam ficando juntos. Como a maioria dos convertidos tem bom comportamento, eles ficam separados em alas reservadas aos presos de baixa periculosidade e acabam beneficiados nas avaliações de progressão de regime (fechado, semi-aberto e aberto) e de pena (condicional). Segundo o superintendente do Sistema Penitenciário de Pernambuco, Américo de Oliveira, normalmente a recuperação dos convertidos é visível e rápida. Os evangélicos passam o dia envolvidos em pequenos serviços de mecânica e marcenaria, além de assumir cargos burocráticos nos presídios.

Natália ainda fuma — O que os evangélicos fazem, seja nas favelas mais violentas, seja nas celas úmidas dos presídios, é lançar apenas um feixe de esperança quando geralmente não há mais ninguém nem para uma conversa. Eles ainda são a exceção num ambiente deteriorado. Mas começaram a promover alguma mudança nesses lugares antes mesmo que o mundo externo — polícia, Justiça, Estado, sociedade — se comovesse e tomasse a decisão de interferir. Nem sempre é um caso de mão única. O paranaense José Fortunato da Silva, conhecido como "Natália" nas ruas de Curitiba, onde se prostituía, fumava maconha e cheirava coca, se converteu em 1996 à igreja Paz e Amor. Chegou a deixar de fazer programas, mas as visitas à igreja começaram a rarear. Não

conseguiu ainda se livrar da maconha. "Tem de ter muita força de vontade e mesmo assim não é fácil", lamenta.

Os desesperados têm-se revelado um material humano capaz de renascer dos piores abismos. É nessa crença que está a força dos evangélicos. Uma força que salva vidas. Marcos Bezerra fez fama nos morros do Rio, no final dos anos 80. Gerente do tráfico de cocaína, liderou um exército de trinta homens armados de pistolas automáticas. "Matar, roubar e destruir era natural. Ninguém podia vacilar", conta o ex-bandido, que ficou conhecido no mundo do crime como "Marcos Maluco" pela ousadia com que invadia morros inimigos para tomar bocas de fumo. Do bando, doze já morreram, oito pagam pelos crimes atrás das grades e o restante desapareceu. O mais provável, avalia Marcos, é que tenham sido eliminados nas guerras de quadrilhas. Ele, que era o líder do bando e estava sempre com o nariz sangrando por causa do consumo exagerado de cocaína, é hoje missionário da Assembléia de Deus. Marcos mora com a mulher e os dois filhos numa confortável casa de dois dormitórios em São Paulo. A renda da família, 1 000 reais ao mês, ele obtém comprando roupas de pequenas confecções e revendendo-as para lojas. Sempre com um terno impecavelmente alinhado, celular à mão, circula em seu Voyage pelas principais igrejas da cidade, contando o inferno que foi sua vida até se converter, em 1992. Sobrevivente, foi a fé que o salvou. ■

Com reportagem de Sandra Brasil, de Brasília, Luis Ferreira, do Recife, e Andréa Vendramini, de Curitiba

PMs de Cristo

O fenômeno das conversões não se limita ao universo dos bandidos. Na outra ponta do mundo da violência está surgindo uma legião de convertidos que se apega à Bíblia e ao Evangelho para enfrentar a criminalidade — são os policiais militares. Em 24 Estados brasileiros já existem associações de PMs evangélicos. A força do movimento foi constatada neste mês, no 1º Congresso Nacional de Militares Evangélicos.

Mais de 300 homens da Marinha, do Exército, da Aeronáutica e de órgãos de segurança se encontraram em São Paulo para discutir os caminhos da evangelização em um tempo de violência e aumento da criminalidade. "Só há uma forma de enfrentar a violência. É com Deus no coração", diz o coronel da reserva da PM Odilon Gonzaga, diretor da Associação dos Policiais Militares Evangélicos de São Paulo. A estimativa é de que 10% dos 80 000 policiais tenham passado para o batalhão de Cristo. Antes de entrar em uma viatura, é comum esses policiais lerem a Bíblia e clamarem por proteção divina. "Temos vários policiais que foram maldadores e hoje estão convertidos", frisa Odilon. "Um PM evangélico trata melhor a população e tem mais cuidado antes de se envolver em corrupção. Motivo? É pecado ser mau. É pecado ser corrupto."

Pecado ou não, um dos casos mais clamorosos de abuso de autoridade e violência por parte de policiais militares, o da Favela Naval, em Diadema, foi protagonizado pelo PM evangélico Otávio Lourenço Gandra, o "Rambo". Nos dias 3, 5 e 7 de março do ano passado, "Rambo" comandou uma gangue de policiais que se aproveitou da farda para torturar, extorquir, roubar e matar. Como em todos os setores, a religião dá a orientação. Obedecer fica a critério de cada um.

Religião

GUERRA SANTA ÀS MULHERES

Com o fim das últimas escolas para meninas, o regime fanático do Afeganistão volta aos costumes medievais



Às vésperas do século XXI e com o mundo todo mergulhado no abraço da globalização, o Afeganistão é um lugar com a desesperadora peculiaridade de ter dado um salto para trás. Desde que tomou a capital, Cabul, menos de dois anos atrás, a milícia Taliban — uma força guerrilheira nascida nos seminários islâmicos e que controla dois terços do país — transformou em lei uma versão severa, tacanha e radical da sharia, o conjunto de leis e regras de comportamento prescritos para os muçulmanos. Impôs um rígido código de vestuário, proibiu raspar a barba, música, cinema, televisão, antenas parabólicas, jogos de cartas, criar pássaros e soltar pipa. Nada, contudo, é mais sufocante que a situação das mulheres.

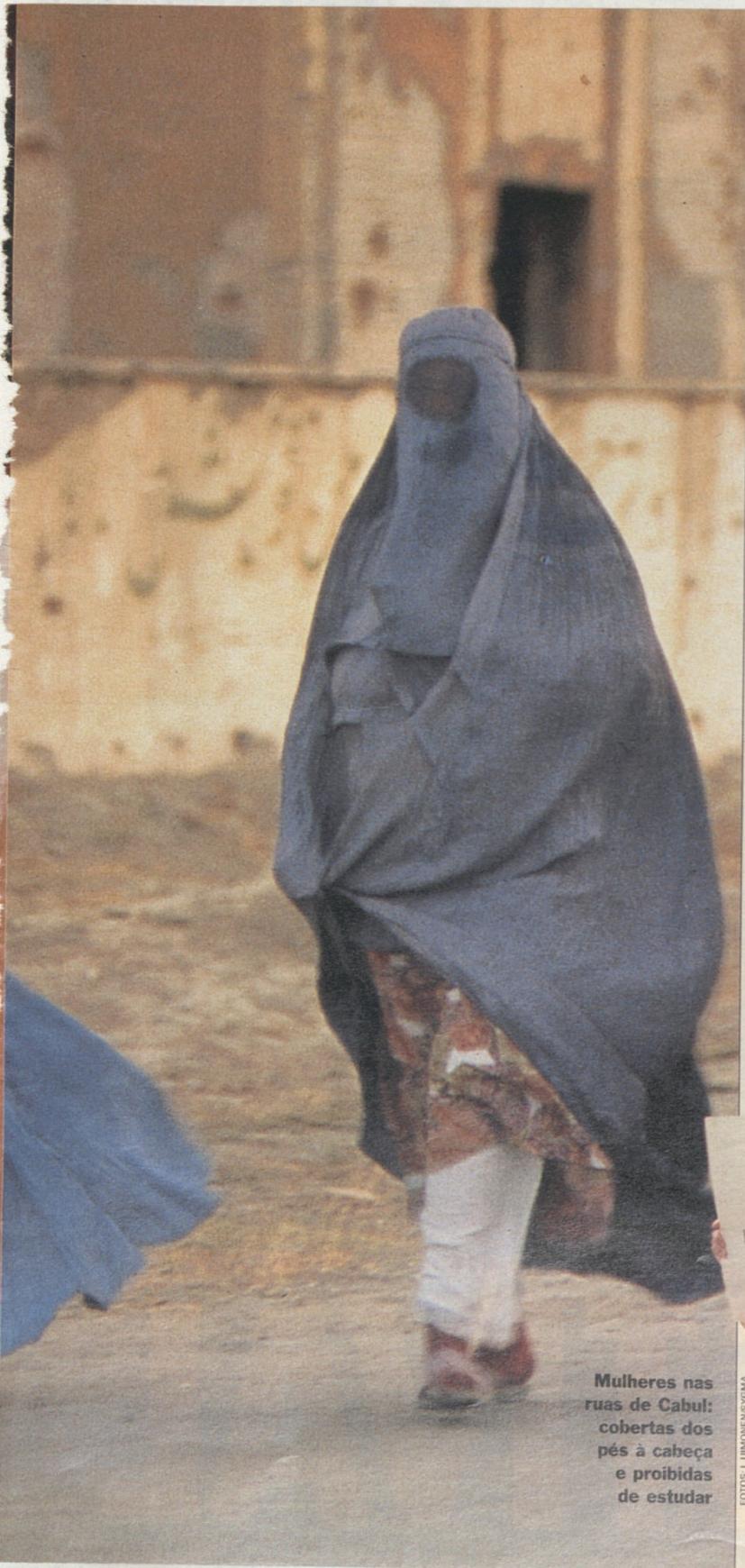
A partir da adolescência, elas não podem nem falar com homens, exceto parentes próximos. São impedidas de trabalhar e estudar. Só saem à rua por motivo justificado, assim mesmo acom-

panhadas de um parente e cobertas da cabeça aos pés pelo burqa, o manto que envolve o corpo todo — um pequeno círculo, à altura dos olhos e do nariz, permite a visão através de uma tela, protegida por tecido mais fino. Patrulhas do Ministério da Propagação da Virtude e de Combate ao Vício percorrem as ruas, de chicote em punho, atrás de um pecaminoso pé sem meia dentro da sandália. Os talibans lutam em duas frentes — contra milícias rivais no norte e contra o pecado no restante do país. A islamização do país, contudo, parece mais uma guerra às mulheres.

Um país atrasadíssimo numa região montanhosa do Centro-Oeste da Ásia, o Afeganistão nunca foi uma sociedade igualitária para os sexos. Apenas 1% das meninas chegava à universidade em 1979, quando a União Soviética invadiu o país para ajudar um presidente comunista e o transformou num ponto de tensão da Guerra Fria. O Taliban vê o trabalho feminino como uma arma na conspiração ocidental contra o Islã e, duas semanas atrás, fechou as últimas dez escolas para meninas (eram, na realidade, classes improvisadas em casas particulares). Só as médicas continuam em atividade, pois um homem não poderia atender pacientes do sexo oposto. Os princípios da sharia são aplicados em outros países, como a Arábia Saudita e o Irã, mas o rigor primitivo dos afegãos escandaliza até os aiatolás de Teerã. Depois de dezessete anos de guerra civil, a milícia fanática trouxe certa ordem e paz para Cabul, mas o preço tem sido terrível. Três semanas atrás, com a expulsão das agências humanitárias internacionais, fechou-se a última porta ao exterior. Vestidas em seus burqas, só resta às afegãs olhar o mundo por uma fresta de luz. ■



"Bem-aventurados os irrepreensíveis no seu caminho, que andam na Lei do Senhor." (Salmo)



Mulheres nas ruas de Cabul: cobertas dos pés à cabeça e proibidas de estudar

FOTOS: I. LIMONEN/VEBMA

O direito de ser devota

No mundo muçulmano, onde a regra é impor às mulheres severos códigos de conduta, a Turquia vive na contramão. Lá, o governo está às voltas com manifestações semanais, que chegam a reunir 3 000 universitárias diante da Universidade de Istambul, pelo direito de cobrir os cabelos segundo o figurino das muçulmanas devotas. A liberdade de vestimentas está longe de ser um assunto banal no país. Quando fundou a atual Turquia nos escombros do Império Otomano, em 1923, Mustafa Kemal, o Ataturk, separou radicalmente a mesquita do Estado. Entre as medidas que impôs para tentar criar um país moderno e laico estão as roupas ocidentais e o alfabeto latino. O véu, compulsório no regime teocrático dos sultões, foi banido do serviço público e das escolas. O Exército e o governo querem manter essas inovações a todo custo, mas a maioria da população prefere viver segundo costumes tradicionais. O uso do véu ressurgiu com toda força na última década, acompanhando a efervescência islâmica no Oriente Médio. Em 1995, um partido fundamentalista chegou a ganhar as eleições e governou por mais de um ano, até ser cassado pela Suprema Corte. O dilema tem certa ironia: liberdade para as turcas inclui o direito de cobrir a cabeça.



Universitárias: pelo véu

SHANA PRESS



Religião

Apocalipse já

Prisão de seita suicida em Israel mostra o ressurgimento de seitas milenaristas

O assalto no meio da noite foi desfechado com a crua eficiência que tornou lendário o serviço secreto israelense. Depois de dias de vigilância, equipes armadas até os dentes invadiram duas casas em distintos pontos da periferia de Jerusalém e prenderam todos os ocupantes. Expulsos do país na sexta-feira passada, os detidos — oito adultos e seis crianças, todos americanos — estavam longe de lembrar os inimigos habituais do Estado de Israel. Membros de uma seita apocalíptica chamada Cristãos Preocupados, os americanos planejavam apressar a segunda vinda de Cristo provocando um banho de sangue nas ruas de Jerusalém — tarefa não exatamente impossível numa cidade que

vive sob tensão constante. Não é um caso isolado: a proximidade do ano 2000 anda excitando mentes impressionáveis, especialmente nos Estados Unidos, onde proliferam seitas excêntricas alimentadas pela interpretação literal dos textos bíblicos. Nos últimos meses, uma força-tarefa especial criada pelo governo israelense já identificou pelo menos dois outros cultos milenaristas com planos de saudar o terceiro milênio cometendo suicídio coletivo no Monte das Oliveiras.

A combinação explosiva entre a aura mística de Jerusalém e o ano 2000 torna a cidade santa um chamariz quase irresistível para quem acredita que estamos no final dos tempos. Isso inclui as dezenas de seitas judaicas ultra-ortodoxas que aguardam a imi-



REUTERS

Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, por Dürer, e membro da seita sendo levado para a cadeia em Israel: fim do mundo

nente vinda do Messias (a primeira, do ponto de vista do judaísmo). O milenarismo, porém, é um fenômeno tradicionalmente cristão, que vicejou primeiro no seio da Igreja Católica e depois se espalhou entre as ramificações protestantes, com sua tradição de leitura sem intermediários da Bíblia. Ainda que de forma difusa, a idéia de um tempo determinado, e relativamente curto, para o juízo final está bem presente nos textos proféticos do Novo Testamento. São João, o Evangelista, que viveu por volta do ano 100, contribuiu acrescentando as imagens terríveis dos quatro cavaleiros do apocalipse.

O milenarismo floresceu com vigor durante a Idade Média. A decepção com a passagem tranqüila do ano 1000 é apontada como um dos motivos da cruzada organizada logo em seguida para conquistar Jerusalém aos infiéis muçulmanos. Mais recentemente, a idéia do fim do mundo com data marcada para o apocalipse perdeu o aval da Igreja Católica e das confissões protestantes tradicionais. "O misticismo em torno do ano 2000 não passa de sandice", descarta o reverendo Gilvan de Azevedo, da Igreja Evangélica Luterana do Brasil. Nesse campo, porém, o que grassa é exatamente o irracionalismo. Um instituto americano especializado em cultos milenaristas compilou o nome de mais de 1 200 autoproclamados profetas do fim do mundo nos Estados Unidos. Quem viver verá. ■



Religião

O Tibete é aqui

Com apelo pop e um líder boa-praça, o budismo tibetano tem platéia

Airton Seligman, de Curitiba

Santo de casa não faz milagre, mas os de fora operam prodígios. Do presidente Fernando Henrique Cardoso à cantora Baby do Brasil (ex-Consuelo), do senador Antonio Carlos Magalhães até a atriz Maitê Proença, reverente a ponto de mimosear o visitante com um beijo nas mãos, um monge budista vindo do outro lado do planeta angariou na semana passada as simpatias de um diversificado espectro de admiradores. Está certo que o monge é o dalai-lama, líder político e espiritual do Tibete, venerado por seus fiéis como uma das encarnações do próprio Buda. E que o dalai-lama é uma verdadeira fera das relações públicas, capaz de transformar uma causa melancolicamente perdida — a independência do Tibete, anexado pela China — e uma religião enigmática em bandeiras de estrelas de

Hollywood, militantes pacifistas e amantes dos mistérios do Oriente.

O segredo do sucesso do dalai em plagas brasileiras, onde religiões tradicionais e seitas variadas disputam a unha novos fiéis, está na mensagem, docemente adaptada aos ouvidos ocidentais atormentados pela realidade da vida numa sociedade tecnológica e competitiva. Para sensibilidades previamente amaciadas pelos ventos místicos da chamada nova era, o pacote filosófico do budismo tibetano cai como uma luva. É a religião do pacifismo, da ecologia, do autoconhecimento. Nada muito diferente dos manuais de auto-ajuda que proliferam no mundo materialista. Como encanto adicional, ao contrário das outras vertentes do budismo, mais abstratas e inalcançáveis, oferece o charme da causa política sem nuances: a defesa dos espiritualizados tibetanos contra os malvados comunistas chineses. O dalai-lama faz jus ao que se espera de um

prêmio Nobel da Paz e de um deus vivo. É uma figura sorridente, um monge de fala macia, confortável em seu manto cor de vinho e pés descalços. Vive exilado na Índia, de onde parte para turnês mundiais dignas de um popstar.

Lama gaúcho — Quando o dalai-lama veio ao país pela primeira vez, para a Eco 92, era apenas um simpático mas exótico visitante. De lá para cá, pipocaram centros de estudo do budismo tibetano país afora. A organização Chagdud Gonpa, por exemplo, ergueu centros em treze cidades, do interior do Rio Grande do Sul a Salvador. Até um mestre tibetano da gema, Chagdud Tulku Rinpoche, resolveu morar na serra gaúcha, onde construiu o primeiro templo sul-americano de arquitetura fiel ao modelo himalaio. Na cidade de São Paulo, o centro Odsal Ling tinha quinze frequentadores em 1995, quando a lama (mestre) americana rebatizada com o instigante nome de Tsering Everest assumiu os ensinamentos. Hoje tem quatro vezes mais.

Com seu coquetel filosófico adaptável aos mais variados propósitos, o budismo tibetano concentrou seu proselitismo num público especialíssimo — figurinhas carimbadas do show business, o que potencializa seu marketing. Em



Elba Ramalho, Rita Lee, Maitê Proença e Gilberto Gil com o dalai-lama, e meditação no parque: pacifismo, ecologia e autoconhecimento



Hollywood, seus mestres-de-cerimônias vão do bonito Richard Gere ao brutamontes Steven Seagal. Em Curitiba, na semana passada, renderam homenagem ao dalai-lama Gilberto Gil, Rita Lee e Elba Ramalho, que cantaram de graça para o mestre. Gil endossa a popularização do budismo tibetano: "A vulgarização é a própria essência do proselitismo religioso. A Bíblia, por exemplo, diminui a essência de Cristo. Escreveu, materializou; saiu do espírito, chegou ao corpo. É melhor que seja assim, é mais democrático". Captou a mensagem? Bem, mais difícil ainda é entender os preceitos do budismo tibetano, vertente mística da religião, repleta de demônios e seres fantasmagóricos, que exige dos seguidores de fé uma vida inteira de orações, estudo de textos herméticos e renúncia ao mundo dos sentidos — incluindo-se aí o sexo —, considerado a porta de todo o sofrimento.

Baby do Brasil, a decana do esoterismo no show business: "O dalai-lama é pop porque ele ama a paz. Woodstock já dizia isso"



Christiane Torloni confere em Curitiba a mensagem do líder budista tibetano: "Prazer da vida, sem pecado e sem culpa"

Christiane Torloni, uma das estrelas da platéia de cerca de 1 000 pessoas que suaram em bicas durante as palestras do mestre na Ópera de Arame. "O budismo fala do prazer da vida, sem pecado, sem culpa", acredita. Decana do esoterismo, a cantora Baby do Brasil deu uma força. "O dalai-lama é pop porque ele ama a paz. Woodstock já dizia isso", resumiu a ex-telúrica, ex-cósmica e andarilha da trilha de Santiago de Compostela.

Longe dos altos papos, o budismo tibetano, como qualquer outra religião, vem sendo experimentado no Brasil como solução para questões bastante prosai-

cas. "São muitos os que nos procuram com problemas com o marido ou a mulher, ou com conflitos no emprego", diz o lama Padma Samten, ex-professor de física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul que foi viver de donativos num centro de estudos na cidade de Viamão, em torno do qual orbita uma centena de pessoas. Isso o dalai-lama não resolve. Bom de relações públicas, ele encontrou no Brasil, porém, um parceiro ideal para contornar o carma do qual nunca se livra: os protestos da China contra países que lhe abrem as portas. Pressionado pela Embaixada da China, país com o qual o Brasil mantém um comércio fértil, o Itamaraty recomendou ao presidente que não recebesse o santo monge. Fernando

Henrique levitou sobre a constrangedora situação com seu apurado senso de marketing. Reuniu-se com o líder tibetano na casa do presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães. Proibiu fotos e câmaras, mas fez questão de que a imprensa soubesse do encontro com antecedência. ■

História

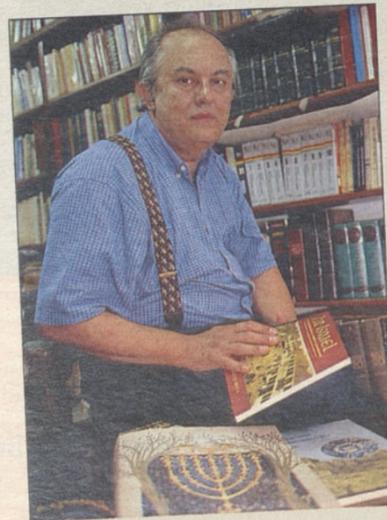
Rota de passagem

Historiadores restauram sinagoga dos judeus recifenses que ajudaram a fundar Nova York

Dina Duarte

Durante séculos, ninguém deu atenção ao casarão número 197 da Rua do Bom Jesus, no bairro do Recife Antigo. Até o ano passado, ele abrigava uma loja de materiais elétricos. Nem mesmo a revitalização do bairro, iniciada em 1994, atraiu para o prédio alguma atenção. Só agora, com sua desapropriação aprovada e o lançamento, há duas semanas, do projeto que o transformará no Centro de Documentação e Pesquisas da História Judaica, o casarão terá o reconhecimento que merece. No século XVII, ele abrigou a primeira sinagoga erguida nas Américas. O início da restauração promete devolver ao prédio muito mais do que seus encantos arquitetônicos. Criado para saldar uma dívida secular, o novo centro da história judaica pretende reunir toda a documentação existente sobre a saga dos judeus em Pernambuco durante o período colonial.

O trabalho de coleta e compilação de material sobre a época começou há quatro anos, sob a coordenação da historiadora Maria do Amparo Ferraz. Centenas de livros, mais de 50 000 folhas de papel, além de slides, vídeos e cópias de acervos iconográficos e mapográficos, que se



O historiador Leonardo Dantas Silva: detalhes espalhados em livros e mapas

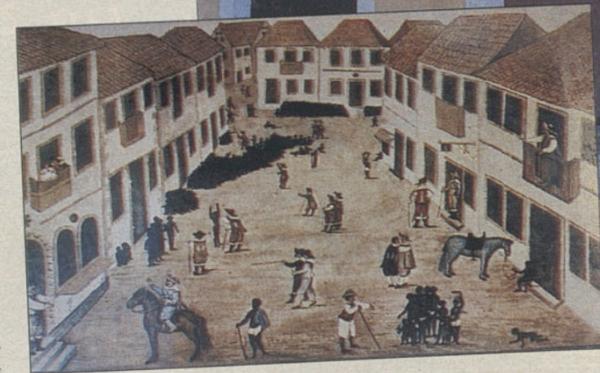
encontravam espalhados nas mais diversas partes do mundo, já foram reunidos. A idéia é expor todo o material de maneira didática na antiga sinagoga e explicar aos pernambucanos o passado da comunidade judaica e seu papel na formação da cidade do Recife. O Centro vai mostrar, por exemplo, que vários hábitos tradicionais cultivados até hoje pelos recifenses, como pintar as casas no final de ano, arrumá-las às sextas-feiras, comprar mercadorias à porta de casa e em prestações, são heranças deixadas pelos judeus.

A primeira ponte — As primeiras famílias judaicas chegaram a Pernambuco por volta de 1635. Perseguidas na Península Ibérica pela Inquisição católica, vieram seduzidas pela liberdade religiosa que os holandeses começavam a instalar nas terras recém-tomadas de Portugal (veja quadro).

"A presença dos holandeses em Pernambuco foi responsável pela formação da primeira comunidade judaica das três Américas", explica o jornalista e historiador pernambucano Leonardo Dantas Silva, editor de um dos poucos livros brasileiros sobre o assunto. Com cerca de 10 000 habitantes, à época, Pernambuco era a mais rica capitania brasileira.

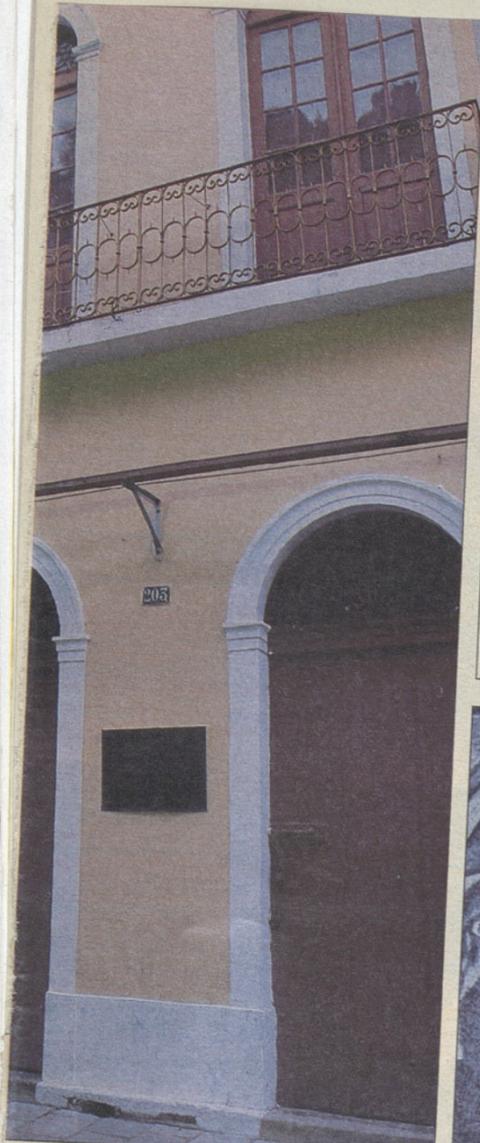
Atraídos também pela prosperidade, navios fretados por judeus chegavam ao porto nordestino quase que mensalmente. A maior parte deles vivia em estado de penúria na Holanda, principal refúgio contra a intolerância católica.

Nos trópicos, a receptividade abriu portas. Logo tomaram conta do comércio, principalmente o de açúcar e tabaco. Os mais abastados construíam casas na



Rua do Bom Jesus, onde também foi erguida a sinagoga. Aos poucos a comunidade de cerca de 1 200 pessoas foi se organizando, com cemitério e escolas próprias. Sob o governo do conde Maurício de Nassau, a partir de 1637, o poder dos judeus cresceu. Quarenta por cento das exportações de açúcar para a Holanda e a Alemanha eram feitas por eles. A participação no traçado da cidade também é relevante. Em menos de vinte anos — a permanência dos judeus em Pernambuco durou o mesmo tempo

FOTOS: LEO CALDAS / A.C. LUMINAR



O casarão que abrigava a sinagoga hoje, a Rua do Bom Jesus retratada no século XVII, e o primeiro rabino brasileiro, Isaac da Fonseca: ajuda na construção da cidade e na economia

da ocupação holandesa — eles construíram mais de 300 casas e sobrados. A primeira ponte do Recife, a Buarque de Macedo, foi encomendada por Nassau a um judeu, Baltazar da Fonseca.

Todos esses detalhes da intricada relação entre os judeus pioneiros e a cidade do Recife, até hoje espalhados em livros, mapas e fotos dispersos, o Centro de Documentação e Pesquisas da História Judaica vai reunir no casarão da Rua do Bom Jesus. Os visitantes vão ficar sabendo que a primeira manifestação literária em hebraico do Novo Mundo foi

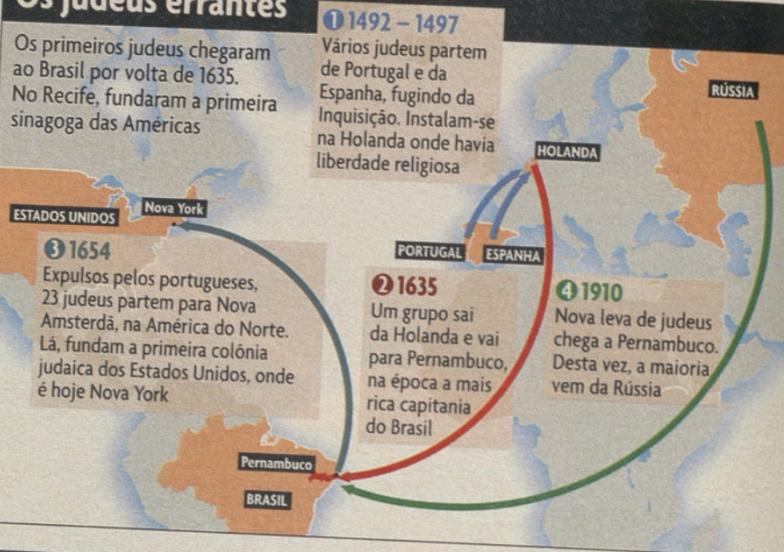


redigida em território pernambucano. Trata-se de três orações escritas pelo rabino Isaac Aboab da Fonseca, que relatavam o sofrimento e as provações passadas pelo povo judeu. Isaac da Fonseca foi o primeiro rabino das Américas.

Acaso — A segunda parte do trabalho do centro mostra o seguimento da rota dos judeus. Com a expulsão dos holandeses, em janeiro de 1654, a perseguição religiosa voltou a incomodá-los. Apesar da fortuna e da posição social que ocupavam na sociedade pernambucana, os

Os judeus errantes

Os primeiros judeus chegaram ao Brasil por volta de 1635. No Recife, fundaram a primeira sinagoga das Américas



judeus não foram poupados pela intolerância dos portugueses e, três meses após a saída dos holandeses, abandonaram o Brasil. O objetivo era retornar à Holanda, mas o acaso fez com que alguns deles fossem mudar a História — como já haviam feito no Recife — de outro canto do mundo. Cerca de 150 famílias partiram em direção a Amsterdã. Durante o percurso, nos mares do Caribe, uma das embarcações, o navio *Valk*, que transportava 23 judeus, foi interceptada por piratas espanhóis e aprisionada na Jamaica. Mais tarde, o grupo foi libertado pela tripulação do navio francês *Sainte Catherine*, que seguia para a América do Norte.

Foi dessa forma, por puro acaso, que em setembro de 1654 judeus saídos do Recife aportaram em Nova Amsterdã. Fundaram a primeira comunidade judaica norte-americana onde é hoje a cidade de Nova York. Atualmente o maior centro financeiro do mundo, Nova Amsterdã não passava de um vilarejo, com pouco mais de 1 500 habitantes. Como no Recife, os judeus ajudaram a montar a cidade e sua economia. “Apesar de tanta importância histórica, boa parte da trajetória desse povo permanece desconhecida”, afirma a historiadora pernambucana Tânia Kaufman, autora da tese “Passos perdidos, história recuperada”, sobre a presença judaica em Pernambuco. É essa história que o casarão amarelo pretende resgatar e contar.

Com reportagem de Cristiana Tejo

Religião

O mundo é de Alá

Com a conquista de católicos, o islamismo se transforma na maior religião do mundo



Eduardo Junqueira

Uma revelação estatística paira sobre os preparativos para as comemorações dos 2 000 anos do cristianismo. A hegemonia da Igreja Católica Romana começará o novo milênio mais abalada do que nunca. A maior religião do mundo passou a ser o islamismo. O número de muçulmanos supera o de católicos romanos. O islã congrega 1,14 bilhão de fiéis. São 100 milhões de pessoas a mais que o rebanho do papa João Paulo II. Há várias razões para as mudanças ocorridas no ranking da fé. Não há religião que cresça no ritmo do islamismo — 16% a mais de crentes a cada ano. Há de se levar em conta que mais da metade dos muçulmanos vive na Ásia, onde as taxas de natalidade são muito altas. A maior parte dos católicos, por sua vez, se concentra na Europa, Estados Unidos e América Latina, onde o

crescimento demográfico vem caindo nos últimos anos. Os fatores demográficos, porém, não explicam toda a força da expansão islâmica. Mesmo em países de forte tradição cristã cresce a presença muçulmana. Em 1970, havia na França apenas onze mesquitas. Quase trinta anos depois, os templos já somam mais de 1 000. No início da década de 70, a Inglaterra contava com 3 000 muçulmanos. Agora, eles são 1 milhão. Até no Brasil, um dos maiores países católicos do mundo, o *Alcorão*, livro sagrado do islã, atrai cada vez mais adeptos. Há quarenta anos a comunidade árabe possuía uma única mesquita. Hoje são 52 templos, espa-

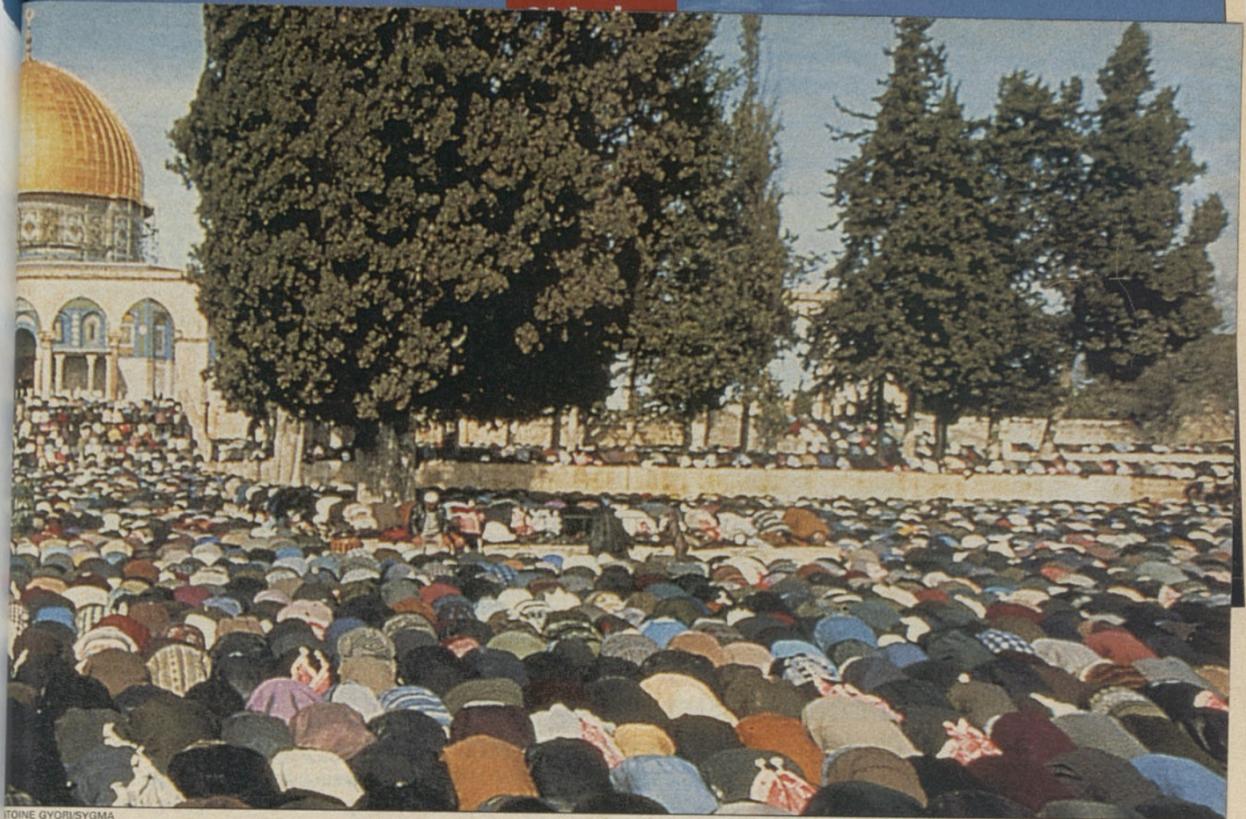
lhados por todo o país e freqüentados por cerca de 2 milhões de fiéis.

“O aumento do contingente nos países ocidentais ocorreu graças à adesão de ex-cristãos convertidos à fé islâmica”, diz Faustino Teixeira, professor de ciência da religião da Universidade Federal de Juiz de Fora. “A conquista de novos adeptos alavancou a liderança muçulmana.” Duas vezes por dia o computador do corretor de seguros Paulo Martins emite um pequeno sinal luminoso. Nesses momentos, ele interrompe o trabalho e ora. Em um tom quase inaudível, voltado para a cidade de Meca, na Arábia Saudita, Martins recita orações em árabe. Repete as preces cinco vezes por dia. Às sextas-feiras, ele reza em companhia de centenas de outros brasileiros em uma mesquita em São Paulo. Nascido em uma família de forte tradição católica, Martins, de 41 anos, abandonou suas origens e se converteu ao islamismo em 1995. “No catolicismo, sempre me senti distante de Deus”, diz ele. “Com o islamismo, a aproximação com o sagrado não depende de terceiros. Quando eu rezo, falo diretamente com Deus.”

O contato direto com Alá, sem intermediários — esse é um dos grandes



Paulo Martins reza em mesquita de São Paulo: contato direto com Deus



ANA APALUJO

runfos do islamismo na conquista de cristãos para as fileiras muçulmanas. A força do islã está no fato de que é uma religião extremamente acessível. Não há hierarquia, a fé pode ser praticada em qualquer lugar e não exige muito engajamento de seus adeptos”, analisa o dominicano frei Betto. Os ensinamentos contidos no *Alcorão* têm força de lei. Os muçulmanos acreditam na ressurreição dos mortos, no inferno e no paraíso. Misericordioso, benévolo, perdoante, clemente, pacificador — o Deus do islã é um só, mas pode ser identificado por 99 adje-

tivos expressos no *Alcorão*. Um ditado repetido entre os fiéis diz que “Deus está mais perto de nós do que nossa veia jugular”. São metáforas simples mas repletas de sentido místico e fascinantes para muitos. Muito mais atrativas e confortadoras do que a formalidade católica e a exaltação evangélica.

Desde 1979, quando a revolução iraniana, liderada pelo clero xiita, derubou uma monarquia pró-Occidente, o islã virou sinônimo de fanatismo e terrorismo. Os radicais existem, mas são minoria. Na Arábia Saudita, berço do

islamismo, quem rouba tem a mão cortada. Quem mata injustamente é executado em praça pública. São resquícios de um radicalismo cada vez menos praticado. Hoje, a maioria dos países muçulmanos reconhece os direitos das mulheres. A elas já é permitido trabalhar fora. Os tradicionais véus que cobrem o rosto e a cabeça das mulheres convivem em paz com calças jeans e tênis da moda. Com a bênção de Alá. ■

Muçulmanos oram diante de mesquita na Palestina: credo acessível e descomplicado

A expansão do islamismo

O número de muçulmanos no mundo já é maior que o de católicos (em porcentual da população mundial)



Fonte: World Christian Handbook / Universidade de Oxford

ALE SETTI

Religião

Maracanã da fé



A igreja do Rio: mais cinco obras gigantes até o ano 2000

jas evangélicas e mesmo da Igreja Católica, que ganhou fôlego com a aeróbica do padre Marcelo Rossi. A solução partiu do próprio bispo Edir Macedo: aumentar o tamanho dos templos. Nos cinemas poeirentos, a capacidade máxima é de 1 000 pessoas. Agora, a idéia é ter uma grande catedral em cada Estado do Brasil e sempre com mais de 4 000 lugares. Além

Igreja Universal constrói sua maior sede em bairro do subúrbio do Rio de Janeiro

No início, eles ocuparam cinemas poeirentos e decadentes. Agora, a Igreja Universal do Reino de Deus inicia uma nova fase. Até o fim do ano, Edir Macedo inaugura a sede mundial da Universal no bairro de Del Castilho, no Rio de Janeiro. O templo será o maior dos 5 000 que a igreja espalhou por Brasil, Estados Unidos, Portugal e África do Sul. É uma obra monumental. São 54 000 metros quadrados de área, com capacidade para 11 000 pessoas e estacionamento para 2 000 carros. Para se ter uma idéia da grandiosidade da obra, nem a maior casa de

shows do Rio, o Metropolitan, tem capacidade de público comparável. Os fiéis usufruirão um conforto muito apropriado para o calor da cidade: ar condicionado. O projeto arquitetônico é arrojado e até agora já consumiu 32 milhões de reais. Até o final do ano 2000, Edir Macedo pretende inaugurar outras cinco megacatedrais no país. "Os cinemas e teatros ficaram pequenos. Queremos dar conforto aos fiéis", diz o bispo e deputado federal Carlos Rodrigues, do Partido Liberal.

Erguer monumentos de concreto é a mais nova estratégia da Universal para manter seus fiéis longe das novas igre-

vos projetos misturam características modernas e referências bíblicas. No Rio, a igreja de Del Castilho terá muros imitando a Muralha de Jericó, um heliporto e um shopping center. A opção por um centro de compras também foi feita pela Igreja Católica, que desembolsou mais de 17 milhões de reais para erguer um shopping center da fé na Basílica de Aparecida do Norte.

Mas engana-se quem pensa que os velhos cinemas poeirentos estão com os dias contados. Eles continuam. "Não fechamos os templos velhos. Nossa política é abrir", afirma Rodrigues. Não há mesmo motivos para fechar nenhum deles. Nos últimos quatro anos, a cúpula da Igreja Universal estima que o número de fiéis dobrou. Passou de 4 milhões para 8 milhões. "A Igreja Universal continua sendo a que mais cresce no país", analisa a socióloga Regina Novaes, especialista no assunto. Pelo visto, será preciso muito mais do que as ginásticas do padre Marcelo Rossi para deter o crescimento do bispo Macedo.

Roberta Paixão

O projeto prevê ar condicionado e shopping center



Os números da obra

- Área: 54 000 metros quadrados
- Capacidade: 11 000 fiéis
- Estacionamento: 2 000 vagas
- Investimento: 32 milhões de reais



Cidades

O reino dos esotéricos



Místicos de Alto Paraíso vêm disco voador, conversam com ET e esperam o fim do mundo

Ricardo Villela, da Chapada dos Veadeiros

Há alguns dias, o presidente Fernando Henrique Cardoso passou um domingo em Alto Paraíso, pequena cidade da Chapada dos Veadeiros, 230 quilômetros ao norte de Brasília. FHC foi lá atraído pela beleza da região, mas se buscasse paz espiritual estaria no lugar certo. Alto Paraíso é um lugar adotado por místicos, esotéricos, religiosos e amantes da natureza. Ali tem de tudo: gente que acredita em discos voadores, conversa com ET e até acha que o mundo pode acabar na semana que vem. Mais da metade da população, de 4 000 habitantes, não nasceu na cidade. Alto Paraíso tem apenas uma igreja católica, mas abriga sete centros de meditação abertos ao público. Nas casas de classe média, além do fogão, da televisão e do banheiro, há sempre um cômodo dedicado à meditação. É sede de uma das últimas comunidades de ensino de esperanto do mundo e tem mais terapeutas alternativos do que doutores formados em medicina.

A combinação de misticismo e paisagem exuberante atrai cerca de 40 000 turistas por ano. São visitantes com propósitos diferentes dos que passam as

férias nas serras do Rio Grande do Sul ou nas praias do Ceará. Viajam em busca de terapias alternativas, como a massagem ayurvédica (em que se é besuntado de óleo e pisado pelo massagista), o renascimento (regressão ao próprio parto alcançada nas águas de uma cachoeira) ou os rituais xamânicos (em que tudo de ruim que carregamos é simbolicamente atirado ao fogo). Quase toda pousada tem seu templo ecumênico e um cardápio de terapias esotéricas. Na pousada Renascer na Luz, entre massagens e argiloterapia, é oferecido um tra-

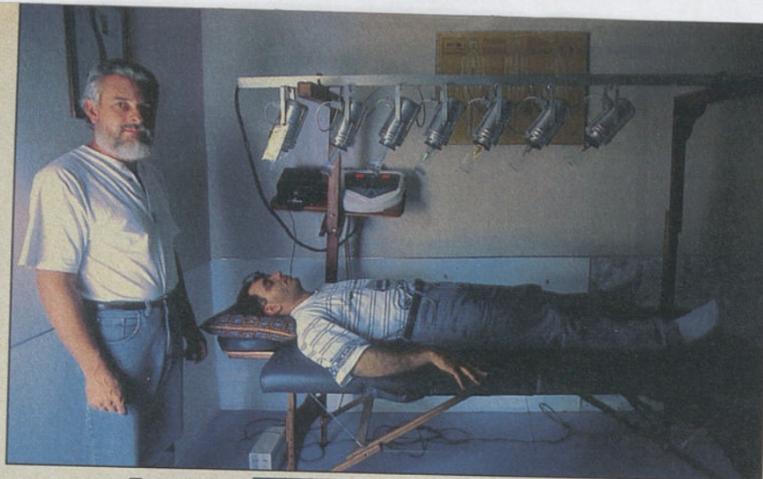
Onde fica



balho de limpeza do aparelho auditivo conhecido como velas Hopi, em que um cone feito de parafina e cera de abelha é introduzido no ouvido e depois aceso na ponta.

Sempre que o presidente do Brasil visita cidades menores tem de conviver com os inevitáveis pedidos de aperto de mão, fotos, subsídios, apartamentos. Em Alto Paraíso, FHC passou tranqüilo, sem ser incomodado. A população do lugar é zen demais para se preocupar com ele. Essas pessoas foram atraídas pelo misticismo de uma cidade localizada no mesmo paralelo da peruana Machu Picchu, sobre uma das maiores concentrações de cristais de quartzo do mundo. Hoje, há mais de oitenta organizações não governamentais em Alto Paraíso. São instituições com nomes estranhos como Instituto Quintessência, Fundação Arcádia, Espaço Metatron ou Fazenda Osho Lua. Se as famílias de classe média do resto do Brasil sonham em passear nos parques de Orlando ou fazer compras em Nova York, em Alto Paraíso o destino favorito é a Índia. A população pode ser dividida entre os que já foram, os que querem ir e os que lá estiveram em outras encarnações.

A corrente de migração dos místicos começou no início da década de 80. Inspirados pela divulgação de uma foto da Nasa que indicava a presença de grande quantidade de cristais na região, integran-



Tecnologia interplanetária contra stress e argiloterapia: tudo em busca de paz



tes de diversas comunidades alternativas escolheram Alto Paraíso como meca. Desde então, a cidade, que antes não passava de um amontoado de casas de garimpeiros, começou a receber a turma do papo cabeça.

De todas as diferentes correntes religiosas, seitas, igrejas e grupos esotéricos da cidade, a que reúne o maior número de seguidores é dos *samyasin*, do líder espiritual indiano Osho, que ficou conhecido como o guru do amor livre e morreu em 1990. São eles os responsáveis pelos templos e casas redondas ou em forma de gota que se espalham pela cidade. Somam cerca de 200 integrantes que não se consideram um grupo nem uma seita e meditam diariamente. A meditação dos seguidores de Osho inclui danças, pulos, gritos e chacoalhadas. É tudo uma forma de cansar o corpo, fazer subir a energia que vem da terra e aí, sim, meditar e relaxar. Quem deseja tornar-se discípulo de Osho tem de ir à Índia pessoalmente ou enviar pelo correio um formulário com duas fotos. Em algumas semanas chega a resposta com um novo nome para o discípulo.

Com a expectativa da virada do milênio, Alto Paraíso está vivendo seu auge. "Já recebemos inúmeros pedidos de reserva para o próximo réveillon", conta Enaida Cabral, ex-executiva do Sesc em Brasília que se mudou para Alto Paraíso e montou um misto de centro de terapia e pousada chamado Chácara Anos Luz. Antes do dia 31 de dezembro, contudo, a cidade vai viver uma data que muitos consideram mais relevante do que a che-

gada do ano 2000. No dia 11 de agosto, acontecerá um alinhamento único de planetas que abrange um eclipse visível apenas no Hemisfério Norte. É uma data importante para qualquer esotérico e está sendo levada a sério em Alto Paraíso. "Será um dia tenso, com toda a certeza, mas a Terra já superou outros", tranquiliza o astrólogo Kranti Pessoa. Nenhuma instituição se está preparando tão a fundo quanto a Fundação Arcádia. Fundada pelo paulista Ergom Abraham, a Arcádia trata pacientes estressados com tecnologia que acreditam ter sido desenvolvida por seres de outros planetas. No dia 11 de agosto, Ergom estará reunido com setenta pessoas no alto de um platô na Chapa dos Veadeiros para assistir à passagem do planeta para uma nova fase. Sua previsão: "A sombra do eclipse vai passar justamente sobre os países mais ricos do mundo. Será o fim da vida como conhecemos. O sistema econômico vai ruir. Empresas vão falir e todas as religiões serão substituídas por uma universal. Padrões de pensamento vão mudar. A nova vida será calcada em valores diferentes. Os novos tempos serão muito melhores". Para quem acredita, fica o aviso: toda essa confusão está marcada para 11 de agosto. É bom assinalar no calendário com caneta vermelha.

Cidades

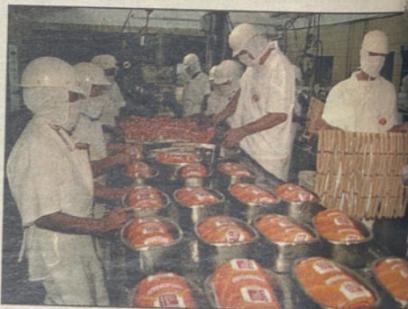
Tudo privado

Empresários do interior substituem as prefeituras

Um governo sem burocracia, rápido e com recursos suficientes. O sonho de toda cidade é uma realidade em cinquenta municípios do interior de São Paulo. Nessas regiões, grupos de empresários se reuniram e estão ajudando a prefeitura a solucionar problemas. É a iniciativa privada funcionando como uma espécie de governo paralelo. Na cidade de Rancharia, a 600 quilômetros da capital paulista, o maior frigorífico da região estava à beira da falência. Seriam 200 funcionários demitidos. Com medo de que o desemprego iniciasse um ciclo de violência na cidade, dez empresários se juntaram e compraram o empreendimento. Cada um deu 60 000 reais. Depois de seis meses, o frigorífico está no azul. Há três meses, 25 empresários de São João da Boa Vista aliam-se para criar a agência de desenvolvimento do município. As primeiras medidas são ocupar um shopping abandonado e inaugurar escolas técnicas na região.

FOTOS ANA ARAUJO

A participação de empresários na administração dessas cidades é uma bela lição de como a iniciativa privada pode colaborar com o poder público. O raciocínio é simples: se a cidade prospera, todos prosperam. Cada empreendimento desses fortalece o município, garante empregos para a população e lucros para aqueles que investem. Um exemplo de prosperidade surgido da organização da iniciativa privada é a cidade de Parma, na Itália. Falidos depois da II Guerra Mundial, os pequenos produtores de leite da cidade se uniram e montaram uma cooperativa. Faturam hoje 1,5 bilhão de dólares por ano. Tudo isso sem a mão do governo.



MARCELO HIDEJAG, OESTE PAULISTA

■ Frigorífico salvo: 200 vagas mantidas

Text:
 Fußball ist Handarbeit – ein Besuch in einer Fußballmanufaktur in Pakistan
 (nach einer Reportage von Katharina Niekoleit in der Frankfurter Rundschau vom
 27.12.2005)

Bearbeitungszeit: 100 Minuten
 Hilfsmittel: einsprachiges Wörterbuch

Die Ventilatoren summen, aber gegen die Hitze kommen sie kaum an. Auf kleinen Hockern sitzen Frauen in bunten Schleiern. Sie nähren so schnell sie können Sechsecke zusammen. Konzentration ist wichtig, um mit den Nadeln möglichst schnell die Löcher zu treffen. Am Ende jeder Nacht wickeln die Frauen den Faden um kleine Holzstücke und ziehen um einen Fußball herzustellen. Die Arbeit ist anstrengend, nach kurzer Zeit schmerzt der Rücken. Anderthalb Stunden dauert es, einen Ball zusammenzunähren – als Lohn gibt es dafür üblicherweise 42 Cent.

Eine der Näherinnen ist Rahila. Seit acht Jahren kommt die 40-jährige jeden Tag in das Frauennähszentrum, um Bälle zu fertigen. Ihre Tage sind lang. Um fünf Uhr steht sie morgens auf, um ihrem Mann Sultan Ali, der Schwiegermutter und den acht Kindern Frühstück zu bereiten. Auf einem kleinen Feuer backt sie Fladenbrote und kocht Eintopf. Nach der Zubereitung des Essens erledigt Rahila die Wäsche – sie wird mit der Hand im Bach gewaschen. Um sieben ist Rahila dann auf dem Weg zur Arbeit.

Hier in Sialkot, im fruchtbareren Osten Pakistans, produziert man 80 Prozent der weltweit benutzten Fußballer. An der Hauptstraße reihen sich die Fabriken aneinander und überall in den umliegenden Dörfern gibt es Nähzentren. Rund 100 000 Menschen arbeiten in der Region in der Sportartikel-Industrie. „Fußbälle zu nähen ist auch die einzige Arbeit, die es hier in der Gegend für Frauen gibt. Im Fußball zu nähen ist auch die einzige Arbeit, die es hier in der Gegend für Frauen gibt. Im streng muslimischen Pakistan dürfen Männer und Frauen nicht gemeinsam in einem Raum arbeiten. Und so sind die Nähzentren, in denen die Frauen unter sich bleiben, die einzige Möglichkeit für ein zweites Einkommen. Und zwei Einkommen sind bitter nötig, um eine zehnköpfige Familie zu ernähren. Die Löhne sind niedrig und die Lebenshaltungskosten steigen rasant. Trotzdem hätte Sultan Ali seiner Frau niemals erlaubt zu arbeiten, wenn er nicht sicher gewesen wäre, dass sie dabei fast ausschließlich mit Frauen zu tun hat.

Rahilas Arbeit wird von der Familie als Glücksfall betrachtet, denn ihr Arbeitgeber ist Talon, eine Fabrik, deren Produkte teilweise über die „Fair-Handelskette“ Gepa verkauft werden – an Kunden in Deutschland, die für Waren, die unter fairen Bedingungen produziert werden, freiwillig einen höheren Preis bezahlen. Wenn Rahila einen Ball näht, auf dem „Fair pay, Fair play“ steht, erhält sie für diesen Ball nahezu den doppelten Lohn. Außerdem bietet Talon seinen Arbeitern eine kostenlose Gesundheitsfürsorge für die ganze Familie und die Möglichkeit, bei der Firma einen Kredit aufzunehmen.

Wenn man pakistanische Maßstäbe anlegt, hat es die Familie weit gebracht. Ihr Haus hat Strom, im Hof gibt es einen Wasserhahn. Und einmal in der Woche gibt es Fleisch zu essen – das ist in Pakistan nicht selbstverständlich. Diesen bescheidenen Wohlstand verdankt die

Religião

Quem faz o maior

Com obra gigante no Ceará, Igreja Católica marca pontos na guerra dos megatemplos

Marcos Gusmão

O parque onde fica a imagem de 27 metros do padre Cícero, em Juazeiro do Norte, no Ceará, virou um canteiro de obras. Lá, mais de 300 operários trabalham para erguer uma igreja gigantesca. É a maior obra católica desde a construção da Basílica de Aparecida, concluída nos anos 80. A torre principal terá 48 metros de altura, o equivalente a um edifício de dezesseis andares. Seus 5 700 metros quadrados de área equivalem a um campo de futebol. A capacidade de 14 300 pessoas é cinco vezes maior do que a da Catedral da Sé, em São Paulo. Por que a Igreja Católica está empenhada numa obra de tal magnitude? “A estrutura prodigiosa mostra a intenção dos católicos de não perder espaço para outras religiões que começaram a levantar seus megatemplos pelo país nos últimos anos”, diz a antropóloga Regina Novaes, do Instituto de Estudos da Religião, Iser.

A mesma explicação vale para as outras igrejas. Elas estão travando uma competição de megatemplos porque eles são sinais visíveis de fé. “Uma

construção como a de Juazeiro demonstra aos fiéis a força da Igreja”, garante o padre José Venturelli, administrador da obra no Ceará. A iniciativa católica é tímida se comparada ao fervoroso apetite por grandes santuários da Igreja Universal do Reino de Deus. No ano passado, o bispo Edir Macedo inaugurou um templo para 10 000 pessoas em São Paulo, já se prepara para abrir um para 11 000 no Rio de Janeiro, nos próximos meses, e tem na gaveta outros cinco projetos de megacatedrais. Os messiânicos construíram um enorme local de celebração, chamado Solo Sagrado, em São Paulo, em 1995, e já pensam num segundo. Com capacidade menor, mas área construída equivalente, os mórmons também arregaçaram as mangas para erguer seus templos. A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias toca atualmente três projetos de grandes templos: um no Recife, outro em Campinas e o terceiro em Porto Alegre.

Arquitetura — Os novos megatemplos têm em comum a ousadia e o luxo de seus projetos arquitetônicos. “Os prédios devem passar a idéia de que ali dentro os fiéis estarão mais próximos



Solo Sagrado da Igreja Messiânica
 Local: São Paulo
 Área construída:
 7 000 metros quadrados
 Capacidade: 50 000 pessoas



Sede mundial da Igreja Universal do Reino de Deus
 Local: Rio de Janeiro
 Área construída:
 54 000 metros quadrados
 Capacidade: 11 000 pessoas

10:45 Lauter Lyrik
 11:00 Nachrichten, Wetter
 ca. 11:30 Focus Kultur
 12:00 Kultur Aktuell

Han

Instrumentierten drei Mittelsätzen stellt Mahler zwei groß angelegte und monumental orchestrierte Außensätze gegenüber, die durch satztechnische und musikalisch-thematische Parallelen aufeinander



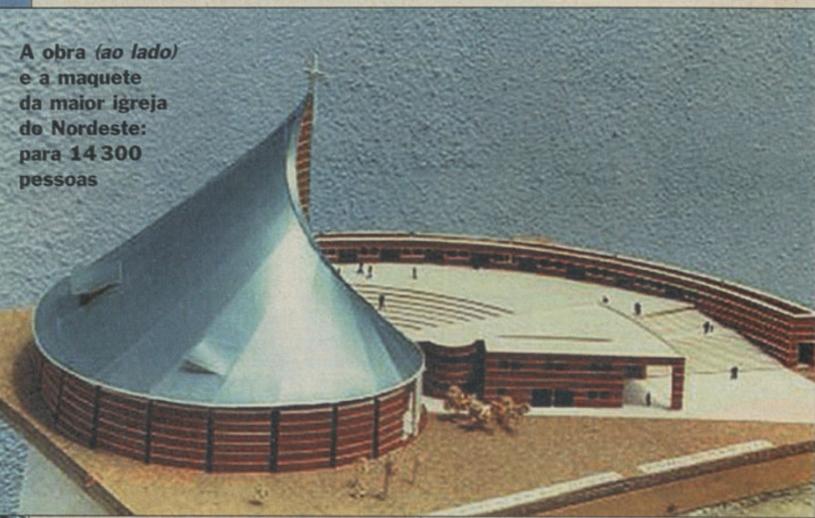
liche
 e mit
 nicht
 hitte
 ofern
 so-
 nie

opard
 97

15



A obra (ao lado) e a maquete da maior igreja do Nordeste: para 14 300 pessoas



Igreja Senhor Bom Jesus do Horto
Local: Juazeiro do Norte
Área construída: 5700 metros quadrados
Capacidade: 14300 pessoas

do sagrado", explica o padre e historiador José Oscar Beozzo, de São Paulo. "Desde as antigas religiões, o luxo e a imponência dos templos têm servido a esse propósito." O desenho do novo santuário de Juazeiro do Norte mostra bem isso. Cravado na região semi-árida do Ceará, o templo lembra uma enorme tenda, formada por uma espiral de concreto armado. As paredes serão de tijolo aparente, com faixas alternadas de mármore, e o telhado será feito de cobre. A igreja deve ficar pronta da-

qui a três anos, mas já foi marcada uma missa para o primeiro dia do ano 2000.

O templo messiânico é um grande jardim de 7 000 metros quadrados. No centro do altar encontra-se uma torre de 71 metros de altura. Ela é vazada para permitir que os raios solares entrem nela somente ao meio-dia do dia 23 de dezembro e formem um imenso círculo luminoso no altar. Nessa data é comemorado o aniversário do fundador da Igreja Messiânica, o japonês

Meishu-Sama, que significa Senhor da Luz. Em torno de 60 milhões de reais estão sendo investidos pelas igrejas para a construção desses suntuosos locais de oração. A cifra poderá superar os 100 milhões quando começarem os próximos projetos da Universal. A igreja do bispo Edir Macedo é a que mais gasta com megacatedrais. A sede do Rio consumirá ao todo 32 milhões de reais. Os mórmons despejaram cerca de 10 milhões no templo do Recife, que tem a fachada revestida de granito, enquanto os messiânicos desembolsaram 15 milhões para criar o Solo Sagrado, em São Paulo. O orçamento mais modesto é dos católicos em Juazeiro, que elaboraram uma obra no valor de 5,5 milhões de reais.

Os novos megatemplos demonstram inusitada preocupação com o conforto dos fiéis. Os da Universal poderão usufruir arquibancada estofada e ar condicionado no prédio do Rio. Os mórmons estão construindo, num anexo ao templo do Recife, um alojamento de 3 500 metros quadrados para hospedar fiéis de outros Estados. "É um ponto de apoio para quem não tem condições de pagar hotel", diz Raul Lins, gerente de construção de templos mórmons no Brasil. Associadas à idéia de conforto, algumas igrejas montam lojinhas ligadas aos megatemplos. São centros de comércio para vender CDs, camisetas e outras lembranças religiosas. Isso mostra que os novos templos poderão servir também para engordar os cofres das igrejas, além de encher os olhos dos fiéis. ■

O MILAGRE DO CAIXA



Alexandre Secco

Nos últimos vinte anos, o governo vem fazendo investidas pesadas para tentar esclarecer duas dúvidas sobre a Igreja Universal do Reino de Deus do bispo Edir Macedo: quanto dinheiro circula pelos seus templos e o que exatamente é feito com ele. Nesse período, o bispo já se viu envolvido em todo tipo de escândalo, policial, fiscal e político. As acusações resvalam, mas nunca se consegue provar nada. Estão surgindo agora, pela primeira vez, documentos e relatos consistentes que podem ajudar pelo menos a decifrar um dos grandes mistérios que envolvem a Universal, a instituição religiosa que mais cresce no país: o tamanho do caixa da Igreja. As primeiras projeções, com base em livros contábeis mantidos por ex-pastores da Universal e de acordo com investigações recentes conduzidas pelo Ministério Público e pela Receita Federal, revelam que neste ano a arrecadação da organização de Edir Macedo poderá ultrapassar os 2 bilhões de reais. É uma cifra espantosa. Essa Igreja se transformou em um fenômeno econômico. Só para efeito de comparação, a arrecadação da Universal é grande o bastante para colocá-la na lista das 100 maiores empresas do país, à frente de grupos muito bem administrados e comercialmente agressivos como a Arisco e a TAM.

Até aqui, nada há de errado com a megaigreja do bispo Edir Macedo. Todas as instituições religiosas arrecadam dinheiro dos fiéis para sobreviver. Mas é fato comprovado, até em pesquisas acadêmicas, que na hora de pedir o dízimo aos fiéis os pastores da Universal são vorazes como abelhas diante de um pote de mel. É comum nos cultos da Igreja ouvir pastores convidando os fiéis a entregar até o dinheiro que guardam na poupança. Nada disso,

no entanto, é crime. Afinal, só enfia a mão no bolso e contribui com a Igreja quem assim o deseja. O problema começa depois da doação. Nos últimos anos, a Universal vem confessadamente usando esse dinheiro para alargar seu império com a compra de empresas nas mais variadas áreas de atuação. Como igreja, ela usufrui de isenção municipal, estadual e federal. Mas quando compra um negócio essa isenção não é estendida. Essas empresas precisam declarar seus rendimentos para o Fisco. É aí que a Igreja Universal do Reino de Deus vem cometendo irregularidades. A Receita Federal achou furos inaceitáveis na contabilidade das empresas ligadas à Igreja. O valor das autuações quase ultrapassa a cifra de 300 milhões de reais. São 156 milhões no nome da própria Universal e o restante no nome de alguns de seus mais importantes membros.

A Igreja reagiu com uma estratégia bem definida. Primeiro, pagou integralmente as multas aplicadas

Bispo Macedo: a Igreja pagou as multas em nome da cúpula e recorreu das outras

ao bispo Edir Macedo, ao seu sobrinho Marcelo Crivella (leia reportagem na pág. 44) e a outros participantes do alto escalão da Universal. Foram 50 milhões para livrá-los da possibilidade de prisão. Depois, contestou as multas que estão no nome do grupo. Os processos estão no Conselho de Contribuintes, um órgão ligado ao Ministério da

C. LOUREIRO/AG. O GLOBO



Basic Interval 1000 feet.



ALEXANDRE TORIACA

Universal S.A.

Além da igreja, a Universal é proprietária de **80 empresas.** Entre elas, uma financeira, uma construtora, uma gráfica e emissoras de televisão e rádio



REPRODUÇÃO J. MIRANDA

Rede Record (acima), CD da gravadora Line Records (à esq.) e um exemplar do jornal Folha Universal: diversificação

exemplos: a Igreja foi dona de um banco que mudou de nome e razão social mais de dez vezes em pouco mais de dez anos. A última estranheza em relação ao banco foi sua transformação recente numa financeira. Esse é um fato sem precedentes no mercado bancário, em que a palavra de ordem para quem quer se estabelecer é manter a transparência e a organização. A empresa de engenharia formada pela Igreja para lhe prestar serviços também já teve o nome trocado duas vezes. E, por fim, a operação financeira que resultou na compra da TV Record jamais foi explicada e está sendo contestada pelo governo na Justiça até hoje.

Para entender o que realmente é a Universal, o governo precisa fazer malabarismos. Oficialmente, sabe-se do registro de apenas 1 900 templos, que estão cadastrados no INSS sob identificações fiscais diferentes. Entretanto, imagina-se que a Igreja tenha mais de 10 000 templos espalhados pelo Brasil e pelo mundo. Há meses o governo tenta encontrar uma solução jurídica adequada para fazer o cadastro da Igreja. Outra coisa que ninguém entende é como funciona (se é que funciona) a transferência de dinheiro da Igreja entre suas filiais no exterior. Remessa de dinheiro é um processo legal e muito comum quando há filiais fora do país. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, CNBB, órgão ligado à Igreja Católica,

por exemplo, enviou quase 300 000 reais ao exterior entre os anos de 1992 e 1997. A diferença é que fez o lançamento em seu nome para todo mundo ver. Esse tipo de divergência entre o que a Universal diz e o que consegue demonstrar está levando a Previdência Social a promover uma grande investigação nos templos da organização. O governo quer saber se a Universal está recolhendo as contribuições sociais de seus empregados. Finalmente, se pelo lado de fora tudo parece confuso, sabe-se que internamente tudo é muito organizado e funcio-

na nos moldes empresariais. A Universal tem aviões para carregar seus principais líderes, montou uma holding para controlar suas operações e conta com a supervisão direta do bispo Macedo. Todo santo dia ele acompanha o relatório que indica a movimentação — de dinheiro e fiéis — de cada um dos templos. Geralmente, é esse o documento que ele e seus auxiliares usam para determinar promoções dentro da hierarquia da Igreja.

Diante desses indícios de que a Igreja se esteja desviando de sua mis-



PAULO VITALE



Sede em Nova York e o dizimo em espanhol: a mesma tática



REPRODUÇÃO J. MIRANDA

são principal, não é só o governo que resolveu examinar a Universal mais de perto. No último ano, uma leva de ex-amigos do bispo se voltou contra ele e pede na Justiça indenizações milionárias. Um grupo de pastores está tentando provar que a Universal é, mais do que Igreja, uma empresa dedicada à realização de lucros. Esses processos judiciais em andamento no Rio de Janeiro e em São Paulo trazem uma série de documentos reveladores sobre os

métodos de atuação da Universal. O ex-pastor Hamilton Luciano de Almeida, por exemplo, entregou à Justiça o livro-caixa da filial localizada no bairro Cidade de Deus, no Rio, referente ao período entre março de 1994 e janeiro de 1995. O livro mostra que a arrecadação da Igreja nessa fase subiu de 15 000 para até 50 000 reais mensais. Segundo Almeida, "quem não consegue aumentar a arrecadação da igreja sob sua responsabilidade em pelo menos 25% por mês é mandado embora ou punido". Ele serviu mais de dez anos na Universal e afirma que acabou expulso por contestar as ordens da cúpula.

Outro documento interessante, revelado pelo ex-pastor Mavíael José de Oliveira, mostra que chegou a existir a figura do pastor comissionado. O advogado José Carlos Esteves Guimarães, que o representa em um pedido de indenização contra o bispo, aberto na 9ª Vara Cível da cidade do Rio de Janeiro no ano passado, diz que os pastores recebiam comissões quando conseguiam elevar a arrecadação em dinheiro de um templo. Outro livro-caixa,

apresentado pelo ex-pastor Aloísio de Carvalho, mostra a movimentação financeira da Universal na região Norte, onde ele liderou a expansão da Igreja no começo da década de 90. Revela que o dinheiro da manutenção dos templos, em alguns casos, consumia menos de 30% do que era arrecadado. "O que sobrava a gente mandava para a matriz, em São Paulo", diz ele, que abandonou a Igreja há cinco anos. O ex-pastor Marcelo Gonzales é outro que está ajudando a esclarecer detalhes de contabilidade. Ele diz que comandava um pequeno templo na periferia de Brasília que chegou a arrecadar 230 000 reais por mês em 1997. "A ordem era arrecadar", disse ele. "Qualquer pessoa que estudar as contas da Universal vai descobrir que ela não passa de uma empresa lucrativa, muito lucrativa", afirma Carvalho. No último ano, já se contam pelo menos vinte ações desse tipo na Justiça cobrando indenizações da Universal. Essas ações envolvem pedidos que, somados, atingem o valor de 50 milhões de reais. A lógica desses pedidos é que, se os pas-

Ex-pastores querem indenização trabalhista

Outubro 1994.

01/10	161,00	63,00	31,00	30,00	-	535,00
02/10	148,00	585,00	73,00	383,00	-	910,00
03/10	134,00	134,00	134,00	134,00	-	536,00
04/10	134,00	134,00	134,00	134,00	-	536,00
05/10	134,00	134,00	134,00	134,00	-	536,00
06/10	134,00	134,00	134,00	134,00	-	536,00
07/10	134,00	134,00	134,00	134,00	-	536,00
08/10	134,00	134,00	134,00	134,00	-	536,00
09/10	134,00	134,00	134,00	134,00	-	536,00
10/10	134,00	134,00	134,00	134,00	-	536,00
Total	1338,00	1338,00	1338,00	1338,00	0,00	41364,12

Segunda de 1994.

01/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
02/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
03/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
04/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
05/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
06/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
07/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
08/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
09/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
10/11	195,00	35,00	33,00	33,00	30,00	1.026,00
Total	1950,00	350,00	330,00	330,00	300,00	53.197,30



Os documentos ao lado fazem parte de um processo que está na 18ª Vara Cível do Rio de Janeiro. Um grupo de ex-pastores pede indenização trabalhista, sob o argumento de que a Universal visa ao lucro. As provas são: folhas de um livro-caixa de uma filial da Igreja e uma carteira de filiação expedida pela instituição.

O número assinalado em vermelho é a arrecadação mensal de uma pequena filial da Igreja. Repare que em apenas dois meses subiu de 41 364 para 53 197 reais

O processo diz que os pastores recebiam por meio de comissões. A Igreja garante que nunca usou tal sistema de premiação. Destacada, a carteira de "pastor comissionado"

Basic Interval 1000 feet.

Uma catedral em grande estilo

Quando o bispo Edir Macedo resolveu construir sua basílica evangélica, a idéia era criar um ponto de peregrinação para os fiéis. Escolheu o Rio de Janeiro, onde havia fundado a Igreja em uma antiga casa funerária, e o bispo Marcelo Crivella para tocar o projeto. Há dois meses, a Catedral da Fé foi inaugurada pelo próprio Macedo no subúrbio carioca de Del Castilho. Mais que um centro religioso, ela é uma espécie de shopping da fé. Está em final de construção dez cinemas, especializados em filmes religiosos, um museu da Bíblia e uma reprodução em miniatura de Jerusalém. A catedral terá também restaurantes, filiais das lanchonetes Casa do Pão de Queijo e Bob's e da sorveteria La Basque. Audacioso, Crivella está negociando com a Disney a construção de um brinquedo temático que mostrará a história do Evangelho. Essa é a primeira de uma série de grandes catedrais que Macedo pretende plantar nas principais capitais.

Cada detalhe da obra e dos contratos foi decidido pelo bispo Crivella. Durante dois anos, ele reve-

zou-se entre a pregação em Johannesburgo, na África do Sul, onde vivia, e a construção da catedral. A Universal está enterrando definitivamente a era em que seus cultos se davam em teatros e galpões poeirentos que serviam de templo e se mudando para instalações monumentais. O acabamento do megatemplo de Del Castilho é um luxo. Revestida de mármore, a nave principal tem 10 000 poltronas acolchoadas e, no altar, uma árvore de ferro de 26 metros de altura se transforma na estrutura do teto.

Ao todo foram gastos 32 milhões de reais e ainda há muitas despesas pela frente. "Se tivesse 100 milhões de reais, eu gastava", diz Crivella. Foi ele quem negociou a compra dos prédios e terrenos vizinhos, usados para expandir a igreja. Depois de muita insistência, conseguiu os imóveis por 10% do valor pedido no início da conversa. Seu objetivo agora é ter uma estação do metrô dentro da catedral. "Queremos levar os fiéis da Zona Sul do Rio para lá, e o metrô facilita", explica. Já existe uma estação de trem na porta da igreja.

tores ajudaram a Igreja a lucrar, eles têm direito a uma parte dos ganhos.

Os bispos, pastores e obreiros não têm carteira assinada porque a profissão de pastor não é regulamentada. Macedo, portanto, está desobrigado de recolher impostos e contribuições sobre sua folha de pagamento. Isso explica o motivo de não caberem ações trabalhistas contra a Igreja. Sabe-se que um pastor da Universal pode receber até 6 000 reais. Se for realmente bom, ganha carro importado e casa para morar. Detalhe: nenhum bem fica em seu nome. O carro, a casa, tudo é da Igreja. Só em São Paulo a Universal já manteve uma frota de cerca de 300 veículos registrados em seu nome, segundo um levantamento no Detran. Caso o pastor decida abandonar a Universal, precisa abrir mão de tudo. Outra novidade ruim para o bispo Macedo é que cerca de 300 ex-pastores do Rio e de São Paulo que foram mandados embora estão se articulando para criar uma associação cuja finalidade é exigir indenizações do bispo. "Ninguém mais agüenta viver na miséria enquanto a cúpula da Igreja fatura cada vez mais alto", diz o ex-pastor Hamilton Lucia de Almeida.

Curiosamente, toda essa movimentação por parte do governo e dos ex-pastores ocorre no momento de maior

expansão da Universal em número de fiéis, em arrecadação, em construção de templos e importância política. Nos últimos anos, o bispo ordenou a abertura de novas sedes e maior oferta de cultos. Hoje, a Universal é capaz de lotar estádios até na África. A bancada de políticos cresceu e já soma dezoito deputados federais. Alguns templos começaram a realizar até seis cultos por dia (normalmente são quatro), e as campanhas especiais foram multiplicadas. A campanha de Israel, por exemplo, era anual e hoje é feita até três vezes por ano. Nesse tipo de campanha, os fiéis são convidados a colocar a maior quantidade de dinheiro que puderem em um envelope junto a um pedido. Ao final da campanha, os bispos se comprometem a levar os pedidos para a terra prometida. A Igreja também está gastando na construção de templos novos, maiores e mais bem localizados. Macedo quer construir dezenas de templos com capacidade para mais de 5 000 pessoas nos próximos anos. O maior deles foi inaugurado há dois meses. É uma catedral com capacidade para 11 000 pessoas, numa área de 54 000 metros quadrados, e estacionamento para 2 000 carros, no bairro de Del Castilho, Zona Oeste do Rio de Janeiro. Até agora o projeto já consumiu 32 milhões de reais. Dentro de um ano, ele pretende inaugurar outras cinco catedrais no país, ao custo de cerca de 200 milhões de reais.

Só para se ter uma breve idéia da evolução da Igreja Universal, há pouco mais de vinte anos, o bispo Edir Macedo pregava no coreto de uma praça no Rio porque não tinha dinheiro sequer para pagar o aluguel de uma garagem. Ele precisou de apenas três anos para abrir seus primeiros galpões e construir a primeira filial nos Estados Unidos. Hoje, está à frente de um império espalhado por todo o Brasil e em outros setenta países nos quatro cantos do mundo, da Colômbia aos Estados Unidos, da África até a Rússia. A Igreja comanda uma vasta rede composta de vinte emissoras de TV e cinquenta rádios, um jornal semanal com tiragem de 1,3 milhão de exemplares dedicado a espinarfrar seu maior rival, a Igreja Católica, e pelo menos uma dezena de empresas que atuam em segmentos variados, no setor financeiro, de construção civil e gráfico. Em média, essa estrutura consegue inaugurar três templos a cada domingo. Juntos, os mais de 20 000 pasto-



Estevam, da Renascer: quinze ações

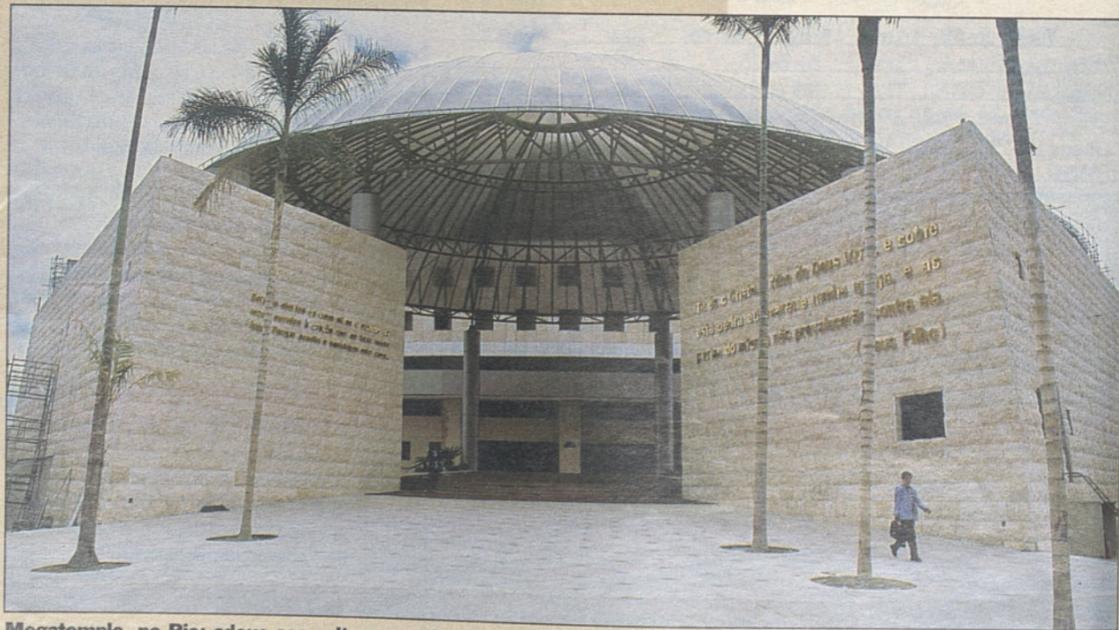
res, bispos e obreiros (espécie de soldados rasos que trabalham sem remuneração) a serviço da Universal oferecem por ano 30 milhões de cultos, quatro por dia, religiosamente todo santo dia em qualquer parte do planeta em que exista um templo da Universal. Estima-se que acorrem a essas cerimônias cerca de 10 milhões de pessoas à espera de bênçãos para todos os tipos de males. Prega a cartilha da Universal que o fiel de verdade é capaz de conseguir a cura para qualquer doença, inclusive câncer e Aids. Uma pesquisa conduzida pelo Instituto Superior de Estudos da Religião, Iser, em 1994, mostrou que 35% dos fiéis com renda de até dois salários mínimos entregam para a Igreja mais que 10% de seu rendimento. Do lado de lá do balcão, para muitos pastores o estímulo é mesmo o dinheiro. No passado, a Igreja chegou a pagar comissão para os pastores. Muitos receberam até carteirinhas para identificação como pastores comissionados. Pedir, pedir e pedir é lei número 1 de Edir Macedo. Em alguns casos, o pastor da Universal não se constringe de pedir para que o fiel doe todo o dinheiro que tem guardado. Esse tipo de apelo foi comum na época em que a Universal precisava levantar dinheiro para comprar a TV Record. "A TV é parte fundamental do nosso projeto de batizar o maior número de fiéis possível. E está funcionando", diz o bispo Rodrigues.

As igrejas na mira do Fisco

Problemas fiscais e jurídicos não são uma exclusividade da Igreja Universal. Na semana passada, a Receita Federal contestava operações no valor de 22 milhões de reais conduzidas pela Igreja Católica. O negócio envolve a abertura de lojas de artigos religiosos que estariam ligadas ao Centro de Apoio ao Romeiro, uma espécie de shopping que rende 300 000 reais ao mês em aluguéis e é mantido e administrado pela Basílica de Aparecida do Norte. O decano dos pastores milagreiros, David Martins Miranda, líder da ultracon-

servadora Igreja Deus é Amor, com mais de 8 000 templos, está sendo investigado pelo Ministério Público Federal no Paraná por evasão de divisas e crime fiscal. Em sua defesa ele explicou que precisou mandar dinheiro ao exterior para fretar ônibus que trazem fiéis do Uruguai para cultos no Brasil. A Igreja Renascer em Cristo, que é uma espécie de versão para a classe média da Igreja Universal, enfrenta uma chuva de ações judiciais. Foram quinze processos só no último ano. A Renascer é uma igreja pequena com apenas 212 templos e 50 000 fiéis. Mas nos últimos tempos vem crescendo no setor de comunicações. Já possui doze emissoras de rádio e uma produtora de vídeo chamada Rede Gospel, que fatura 2,5 milhões de reais por ano. A Receita Federal investiga se têm procedência as suspeitas de que uma grande empresa do setor químico estaria usando essa igreja para lavar dinheiro. As dúvidas surgiram desde que a Renascer se candidatou a comprar a TV Manchete, dois anos atrás. Estevam Hernandes, líder da instituição, diz que as igrejas enfrentam os mesmos problemas que todo mundo. "Algumas vezes o crescimento é rápido demais e até perdemos o controle da situação", afirma.

veja 3 de novembro, 1999 43



Megatemplo, no Rio: adeus aos cultos em salões e teatros empoeirados

O SUCESSOR DE EDIR MACEDO

Jovem, elegante e cantor, o bispo Marcelo Crivella é a nova imagem da Universal

Roberta Paixão



A Igreja Universal do Reino de Deus viveu sua revanche na noite de sexta-feira passada. Desde que os católicos lotaram o Maracanã no dia de Nossa

Senhora Aparecida, em outubro, o bispo Edir Macedo não pensava em outra coisa. Queria mostrar que sua Igreja é capaz de colocar ainda mais fiéis no maior estádio de futebol do mundo. Não só o Maracanã lotou. Também ficou cheio o vizinho Maracanãzinho, de onde o público acompanhou o culto gigante por um telão. Mais: muita gente não conseguiu entrar por falta de espaço. O dono da noite foi o bispo Marcelo Crivella, que cantou, animou a plateia e orou. Isso não aconteceu por acaso. Colocar Crivella no centro do palco é a estratégia da Universal para mudar de imagem. Um dos objetivos é livrar-se do estigma de estar confinada à população mais pobre. Nos últimos anos, fiéis mais abastados começaram a estacionar seus carrões diante dos templos, e Crivella é o homem certo para consolidar a cabeça-de-ponte nos bairros nobres. Jovem (42 anos), alto (1,82 metro), louro e com olhos verdes, ele tem a estampa e a linguagem de um executivo bem-sucedido. "Nós queremos conquistar a classe média", anuncia Crivella. Suas credenciais são perfeitas. Sobrinho e braço direito de Edir Macedo, foi ele quem plantou, com espetacular sucesso, a bandeira da Universal na África. O tamanho desse desafio missionário só é comparável ao do próprio bispo Macedo, que criou sua Igreja do nada, pregando nas praças do Rio de Janeiro. Não é surpresa que Crivella seja visto como o sucessor natural do tio.

De volta ao Brasil há seis meses, ele tem-se ocupado de duas missões estratégicas. A primeira é o ambicioso projeto de lançar uma linha de produtos alimentícios industrializados, produzidos em fazendas e fábricas da própria Igreja. Dois meses atrás, comprou na Bahia, em nome da Universal, uma



Bispo Crivella: megatemplos, roupas bem cortadas e canções para conquistar a classe média

primeira fazenda de 400 hectares, batizada de Canaã, onde pretende investir 3,5 milhões de reais para plantar com tecnologia israelense de irrigação. "Vamos escrever que nosso ketchup foi feito com o espírito do povo do sertão", entusiasma-se Crivella. "As pessoas vão preferir o produto Canaã pelo apelo social." A segunda missão é enfrentar a concorrência da mais fulgurante novidade da Igreja Católica, o padre-cantor Marcelo Rossi, que já vendeu mais de 4 milhões de discos. Crivella fechou um contrato com a Sony Music para fazer três discos, um deles em espanhol. O primeiro CD, *O Mensageiro da Solidariedade*, já vendeu 1,3 milhão de cópias e a gravadora espera chegar a 3 milhões. Dono de uma voz afinada que tenta imitar o timbre de Frank Sinatra, Crivella já gravou dez CDs (1,5 milhão de cópias vendidas) pela gravadora da Igreja, Line Records, mas é a primeira vez que coloca o rosto na capa. Ele também é autor de treze das catorze músicas do disco, duas delas em parceria com Macedo. Crivella é o único pastor da Universal, além do próprio bispo Macedo, com o direito de reunir multidões em estádios. Começou em Brasília, no ginásio Nilson Nelson, com capacidade para 25 000 pessoas. Depois lotou o Estádio Fonte Nova, em Salvador, e em seguida o Mineirão, em Belo Horizonte. Aí foi a vez do Maracanã, na semana passada. Até o fim do ano, ele planeja ter cantado nos maiores estádios de futebol do país. Além dos shows, já gravou dois clipes e participa de todos os programas de televisão que pode.

No culto, Macedo e Crivella têm estilos diferentes. O primeiro é um tipo circunspeto. O segundo é mais vibrante, usa gírias e mantém diálogos com os fiéis. São diferenças superficiais, pois tio e sobrinho têm enorme afinidade. "O que o Didi pensa o Marcelo faz", diz a dona de casa Eris Macedo, mãe de Crivella. Didi é o próprio Macedo e irmão de Eris. Nascido no Leblon e cria-

do na Gávea, bairros de classe média do Rio, Crivella é filho único. Apesar de os pais serem católicos, ele começou a frequentar uma Igreja Metodista aos 7 anos com uma vizinha. Pouco depois, uma tia entrou para a Igreja Evangélica Nova Vida e levou toda a família. Desde pequeno, Crivella segue os passos do tio. Com uma diferença de apenas doze anos para o sobrinho, Macedo ainda era jovem quando Crivella era adolescente. Saíram juntos e chegaram a ser sócios num pequeno negócio de venda de cogumelos, logo abandonado. No final dos anos 70, enquanto Macedo lutava para fazer prosperar a Igreja recém-fundada, Crivella estava mais preocupado em terminar os estudos e casar com Sylvia Jane. Eles haviam se conhecido na igreja e começaram a namorar aos 15 anos. Mas muitas vezes Crivella foi rodar as praças com o tio para pregar, de *Bíblia* na mão.



Sem dinheiro, Crivella largou a pregação e se alistou no Exército para terminar os estudos e se casar. Ele se formou em engenharia civil pela Universidade de Barra Mansa, no interior do Rio. No quartel, ele não deixou a religião de lado. Tranquilo, ganhava apelidos como "Bíblia" ou "Pastor". Tentou ser pára-quedista, mas foi reprovado. Era tenente quando foi convidado pelo tio para trabalhar na Igreja, em 1985. Inicialmente não era para ser pastor, mas engenheiro responsável pelas obras (função que exerce até hoje). Não deu outra. Um ano depois já era pastor. Tornou-se bispo em 1994, catapultado pelo sucesso africano. Com a mulher e os filhos, ele foi enviado para a África do Sul em 1992 sem saber uma palavra de inglês e com apenas 5 000 dólares no bolso. "Levei dezenas de caixas de leite porque não sabia se tinha lá", diz Sylvia Jane, que acompanha o marido na maioria dos compromissos. Ele abriu a primeira igreja no porão de um prédio de seis andares. Em um ano, com a arrecadação do dízimo e donativos, tinha



comprado o prédio inteiro e aberto outras igrejas. Quando foi chamado de volta, estava dando os primeiros passos para expandir as fronteiras da Universal para a Índia. "Nós vamos onde há sofrimento. Crescemos mais nos países pobres, onde sobra gente sofrendo", diz. Hoje, a África do Sul só perde para o Brasil em número de igrejas. A Univer-

sal está em acelerada expansão no continente africano.

Apesar de Crivella e Macedo representarem, de certa forma, a nova e a velha geração, ninguém dentro da Universal admite os planos de sucessão. "Nossa preocupação é tocar a fé e desenvolver projetos", diz Edir Macedo. "É bom que o bispo Crivella fique famoso.

Só que eu não vou me aposentar." Nos círculos da Universal, no entanto, fala-se sobre a conveniência de atrelar o nome da Igreja a um pastor mais sofisticado. "Nossa Igreja sempre foi malvista. O bispo Crivella ajuda a mudar essa imagem porque ele é mais doce", diz o bispo e deputado federal Carlos Rodrigues, que lidera os dezoito deputados federais e 26 estaduais da bancada política de Edir Macedo. Em contraste com o tio, que passa a imagem de um sujeito que veio de baixo, o sobrinho usa ternos impecáveis, de bom corte. A maioria é azul-marinho e cinza. No pulso leva um Rolex de ouro e prata. Na garagem de casa, tem um Omega azul, importado da Austrália, que vale 100 000 reais e um Corsa. Todos, segundo ele, pertencentes à Igreja. Quando voltou para São Paulo, Crivella recebeu uma casa de quatro quartos e piscina no luxuoso condomínio Tamboré, nos arredores de São Paulo, o mesmo onde vive Macedo. Vizi-

Culto em templo da Universal: muita fé e uma nova linha de produtos alimentícios

A expansão da Universal

IGREJAS		FIÉIS			
	1995	1999			
Brasil	2 014	8 000	Brasil	3,5 milhões	8 milhões
América do Sul	54	2 000	Exterior	1,9 milhão	4 milhões
América Central	21	150	CLERO		
América do Norte	24	100		1995	1999
Europa	63	200	Bispos	37	250
África	52	400	Pastores	7 000	20 000
Ásia	7	20	PATRIMÔNIO		
PAÍSES				1995	400 milhões de dólares
	1995	32		1999	1 bilhão de dólares
	1999	70			

Fonte: Igreja Universal

nhos, ele e o tio estreitaram mais ainda a amizade. Nos fins de semana, Crivella costuma levar a família para almoçar ou jantar na casa de Macedo. Não dispensa uma partida de futebol com bispos e pastores no campo do condomínio. Costuma jogar no ataque.

A relação de Macedo e Crivella é quase de pai e filho. O tio cuida da voz à aparência do sobrinho. A retribuição é a lealdade total. Em 1992, quando o bispo Macedo foi preso sob a acusação de charlatanismo e envolvimento com o tráfico de drogas, Crivella foi o primeiro a ser chamado pela mulher de Macedo, Ester Eunice. Não deixou de visitar o tio um só dos onze dias em que esteve no xadrez. Crivella não está a salvo das encrascas envolvendo os negócios da Universal. Ele e a mulher, Sylvia Jane, são réus numa ação de cancelamento de concessão pública da Rede Record de Radiodifusão, que corre na Justiça Federal em São Paulo. A acusação é de que o casal serviu de testa-de-ferro da Universal para a aquisição da TV Record de Franca, no interior paulista. Num depoimento à Polícia Federal, Crivella admitiu que, como a Igreja não podia comprar diretamente a emissora, o fez em seu nome. Mais tarde, em juízo, desmentiu tudo.

A rotina de Crivella é intensa. Não

dorme antes da meia-noite e acorda por volta das 5h30. Corre, anda de bicicleta e, não raro, caminha na companhia de Macedo. Toma café da manhã com a mulher e os três filhos. Sai de casa às 7 horas com uma extensa agenda de compromissos. Seu escritório é na Catedral da Fé de Santo Amaro, de onde o bispo Edir Macedo administra os negócios. No momento, contudo, tem uma sala em outro edifício, para tocar o projeto agrícola no Nordeste. Anda para cima e para baixo o dia inteiro, mas pelo telefone celular mantém Macedo informa-

do de tudo. Toda quarta-feira viaja ao Rio de Janeiro, onde conduz o culto das 19 horas na Catedral da Fé, em Del Castilho. Quando perde o avião da ponte aérea, aluga um jatinho. À noite, esforça-se para chegar em casa antes de os filhos dormirem. "Marcelo é perfeccionista e quer fazer tudo ao mesmo tempo", diz Sylvia Jane, 41 anos. Seus três filhos estudam numa escola metodista. Deborah, 17 anos, e Rachel, 9, querem casar-se com pastores, e Marcelinho, 14 anos, pretende ser pastor. A família prepara a próxima geração.

Um missionário na África



◀ O Exército no lugar da Bíblia: para poder casar e continuar estudando engenharia, o jovem Crivella alistou-se. Era tenente quando retornou à Igreja

O bispo Crivella conheceu sua mulher, Sylvia Jane, na igreja, quando ambos tinham 15 anos: parceiros como missionários na África e na compra da Record



◀ Exorcismo em Johannesburgo: o pastor chegou à África do Sul sem saber palavra em inglês. Conquistou o continente e voltou promovido a bispo



COMPORTAMENTO

ESOTERISMO

CUIDE DO FUTURO

Previsões e rituais para virar o ano em harmonia com as vibrações de 2000

ANGELA KLINKE E VALÉRIA PROPATO

A cor é laranja. O cristal é o quartzo rutilado. As palavras de ordem: cooperação e diplomacia. Há milhares de símbolos para lidar com a energia do ano 2000. São espécies de salvaguardas para virar o milênio em harmonia. Por se tratar de um ano em que as pessoas projetam tantas expectativas,

os místicos e religiosos avisam que só estourar o champanhe e comer um prato de lentilhas não vão segurar o rojão do que vem por aí. Será um período, acreditam eles, em que a verdade, em seu sentido mais amplo, não poderá mais ser varrida para debaixo do tapete e isso pode gerar conflitos. Para enfrentar essa onda de franqueza, só mesmo com um coração solidário e muito jogo de cintura. "O sentido de coletividade vai ganhar grande força", analisa a astróloga carioca Martha Pires Ferreira.

Muito dessa descoberta do "outro" cabe na força do número 2, que pela numerologia

AS AÇÕES SUGERIDAS PELO ASTRÓLOGO OTÁVIO AZEVEDO

1 O primeiro dia de 2000 resume todo o ano, por isso tenha atitudes que expressem seus desejos. Se o problema é crescer na vida, suba uma ladeira ou um morro. Se a questão é melhorar a vitalidade, pegue uma praia.

2 Nos dias que antecedem a virada, livre-se de tudo que é inútil. Doe roupas, jogue fora as tralhas, arrume armários e gavetas. Comporte-se como se fosse fazer uma longa viagem e tivesse de deixar tudo organizado. Simplifique a vida.



BANHO PARA ABRIR CAMINHOS DA MÃE SÍLVIA DE OXALÁ:

3 colheres de sopa de água de flor de laranjeira; 3 colheres de sopa de mel; 1 jarro de água do chuveiro

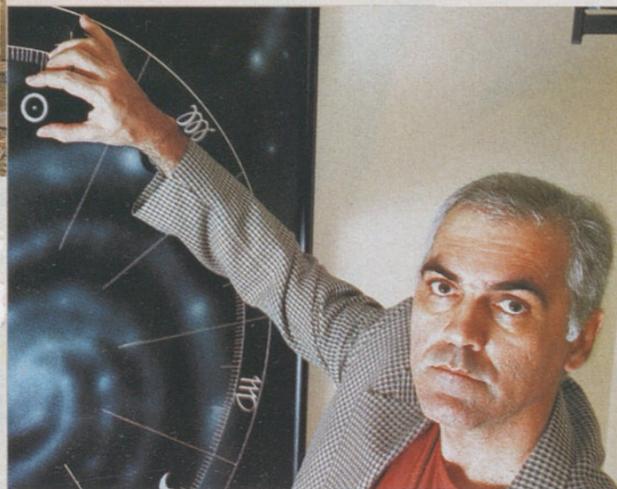
■ Passar a mistura no rosto e depois jogar no corpo todo. Repetir durante 21 dias. Pode-se começar antes do dia 31 para já ir atraindo os bons fluidos.



é definido como o equilíbrio entre as forças, a cooperação entre dois pólos. Para a especialista no tema Aparecida Liberato, a simbologia do ano 2000 amplia o sentido do número 2. O zero tem um significado divino. Se o verbo a ser conjugado este ano é o compartilhar, a sequência de três zeros aponta para um momento em que o mundo estará numericamente fortalecido para subs-

tituir o individualismo que dominou os últimos séculos. "Estaremos mais disponíveis para causas que atendam a mais gente. Mas assim como o 2 é o senso de justiça, também significa indecisão."

A ialorixá Mãe Sílvia de Oxalá alerta para um período de grandes instabilidades políticas, que irão interferir diretamente na vida das pessoas. Preocupado em se manter no poder, o presidente deixará de lado todas as prioridades sociais e isso estimulará as manifestações populares. Num ano comandado por Oxum – orixá que tem um lado de feiticeira brava – e Ogum – orixá guerreiro –, o que se pode esperar é um grande potencial bélico. Será preciso a intervenção de Orumilá, uma espécie de apaziguador dos atritos, para dar uma certa harmonia ao período. Para que



RENATO VELASCO

DICAS DA NUMERÓLOGA APARECIDA LIBERATO:

■ Some dia e mês de seu nascimento ao número 28. Exemplo para quem nasceu em 1º de julho: $1+7+28 = 36$. Some até chegar a um único algarismo: $3+6 = 9$. Até o próximo dia do aniversário dessa pessoa, será o 9 que estará influenciando o ano. Cada algarismo tem um cristal e uma cor correspondente. Use alguma peça no tom indicado na virada do ano. Carregue o cristal com você e repita a frase que fará a pedra vibrar a seu favor:

1 cor: vermelho; **pedra:** granada. **Frase:** "A granada me traz força e a coragem para seguir rumo à vitória."

2 cor: laranja; **pedra:** quartzo rutilado. **Frase:** "O quartzo rutilado me beneficia, desenvolvendo minha autoconfiança e diplomacia."

3 cor: verde-turquesa; **pedra:** amazonita. **Frase:** "A amazonita me ajuda

a dizer as palavras certas na hora certa, com alegria e otimismo."

4 cor: verde-garrafa; **pedra:** quartzo verde. **Frase:** "O quartzo verde traz a estabilidade e a disciplina para meu trabalho e minha vida."

5 cor: azul-claro; **pedra:** água-marinha. **Frase:** "A água-marinha me acalma e me traz a paz e novos caminhos."

6 cor: azul-escuro; **pedra:** quartzo azul. **Frase:** "O quartzo azul me acalma e me traz harmonia para meus relacionamentos familiares e sociais."

7 cor: lilás; **pedra:** ametista. **Frase:** "A ametista me purifica e ajuda a desenvolver a minha sabedoria."

8 cor: ferrugem; **pedra:** citrino. **Frase:** "O citrino me traz sucesso, equilíbrio mental e o senso de justiça."

9 cor: rosa; **pedra:** quartzo rosa. **Frase:** "O quartzo rosa purifica meu coração e desenvolve a minha compaixão."

ninguém se exponha a situações de conflito, Mãe Sílvia aconselha todos a não dar passos maiores que as pernas. "É uma época para não se deixar levar por terceiros. Siga as intuições e não se deixe influenciar pelas energias negativas."

Mas como não há unanimidade no terreno das previsões, Otávio Azevedo, presidente do sindicato dos astrólogos do Rio de Janeiro, aponta para um ano sem complicações. O único momento mais tenso será em maio, quando haverá uma forte concentração planetária em Touro. Como o signo está ligado aos recursos financeiros, poderá haver uma quebra-deira na Bolsa de Valores. Mesmo assim, será, segundo ele, um ano tranquilo, sem catástrofes. Ele prevê também o que qualquer otimista já sabia. "Será a maior comemoração coletiva da história. Afinal é o último ano do milênio." ■



MARTHA PIRES FERREIRA

A MENTALIZAÇÃO DA ASTRÓLOGA MARTHA PIRES FERREIRA

■ Permaneça a passagem do ano em estado de oração, numa postura de não-violência para que a verdade prevaleça no mundo.

ONC E-18

ELEVATIONS IN FEET

ALL ELEVATION VALUES (AERONAUTICAL RELIEF AND HYDROGRAPHIC) ARE BASED ON MEAN SEA LEVEL.

LEGEND

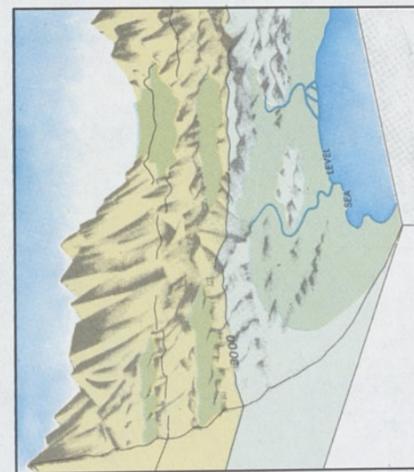
RELIEF PORTRAYAL

Elevations are in feet. HIGHEST TERRAIN elevation is:

3725 feet.

located at 52°19'N 70°27'W

TERRAIN CHARACTERISTIC TINTS



Green color indicates flat or relatively level terrain regardless of altitude above sea level.

CONTOURS

Basic interval 1000 feet.

By _____
Director



The _____

LEGEND

OMC E-18

Stamp
Instit. Lib. n.
1957

43010

Institut für Brasilienkunde